# BOLETIM INTERNACIONAL

DE

# BIBLIOGRAFIA LUSO-BRASILEIRA

Volume VI Número 2

Abril-Junho de 1965



*Fundação Calouste Gulbenkian*

*LISBOA*

# BOLETIM INTERNACIONAL
# DE
# BIBLIOGRAFIA LUSO-BRASILEIRA



SUMÁRIO




PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

| | |
|---|---|
| Número avulso | 15$00 |
| Assinatura anual | 40$00 |
| Assinatura sob registo: Portugal e Brasil | 46$00 |
| Espanha | 56$00 |
| Outros países | 75$00 |

Edição da FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Depositário: LIVRARIA PORTUGAL — Rua do Carmo 70 — LISBOA

FOL. 4r DO *ATLAS* DE LÁZARO LUÍS (1563)

BIBLIOTECA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

# NO IV CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO

# DO

# RIO DE JANEIRO

*Os números 2 e 3 do VI volume do* Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira *são dedicados ao IV Centenário da Fundação do Rio de Janeiro; trata-se, em suma, de dois números especiais, cuja organização mereceu a concordância imediata do Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Doutor José de Azeredo Perdigão. Entendeu-se, com efeito, que o* Boletim Internacional *não deveria ficar alheio àquele acontecimento, uma vez que o seu campo de acção se estende também ao Brasil. Reune-se, pois, nas páginas que se seguem um avultado núcleo de materiais, tanto de autores portugueses como estrangeiros; e não se estranhará que assim seja, dado precisamente o carácter internacional desta publicação.*

*Limitámo-nos ao período 1560-1822, o que já não é pouco. Considerámos, na verdade, que era oportuno remontar às antevésperas da fundação da futura cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, nome por que durante largo tempo será designada, visto que a fixação dos Portugueses na baía do Guanabara não pôde ser levada a cabo sem prèviamente terem sido vencidas grandes dificuldades, por motivo da rivalidade franco-portuguesa naquelas paragens. Deste modo figuram aqui, além de mais, certos documentos de chancelaria e cartas do governador Mem de Sá, de Nóbrega, de Anchieta e de Brás Cubas, assim como uma parte da correspondência que Jean Nicot, embaixador em Lisboa, remeteu à corte de França. Julgou-se por outro lado que se tornava desnecessário ultrapassar o ano de 1822.*

*Não houve de modo nenhum o propósito de revelar documentação inédita, o que aliás teria sido fácil. É por isso que esta se reduz a uma carta da rainha D. Catarina, a passos de Gândavo e Soares de Sousa, a certas ilustrações ou frontispícios, e, sobretudo, ao* Roteiro de todos os sinais *(Biblioteca da Ajuda), que pela primeira vez se publica integralmente em fac-símile, acompanhado dos respectivos mapas coloridos. Imprimem-se, porém, alguns dos textos mais significativos que se ocupam com maior ou menor desenvolvimento do Rio de Janeiro, e certos opúsculos e excertos de obras de maior tomo, impressas entre 1562 e 1820, aparecem agora pela primeira vez em edição fac-similada, por exemplo: Cartas de Anchieta e Peres (1562),* De rebus gestis Mendi de Saa *(1563),* Histoire *de Léry (1578),* Hidrografia *de M. Figueiredo (1614),* A Relation *de R. Flecknо (c. 1656),* Nova Lusitânia *de F. B. Freire (1675),* Cultura e opulência do Brasil *de Antonil (1711),* Relação da vitória *de F. X. Meneses (1711),* Propagation *(1718),* Epanáfora festiva *(1763),* Journal *de La Caille (1763),* Voyage *de Bougainville (1772),* The Voyage

of Governor Phillip *(1789)*, Oeuvres *de Parny (1802)*, Memória sobre o enxugo geral desta cidade do Rio de Janeiro *(1815)*, Poesias *de Cruz e Silva (1814 e 1817). Noutros casos limitámo-nos a dar o fac-símile do frontispício de várias obras, principalmente francesas e inglesas, pouco frequentes e pouco conhecidas em Portugal. É que, dada a amplitude do período em questão, houve que proceder a uma selecção de materiais, que se impunha também ou pela grande extensão dos textos ou pela conveniência de evitar repetições (abrimos excepção para Manuel de Figueiredo e Luís Serrão Pimentel), visto que há quem siga muito de perto os seus predecessores. Mas não é menos verdade que a ausência de numerosos trabalhos nesta compilação se explica pelo facto de não existirem nas bibliotecas de Lisboa, Mafra, Montpellier, Paris e Londres; omitiu-se a* Relação das festas que se fizeram no Rio de Janeiro *(1810), porquanto foi recentemente publicada em fac-símile no* Boletim Internacional.

*O conjunto documental que acabamos de apontar ocupa-se com maior ou menor número de pormenores de múltiplos aspectos da cidade do Rio de Janeiro, e só por excepção ultrapassa os limites desta capitania. Mas para além das obras nestas condições deu-se relevo particular à bibliografia de certos escritores que viveram no Rio de Janeiro durante mais ou menos tempo (M. Carneiro, J. F. Pinto Alpoim, L. A. Rosado da Cunha, M. I. Pina, J. M. C. Veloso, M. I. S. Alvarenga, J. S. Lisboa), ou, sobretudo, que aí nasceram, e assim se justifica a inclusão, entre outros, dos nomes de António de Sá, D. Gomes Carneiro, Jacinto J. Silva, José J. Carvalho, V. Gomes da Silva, José Francisco Leal, F. Vilela Barbosa, J. Pinto de Azeredo, António José da Silva, A. P. Sousa Caldas, D. Caldas Barbosa, F. J. Sousa Nunes, I. J. Alvarenga Peixoto, J. Cunha Barbosa, Manuel J. Ribeiro, A. Morais e Silva, J. J. C. Azeredo Coutinho, cujas obras foram impressas em Lisboa, Coimbra, Montpellier, Paris, Roma e Londres. Encontrar-se-á aqui, enfim, não só uma boa parte da legislação do século XIX, mas também um núcleo importante de publicações saídas da Impressão Régia do Rio de Janeiro entre 1808 e 1822, qualquer que seja a naturalidade dos seus autores. Mantém-se deste modo o carácter bibliográfico do* Boletim Internacional, *que não quisemos perder de vista.*

*A presente colectânea não é nem poderia ser uma História do Rio de Janeiro. Pretendeu-se dar tão-sòmente, ao longo de dois séculos e meio, uma larga perspectiva do modesto povoado e da futura cidade que viria a ser a capital do Brasil, apre-*



*sentando ràpidamente vários dos seus aspectos mais característicos. Através de algumas páginas expressivas, tomar-se-á contacto com os prelúdios da sua fundação, desde 1560, quando o padre Manuel da Nóbrega informava para Lisboa: «Parece muito necessário povoar-se o Rio de Janeiro e fazer-se nele outra cidade como a da Baía», e assistir-se-á por outro lado ao lançamento das primeiras pedras dos seus alicerces: a cerca e o baluarte, as primeiras casas de madeira e barro, cobertas de palmas, as primeiras roças de legumes e inhames. «Está já feito pé no Rio de Janeiro». Chegam moradores e missionários, e concedem-se cartas de sesmaria no próprio ano de 1565. Contando cerca de cento e quarenta vizinhos em 1570, estes são avaliados em dois mil, quarenta anos mais tarde; está-se longe do número de cinquenta mil, entre Brancos e Negros, apontado por La Caille em meados do século XVIII, ou de noventa mil, meio século depois. Abrem-se as primeiras escolas e intensificam-se as relações comerciais com a Metrópole, Angola e o Rio da Prata. Os três engenhos de açúcar de 1585 aumentam para catorze em 1610, e são cento e trinta e seis nos começos do século seguinte, fabricando «um ano por outro» dez mil e duzentas e vinte caixas de açúcar.*

*Todos, Portugueses e Estrangeiros, são unânimes em louvar a beleza natural do Rio de Janeiro, a fertilidade do seu solo e amenidade do seu clima. «De muito bom prospecto ao mar», com a sua «exuberant and incessant vegetation», é além disso «terra de grandes e altíssimos montes e penedias», destacando-se dentre eles o Pão de Açúcar, «um penedo piramidal de extranha grandeza, a quem as nuvens ficam polas raizes», cuja descrição será completada mais tarde nos termos seguintes: «It rises abruptly from the sea, is nearly perpendicular, and yet inclines a little obliquely, as if tottering under the vast weight of matter. The whole stupendous mass of solid granit, nearly seven hundred feet high, separated from the common base of the adjoining range of hills, by the breadth of the harbour's mouth, which being narrow, and of no great depth, and with a continual swell on what may be termed the bar, seems as if it had been formed and deepened by the continual gush of waters into the sea». A sua vasta baía «parece que a pintou o supremo pintor e arquitecto do mundo, Deus Nosso Senhor», e daí se descobre o mais deslumbrante dos panoramas: «A great expanse of waters, extending many miles distant, arms shooting here and there like rivers, clusters of verdant islands, mountains possessing every shape, and vallies containing every charm to satisfy the strongest imagination, form a boundless assemblage of picturesque beauties». Gândavo escreverá, pouco*

*depois da fundação do povoado, que «esta é a mais fértil e viçosa terra que há no Brasil», e, abundando no mesmo elogio, Cardim dirá ainda no século XVI que «a um grão [de trigo que semeiam] respondem oitocentos e mais, e cada grão dá cinquenta e sessenta espigas». Será este mesmo autor que dirá a respeito do seu clima: «O inverno se parece com a Primavera de Portugal; tem uns dias formosíssimos, tão aprazíveis e salutíferos que parece estão os corpos bebendo vida». O que será confirmado mais tarde por Barrow: «A climate where spring for ever resides in all glow of youthful vigour». Nem lhe faltava a puríssima água do rio Carioca, que, segundo a tradição transmitida por Rocha Pita, «faz vozes suaves nos músicos e mimosos carões nas damas»... É pois sem espanto que se pode ler em Parny: «Ce pays-ci est un paradis terrestre».*

*A cidade cuida da sua defesa, embeleza-se, desenvolve-se. Tem agora uma dezena de fortalezas e fortes. A Casa da Moeda, o Arsenal e a Alfândega «sont des monuments remarquables, sinon par leurs façades, du moins par leurs dimensions». Os estrangeiros louvam igualmente não só o «bel aqueduc», «a noble and truly useful work», que apresenta «a picturesque and not inelegant appearance», o Jardim Botânico, o Passeio Público, as praças e ruas de mercadores e capelistas, mas também os numerosos conventos, as igrejas «d'une richesse étonnante». Pelo seu teatro, «monument assez beau d'architecture», lembrando o de S. Carlos, passam artistas italianos e franceses. Reorganiza-se a Alfândega, funda-se a Junta de Comércio e Agricultura e o Banco Nacional. Outros diplomas criam a Mesa do Desembargo do Paço, o Arquivo Militar e a Academia Real Militar, o Museu Real, o Laboratório Químico-Prático, a Direcção Médica, Cirúrgica e Administrativa do Hospital Real Militar; publica-se o Plano de Estudos de Cirurgia. Além do ensino ministrado nos seus dois seminários, «il y a différentes chaires d'enseignement: trois pour le latin, une pour le grec, une pour la chimie, une pour le dessin, quelques-unes pour les langues vivantes, enfin une académie à l'usage de la marine». O estabelecimento da Impressão Régia dá lugar a que sejam publicadas, entre outras, obras de Camões, José Basílio da Gama, Bocage, Correia Garção, Silvestre Pinheiro Ferreira, José da Silva Lisboa, ao mesmo tempo que certos autores estrangeiros são impressos em tradução portuguesa: Pope, Richerand, Legendre, Racine, Delille, Rousseau.*

*Levada a efeito no espaço de breves meses, a pesquisa teve de circunscrever-se a um reduzido número de bibliotecas e arquivos, portugueses na sua maior parte. Cumpre-nos testemunhar o nosso vivo reconhecimento a todos quantos facilitaram a recolha da documentação: o Senhor Embaixador Teotónio Pereira que, através do Serviço de Projectos Internacionais da Fundação Calouste Gulbenkian, obteve o microfilme de várias obras do Museu Britânico, os Senhores Directores das Bibliotecas Nacional de Lisboa, Ajuda, Secretariado Nacional de Informação, onde se guarda a importante biblioteca que pertenceu a Duarte de Sousa, Évora e Mafra, do Serviço de Fortificações e Obras Militares e dos arquivos da Torre do Tombo e Histórico Ultramarino; o nosso amigo Jean-Baptiste Aquarone fez prontas diligências para o envio do microfilme das teses de medicina defendidas na Universidade de Montpellier. E é oportuno salientar dois trabalhos bibliográficos que muito auxiliaram as nossas investigações: a* Bibliographia Brasiliana *de Borba de Moraes, guia precioso pelas múltiplas referências à antiga capital do Brasil, e o* Catálogo da exposição comemorativa do 4.º centenário da fundação da cidade do Rio de Janeiro, *organizado pela Biblioteca Nacional de Lisboa, que pôs na pista da grande maioria das obras e opúsculos impressos no Rio de Janeiro.*

LUÍS DE MATOS

# SÉCULO XVI

Snor

por outra via escrevo a V. A. o que me socedeo na
guerra que tive com o gentio do peroaçu e com os fran
ceses do Rio de Janeiro onde se achou bertolameu
de vasconcelos da cunha que veo por capitão mor
da armada o fez tambem que merece m[erce] e os
mais capitães e mais gente todos pelejarão bem
A capitania da baia quando me dela parti ficava
m[ui]to de paz e o gentio tudo m[ui]to sogeito e mais paci
fico que nunca
a cidade vai em m[ui]to crecimento e destas terras que se
agora sogeitarão se podia fazer hu reino soo
ao redor da baia são boas e estremo para tudo
o que nelas quiserem fazer
os padres da companhia escreverão a V. A. quanto

## Transcrição do passo referente ao Rio de Janeiro

Por outra via escrevo a Vossa Alteza o que me socedeo na guerra que tive com o gentio do Peroaçu e com os Franceses do Rio de Janeiro, onde se achou Bertolameu de Vasconcelos [1] da Cunha que veo por capitão-mor da armada e o fez tão bem que merece mercê, e os mais capitães e mais gente todos pelejaram bem (...)

Do Rio do Janeiro, o derradeiro dia de Março <1560>

MEN DE SAA

Endereço: A el-rei Nosso Senhor

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Corpo cronológico*, parte 1.ª, maço 104, documento 13

(1) Vasco Concelos no original

Fac-símile do endereço





## CARTA DO P.<sup></sup>e MANUEL DA NÓBREGA AO CARDEAL D. HENRIQUE

(...) Depois, sendo o governador de muitos requerido que fossem vingar a morte do bispo e dos que com ele iam, por ser um grande opróbio dos Cristãos e ser causa dos índios ganharem muita soberba, porque morreo ali muita gente e muito principal, ele se fazia prestes, aparelhando muitos índios da Baía, mas isto estorvou a vinda da armada que veio.

Com a vinda da qual se determinou de ir livrar o Rio de Janeiro de poder de Franceses, todos luteranos; e partio, visitando algumas capitanias da costa até chegar ao Espírito Santo, capitania de Vasco Fernandes Coutinho, onde achou uma pouca de gente em grande perigo de serem comidos dos índios e tomados dos Franceses, os quais todos pediram que ou tomasse a terra por el-rei ou os levasse dali por a não poderem já mais sostentar; e o mesmo requeria Vasco Fernandes Coutinho por suas cartas ao governador. Depois de tomado sobre isso conselho a aceitou, dando esperanças que da tornada a fortaleceria e favoreceria no que pudesse, por não ter tempo pera mais e por não se estrovar do negócio, a que vinha, do Rio de Janeiro. Esta capitania se tem por a milhor cousa do Brasil depois do Rio de Janeiro; nela temos uma casa, onde <se> faz fruito com os Cristãos e com os escravos e com uma geração de índios que aí está, que se chamam do Gato, que aí mandou vir Vasco Fernandes do Rio de Janeiro; entende-se também com alguns Topinaquins; e se Nosso Senhor der tão boa mão ao governador à tornada, como lhe deu em todas as outras partes, que os ponha a todos em sojeição e obediência, poder-se-á fazer muito fruito, porque este é o milhor meio que pode haver pera sua conversão.

Dali nos partimos ao Rio de Janeiro e assentou-se no conselho que dariam de súpito no Rio, de noite, pera tomarem os Franceses desapercebidos; e mandou o governador a um, que sabia bem aquele rio, que fosse diante guiando a armada e que ancorasse perto donde podessem os bateis deitar gente em terra, a qual havia de ir por certo lugar; mas isto aconteceo de outra maneira do que se ordenava, porque esta guia, ou por não saber, ou por não querer, fez ancorar a armada tão longe do porto que não poderam os bateis chegar senão de dia com andarem muita parte da noite e foi logo vista e sentida a armada.

No mesmo dia que chegámos se tomou uma nao que estava no rio pera carregar de brasil; a gente dela fugio pera terra e recolheo-se na fortaleza. Tomou-se conselho no que se faria e, vendo todos a fortaleza no sítio em que estavam os Franceses e que tinham consigo os índios da terra, temeram de a combaterem e mandaram pedir ajuda de gente a São Vicente; mas os de São Vicente, sabendo primeiro da vinda do governador ao Rio, já vinham por caminho; e como chegaram determinou-se o governador de os combater, mas toda a sua gente lho contradizia, porque tinha já bem espiado tudo e parecia-lhes cousa impossível entrar cousa tão forte; e sobre isso lhe fizeram muitos desacatamentos e desobediências.

Mas eu, sobre isto tudo, a maior dificuldade que lhe achava era ver os capitães da armada tão pouco unidos com o governador, e ver tão pouca obediência em muitos, toda aquela viagem em que me achei presente. E isto naceo de se dizer pùblicamente

e saberem que o governador estava mal acreditado no reino com Vossa Alteza e que se haviam lá dado capítulos dele por pessoas que com paixão enformaram lá mal a Vossa Alteza, e parece que com pouca rezão, porque as mais das cousas me passavam pola mão, como terceiro que era nelas, pera as remediar. E por isso quem quer se lhe atrevia e por dizer que tinha lá imigos no reino e poucos que favorecessem sua causa, o que lhe tirou muito a liberdade de bem governar; mas agora ouça Vossa Alteza as grandezas de Nosso Senhor.

E a primeira me parece que foi dar Nosso Senhor graça ao governador pera saber sofrer tudo e dar-lhe prudência pera em tal tempo saber trazer as vontades de todos, tão contrairas à sua, a condescenderem com aquilo que ele entendia e Nosso Senhor lhe inspirava, e foi assi que a uns por vergonha a outros por vontade lhe pareceo bem de cometerem a fortaleza.

A segunda maravilha de Nosso Senhor foi que, depois de combatida dous dias e não se podendo entrar e não tendo já os nossos pólvora mais que a que tinham nas câmaras pera atirar e tratando-se já como se poderiam recolher aos navios sem os matarem todos e como poderiam recolher a artelharia que haviam posto em terra, sabendo que na fortaleza estavam passante de sessenta franceses de peleja e mais de oitocentos índios e que eram já mortos dos nossos dez ou doze homens com bombardas e espingardas, mostrou então Nosso Senhor sua misericórdia e deu tão grande medo nos Franceses e nos índios, que com eles estavam, que se acolheram da fortaleza e fugiram todos, deixando o que tinham sem o poderem levar.

Estes Franceses seguiam as heresias de Alemanha, principalmente as de Calvino que está em Genevra, segundo soube deles mesmos e polos livros que lhe acharam muitos, e vinham a esta terra a semear estas heresias polo gentio; e, segundo soube, tinham mandados muitos meninos do gentio a aprendê-las ao mesmo Calvino e outras partes pera depois serem mestres, e destes levou alguns o Vilagalhão, que era o que fizera aquela fortaleza e se intitulara rei do Brasil.

Deste se conta que dizia que, quando el-rei de França o não quisesse favorecer pera poder ganhar esta terra, que se havia de ir confederar com o Turco, prometendo-lhe de lhe dar por esta parte a conquista da Índia e as naos dos Portugueses que de lá viessem, porque poderia aqui fazer o Turco suas armadas com a muita madeira da terra; mas o Senhor olhou do alto tanta maldade e houve misericórdia da terra e de tanta perdição de almas *et mentita est iniquitas sibi*, e desfez-lhe o ninho e deu sua fortaleza em mãos dos Portugueses, a qual se destruio o que dela se podia derrubar, por não ter o governador gente pera logo povoar e fortificar como convinha. Esta gente ficou antre os índios e esperam gente e socorro de França, maiormente que dizem que, por el-rei de França o mandar, estavam ali pera descobrirem os metais que houvesse na terra; assi há muitos franceses espalhados por diversas, pera milhor buscarem.

Parece muito necessário povoar-se o Rio de Janeiro e fazer-se nele outra cidade como a da Baía, porque com ela ficará tudo guardado, assi esta capitania de São Vicente como a do Spírito Santo, que agora estão bem fracas, e os Franceses lançados de todo fora e os índios se poderem milhor sojeitar. E, pera isso, mandar mais moradores que soldados, porque doutra maneira pode-se temer com rezão *ne redeat immundus spiritus cum aliis septem nequioribus se, et sint novissima peiora prio-*





*ribus*, porque a fortaleza, que se desmanchou, como era de pedras e rocha que cavaram ao picão, fàcilmente se pode tornar a reedificar e fortalecer muito milhor.

Depois de tomada a fortaleza, deu o governador em uma aldeia de índios e matou muitos, e não pôde fazer mais porque tinha necessidade de consertar os navios que das bombardas ficaram mal aviados e fazê-los prestes pera se tornarem; o que veo fazer a esta capitania de São Vicente, onde eu fico por assi o ordenar a obediência. O que mais houver pera escrever, o provincial, que agora é, o padre Luis da Grã, o fará da Baía.

Nosso Senhor Jesu Cristo dê a Vossa Alteza sempre a sua graça. Amen.

De São Vicente, o primeiro de Junho de 1560.

MANOEL DA NOBREGA

Apud S. Leite, *Monumenta Brasiliae*, III, Roma, 1958, p. 241-246

MONUMENTA BRASILIAE

III

(1558-1563)

POR

*SERAFIM LEITE S. I.*

ROMA

"MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU"

VIA DEI PENITENZIERI 20

1958

## CARTA DO IR. JOSÉ DE ANCHIETA AO P.e LAYNEZ

(...) Deste supo el governador la determinación de los Franceses y con naos armadas vino a combatir la fortaleza. Daquí le fué socorro en navios y canoas; nosotros dímosle el acostumbrado socorro de oraciones y ultra de las particulares que hazía cada uno se dezían cada día unas litanías en la iglesia, acabada la missa. También se mandó daqui un padre con un hermano intérprete, a ruegos del governador, para que se occupassen en confessar los soldados y enseñar los Indios que con él avían venido. D'allá tornó el hermano muy doliente de fiebres y cámaras de sangre por el mucho trabajo y frío que allá passó, mas en breve por la divina bondad sanó.

Era la fortaleza muy fuerte assi por la naturaleza y sitio del lugar, toda cercada de peñas, a la qual no se podia ir sino por una subida muy estrecha y alta por rochas, como por la mucha artilhería, armas, alimentos y grande muchedumbre de bárbaros que tenía, de manera que a juízio de todos era inexpugnable. Acometiéronla con todo esto por tierra y por mar, confiados más en el poder divino que en el suyo proprio; defendíanse los Franceses con los enemigos. Fué una grande y cruel pelea. De ámbalas partes murieron muchos, y más de los nuestros. Vino la cosa a tanto que ya tenían perdida la esperança de victoria y tomavan consejo como se podrían embarcar a sy y a los tiros, que tenían en tierra, sin peligro, lo qual cierto ellos no pudieran hazer sin morir muchos. Mas aviendo ellos acometido esta cosa tan ardua y al parecer quasi de todos temeraria, por la justitia y fe ayudólos el Señor de los exércitos, y, quando ya en las naos no avia pólvora y los que peleavan en tierra desfallecían ya por el mucho trabajo, huyeron los Franceses, desamparando la torre y recogiéronse a las poblaciones de los bárbaros en canoas, de manera que es de crer que más huyeron con el espanto que les puso el Señor que con las fuerças humanas.

Tomóse pues la fortaleza, en la qual se halló grande copia de cosas de guerra y mantenimientos — mas Crux o alguna imagen de sancto o señal alguna de católica doctrina no se halló —, grande muchedumbre de libros heréticos, entre los quales (si por ventura esto es señal de su recta fe) se halló un missal con las imágines raídas. Socorra el Señor a sus ovejas.

Con el governador vino el padre Manuel de Nóbrega muy doliente y magro, con los pies y cara inchada, las piernas llenas de postemas, y con otras muchas enfermedades, de las quales como aqui llegó se començó a hallar mejor; esperamos en la bondad del Señor que poco a poco le irá dando salud (...)

Del Collegio de Jesu de S. Vicente, año de 1560, al primero de Junio.

Minimo de la Compañia de Jesu

JOSEPH

Endereço: Al muy Reverendo en Cristo Padre, el Padre Maestro Jacobo Laynez, Prepósito General de la Compañia de Jesu. 2.a via

Apud S. Leite, *Monumenta Brasiliae*, III, Roma, 1958, p. 267-268





NVOVI AVISI
DELL'INDIE DI
PORTOGALLO,

Riceuuti dalli Reuerendi Padri della compagnia di Giesu, tradotti dalla lingua Spagnuola nell'Italiana,

Terza parte.

E' IL MIO FOGLIO

QVAL PIV FERMO PRESAGIO.

SIBYLLA

Col priuilegio del sommo Pontefice, & dell'Illustrissimo Senato Veneto per anni X X.

Frontispicio. Seguem-se em fac-símile os fols. 132r-136r desta obra, impressa «In Venetia per Michele Tramezzino. MDLXII». Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 283 P.

preſa: che ſe per ſorte le aueniſſe, che i nemici
aſſaliſſino la caſa di ſuo padre & la prendeſſi-
no, ella non era gia mai per laſciarſi da loro
condur uiua per non hauer ad eſſere poi loro
concubina, & che era diſpoſta di patire piu to-
ſto ogni morte. Voleſſe Dio, che tra le noſtre
Chriſtiane ci foſſeno molte dell'animo di coſtei,
che ſaremmo ſicuri di molti inconuenienti, &
ſcandoli, che ogni di ſeguono, non ſenza ruina,
& disfacimento di molte famiglie, & republi-
che ancora.

Auanti à queſti ſopradetti erano uenuti al-
tri Gentili, con i quali ſi trouauano quattro
Franceſi, ſotto colore d'aiutargli nella guerra
contra i noſtri, ma con intentione di paſſar dal
la banda noſtra, il che non poterno eſſi fare
ſenza molto loro pericolo. Queſti (come ſi è
dipoi inteſo) ſi ſeparorno da alcuni altri di lo-
ro, i quali in certe habitationi, che noi chia-
miamo Fiume di Henaro, lontane piu di cento
cinquanta miglia ſtanno & praticano fra i ne-
mici, & anco ui hanno fatte caſe, & edificato
una torre fortiſſima molto ben fornita d'arte-
gliaria, & d'altre munitioni da guerra, doue
diceuano eſſere ſtati mandati dal Re di Francia
per impatronirſi di quel paeſe. Il che non era
da credere, anzi erano tutti coſtoro heretici
mandati dal ſuo hereſiarcha Gio. Caluino ad









infettare queſto mondo di qua; & inſieme man
dò con eſſi loro due, che ſi chiamano miniſtri,
accioche inſtruiſſero nella loro falſa dottrina &
i loro, & gli altri. Dopo alcuni giorni comin-
ciorno (come è coſtume de gli heretici) à diſcor
dare tra ſe ſteſſi nelle loro opinioni, dicendo uno
una coſa, & l'altro un'altra. furono però d'ac-
cordo in queſto, ciò è di ſcriuere il tutto à Cal-
uino, & à gli altri loro dottori (anzi ueramen
te ignorantiſſimi) & d'oſſeruare & tener poi
tutti quello, che eſſi riſpondeſſino. Mentre che
s'aſpettaua queſta riſpoſta un di loro uerſato
nelle arti liberali & matematiche, & ancho
nelle lingue Hebrea & Greca & ſacra ſcrittu-
ra, o per eſſer mal d'accordo col ſuo Capitano,
che era di diuerſa opinione, ouero per ſeminare
la ſua falſa & peſtifera dottrina tra i noſtri
Portugheſi, come è piu ueriſimile, ſe ne uenne
qua con tre altri compagni eiuſdem farinæ, ben
che idioti: i quali come peregrini per obligo del
la Chriſtiana carità furono in caſa noſtra rac-
colti da noi, & benignamente trattati. Que-
ſto ſaccente, che ancora intendeua & ſapeua
bene la lingua Spagnuola, cominciò à uantarſi
della nobiltà della ſua famiglia, & delle ſue let-
tere; onde uenne in qualche ſtima del uolgo, &
ancora per una certa facilità, & piaceuol ma-
niera di conuerſare cominciaua à eſſere da tut-

ti ammirato. Egli ſcriſſe alcuni pochi uerſi al
padre Luigi da Grana, che allhora ſi trouaua
in Piratininga, dandogli conto dell'eſſer ſuo, &
della ſua ſcienza, con dire, che poi che il mae-
ſtro della ſua giouinezza, huomo ſingolar &
raro, l'haueua introdotto nelle felici ſpelonche
delle Pieridi, doue ſi era nel fonte Heliconio ine
briato con li diuini, & ameni riui della ſapien-
za, ſe ne era paſſato allo ſtudio giocondiſsimo
& altiſsimo della ſacra Theologia, & diuina
ſcrittura; & per poterla piu ageuolmente con-
ſeguire non perdonando à fatica alcuna, haue-
ua anco imparato la ſacra lingua Hebrea da gli
ſteſsi Rabini, & da eſsi ancora appreſi maraui-
glioſi ſecreti, da farne il padre liberaliſsimamen
te partecipe, come prima abboccare ſi poteſ-
ſero inſieme. Queſte coſe & altri ſimili conte
neua la ſua lettera, laquale con un diſtico fi-
niua. Non paſſorono dipoi molti giorni, che
egli cominciò à uomitare, come da ſtomaco ri
pieno di uelenoſi & fetenti humori le ſue fal-
ſe opinioni, dicendo molto male contra le imagi
ni de' ſanti, contra il ſacratiſsimo corpo di Chri
ſto, contra il ſommo Pontefice Romano Vica-
rio di Chriſto noſtro ſignore, contra le ſante in-
dulgentie, & contra molte altre coſe, che ſan
tamente tiene & oſſerua la Chieſa Romana;
& tutto condiua co'l ſale di molte facetie, co-







me eſca guſteuole al palato dell'ignorante &
ſtolta plebe; alla quale non ſolo non diſpiace-
ua, ma (quel ch'è da piangere) era molto gra
to, & diletteuole. Intendendo queſto il pa-
dre Luigi ſi partì ſubito da Piratininga per op
porſi alla già cominciata peſte, & ſuellere le te
nere ſue radici prima che poteſsino ſerpendo
per l'incauti cuori di queſta gente ignorante, &
inclinata alle nouità produrre in loro gli amari
frutti di morte. Per il che dubitando egli di
queſto (& forſe non ſenza il fauore & appog-
gio d'alcuno) per prouocare l'animo del pa-
dre contra di ſe, & farlo in giuditio ſoſpetto, &
con dire eſſergli nemico, gli dimandò ſubito una
lettera ingiurioſa, dellaquale era tale il princi-
pio. Adeſte mihi cælites; afferte gladios an-
cipites ad faciendam uindictam in Lodouicum
Dei oſorem &c. & nel diſcorſo di eſſa lo ripren
deua aſpramente, dicendo che non amminiſtra-
ua il pane della parola d'Iddio à Portugheſi
per riſerbarlo tutto per la conuerſione de gl'in-
fedeli, & à queſto aggiunſe molte altre coſe, per
lequali ſi penſaua di poter dare al padre mag-
gior occaſione d'odio uerſo di ſe. Ma il buon
padre, che trattaua la cauſa di Dio, & l'utilità
& ſalute di queſte anime, anzi di tutto queſto
paeſe, & non cercaua la propria gloria; ueden
do che il laſciar creſcere queſta peſte ſenza ap-

*portarui qualche subito rimedio, si andaua à pericolo di guastarsi tutto, hebbe quanto prima ricorso al Vicario essortandolo à non patire, che il male procedesse piu oltre, & nelle prediche ammoniua il popolo sempre à guardarsi da questi huomini, & da i libri, che haueuano portato, perche erano pieni d'heresie. Ma non lasciaua gia per questo lo sciocco uolgo di lodare il Francese: ammirauano la sapienza, & eloquenza, predicauano la sua dottrina dell'arti liberali, & acerbamente riprendeuano il padre, con dire che egli spinto dalla colera per la lettera inuettiua riceuuta lo perseguitaua. Ma che piu? Andaua l'infernal contagione in tal maniera penetrando il piu intimo di cuori della moltitudine, che se il Signor con l'infinita sua misericordia non prouedeua, si portaua grandissimo pericolo della caduta & morte di molti; & tanto ualse appresso al popolo sempre inclinato alle fauole, & cose nuoue laciarla di costui, che di già si teneua poco, o nessuno conto dell'auttorità, riuerenza, uita essemplare, & dottrina del padre Luigi da Grana. Dopo questo egli fu con i suoi compagni menato alla Baia, accioche lì meglio fosse conosciuto. Quello che intorno à ciò nell'uno, & l'altro luogo si sia fatto intenderà V. P. piu particolarmente per altre lettere particolari, perche non mi è parso*







*che sieno cose da lettera generale, pur ne toccherò sol una per laquale si possa come da lontano scorgere il successo, cioè che il negotio si trattò in modo, & così bene s'intese l'importanza di esso, che la paternità uostra ne sentirà non poco dispiacere, uedendo con quanta negligenza fu da nostri Christiani maneggiata la causa della fede.*

*Da costui fu auisato il gouernatore del disegno de' Francesi; la onde egli si deliberò d'andare à combattere, & espugnare quella loro fortezza, & si mosse con alcune naui da guerra. Dapoi lo seguitò il soccorso con piu nauili, & canoe. Noi anche per quel che à noi s'apparteneua, non gli mancammo del nostro, ricorrendo alle continue orationi, acciochè il Signore dando à Christiani uittoria, in tutto confundesse quegli heretici, che u'erano dentro, perche dubitauamo, che dimorando essi piu lungamente in queste bande, haurebbono infettati, anzi à fatto corrotti questi pochi Christiani, tanto è inclinato il mondo alla libertà della carne, per lo cui mezzo costoro uanno promettendo il cielo: e così oltre le particolari orationi, che faceua da per se ciascuno secondo la sua deuotione, & ubidienza, le faceuano ancora publicamente, dicendo tutti insieme ogni mattina dopo la messa le letanie in Chiesa. Mandossi ancora di*

quì ſopra l'armata à prieghi del gouernatore un ſacerdote, & un fratello interprete per conſeſſare i ſoldati, & ammaeſtrar gl'Indiani, che ſeco erano andati. Il fratello che u'andò, ſe ne tornò dopo alcuni giorni grauemente ammalato di acute febri, & diſintheria per l'eccesßiuo trauaglio, & freddo, che iui haueua patito; ma in poco tempo per gratia del Signore tornò alla priſtina ſanità.

Era detta fortezza ineſpugnabile, ſi per la natura del ſito (eſſendo piantata ſopra un'inacceßibile ſcoglio, & da altri ſcogli d'ogni intorno chiuſa, ne ui ſi poteua ſalire ſe non per una uia ſtretta, & difficile tra certe aſpre ripe) come ancora per la gran copia di monitione, & d'artiglieria, & altri apparati per difenderſi, & ributtare il nemico, allequali difficultà s'aggiugneua l'eſſer molto bene fornita, & prouiſta di uittouaglie, & di gente barbara, che difendeuano, & aiutauano gli heretici. Talche à giuditio d'ognuno era tempo perſo, & ſpeſa gittata uia il metterſi à uolerla eſpugnare, oltre il pericolo certo de' noſtri ſeguitando pertinacemente in tale impreſa, che per ogni ragione humana pareua impoßibile con ſi poco appparecchio. Pure uinſe tutte queſte difficultà l'honore di Dio, & la ſperanza, che ſi teneua in lui, & coſi fu aſſalita per mare, & per terra; ſi







difeſero quei di dentro aiutati da i barbari gagliardamente, morendo nell'aſſalto, che fu con grande oſtinatione, da amendue le bande molta gente, & piu de' noſtri per l'incommodità, & aſprezza del ſito. Et la coſa di gia ſtaua in termine, che non ſolo ſi penſaua di poterſi pigliare altrimenti la fortezza; ma ſi temeua di peggio non ſi uedendo ſperanza alcuna di uittoria, ne ſicurtà di poterſi ritirare con honore, di che gia ſi conſultaua dubitando di perder l'artegliaria, & di ſaluare à pena le perſone. Nondimeno poi che i noſtri haueuano meſſo mano à tale impreſa al giudicio di tutti (come gia dißi) quaſi temerariamente, & ſopra le loro forze, per honor d'Iddio, & eſſaltatione di ſua ſanta fede, il ſignor de gli eſſerciti non ſi dimenticò del ſuo popolo, anzi nel maggior biſogno, quando non haueuano ne poluere nelle naui, ne piu da uiuere per i ſoldati in terra, & ueniuano meno per trauagli, & aſpettauano con dishonoreuole fuga crudelißima morte, fece che ſi fuggirono i Franceſi abbandonando la fortezza, & mettendoſi in acqua à chi piu poteua in diuerſe barche, & fregatelle, & altri nauili, che u'erano. ſi ritirorno à luoghi forti de' barbari, cacciati (come di certo crediamo) dal terrore, & ſpauento che miſe ne' cuori loro colui, che con la fortisſima mano, & potentia ſua ſommerſe Far ao

ne con tutti i suoi carri, & esserciti nel mare rosso, uindicando, & liberando il suo popolo dalla seruitù d'Egitto. Presesi adunque la fortezza, nellaquale, oltre la grande abbondanza delle monitioni di guerra, & uittouaglie, che ricreorno grandemente i poueri Christiani, si trouò grandissimo numero di libri heretici, ma non ui si trouò gia ne croci, ne imagine alcuna, ne pur un minimo uestigio di dottrina Catolica, se non un messale con le imagini tutte rase, & imbrattate. Soccorra per sua bontà il Signore le sue afflitte pecorelle. Questo è Reuerendo in Christo Padre quanto per hora occorre auisare la paternità uostra di questi suoi figliuoli di quà. Resta hora, che con affetto paterno, come speriamo, & crediamo, che sempre fa, ci raccoman di tutti al Signore ne' suoi santi sacrificij, & orationi, acciò siamo ueri figliuoli di questa sua minima compagnia, & meritiamo perseuerare in essa fin alla fine con continuo accrescimento de' suoi santi doni. Di San Vincenzo il primo di Giugno 1560.

Minimo della compagnia di Giesu

Giosepho.





Snor

A armada que v. A. mandou para o Rio do Janeiro chegou a baia o derradeiro dia de novembro; [illegible] que me o capitão mor bertolamen de vasconcelos deu as cartas de v. A. pratiquei [?] com os mais capitais e gente da terra o que se faria que fosse mais serviço de v. A. A todos pareceo que o milhor era hir cometer a fortaleza porque o andar pola costa era gastar o tempo e munição e cousa m.to incerta.

eu me fiz logo prestes o milhor que pude que foi o pior que hũ governador podia hir e parti da baia a seis dias de janeiro e cheguei ao Rio de Janeiro a vinte e hu dias do mes de fevereiro e en chegando soube que estava hũa nao polo Rio dentro do proprio monsior De vila gaynhon; que lha mandei tomar [?] que v. A. [?]

quando o capitão mor cos mais da armada viu a fortaleza [?] a aspereza do sitio / a m.ta artelharia / e gente que tinhão a todos pareceo que todo o trabalho era debalde e como prudentes arreceavam de cometer cousa tão forte com tão pouca

## Transcrição da carta anterior

A armada que Vossa Alteza mandou para o Rio do Janeiro chegou a Baía o derradeiro dia de Novembro. Tanto que me o capitão-mor Bertolameu de Vasconcelos deu as cartas de Vossa Alteza pratiquei co ele, com os mais capitães e gente da terra o que se faria que fosse mais serviço de Vossa Alteza. A todos pareceo que o milhor era ir cometer a fortaleza, porque o andar pola costa era gastar o tempo e monção em cousa muito incerta. Eu me fiz logo prestes o milhor que pude, que foi o pior que um governador podia (1) ir; e parti a 16 dias de Janeiro da Baía e cheguei ao Rio do Janeiro a vinte e um dias do mês de Fevereiro, e em chegando soube que estava ũa nao polo rio dentro, do próprio monseor de Vilaganhon, que lhe mandei tomar pola galé «Esaura» que Vossa Alteza cá tem. Quando o capitão-mor e os mais da armada viram a fortaleza, a sua fortaleza, a aspereza do sítio, a muita artelharia e gente que tinham, a todos pareceo que todo o trabalho era debalde, e como prudentes arreceavam de cometer cousa tão forte com tão pouca gente. Requereram-me que lhes escrevesse primeiro ũa carta e os amoestasse que deixassem a terra, pois era de Vossa Alteza; eu lhes escrevi e me responderam soberbamente.

Prouve a Nosso Senhor que nos determinámos de a combater e a combatemos por mar por todas as partes ũa sexta-feira, quinze dias de Março, e naquele dia entrámos a ilha, onde a fortaleza estava posta, e todo aquele dia e o outro pelejámos sem descansar de dia nem de noute, até que Nosso Senhor foe servido de a entráremos com muita vitórea e morte dos contrairos e dos nossos poucos; e se esta vitórea me não tocara tanto podera afirmar a Vossa Alteza que há muitos anos que se não fez outra tal entre cristãos, porque, posto que não vi muito e li menos, a mim me parece que se não vio outra fortaleza tão forte no mundo. Havia nela setenta e coatro frances<es> (2) ao tempo que cheguei e alguns escravos; despois entraram mais de coarenta dos da nao e outros que andavam em terra, e havia muito mais de mil homens dos do Gentio da terra, tudo gente escolhida e tão bons espingardeiros como os Franceses, e nós seríamos cento e vinte homens portugueses e cento e coarenta dos do Gentio, os mais desarmados e com pouca vontade de pelejar; a armada trazia dezoito soldados moços que nunca viram peleja. A obra foi de Nosso Senhor que não quis que se nesta terra prantasse gente de tão maos zelos e pensamentos; eram luteros e calvinos; o seu exercício era fazer guerra aos cristãos e dá-los a comer ao Gentio, como tinham feito poucos tempos havia em São Vicente. O monseur de Vilaganhão havia outo ou nove meses que se partira para França com determinação de trazer gente e naos para ir esperar as de Vossa Alteza que vêm da Índea e destruir ou tomar todas estas capitanias e fazer-se um grande senhor.

Polo que parece muito serviço de Vossa Alteza mandar povoar este Rio do Janeiro para segurança de todo o Brasil e d'estoutros maos pensamentos, porque, se os Franceses o tornam a povoar, hei medo que seja verdade o que o Vilaganhão dizia: Que todo o poder d'Espanha nem do Gram Turco o poderá tomar.

Ele leva muito deferente ordem co Gentio do que nós levamos; é liberal em extremo co eles e faz-lhes muita justiça. Enforca os Franceses por culpas sem pro-





cessos; co isto é muito timido dos seus e amado do Gentio; manda-os ensinar a todo o género d'ofícios e d'armas; ajuda-os nas suas guerras; o Gentio é muito e dos maes valentes da costa; em pouco tempo se pode fazer muito forte.

Por outra via escrevi a Vossa Alteza do estado da terra e do que fiz no Peroaçu. O que peço agora a Vossa Alteza é que me mande ir, porque são já velho e sei que não são para esta terra. Devo muito, porque guerras não se querem com miséria e perder-me-ei se mais cá estever.

Nosso Senhor a vida e estado real de Vossa Alteza acrecente.

De São Vicente, a dezassete dias do mês de Junho <1560>

MEN DE SAA

Endereço: A el-rei Nosso Senhor

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Gaveta 2, maço 10, documento 9*
Apud J. Cortesão, *Pauliceae Lusitana Monumenta Historica*, I (1494-1600), Lisboa 1956, p. 289-291

(1) Pidia no original (2) Frances no original

Gav 2ª Mac 10 N 3.

Carta de Mem de Sa para ElRey de como commeu lançaraõ os Francezes do Rio de Janeiro de São Vicente a 17 de Junho anno de 1560

A elRei nosso Snor

Fac-símile do endereço

PARTE

COPIA D'VNA LETTERA del Padre Ruì Perez data alli quindici di Settembre 1560. nella città chiamata Spirito Santo nel Brasille à quelli della compagnia di Giesu in Portogallo.

Pax Christi, &c.

Padri, & fratelli in Christo carissimi. Ancor che la santa ubidientia non mi obligasse à scriuerui, nondimeno saria bastante à muouermi à ciò il gran desiderio che io tengo di conferire & ragionare con uoi delle cose di qua, sapendo massime quanta consolatione, allegrezza & animo pigliate nel signor nostro per le nuoue che da queste & d'altre simili parti ui si danno delle mirabili cose, che Iddio nostro signore si degna operare nelle sue creature. Onde io mi persuado che tali effetti sia per causare in uoi quel che da queste bande hora ui si scriue poi che dopo l'esserci noi affatigati tanto per il passato senza frutto, hauendo trouata questa gente molto aliena dal camino del cielo, procede hora il profitto, che si fa per la bontà di Dio, in tanto aumento

Seguem-se em fac-símile os fols. 136v-137v da obra *Nuovi Avisi* (cf. *hic.* p. 213)







aumento che se con gliocchi proprij lo uedessino coloro che gia pensauano questa gente esser al tutto incapace della nostra fede, hauerebbeno molta occasione di lodare e ringratiare Iddio, che si sia degnato de lapidibus istis suscitare filios Abrahæ. Se ben io credo che uoi possate forse hauer hauuto qualche notitia delle cose di qua per la lettera, che io scrissi con la naue San Lorenzo al P. Dottor Torres prouinciale: nondimeno per hauer io al presente maggior conoscimento & pratica della terra ui auiserò con questa alcune cose delle molte che Iddio nostro Signore per sua misericordia opera in queste parti: desiderando io massimamente, che la mala opinione, che di questo paese del Brasille haueuano costi alcuni, pensando che il uenire qua fosse un perder tempo, si leui dell'animo loro.

Primieramente adunque il Padre Nobrega se ne andò di qua à San Vincenzo nell'armata col signor gouernator Mendozza persona zelosissima dell'aumento della fede, & attissimo al gouerno, il quale con le naui, che ci portorno al Brasille & con altre che qua erano se ne andò al fiume di Gennaio che è nel camino di San Vincenzo per scacciare di là certi heretici uenuti di Francia, che si erano fortificati in un luogo di natura assai forte, oltra la muni-

S

tione & artigliaria, che ui haueuano per defenderſi, & è ritornata gia una parte dell'armata, dallaquale ſi è inteſo detti heretici eſſer ſtati piu miracoloſamente, che con forze humane ſcacciati, & la fortezza preſa ſpianata & pigliato quanto ui era dentro & parimente una naue che teneuano nel porto. Di queſto non ſcriuo altro in particolare, perſuadendomi che per un'altra lettera di qua ui ſarà il tutto minutamente ſignificato. Stiamo di giorno in giorno aſpettando il ritorno del ſignor gouernatore con gran deſiderio, e con qualche ſoſpenſione di animo uedendo la ſua tardanza, ſi per temere che non li manchino le monitioni (che coſi chiamano di qua il uento atto alla nauigatione) come che anche per eſſer qua la ſua preſentia molto neceſſaria per il bene e pace di tutto queſto paeſe, e per l'accreſcimento della conuerſione de' gentili, oltre che ſperiamo ſia per uenir con lui il Padre Luigi di Grana & molti altri della compagnia, che dimorauano in San Vincenzo, iquali uengono per ordinarſi & per aiutarci à lauorar nella uigna del Signore.

Nell'aſſentia di detto Padre Luigi reſtò per Vice prouincial il Padre Antonio Perez & il Padre Franceſco Perez per rettor di queſto collegio, nelquale ſogliono ſtare da due inſin à





## CARTA DE JEAN NICOT AO REI DE FRANÇA

(...) Par ma despeche du XX[e] jour d'octobre dernier que je baillay à Mannuel d'Araouge, solliciteur du roy de Portugal, Vostre Majesté aura receu le pourtraict de la forteresse de Villegaignon et veu ce qu'en ay escript aultres mes aultres lettres du X[e] jour dudict moys.

L'ambassadeur de Portugal envoya dernierement ung courrier en diligence à la royne, qu'elle feit tenir caché et desloger à mynuit, affin que n'en sceusse rien, et aussytost s'espandist ung bruyt par toute la ville que Vostre Majesté avoyt décerné lettres de marque de deux cens mil escuz sur les Portugois à cause de la demolition de ladicte forteresse, ce que a mis en grande craincte et esmoy tout ce peuple, et telle qu'il est aisé à veoir que si Vostre Majesté en faict demonstration ilz en feront tel amendement que Vostre Majesté vouldra; et à ce que je puis juger de ce-gens icy, il semble estre nécessaire que Vostre Majesté le fasse, car aultrement de là ilz prendront hardiesse de se mettre en plus grand debvoir d'inhumanité que devant pour faire du tout abandonner à voz subjectz ces navigations, qui est toute leur intention, et pour y parvenir, à ce que j'ay peu entendre et en ay escript au feu roy dès le XI[e] septembre 1559, ilz ont arresté de n'admener plus icy ceulx qu'ilz y pourront surprendre, ains de les mettre à fondz, pendre ou retenir par delà, et croy qu'ilz ont desja commencé d'en user, comme j'ay aussy escript au feu roy par mes lettres du premier jour de juillet dernier passé. Car nul des navires ni des hommes dont je fay mention en icelles n'a este admené icy, comme aussy n'espere y veoir celluy qu'ilz ont prins à la rade de ladite forteresse; à quoy je ne sçaurois comment pourveoir, car ilz me nyent tout et ne le scaichant si n'est par le rapport de telz, lesquelz, alleguez en autheurs ou tesmoings de craincte de la royne le nyeront en là mesmes, ne puis contester au contraire.

Il m'a tousjours semblé et faict encores que les deffences faictes à vos subjectz d'aller trafficquer en ces contrées là sont de qualité qui les fault ou du tout garder, à ce que tant d'hommes et vaisseaulx ne perissent, y allans à la desrobec et mal accompagnez et pour ceste cause en cuident dangier de leurs vies, ou du tout oster à ce qu'ilz leur loise apertement se joindre en telle trouppe qu'ilz ne puissent estre endommaigez; car à présent, pour mieulx venir à bout des François, la royne tient en la Coste de la Myne deux fustes, lesquelles en font de grandes exécutions, car n'estant cet endroit là que bancz nos navires sont contraincts surgir loing de terre et voullans aller regaster avec les nègres du pays ne le peuvent, si n'est avec leurs bateaulx, lesquels sont tousjours inférieurs ausdicts fustes, et les navires mesmes estans en calme en sont souvent mis à fondz.

La royne ayant entendu par son ambassadeur ce que luy a esté dict en vostre conseil touchant ladicte forteresse m'a voullu desguiser le faict, disant que à cause des tortz que ceulx qui estoient dedans faisoient ordinairement aux siens, les prenans, vendans aux Bresiliens qui les mangeroient, le gouverneur du pays y alla pour les

exhorter amiablement, sans plus qu'ilz voulussent de là en avant vivre en bons voisins et se communiquer par trafficque avec les Portugois, et que les François pour toute responce luy tireroient des coups de canons, dont estant irrité et pour venger ceste injure feit ce que s'en est ensuivy. Je luy ay respondu que j'estois bien esbahi que les Estrangiers sceussent mieulx la vérité de ceste affaire qu'elle et que je sçay bien que le dessaing des Portugois estoit pieça de faire ce qu'ilz ont faict. Aussy se trouvera il, Sire, que j'en donnay advis au feu roy par mes letres du IIII[e] septembre MDLIX. Là dessus elle m'a replicqué que quelqu'un de mes predecesseurs ambassadeurs luy avoit dict que Villegaignon estoit banny de France et qu'il ne y osoit frequenter et que le feu roy, vostre très honoré seigneur et père que Dieu absolve, ne se soucyoit de luy ne de sa forteresse, de quoy on avoit faict icy fondement, advouant par celà le contenu de madicte responce. Je ne fay doubte, Sire, que son ambassadeur n'en ayt autant dict par delà, mais ce sont excusations faictes à plaisir, qui est le baston dont ilz se sçavent bien ayder (...)

De Lisbonne, ce douzieme jour d'avril 1561.

Vostre très humble et très obéissant serviteur et subject

J. NICOT

Endereço: Au Roi

Apud Edmond Falgairolle, *Jean Nicot ambassadeur de France en Portugal au XVI[e] siècle. Sa correspondance diplomatique inédite avec un fac-simile en phototypie*, Paris, 1897, p. 124-126





CARTA DA RAINHA D. CATARINA AO REI DE FRANÇA

Muito alto, muito poderoso e cristianíssimo príncipe, irmão e primo. Eu dona Caterina per graça de Deus Rainha de Portugal e dos Algarves, d'aquém e d'além mar em África, Senhora de Guiné e da conquista, navegação, comércio de Etiopia, Arábia, Pérsia e da Índia, Infante d'Alemanha, de Castela, de Leão, d'Aragão, das Duas Cecílias, de Jerusalém, vos envio muito saudar como aquele que muito prezo.

Por o Senhor de Sam Sulpice, gentilhomem de vossa Câmara, recebi vossa carta e por ele entendi o que me Dom Tomás de Noronha, fidalgo da casa del-rei meu neto, tinha dito acerca do amor e vontade que me tendes e do desejo da conservação da antiga amizade destes reinos, das quaes cousas recebi mui grande contentamento e o istimo de vós tanto como é razão, e recebo em mui singular prazer tudo o que me por o dito Senhor de Sam Sulpice enviaste dizer e visitação que me por ele mandastes fazer, o que tudo é mui conforme às grandes razões que para isso há, as quaes é meu bom desejo. Para vós e todas vossas cousas disse mais particularmente ao dito Senhor de Sam Sulpice, para vo-lo dizer, ao qual me remeto, pedindo-vos mui afectuosamente lhe queirais nisso dar inteiro crédito e em mui singular prazer o receberei de vós.

Muito alto, muito poderoso e cristianíssimo príncipe, irmão e primo, Nosso Senhor haja sempre vossa pessoa e real estado em sua santa guarda.

Escrita em Lisboa, a 5 de Maio de 1561.

Vossa boa irmã e prima

A RAINHA

Endereço: Ao muito alto, muito poderoso e cristianíssimo príncipe Dom Carlos, Rei de França, etc., meu muito prezado irmão e primo

Biblioteca Nacional de Paris, *manuscrit fonds français 3192*, fol. 74

## DOCUMENTO SOBRE A MISSÃO DO EMBAIXADOR SAINT-SULPICE

O que Sua Alteza responde ao que o Senhor de Sam Sulpice lhe disse da parte do Cristianíssimo Rei de França sobre o acontecido no forte que o cavaleiro de Vilaganham fez na província do Brasil é:

Que desejando Sua Alteza conservar a antiga amizade, aliança e confederação que sempre houve antre os reis destes reinos e os de França e que não houvesse cousa algũa que a perturbasse, tanto que soube do dito forte que o dito cavaleiro de Vilaganham fez na dita província do Brasil se mandou logo queixar a el-rei Henrique e Francisco, de gloriosa memória, por João Pereira Dantas, seu embaixador, pedindo-lhes com muita instância que, pois as terras do Brasil eram de sua conquista e demarcação, descubertas e ganhadas pelos reis seus antecessores com grandes despesas da coroa destes reinos e morte de muitos seus vassalos que por serviço de Nosso Senhor e dilatação de sua fé nisso acabaram, quisesse mandar vir o dito cavaleiro de Vilaganham e sua gente e derribar o dito forte, do que nunca o dito embaixador pôde haver despacho, posto que para isso houvesse muitas e mui claras razões, e ele dito embaixador per muitas vezes o requeresse e lembrasse, de que Sua Alteza com razão se podera muito sentir, se tanto não desejara a conservação da dita amizade.

E durando o dito requerimento e esperando Sua Alteza que El-Rei Cristianíssimo ouviria o que lhe no dito caso tinha mandado pedir, aconteceu o passado no dito forte, que mais se pode chamar matéria d'antre partes que negócio que possa tocar aos reis, e isto por causa das muitas e grandes crueldades e inumanidades que os franceses que nele estavam usavam com os moradores da capitania de Sam Vicente, vassalos e naturais de Sua Alteza, circunvizinhos ao dito forte, indo dele por muitas vezes com mão armada cometê-los e tratando a eles e suas cousas como imigos, e favorecendo contra eles as gentes naturais da dita terra em seu grande prejuízo e entregando antre as mãos dos salvagens todos aqueles portugueses que podiam haver para deles serem comidos, cousa muito desumana e cruel. Do qual acontecimento (ainda que com tão grande ocasião dada pelos ditos franceses) Sua Alteza recebeu e recebe muito desprazer, porque seu desejo nunca foi nem poderá ser outro senão procurar a conservação de ũa tão antiga amizade e liança e querer que uns vassalos e outros se tratem como vassalos de reis antre os quais sempre houve e há a dita amizade e liança, como mais particularmente pelo dito João Pereira Dantas, seu embaixador, mandou dizer a El-Rei Cristianíssimo e dar conta de toda esta matéria, da qual ategora não tem algũa reposta nem aviso dos termos em que o negócio está, pelo que agora não pode nela responder sem primeiro ver cartas e reposta do dito João Pereira, seu embaixador. E porém porque o respeito





que tem a esta amizade é aquele mesmo que a ela se deve, assi por esta razão como também pelo muito amor que tem ao Cristianíssimo Rei de França, Sua Alteza com muito boa vontade mandará logo soltar alguns franceses, se no dito forte foram tomados e estão presos.

⟨Lisboa, começo de Maio de 1561⟩

PERO D'ALCAÇOVA CARNEIRO

Biblioteca Nacional de Paris, *manuscrit fonds français 3192*, fols. 65r-66r
Apud Luís de Matos, *Les Portugais en France au XVI^e siècle. Études et documents*, [Coimbra], 1952, p. 303-305

LA
REFVTATION
DES FOLLES RESVERIES, EXECRABLES
blaſphemes, erreurs & menſonges
de Nicolas Durand,
Qui ſe nomme Villegaignon: diuiſee en
deux liures.
Auteur Pierre Richer.

M. D. LXI

Apud R. Borba de Moraes, *Bibliographia Brasiliana*, II, Amsterdam — Rio de Janeiro, [1958], p. 207

CARTA DE JEAN NICOT AO REI DE FRANÇA

Sire

Par le seigneur de Sainct Sulpice présent porteur Vostre Majesté entendra bien au long ce qui a esté négocié par deçà, suyvant ses instructions et mesmes comme au regard du chasteau de Villegaignon. Il y a bien eu de la peine à recouvrer responce de la royne, se remettant tousiours à ce qu'elle en avoit ja escript à son ambassadeur par delà pour faire entendre à Vostre Majesté à la parfine. Elle a baillé la responce par escript que Vostre Majesté verra, se reservant de y repondre plus amplement quand elle aura sceu ce qui aura esté dict audict ambassadeur après qu'il aura esté ouy en ce qu'elle luy a commandé de remonstrer sur ce faict, duquel j'ay escript bien au long à Vostre Majesté par celluy que je despeschay ces jours passez pour solliciter le payement de deux mil escus que le seigneur Grand Prieur emprunta icy pour les gallaires, soubz ma caution et du Baron d'Alvito, quy en sommes grandement travaillez par deçà (...).

De Lisbonne, ce sixieme jour de mai 1561.

Vostre très humble et très obéissant serviteur et subject

J. NICOT

Endereço: Au Roi

Apud Edmond Falgairolle, *Jean Nicot... Sa correspondance diplomatique*, Paris 1897, p. 135

CARTA DE JEAN NICOT À RAINHA DE FRANÇA

Madame

Après avoir fermé mon pacquet et attendant le département du courrier qui a retardé quelques jours, ce navire françois qui fut prins au Brésil, quand le fort de Villegaignon fut rasé, a esté admenné en ce port et m'on a apporté nouvelles que les Portugois ont mis à fondz puis nagueres ung ou deux navires françois en la Coste de la Mine, sans me sçavoir dire qu'est ce que sont devenuz les gens. Je verray de recouvrer ce navire de la royne, si je puis, et ayant plus certaine information desditz navires françois qu'on me dict avoir esté mis à fondz en escripray au roy ce





qui en est et y pourvoiray quant aux gens, s'ilz sont admennez par deça, en attendant le bon plaisir de Sa Majesté.

Madame, je prie le Créateur très instamment qu'il vueille conserver Votre Majesté en très parfaicte santé et vie longue avec accroissement en toute prospérité et bonheur.

De Lisbonne, ce sixieme jour d'aoust 1561.

Votre très humble et très obéissant serviteur et domestique

J. NICOT

Endereço: A la Royne

Apud Edmond Falgairolle, *Jean Nicot... Sa correspondance diplomatique*, Paris 1897, p. 66-67

JEAN NICOT

AMBASSADEUR DE FRANCE EN PORTUGAL
AU XVI[e] SIÈCLE

SA CORRESPONDANCE DIPLOMATIQUE
INÉDITE
*avec un fac-simile en photolypie*

PAR

EDMOND FALGAIROLLE

Procureur de la République à Aubusson
Membre de la Société Française d'Archéologie
Membre de l'Académie de Nîmes

PARIS
AUGUSTIN CHALLAMEL, ÉDITEUR
17, RUE JACOB
LIBRAIRIE MARITIME ET COLONIALE
1897

Fac-símile do endereço

## Transcrição do passo referente ao Rio de Janeiro

(...) Mande Vossa Alteza olhar por esta terra e mande-a prover de pólvora de bombarda e d'espingarda e pelouros e chumbo e bombardeiros, porque tem muita necessidade disso, e com brevidade, porque é muito ameúde combatida dos contrairos e tenho grande arreceo que se perca se Vossa Alteza a não provê logo e não manda povoar (1) o Rio de Janeiro, por que não haja Franceses que favoreçam estes contrairos que são muito nossos vizinhos, porque os Franceses lhe dão muitas armas de fogo e muita pólvora, com que lhes dão muito ânimo pera cometerem o que quiserem, como fazem.

Nosso Senhor acrecente a vida e real estado de Vossa Alteza por muitos anos a seu santo serviço. Amen.

Beijo as reais mãos de Vossa Alteza.

Desta vila do Porto de Santos, hoje 25 d'Abril 1562.

Do provedor da capitania de São Vicente

BRAS CUBAS

Endereço: A el-rei Nosso Senhor

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Gaveta 2, maço 6, documento 22*

(1) Pavoar no original

FOL. 4v DO *ATLAS* DE LÁZARO LUÍS (1563)

BIBLIOTECA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



EXCELLEN
TISSIMO, SINGVLARIS-
*QVE FIDEI AC PIETATIS*
VIRO MENDO DE SAA, AV-
STRALIS, SEV BRASIL-
LICAE INDIAE PRAE
SIDI PRAESTAN
TISSIMO.

CONIMBRICÆ.

*APud Ioannem Aluarum Typogra-
phum Regium.*
M.D.LXIII.

O único exemplar conhecido desta obra, aqui designada por *De rebus gestis Mendi de Saa*, encontra-se na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (Res. 387). Sobre o seu possível autor, ver Luís de Matos, *A primeira obra impressa de Anchieta*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, I (Lisboa 1960), p. 539-543, e Serafim Leite, *O «Poema de Mem de Sá» e a pseudo-autoria do Padre José de Anchieta*, in *Brotéria*, LXXVI (Lisboa 1963), p. 316-327. Reproduzem-se seguidamente os passos respeitantes ao Rio de Janeiro, fols. [Eviv-Giiiir]

Lamẽtis gemituq́; graui, iuſtiſq; querelis,
Et magnis omnes miſcẽt plangoribus ædes.
Horum magnanimus crudelia funera Prætor
Vlturus, ſæuoſq; armis vltricibus hoſtes
Perdomiturus erat, ni ſe maiora vocarent
Prælia, maiores ſubeundi Chriſte labores
Gloriæ amore tuæ, veræq́; cupidine laudis.
Hinc procul, aſsiduis vbi turbidus imbribus Auſter
Verberat & terras, & ſæui immania ponti
Æquora, quo ferme emenſo Sol peruenit anno
Signa refulgenti luſtrans cœleſtia curru,
Arua tenent hoſtes tumidos ſpectantia fluctus
Neptuni, & multos ſecus arida littora pagos,
Plurimaq́; occiduas Zephyri tendentia ad ædes
Oppida per campos & ſyluas ſtructa per altas.
Hi Luſitanos, quorum non oppida longe
Diſsita ſunt, bellis irritant vſq; , doloſis
Inſidijs homines capiũt, cuſtode carentes
Et populantur opes, vaſtantes ignibus agros,
Plurimaq́; aſsiduo patrantes funera Marte.
Hos adeũt Galli ſæuæ cõmercia gentis
Optantes, mutant merces, gladijſq; coruſcis,
Falcibus, atq; hamis, & multa forpice diras
Demulcẽt Indorum animos, & rubra reportãt
Ligna, verecũdo quæ veſtimenta colore
Inficiunt, atq; acre piper, pictaſq; volucres.

Hu-





Humanos & quæ referũt animalia geſtus.
Tempore non multo, & tacitè labentibus annis
Extollũt animos, auidaq́; cupidine tacti,
Quæ Luſitani magno peperere labore,
In ſua iura trahunt, alienaq́; regna furore
Audaci vſurpant moti, conduntq; ſuperbam
Cingentes armis celſis in rupibus arcem.
Quid quòd & hæreſeos ſordentes pectora cuncti
Fœce, procul recto (nigra caligine mentem
Oppreſsi) à fidei declinant tramite, & ipſas
Ignaras rerum peruerſo dogmate tentant
Inficere Indorum miſeras (ea fama) cateruas.
Hos male poſſeſsis Præſes depellere terris
Marte parat, multaſq; ideo ſplendentibus armis
Inſtruit, & complet ſelecto milite naues.
Iamq́; dies aderat, cum portu ſoluere claſſem
Imperat, expediũt funes, clamantq́; viciſsim
Alterna vrgentem minuentes voce laborem
Durati ad ſolis pluuiæq́; incõmoda nautæ.
Pars trahit ingenti contentos pondere funes,
Voluit & in ſpiras tractos, ſequiturq́; trahentes
Anchora tracta manus, pars linea carbaſa pãdit
Antemnas ſurſum tollens, pars ardua ſcandit
Robora chordarum nitens palmaſq́; pedeſq;
Nexibus atq; plagis crebris, pars pectore nitẽs,
Robuſtaq́; manu clauũ tenet, omnia latè

Hor

Horreſcũt fremitu, varijs clamoribus intus
Feruet opus, proræq́; Auſtri torquẽtur ad oras,
Carbaſei tumuere ſinus, Aquilone rudẽtes
Contenti ſtrident, mugit ſub puppibus æquor,
Et diuiſa vnctis diducitur vnda carinis,
Et tandem optatas puppes labuntur ad oras.
Iamq́; tenũt portum noctu, fundatq́; retorto
Fune tenax claſſem, curuatoq́; anchora dente.
Cũq́; diem mundo reuehẽs Aurora nitenti
Veſte refulſiſſet, patẽt in rupibus altis
Præcelſæ, & multo cinctæ munimine turres,
Cõditaq́; excisis in propugnacula ſaxis.
Tempore forte illo diuerſa per oppida Galli
Diſperſi Indorum paucis cuſtodibus arcem
Tradiderãt, trepidãt viſę formidine claſsis
Cuſtodes intus, longeq́; ſonante receptus
Ære canũt, omneſq́; vocãt ad mœnia flãmis.
Vndiq́; concurrũt omnes, & tecta citatis
Curſibus alta petũt, veluti ſi forte columbæ,
Cum calet alma dies Borea ſpirante, vagantur
Arua per, & varijs conquirũt pabula campis,
Cum ſurgente Noto nigreſcũt nubila, & altæ
Miſcere incipiunt triſti cæca æthere nubes
Murmura, diffugiunt celeres, agroſq́; relinquũt,
Inq́; ſua abſcondunt volucri ſe mœnia penna.
Interiora ratis ſinuoſi Gallica portus

Hoſti.





Hoſtibus & telis & milite plena tenebat.
Tendit eo iuſſu Prætoris parua biremis,
Oppugnãſq́; capit (vix euaſere petentes
Littora cum Gallis hoſtes) & fune ligatam
Ad puppem trahit, ex ſumma flãmantibus arce
Oppugnant telis redeũtem, igneſq́; coruſcos
Machina vaſta vomit, volitãt ſed tela per auras
Irrita, nec nocuere (Deo ſeruãte) ſed intus
Sulphureus paruo correptus lumine puluis
Diſsilit, atq́; ruens rapido cita turbine flãma
Occupat incautos, ſeptenaq́; corpora lambit.
Heu miſeros, ſæuæ qui iam ſentire Gehẽnæ
Incipiũt ignes, quibus impia pectora labe
Hæreſeos maculata dabũt in ſæcula pœnas.
At pius effuſo cernẽs fore bella cruore
Prætor, & immani multorum cæde gerenda,
Non tulit, & ſæuo potius vult parcere Marti,
Et pacem tentãs Gallorum mittit ad ipſum
Talia verba Ducẽ parua conſcripta papyro:
Non equidẽ credo te, quem præſtãtibus effert
Egregium factis, Dux inclyte, fama, diuq́;
Expertum rerum, cui doctę Palladis artes
Expoliunt animum, ſubiturũ munus iniquũ,
Vt cauſam ſponte iniuſtam defendere contra
Iuſq́; piumq́; velis, multorum cæde virorum.
Quam colis, ad noſtrum ius pertinet, iſta labore

Luſi.

Lusitanorum parta est, acrobore terra.
Si te sponte iuuet nostris discedere regnis,
Vt noster, vesterq; iubet Rex optimus, omnis
Ansa cruentandi tolletur funere dextras,
Et nihil inde tui pretiū minuetur honoris.
Sin minus, horrendo stat Marte lacessere turrim.
Sæuaq; collatis cōmittere prælia signis,
Et leto maculare manus, nauesq; profuso
Tingere cum scopulis, & littora sicca cruore.
Inuitus faciam (testor præsentia cœli
Numina) tu solus Domini post fata tremendū
Iudicium subiturus eris, tu criminis huius,
Cōmunis stragis, tu fusi sanguinis vnus
Esse ferere reus, videt alto à vertice olympi
Quærere venturus vitas, & crimina Christus.
Hactenus ad Gallum Præses, cui reddidit ille:
Vtra ne sit melior, vel iustior, Optime Prætor,
Non est, causa, meū decernere, nouerit ille,
Cuius ad imperiū Brasillis littora terræ
Incolo tutandam quiq; hanc mihi credidit arcem.
Henrici iussu ter maximi ad ardua tollit
Sydera, quam cernis, caput hæc tutissima turris,
Iniussu magni nunquam cōstructa relinquam
Mœnia Francisci, felici Gallia cuius
Obtigit imperio, qui patria regna gubernat
Insignis sceptris dextram, crinesq; corona,

Viuit





Viuit in æternum, cuiusq; examine iusto
Debita qui pensat, magni Deus arbiter orbis,
Qui puras à cæde manus, fusiq; cruoris
Innocuas reddet mihi, tu quæ prælia tentes,
Videris, en superest telorum copia magna
Fulgentes gladij, tormētaq; bellica flammæ,
Armaq;, continuis quæ exercita corpora bellis
Securè condant, sunt deniq; cunctá parata,
Structa quibus iubeor defendere mœnia turris,
Ergo age, præsto sumus, qui propugnabimus arcem.
Hæc dux Gallorum Heroi responsa remisit.
Quis furor ò cæcam, quæ tanta superbia mētem
Inuasit Dux Galle tuam? qua incenderis ira?
Respuis oblatam pacem? quo munere vitam
Conseruare queas? properant crudelia letum
Prælia, nec paruo norunt, nec parcere magno.
Tantane te celsę tenuit fiducia turris?
Scilicet haud facile est Domino ab radicibus imis
Eruere excelsas vrbes, turresq; superbas,
Atq; æquare solo, qui vasti mœnia mundi
Concutit, & nutu magnū cōtorquet Olympum.
Atq; ea paulatim dum parte ab vtraq; geruntur,
Lusitanorum Procōsul ad oppida mittit,
(Nomine quæ claro Sanctus Vincentius ornat)
Suppetiasq; ferant, petit, auxiliaribus armis.
Arrexere omnes animos, properiq; biremes

F Velo.

Veloces atq; arma parant, veniuntq; vocati
Absq; mora, venere simul Brasillica pubes
Arcubus & leuibus dextras armata sagittis.
Venit & acutus socio cũ fratre sacerdos
Ignito armatus diuini fulmine verbi
Ex socijs Rex Christe tuis, cui crimina miles
Detegeret fassus, purgans sordentia culpis
Pectora sanguinei subiturus prælia belli.
Cætera pars populi fundẽs ad sydera voces,
Fœmineusq; simul sexus, pueriq;, senesq;
Orabãt Dominũ & cœlestia numina palmã.
Nam quid de Iesu socijs Dominiq; ministris
Retulerim, quorũ noctes mens prõpta diesq;,
Oraq; cœleste Patrem, sobolemq; paternã,
Cui cõpar laus est, sors æqua, eadẽq; potestas,
Gloriaq; æterna in superis, flamẽq; beatum
Poscebant, præstaret opem, turmasq; fideles
Redderet egregij victrices laude triumphi.
Hos ego crediderim gemitu multisq; querelis
Pulsantes summi valuas atq; ostia cœli,
Igneaq; ardenti iaculantes pectore tela
Æternũ mouisse Patrem, cõtunderet hostes,
Et procul à turre incusso terrore fugaret.
Bis decies tenebris aurora retexerat orbem
Lutea puniceo suffundẽs ora colore,
Cum Præses turrem parat oppugnare superbam,

Con-





Conciliuq; uocat procerũ, non inscius omnes
Sæpe reluctatos, quod nullis mœnia possent
Expugnari armis, quæ saxa ingẽtia circum
Ambirent, multisq; essent tutissima telis.
At Dux magnanimus, cui pectore sederat alto
Propagare fidem, diuino robore fretus
Opponit cunctis sese, nec vincitur vllis
Succumbens verbis, sed nititur ardua cõtra
Tendere, & obiectis superare pericla laboris.
Quale, quod opposita lignorũ mole morari
Agricolæ atq; alijs tentant deducere fossis
Flumen, it exiguo cum per vicina fluento
Arua, reluctatur multo conamine, donec
Colluuione potẽs insano vortice moles
Obruit obiectas, vasto se gurgite pandens.
Ergo simul Proceres omnes coiere vocati,
Quæ sedeat menti Prætor sententia pandit,
Atq; hæc in medio promit verba vltima cœtu.
Ventum ad supremũ Proceres, stat Marte superbam
Oppugnare arcem, video munita lociq;
Ingenio, & multis tutissima mœnia telis,
Hostilesq; manus, & vitam effundere certos,
Aut tutari arcem spargendo funera Gallos.
Sed quæ sunt contra diuina hæc robora vires?
Nũquid difficile est Domino, cœli ardua nutat
Quo quatiente domus, turres excindere magnas?

F 4 Non

Non ille armatas acies, non ſaua tremiſcit
Agmina, non hominum terrores pertimet ille,
Ille dabit vires, cauſamq; iuuabit agentes.
Iuſtitiæ fideiq́; pius, dextraq; potenti
Pugnabit, frangetq́; hoſtes, atq; impia vera
Caſſa fide merita multabit pectora pœna.
Ergo Dei inuicto fidentes robore magnum
Aggrediamur opus diuinæ laudis amore,
Splendida præcedant ſacri vexilla trophæi,
Et ſperata crucis victoria ſigna ſequetur.
Hæc poſtrema dedit Dux forti è pectore dicta,
Iamq́; omnes trahit ad ſeſe, iam pectora cunctis
Incaluere viris, armorum ac Martis amore
Feruеſcũt animis, iuuat ire, & Gallica bello
Mœnia diruere, & fumantibus vrere flammis,
Aut iuſta fidei pro cauſa & laudis amore
Diuinæ præclaro animas effundere leto.
Ipſe rate inuectus parua Dux maximus omnes
Ambit, & incedãt apto iubet ordine naues.
Diſtribuitq; viros, vti quo munere quiſque
Debeat, aut quo quiſq; loco certamen adortus
Pugnet in aduerſas acies, tũm pectora culpis
Ablui, & Chriſti cõmuni fortibus armis
Ante ſacerdotem procũbens poplite flexo.
Id multi fecere alij ducis optima magni
Exempla, & morem concordi mente ſequuti

Pectora





Pectora mundantes factorum labe malorum.
Iamq́, dies aderat pugnas viſura cruentas,
Collataſq; manus, & ſigna minantia ſignis,
Ære canit ſignũ puppi nauclerus ab alta
Inceditq́; viros, conſurgũt protinus omnes,
Accingũtq; manus operi, robuſtaq́; nudant
Brachia, iamq́; trahũt magno clamore rudentes,
Soluentes proram, ſinuoſaq́; carbaſa pandunt,
Protinus aſpirãs quæ lenis ab æquore vaſto,
Aurea Phœbei dum vertitur orbita currus
Æthereo aſcendẽs cliuo, mulcẽtibus implet
Flatibus aura, ruũt roſtratæ turgida proræ
Æquora, & alta petunt ſummæ faſtigia turris.
Stat, circunfuſo quam circuit æquore pontus,
Inſula parua ſinu in medio, quã plurima ſaxa
Curuaq́; continuæ circundãt littora terræ,
Vnde rates vaſti ducũtur ad æquoris vndas
Parua per, & medium quæ diuidit oſtia ſaxum,
Quo Galli quõdam medijs in fluctibus arcem
Struxere, inſanæ ſed diruit impetus vndæ.
At nunc excelſis hęc turribus inſula gaudet
Fortis inacceſsis ſcopulis, quos æſtuat icens
Vnda fretis, raucoq́; fremũt caua ſaxa tumultu.
Lucis ad occaſum Phœbeæ paruus in altum
Erigitur terrę tumulus, quem veſtit inumbrans
Rara procul fundens viridantia brachia palma

F iij Hic



5

Hunc iuxta excisum circum, duroq; cauatum
Ferro ingens saxum & saxo constructa superbo
Alta domus multo conflato armata metallo.
Paruulus vlterius terræ agger, plenaq; lymphis
Ad dextram cisterna, domus hinc inde frequentes
Plurimaq; angustos propugnans ferrea calles
Bombarda, hos inter puteumq; immanis hiatus,
Quo furiosa fretis spumantibus vnda remugit,
Qua patet arcta nimis transuerso semita ligno.
Hac vbi transieris Phœbi radiantis ad ortus,
Aspicies magnum surgentem ad sydera montem,
Præcipites circum anfractus, queis tendere sursum
Non datur, aut contra descendere posse deorsum.
Vnus ad excelsum ducẽs accliuis & arctus
Ascensus, duro quem Gallica dextera ferro
Excidit multo confringens saxa labore,
Aggeribusq; tuens structis, stat vertice summo
Condita compactis ingentibus ardua lignis
Bombardis, posituq; loci tutissima turris.
Totus inaccessus mõs, edita ad æthera rupes,
Immanis moles, & inexpugnabile saxum.
Ergo rates leni turgentibus aëre velis
Æquoris arua secant, tendunt ingentia contra
Solis ad exortum maiores mœnia puppes,
Vt medio oppugnent stantes in marmore turrim.
Veloces contra pergunt salebrosa biremes

Littora





Littora militibus grauidæ, & fulgentibus armis,
Palmiferumq; petunt collem. Iam nauibus exit
Exardens belli studio per saxa iuuentus,
Ascẽdensq; cito collis tenet ardua gressu,
Ingentesq; cauat fossas, atq; aggerem alto
Splendentis vexilla crucis victricia figit.
Hinc alij ad naues properant, magnoq; frementes
Falconem clamore vehunt, collisq; locatus
Vertice iam sæuo flãmas vomit ore coruscas,
Ignitosq; globos, saxo constructa lacessens
Tecta, domũ penetrant iam ferrea tela, ruũtq;
Ligna, ferox contra pugnat, crebrasq; sonanti
Ære pilas Gallus iacit, ærea machina donec
Mittit ab aduersa flãmantia tela biremi,
Bisq; domum feriẽs magna ui concutit omnem,
Frangit & aggestam molem, iam fracta ruinã
Ligna trahunt, fugiũt Galli perq; aspera saxa
Funibus hærentes labuntur, & ardua turris
Tecta petunt properi. magno clamore iuuẽtus
Palmifero de colle ruit, fugientia victrix
Terga sequens, primæ superat iam diruta cursu
Tecta domus, collemq; petens ardente secundũ
Impete cisterna collectas occupat vndas,
Opposito erectæ se tutans aggere terræ,
Interea horrendo feruescũt alta tumultu
Mœnia, & in medio fundatas æquore naues

F iij Hor-

Horrificis feriunt telis, lacerãtq; , forantq;
Ingens eructat flãmantia ſaxa, globoſq;
Machina, & obducit denſo clarum æthera fumo,
Horrendumq; tonans crebris micat ignibus, alti
Intremuere Poli, latuſque gemiſcit olympus,
Stridet & horrendo tellus contuſa fragore,
Immaniquefremẽs immugit murmure põtus,
Diſsiluiſſe putes cõuulſum à cardine cœlum,
Tantus erat ſtrepitus, clamorque, igneſque rotati.
Stat prope in extructo, quà ſol micat aureus ortu,
Aggere bombarda ex fuluo fabricata metallo
Ferratis innixa rotis, quæ grandia vaſto
Saxa vomens ore, & conflata volumina, puppes
Ictibus infeſtat crebris impune, latuſq;
Rũpit vtrũq; , forat malos, tabulaſq; fragore
Cõminuit diro, nũc hanc, nũc percutit illam
Dilaniatq; hominũ leto furioſa cruento
Corpora multa ſimul, fuſo tabulata redũdãt
Sanguine, non vltra poſsũt cõſiſtere naues,
Laxatiſq; petunt laceratæ funibus æquor.
Merſerat Oceani Titan ſub gurgite currum,
Iamq; nigreſcentes induxerat heſperus vmbras
Noctis, & aſtrigero lucebant ſydera cœlo,
Nulla quies totis caſtris, ſed bellica quiſq;
Inſtrumenta parat, palmarũ eſt colle ſupremas
Oppugnat turres eructãs ignea falco.

Tela,





Tela, ſonant voces, & fœminei vlulatus
In domibus, iubet interea dux maximus omnẽ
Muniri ſedem caſtrorum, hi grandia lento
Vimine texta replent terra ſaxiſq; caniſtra,
Quæ obijciant telis, educunt nauibus illi
Ærea & ingenti fremitu tormenta volutant,
Atq; rotata trahunt, ponũtq; in ſedibus aptis
Aggeſta circum terra, pugnaſq; ſequentis
Expectant auidi, metuẽdaq; prælia lucis.
Iamq; tenebroſam dimouerat aurea noctem
Tithoni cõiux, radijſq; rubebat Eois
Æquor, vbi accliui Phœbeus limite currus
Cæperat aſcendens diffundere lumina mundo,
Cum fulgent ſummo Gallorũ monte phalanges
Enſibus, & longis armatæ haſtilibus, ære
Corpora lucentes rutilo, ſæuiq; ſagittis
Inſtructi rapidis hoſtes, numeroſa caterua,
Imaq; caſtra petunt, & magno murmura ponti
Clamore exuperant, occurrũt impigra contrà
Agmina, cõmiſcẽtq; manus, ferueſcit vtrinq;
Pugna grauis, volitant celeres per inane ſagittæ
Hinc atq; inde, gemunt neruis ſtridẽtibus arcus
Conflatumq; ſonat circum caua tempora plũbum
Martius exardet feruor, telluſq; ſagittis
Figitur innumeris, ingens obducitur æther,
Telorũq; latet denſa ſub grandine cœlum.

F v      Nõ

Nō aliter postquam nimbosus desijt Auster
Cæruleis madidare agros, syluasq; virentes
Imbribus & grauidas quassare tonitrua nubes,
Cum flagrat vsta dies Titane vigente, cauernis
Exit ab internis terræ, penitusq; relinquens
Maternas formica domos, noua tecta requirit,
Crebrescit foribus strepitus, volat agmine dēso
Quatuor innitēs alis, celeresq; sub auras
Surgit, & obscuram supra facit aëra nubem.
Tela igitur vicibus volitant velocia mistis,
Et dubio ambiguū discrimine fluctuat agmē,
Non hi cōcedunt, non illi retro regressi
Vel timidum reuocare pedem, vel vertere terga:
Sed tandem longo confracti membra labore,
Lassatiq; grauis duro certamine pugnę
Mutuo ab aduerso discedunt agmine, castris
Hi remanent, illi turris fastigia poscunt.
Interea hinc flāmas horrens eructat, & illinc
Machina, nec cessat iaculari tela coruscis
Ignibus, & nigro fumo, tonituq; tremendo,
Illinc rostratas quatiunt tormenta biremes
Ærea, sublimis lacerant hinc mœnia turris,
Lignaq; confringūt, valuas, postesq; serasq;.
Iam medium Phœbus cursu traiecerat axem,
Et freta præcipites voluebat ad ima quadrigas,
Cum Galli, postquam primo certamine adorti

Vlci-





Vlcisci captas nequierunt vindice lymphas
Marte, fremūt animis, sæuoq; vrgente dolore
Instaurant pugnas, accingunt corpora telis
Fulgenti includunt pectus torace, caputq;
Cassìde, falcatos fortis manus arripit enses,
Et squamata tegit procerū bractea corpus.
Iamq; ruūt summo celsæ de vertice rupis
Hostili comitante manu, Phœboq; micantes
Aduerso vibrant gladios, atq; aëre crebros
Ingeminant ictus, arctūq; timore sine vllo
Transiliunt pontem, telorum densa per auras
Grando ruit, tentis quæ emittūt arcubus hostes,
Aduersasq; acies configūt vulnere multo,
Sæuus vtrinq; furor, crudelia vulnera vtrinq;.
At Galli pectus protecti fortibus armis
Iam non missilibus certant, sed cominus ense
Armatas miscent dextras, captisq; fugare
Agmina contēdunt animoso pectore lymphias.
Iamq; fatigatas multo certamine turmas
Deficiunt vires, iam vertere terga putares,
Redderèq; obsessas Gallis vrgentibus vndas,
Cum bombarda duos vno rapit ærea telo
Armatos, atq; arma simul, pectusq; superbum
Traijcit, occumbūt inopino funere rapti
Immanes collapsi artus, immania membra,
Armaq; deturpant effuso, & saxa cruore,

Dif-

Diffugiunt alij miſerûm laniata trahentes
Corpora, & accitis aſcẽdunt curſibus arcem.
Interea Zephyri properans hinnibat ad ortus
Solis equus, multo laceratæ funere puppes
A terra abſceſſere procul, nec mœnia celſæ
Oppugnant vltra turris, iam fregerat ingens
Quæ terra exercent ſæuas bellantia pugnas
Agmina feſſa labor, nullà datur ire ſuperbam
Ad turrim, horrendæ quam cingunt vndiq; rupes,
Æraque fuſa, ferox Gallus, crudelis & hoſtis,
Inſuper ingentes ſaxorum callis aceruos
Continet, aggreſſas quæ montem ſcandere ad altum
Deturbentque, ruantque acies, ea ſemita ſola,
Vnicus is trames, quis tendere mœnia contra
Audeat? ecce autem deffeſſos cura fatigat
Maior, & exurgit, quem non ſperare laborem
Crediderant poſſe. Exhauſtus iam pene marique
Et terra puluis, quem viuo ſulphure, & atro
Carbone ac nitro docti multo igne laborat
Artificis manus, ardenti qui pabula flãmæ
Sufficit, & magnis vulcanum viribus auget.
Quid faciant poſthac, quo tandem robore turrim
Oppugnare queant, ſi crebris ictibus acres
Defecerint ignes inimica laceſſere tecta.
Ergo omnis varijs curis exercitus angi
Incipit, in naues qua ſe ratione recepent,

Et





Et tormenta ſimul tutè, ne ſentiat hoſtis
Ambigit, id magna metuit cum ſtrage futurum,
Omnibus ingeminant curæ, ſæuitq; ſub imo
Corde labor, terret præſentis imago pericli.
Tũc ego crediderim tacito ſub pectore magnum
Prętorem querulas fudiſſe ad ſydera voces,
Auxiliumq; ſibi, quod vis humana negabat,
Diuinum petijſſe Patrem, fixiſq; ſub alto
Luminibus cœlo, tali ſermone precatum.
Heu quianam extremis immẽſi conditor orbis
Deſeris auxilio orbatos ò ſumme periclis?
Aſpicis ingenti iam robora noſtra labore
Fracta, nec vlterius ſubſiſtere poſſe, quid hoſti
Opprobrium nos eſſe ſinis? quid barbara nomen
Subſanet gens iſta tuũ? quid pectora Gallus
Impius hæreſeos ſordeſcẽs crimine turmis
Chriſtiadûm inſultet? nos virtus noſtra reliquit
Vndiq;, nec ſuperant vires, miſerere, perimus:
Reſpice ſumme Parens opis auxilijq; carentes,
Da placidam dextram, iuſtas modo ſentiat iras
Gens inimica tuas, ſi libera fręna furori
Laxaris, multo cum lumine turbidus æther
Pugnabit, magnos telorum & depluet imbres,
Igneaq; armata iacula bere fulmina dextra
Incendens celſas ruptis de nubibus ædes.
Eia age, rumpe moras, fer opem, iam iamq; labantes

Erige,

Erige, crudeles populos, atq; impia puni
Pectora, sit nostris manifesta potentia dextrę
Hostibus ampla tuæ, & præsentibus erue dãnis
Agmina Christiadûm, qui te venerantur amãtq;,
Quiq; tuo subeũt duras pro nomine pugnas.
Audijt has summus voces pater, audijt illas
Quas Iesu serui ac socij, turmæq; fideles
Tempore fundebant illo, gemitu lachrymisq;
Ardua syderei pulsantes ostia Olympi.
Nec mora pennigero ex cætu vocat ilicet vnum
Imperat & vacuũ pernicibus aëra pennis
Scindat, & horrificum nigranti nocte timorem
Immittens, sæuos celsis fuget ædibus hostes.
Iussa obit ille citis volitãs per inania pennis
Nubila, quem sequitur visu deformis inersq;
Horrenti squalore timor, velamine nigro,
Atq; atras librat nimbosa per atria pennas.
Et facies præfert diras, letũq; cruentum,
Vinculaq;, & duras ferro stridente catenas,
Suppliciumq; atrox, pœnas pro crimine iustas
Et sæua vltrices minitantes funera flammas.
Talem supremi iussu cogente tonantis
Pennipotẽs supera cœli degente minister
Perniciem, monstrũ infelix, trepidabile, turpe
Ocyus immisit Gallorum mœnibus altis.
Vix tenuit primæ sublimia limina portæ

Ter.





Terribilis visu timor, exalbescere cuncti
Incipiunt intus, trepidant, gelidusq; per artus
It pauor, acceleratq; fugam per saxa, per vndas,
Nec mora, nec requies, medijs timor ossibus hæret.
Egressus, portasq; omnes obsederat horror,
Vltores iam iam gladios, flãmasq; voraces
Instare ad valuas credunt, & spicula dira,
Omnia terrorem turbatis mentibus atrum
Incutiunt, letũq; viris crudele minantur.
Ergo per abruptas (quà Phœbus ab æquore claris
Surgit equis) rupes oblongis funibus omnes
Labẽtes nodis chordatum ac nexibus hærẽt,
Conscendũtq; cauas lintres, perq; aspera saxa,
Pertumidosq; petunt hostilia littora fluctus,
Linquẽtes structam horrẽdis in rupibus arcem,
Immanes moles, & inexpugnabile saxum.
Tantus erat terror, quem mentibus indidit alto
Sũmus ab axe Deus, sæuo vrgẽs corda timore.
Cœpit vt afflictis rumor crebrescere castris,
Elapsos per saxa hostes, arcemq; relictam,
Consurgũt omnes studio deserta vidẽdi
Mœnia, & ascẽsu superant altissima montis
Culmina, victricem figentes protinus alta
Arce crucem, Christiq; sonant venerabile nomen.
Mirantur molem ingentẽ, præruptaq; circum
Saxa, nouas multis tutas anfractibus ædes,

Spu.

Spumántesq; imo scopulos immane profundo.
Ipse locum Prætor contéplans maximus omné,
Qué nullo vires possent euertere ferro
Humanæ, æterno dat toto ex pectore laudes
Voce sonante Deo, qui turré arcemq; superbá
Ceperit, atq; sua virtute fugauerit hostes.
O nimium dilecte Deo, cui sydera cœli
Magne senex pugnant, cui militat arduus æther,
Æthereiq; chori, cui mittit ab arce suprema
Auxiliū pater omnipotés, tu, cum tibi nullū
Subsidiū possent humanæ reddere vires,
Voce tua, & precibus medio de corde profusis
In tua traxisti Rectoré vota Polorū,
Vt tua pugnaret diuino robore bella.
Macte noua virtute senex, te lucida olympi
Templa manent, te sydereæ cœli axe cohortes
Constituét olim regni diademate clarū,
Postquā Brasilles Christo subiecceris oras,
Et facies sanctū cognosci nomen Iesu.
Ergo domos intrant desertas, maximus intus
Telorū numerus, quorū fiducia Gallos
Nequicquā tenuit, sed non splendétis imago
Sancta crucis, non sanctorū, qui celsa Polorū
Regna tenét, quorū meritis precibusq; supernus
Flectitur ad veniam, iustas & mitigat iras,
Indulgetq; bonus Pater, & terrena tuetur

Regna,





Regna, replens largis mortalia pectora donis.
Magna ibi librorum stabat congesta supellex,
Qui fidei claudūt aliena atq; impia scita,
Quæ vel Martinus peruersa mente Lutherus
Composuit, docuitq; suos seruare nepotes
Pontificem contra blasphemo plurima summū
Ore fremens, contraq; tuam Christe optime sponsam.
Vel quæ Ioannes impuro Brentius ore
Martini proles, infami digna parente
Vel vomuit petulans fætenti è corde Melanthō.
Hic quod; (quam nuper Stygia ructauit ab vnda
Tartarus illuuie fœdam, multisq; tumétem
Quæ vomuit quondam colubrorum turba, venenis)
Belua multiplici serpens turpissima lapsu
Caluinus spiris multoq; volumine turrim
Complectens aderat flāmantia lumina torquens,
Letiferoq; vibrans linguam stridore bisulcam.
Hiccine te contra cœlestia robora posset
Tutari? hos arcus, hæc tela ignita parasti
Impie Galle tibi? cœli terræq; potentem
Caluinus Christum superaret? qualibus actus
Ardebas furijs, quæ te dementia agebat,
Cum spernens Christi victricia signa, venenis
Credebas diri defendi posse colubri
Mœnia? nónne ferum speleæ vmbrosa tenentem
Credebas quondam victum cecidisse Draconem,

G Chri.

Christus in horrendo cũ brachia nuda pependit
Robore, sanctificans effuso sanguine lignum?
En condigna tuis retulisti premia factis.
Ergo omnes læti Patris omnipotentis honores
Instaurant, captæ medijs in mœnibus arcis
Ædificant altare, sacra cum veste sacerdos
Sancta salutiferi celebrat conuiuia panis,
Quæ nullo fuerant ibi tempore facta, sacratam
Impia nam proles Caluinia respuit escam,
Nec credit panis claudi sub imagine Christum.
Tum male cõgestas victor post funera miles
Diripit acer opes, victrices Gallica gaza
Conditur in naues, & quæ flãmantibus atras
Ediderant telis strages, tormenta trahũtur
Ærea, ferratæ vasta sub mole gemiscunt
Horrifico stridore rotę, vix lembus ad ipsas
Subsidens perfert immania pondera naues.
Euertunt imis omnem ab radicibus arcem,
Propugnacla manu excindẽtes omnia forti,
Diruta cuncta ruũt, & magno pondere plangũt
Strata solum, cumulant lignis ingentibus altos
Immani clamore rogos, quæ summa superbum
Nuper ad astra caput tollebant, diruta sæui
Consumũt ignes, laxis Vulcanus habenis
Effurit, obducit tetra caligine cœlum
Fumus, & æthereos densatus denigrat orbes,
Aequo-





Æquoraq; accẽsis lucent resonantia flãmis.
Talis vbi flauas conclusit in horrea fruges
Agricola, expolians fœcundos fructibus agros,
Culminibus flãmas canis supponit, in altum
It fumus cœlum, strident crepitantia longe
Gramina, & obtentis nigrescunt arua fauillis.
Ergo ruit summo Gallorum à culmine turris,
In cineres rapidus iam tecta superba redegit
Ignis, & effrænes Dominus compescuit iras,
Elatosq; animos depresit Christus Iesus,
Christus habens rerum imperiũ, quem maxima mũdi
Machina formidat, quem tellus vasta, Polusq;
Æthereus tremit, & tenebrosis Tartarus vmbris.
Hæc sunt facta tuæ miracula robore dextræ
Christe potens rerum, tu sæuum in corda timorem
Gallica misisti, tibi turba profana malorum
Cessit, & ingentem formidine territa molem
Deseruit fugiens, tibi Iesu gloria soli
Debita, tu vasti spatiosa volumina torques
Ætheris, astrigeros nutu moderaris & orbes,
Indefessa altum voluens vertigine Olympum.
Sol tibi, & humentis corpus mutabile Lunæ,
Sydereiq; globi parent, tibi lucidus ignis,
Aërijq; simul seruit plaga liquida tractus,
Eousq; nitens radijs, vesperq; rubescens,
Auster, & Arctoi splendentia verticis astra,
G ij Verę

Verq; nouum, & rigidæ glacialia frigora brumæ.
Tu vada mõstriferi, & longe resonantia ponti
Littora, turbatasq; alti regis æquoris vndas
Immanesq; cies, cum vis, agitantibus Euris,
Per freta vasta maris Thetyde indignãte procellas,
Indomitosq; iterum rabiem deponere Cauros,
Tranquillosq; iubes agere alta silentia fluctus.
Terra tibi paret, cuius de nubibus altis
Fæcundas gremium pluuijs, grauidoq; tumescens
Corpore, læta tuo fundit sua munera iussu,
Et varias largitur opes, tu tegmine vasti
Conduntur magno quæcunq; animantia cœli,
Vitali reficis pastu, pictasq; volucres
Concedis liquidum librare per aëra pennas.
Tu solus rerum Dominus, tu maximus author
Cœlorum, tu cuncta moues cum Patre coæuus,
Flamineq; æterno, qui æterni est nexus amoris.
Tu cum fecisti cœli reuolubilis orbes,
Aligerasq; acies, gentem felicis Olympi,
Luciferum nimio lucis splendore superbum,
Atq; aspirantem sceptris per inane rotatum
Sedibus æthereis turbasti, ignesq; sub imos
Trusisti æternis, multis cum millibus, antris
Nequicquam cauda minitantem atq; ore Draconem.
Tu cum sydereæ faceret fastigia turris
Progenies Adæ tumido inflãmata furore

Cocti-





Coctilibus muris, nigroq; bitumine, summo
Vertice quæ celsum pertingeret æthera, nomen
Vt posset celebrare suũ, tu culmine olympi
Descẽdens linguam confundis, & omnia turbãs
Dispergis varijs homines regionibus orbis,
Nec finis educi inceptam super ętheramolem.
Qualem te quondam, septemplicis ostia Nili
Cui suberant, Pharao expertus, cum turgida rubri
Æquoris vnda gradum pressit, stupefactaq; fluctus
Diducens medios vastam patefecit abyssum?
Tu populis impune tuis per aperta profundi
Arua viam pandis, sæuũq; sub æquora Regem
Mergis, & æratos inuoluis gurgite currus.
Imperijs diuisa tuis (cum plurima ripam
Vtrãq; impleret, nec se compesceret alueo)
Iordanis vnda retro fluxit, pars altera magni
Elata in montis speciem stetit, altera vasti
Æquoris in fluctus decurrit, per vada siccis
Impune exhausti procedũt agmina plantis
Fluminis, & molem stãtum mirantur aquarum.
Gens tibi crudeli meritas dedit impia pœnas
Funere sacrarum postquam clangore tubarum
Ardua palmosæ Ierichuntis mœnia, & imis
Ex fundamentis muri traxere ruinam,
Et tuus inuasit populus victricibus omnem
Deuastans vrbem telis, iuuenesq;, senesq;,

G ij    Fœ-

Fœmineosq; fero populatus funere cœtus.
Quinta Philisteas percusſit plaga cohortes,
Quæ populum multo cingebat milite inermem,
Cum duce te Ionathas generoſo pectore cautes
Tranſijt horrendas, ſcabraq; crepidine rupes,
Reptando manibus pedibusq;, & ſæua peremit
Agmina, terribilem cum te incutiéte timorem
Corripuere fugam, iuuenisq; celerrimus, inſtar
Fulminis, hoſtiles proſtrauit vulnere turmas?
Omnia te metuũt, cœlum, mare, vaſtaq; tellus
Imperijs ſubiecta tuis, te ſæua tremiſcunt
Tartara, tu primum ſerpentis fraude parentem
Deluſum, humanũq; genus ſub mole ſepultum
Peccati vt reuoces ad vitam, virginis aluum
Intactæ ingreſſus mortales ætheris auras
Carpis, & obſcuris naſcens das lumina terris,
Et donis inopem ditas cœleſtibus orbem.
Tu crucis horrendos inſonti carne labores,
Crudelemq; ferẽs mortem, de faucibus atri
Extorques leti peccati labe nocentes,
Et Phlegetõteum detrudis ad ima Tyrãnum
Antra Erebi. Inferni cum ferrea clauſtra penetrans
Captiuos redimis, populaſq; immitia regna
Educens vinctos tenebris, exhorruit atris
Speluncis (monſtrum infelix) tu in flãmea vincla
Detrudis nequicquam vlulãtem, ac multa gemẽtem.

Vi.





Viribus infractis mortis, pede Tartara calcans
Surgis ab inferno ſpolijs animoſus opimis,
Cœlorumq; petis ſplendenti nube cacumẽ
Victor ouans, clarumq; geris ſuper aſtra triumphum
Ad dextram reſidens Patris, tibi debita ſceptra,
Et diadema capis, regnandum & ſumis Olympum.
Salue opifex rerum, cœlorum gloria Ieſu,
Te faſces, & regna tremũt, te cuncta verentur
Climata, quà ſolis radijs patet orbita, terræ,
Exceditq; altos tua magnificentia cœlos.
In fines iam Chriſte tuum diffunditur orbis
Nomen, vt effuſi latices fluitantis oliui,
Et mundi extremos penetrauit ad vſq; Iapones,
Te quoq; adorabit cæcis erepta tenebris,
Diuinæ exortu lucis radiata micanti
Natio, quæ humana paſcit fera viſcera carne,
Et ſubiecta Noto noſcet tua numina tellus,
Aureaq; Auſtrali ſuccedent ſæcula mundo,
Cum tua Braſilles ſeruabunt dogmata gentes.

Gloria ſumma tibi Pater optime, gloria Nate
Summa tibi, Flamen gloria ſumma tibi.
Quæ concepiſti ſancto de Flamine Prolem
Æterni Patris, gloria virgo tibi.

FINIS.

## CARTA DE SESMARIA DADA A ANTÓNIO RODRIGUES DE ALMEIDA

Diz Pedro Taques de Almeida Paes Leme, morador desta cidade, que carece por certidão mostrar que Pedro Ferraz Barreto, como capitão-mor da capitania de São Vicente, concedeo no Rio de Janeiro, de sismaria, terras a António Rodrigues de Almeida, cavaleiro fidalgo da Casa Real; e a dita sismaria carece o suplicante por certidão o teor dela, pelo que pede a Vossa Mercê seja servido mandar que o escrivão lhe passe por certidão a dita carta em modo que faça fé em juizo e fora dele. E receberá mercê. Despacho: Passe do que constar. Aboim.

### Certidão

José Bonifácio Ribas, escrivão da provedoria da Fazenda Real desta capitania de São Paulo, etc., certefico que, revendo o Livro Segundo de Registos de Sismarias Antigas do ano de mil quinhentos e sessenta e dois até mil quinhentos e oitenta, desta provedoria da Fazenda Real, nele a folhas setenta e quatro verso achei a carta de sismarias de terras que deo Pedro Ferraz Barreto a António Rodrigues de Almeida, a qual é da forma e teor seguinte: «Pedro Ferraz Barreto, capitão e ouvidor com alçada em toda esta capitania de São Vicente pelo Senhor Martim Afonso de Soisa, capitão e governador dela por el-rei nosso senhor e do seu Conselho, et cetera. A quantos esta minha carta de data de terras virem faço saber que por António Rodrigues, almoxarife e chanceler e escrivão da Ouvedoria desta capitania e das datas, pelo senhor Martim Afonso de Soisa, capitão e governador dela, me foi feita a petição em que diz que ele há dezasseis anos que em ela vive e nela tem sua mulher e filhos e uma casada, e que nela tem feito muitos serviços ao dito senhor, e por sua parte ajudando a sustentá-la, como os mais moradores, pelo que me pedia que em nome do dito senhor, pelos poderes que dele tenho, lhe dê um pedaço de terra no Rio de Janeiro, a saber: partindo com Pedro Martins Namorado e com José Adorno até entestar com uma aldeia que por nome dos índios se chama Itaoca, correndo ao longo do dito Rio, que poderá ser meia légoa, e outro tanto em largo, pouco mais ou menos, para nela fazer fazenda; e porque ele é o escrivão das ditas datas, me pedia lhe mandasse fazer a tal carta por Roque Martins da Costa, escrivão da Ouvedoria. E eu, visto seu pedir ser justo e pelas razões que em sua petição alega, digo que lhe dou e hei por dada, em nome do dito senhor Martim Afonso de Soisa, a dita meia légoa de terra, no dito Rio de Janeiro, onde ele em sua petição pede, e pelas confrontações e demarcações em sua petição declaradas, de hoje este dia para todo sempre, para ele e todos seus herdeiros e descendentes, com as condições da sismaria, conforme a ordenação dela e doações do dito senhor governador Martim Afonso de Soisa; e por ela mando que seja metido de posse realmente, e com efeito das ditas terras já declaradas, e de tudo lhe mando ser feita a dita carta por Roque Martins da Costa, escrivão da Ouvedoria desta dita capitania; e esta será registada no Livro do Tombo ou Registos onde as outras são registadas, para em todo o tempo se saber como lhe foram dadas as ditas terras. Roque Martins da Costa, escrivão dante mim





a fez, aos seis dias de Janeiro e por meu mandado. Era de mil e quinhentos sessenta e cinco anos. As quaes terras sim dou com todas as suas entradas e saidas e logradoiros. E eu sobredito o escrevi. Pedro Ferraz Barreto». Todo o referido passa na verdade, em fé do que passo a presente certidão por mim sòmente subscrita e assinada, em cumprimento e observância do despacho retro do provedor e contador da Fazenda Real desta capitania, José Honório de Valadares e Aboim, nesta cidade de São Paulo, aos vinte e sete de Junho de mil setecentos setenta e um anos. Eu José Bonifácio Ribas, escrivão da Fazenda Real, que a fiz sobscrever, digo que a fiz escrever, subscrevi e assinei. José Bonifácio Ribas

### Reconhecimento

Reconheço ser a letra da subscrição e sinal supra do escrivão da provedoria da Fazenda Real de São Paulo, José Bonifácio Ribas, pelo conhecimento que dele tenho e por ter visto outras letras e sinaes seus em tudo similhantes. Lisboa, vinte e um de Março de mil setecentos oitenta e um. António José de Abreu

### Reconhecimento

Reconheço ser a letra da subscrição e sinal retro de José Bonifácio Ribas, pelo conhecer muito bem e ter visto muitas vezes a sua letra e sinal. Lisboa, vinte e três de Março de mil setecentos oitenta e um. Matias José Ferreira Abreu

### Reconhecimento

Reconheço a letra e sinal retro do reconhecimento e do acima serem dos próprios. Lisboa, vinte e seis de Março de mil setecentos oitenta e um anos. Lugar do sinal público. Em testemunho de verdade. Francisco Pedro Barbosa

### Reconhecimento

Reconheço a letra e sinal retro de António José de Abreu, por outros que hei visto, a que me reporto. Lisboa, vinte e oito de Março de mil setecentos oitenta e um anos. Lugar do sinal público. Em testemunho de verdade. José Pedro da Costa Sermanho

### Justeficação

O doutor Inácio de Carvalho da Silveira, moço fidalgo da Casa de Sua Majestade, do seu Desembargo, seu juiz de Índia e Mina e das Justeficações Ultramarinas, etc. Faço saber que me constou, por fé do escrivão que a subscreveo, serem os sinaes supra do tabelião Francisco Pedro Barbosa e do tabelião José Pedro da

Costa Sermanho, o que hei por justeficado. Lisboa, vinte e nove de Março de mil setecentos oitenta e um. Francisco da Silva Braga a sobscrevi. Inácio de Carvalho da Silveira

E tresladada a concertei com a própria a que me reporto, que tornei a entregar a quem ma apresentou, que de como a recebeo aqui assinou, e a seu pedimento passei esta cópia em pública forma. Lisboa, vinte de Dezembro de mil setecentos oitenta e um. E eu o tabelião Eusébio José Pereira de Carvalho e Aguiar a sobscrevi e assinei em público e raso, etc. Em testemunho de verdade. Eusébio José Pereira de Carvalho e Aguiar

Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa), *Documentos de S. Paulo*, n.º 3006
Apud J. Cortesão, *Pauliceae Lusitana Monumenta Historica*, I, V-VIII partes, Lisboa, 1956, p. 304-307

PUBLICAÇÕES DO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO

PAULICEAE LUSITANA MONUMENTA HISTÓRICA

I VOLUME (1494-1600)

V—VIII PARTES

Organizado e prefaciado por JAIME CORTESÃO

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO IV CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO

LISBOA — 1956





## CARTA DO IR. ANCHIETA AO PROVINCIAL DE PORTUGAL

De São Vicente se escrevio largamente o que aconteceo à armada que da cidade do Salvador foi povoar o Rio de Janeiro, este ano passado de 1564: partio no fim do ano de 1564. Agora darei conta do que mais socedio.

Depois de passar muito tempo em se reformar a armada, de cordas, amarras e outras cousas necessárias, e esperar polo gentio dos Tupinaquins com os quaes se fizeram pazes, indo duas vezes em navios às suas povoações a os chamar para darem ajuda contra os Tamoios do Rio — os quaes, prometendo de vir, não vieram senão mui tarde e poucos, e tornaram-se logo de São Vicente, sem quererem com os nossos vir ao Rio, o qual foi a principal causa de muita detença que a armada fez em São Vicente —, e finalmente, depois de haver muitas contradições, assi dos povos de S. Vicente como dos capitães e gente da armada, aos quaes parecia impossível povoar-se o Rio de Janeiro com tão pouca gente e mantimentos, o capitão-mor Stácio de Saa e o ouvidor geral Brás Fragoso, que sempre resistiram a todos estes encontros e contradições, determinaram de levar ao cabo esta empresa que tinham começado. E, confiados na bondade e poder divino, assentaram que se ficasse o ouvidor geral em São Vicente, fazendo consertar o galeão e a nao francesa que se achavam comidos de gusanos e não estar para poder navegar, e depois se viriam com socorro ao Rio, e que o capitão-mor se passasse logo, em sua nao capitânia e alguns navios pequenos e canoas a começar a povoação.

Partio o capitão-mor soo em sua nao aos 22 de Janeiro de 1565 e no mesmo dia veio ter à ilha de S. Sebastião, que está doze ou treze légoas de S. Vicente, e onde esteve esperando pelos navios pequenos, que se ficavam aviando, os quaes partiram de Bretioga a 27 do mesmo mês e ao seguinte dia vieram ter com a capitânia. Os navios piquenos eram cinco somente e os três deles de remos; e com eles vieram oito canoas, as quaes traziam a seo cargo os Mamalucos de S. Vicente com alguns índios do Spíritu Sancto, que o ano passado haviam ido com o capitão-mor e alguns outros de S. Vicente, dos nossos discípulos cristãos de Piratininga; de maneira que toda a gente, assi dos navios como das canoas, poderiam chegar até trezentos homens, que era bem pouco para se poder povoar o Rio, ao que se ajuntava o pouco mantimento que traziam que se dizia poder durar dous ou três meses.

Contudo isto, como digo, chegámos à ilha de S. Sebastião onde já estava o capitão-mor, e aí dissemos missa e se confessou e comungou alguma gente, e, como comumente vinham, com grande alegria e fervor, confiados que com aquela pouca força e poder que traziam haviam de povoar, ajudados do braço divino, e que não lhes havia de faltar o mantimento nesta ilha. Ordenou o capitão-mor que os navios de remos acompanhassem as canoas, que daí por diante entravam já na terra dos Tamoios e era necessário cada dia pousarem em terra em algumas ilhas; e para virem mais seguras, mandou meter gente em uma canoa que vinha por popa de um navio, dando os seus escravos que a remassem com alguns Mamalucos. E deu-lhe Nosso Senhor tão bom tempo que sempre os navios de remos chegavam a pousar onde elas estavam até entrar na ilha Grande, onde estiveram muitos dias esperando pola capitânia; a qual teve muitos ventos contrários sem poder aferrar pano

como os navios piquenos, e foi forçada a arribar a uma ilha com a verga do traquete quebrada e rendido o mastro grande.

Os Mamalucos e Índios, enfadados de esperar tanto tempo pola capitânia, e forçados da fome que quási já não tinham mantimentos, determinaram de o ir buscar a uma aldea de Tamoios, que estava daí a duas ou três légoas, e ajudou-os Nosso Senhor que chegaram à aldea e queimaram-na, matando um contrário e tomando um minino vivo, e toda a mais gente se acolheo polos matos. E com esta vitória, alegres, se mudaram todos ao outro porto da mesma ilha Grande, onde tinham muita abundância de peixe e carne, *scilicet*, bugios e outras caças do mato.

E aí dissemos também muitas vezes missa e se confessou e comungou muita gente, aparelhando-se pera as guerras que esperavam no Rio de Janeiro; porém, ainda que muito trabalhámos nós por nossa parte e os capitães dos navios pola sua, não podemos acabar com os Índios que esperassem polo capitão-mor, como ele tinha ordenado, antes apartando-se dos navios se vieram para dentro de uma ilha chamada Marambaia, por entre aldeias dos Tamoios, caminho do Rio de Janeiro; e, porque eram poucos e vinham em grande perigo, pareceo bem que se viessem os Mamalucos após eles e que todos eles juntos esperassem polos navios numas ilhas que estão uma légoa fora da boca do Rio, às quais eles chegaram sem nenhum encontro de Tamoios ou outro perigo algum.

Os navios ficaram esperando pola capitânia cinco ou seis dias, e por derradeiro, parecendo-lhe que seria já passada de mar em fora e temendo o perigo das canoas, partiram-se uma madrugada; e saindo pola boca da ilha, viram a capitânia que esta noite havia entrado; e assim todos juntos, com muita alegria, começaram com próspero vento a ter vista das ilhas onde as canoas estavam esperando; mas não quis Nosso Senhor que chegassem aquele dia, antes acalmando o vento, e vindo depois outro contrário, junto com as grandes correntes das águas, tomou a capitânia a ilha Grande, e no caminho esteve em grande perigo de se perder sobre amarra em uma baixa. Os outros navios andaram com muito trabalho, ora à vela ora a remos, dous ou três dias para poderem tomar as ilhas e acudir às canoas que bem adivinhavam seriam tomadas dos contrários ou tornadas para S. Vicente ou mui perto disso, como em verdade o estavam. Porque, havendo já seis ou sete dias que estavam esperando, faltando-lhes já o mantimento, comiam somente palmitos e peixes, e bebiam de uma pouca d'água, de que todos estavam debilitados, e alguns doentes de câmaras; e, perdendo já a esperança dos navios chegarem tão cedo, determinaram de partir cada um pera sua terra, *scilicet*, os Índios do Spíritu Sancto com três canoas pera a sua, e os Mamalucos e Tupinaquins pera S. Vicente.

E, estando já assentados de efectuar esta sua determinação, viram um dos navios, que à força de braços e remos vinham já perto das ilhas, com cuja vista se alegraram e esperaram alguns dous dias mais, até que chegaram quatro, que foi aos 27 de Fevereiro. E, porque nestas ilhas não havia mais que uma pouca d'água e a gente era muita e as secas grandes, acabou-se, e não havia mais que pera beber um dia; mas o Senhor que tomou esta obra a seu cargo, mandou tanta chuva o dia que os navios ali chegaram, que se encheu o poço, e abastou a todos enquanto ali estiveram; e por nos mostrar que um particular cuidado tinha de nós, permitio que a capitânia com outro navio que haviam arribado não viesse tam cedo como





todos queríamos, donde nasceo tornarem-se a amotinar não somente os Índios e Mamalucos, mas também alguns dos capitães dos navios, querendo entrar dentro do Rio, contra o regimento que o capitão-mor tinha dado; e tomavam por achaque, principalmente os Índios, não terem que comer, e que dentro do Rio, com os combates que esperavam ter dos Tamoios, sofreriam melhor a fome e começariam a roçar e cercar o lugar onde estava assentado que se havia de fundar a povoação. Houve muito trabalho em os aquietar, porque em verdade o porto em que estávamos era mui perigoso, os navios não tinham breo e faziam tanta água que era necessário grande parte do dia dar à bomba; os Índios não tinham que comer; os Portugueses não tinham para lho dar; porque havia quási um mês que com os partidos todos andavam fracos e muitos doentes; finalmente, determinaram os Índios de não esperar mais que um dia, e, se a capitânia não chegasse, ou se meterem dentro do Rio ou se irem pera suas terras, o que fora causa de grande desconsolação.

Neste trabalho acudio a Divina Providência, que logo aquele mesmo dia vimos três navios que iam de cá da Baía com socorro de mantimento, que era o de que a armada tinha maior necessidade; e ao seguinte chegou a capitânia e outro navio; e assi, todos juntos, em uma mesma maré, com grande alegria, entrámos pela boca do Rio de Janeiro, começando já os homens de ter maior fé e confiança em Deos que em tal tempo socorrera as suas necessidades.

Logo ao seguinte dia, que foi o último de Fevereiro ou primeiro de Março, começaram a roçar em terra com grande fervor e cortar madeira para a cerca, sem querer saber dos Tamoios nem dos Franceses; mas como quem entrava em sua terra, se foi logo o capitão-mor a dormir em terra e dando ânimo aos outros para fazer o mesmo, ocupando-se cada um em fazer o que lhe era ordenado por ele, *scilicet*, cortar madeira e acarretá-la aos ombros, terra, pedra e outras cousas necessárias pera a cerca, sem haver nenhum que a isso repugnasse: desde o capitão-mor até o mais pequeno todos andavam e se ocupavam em semelhantes trabalhos. E porque naquele lugar não havia mais que uma lagoa de roim água, e esta era pouca, o dia que entrámos choveo tanto que se encheo e rebentaram fontes em algumas partes, de que bebeo todo o exército em abundância, e durou até que se achou água boa num poço que logo se fez; e como esta estava em termos para se poder beber, secou-se de todo a lagoa, e além disto se achou uma fontezinha num penedo de água muito boa, com que todos se alegraram muito e se vão firmando mais na vontade que traziam de levar aquela obra ao cabo, vendo-se tão particularmente favorecidos da Divina Providência.

Os Tamoios começaram logo a fazer ciladas por terra e por mar; mas os nossos não curavam senão de cercar-se e fortalecer-se, parecendo-lhes que não faziam pouco em se defender dentro da cerca, mas Nosso Senhor não querendo que se contentassem com isto permitio que aos 6 de Março viessem quatro canoas dos Tamoios e, fazendo uma cilada junto da cerca, tomassem um índio que se desmandou; e, indo já muito longe com sua presa, deitaram os nossos suas canoas ao mar e perseguiram os inimigos e os fizeram saltar em terra e fugir pelos matos, deixando as canoas, arcos, frechas, espadas e quanto nelas tinham, e o índio que escassamente tiveram tempo para o matar; os nossos os perseguiram pelo mato um bom pedaço, e não os podendo alcançar se tornaram trazendo-lhes as canoas e suas armas que haviam

deixado, e que foi um grande triunfo para os nossos cobrarem ânimo e os Tamoios enfraquecerem e temerem; e assi daí por diante não ousavam aparecer senão de longe e muitas canoas juntas.

Aos dez de Março, vimos uma nao francesa que estava légoa e mea da povoação dentro do Rio; e ao outro dia foi o capitão-mor sobre ela com quatro navios, deixando na cerca a gente que parecia necessária, que ainda não era acabada; e, indo já junto dela e começando a tirar de uma parte e d'outra, os Tamoios, que aquela cilada tinham assi ordenado, sairam de trás de uma ponta, em quarenta e oito canoas cheias de gente, e arremeteram com a cerca com tão grande ímpeto e não havendo nela baluarte nem casa alguma feita em que se podesse a gente recolher; e ajudou-nos Deos Nosso Senhor de maneira que andando no meo do terreiro descubertos, e chovendo as frechas sobre eles, não os feriram, antes mataram alguns dos inimigos e feriram muitos; e, não contentes com isso, arremeteram com eles até fora da cerca e os fizeram fugir e embarcar em suas canoas bem desbaratados.

A esta vitória juntou-se a que se houve da nao francesa, a qual se entregou sem guerra aos nossos. E foi desta maneira: que, vendo vir o capitão-mor as quarenta e oito canoas sobre a cerca, meteu-se em um navio de remo por lhe ir acudir, deixando mandado aos outros capitães dos outros navios que ficassem em guarda da nao até pola menhã, que ele tornasse ou lhe se mandasse recado. Esta noite houveram fala dos franceses, e falando-lhes um seu parente, que estava num dos navios, e dizendo-lhes que cedessem sem guerra que o fariam de misericórdia com eles, mostraram folgar muito e disseram que eram uns pobres mercadores que vinham ganhar sua vida e que estavam já de caminho e levavam alguns franceses, dos que estavam em terra, para França: que deixando-os ir se fiariam deles os outros que ficavam em terra. E, porque eles tinham lançado uma rajeira em terra, e tinham consigo trinta canoas de Tamoios pera despejar a nao, se se vissem em pressa, e queimá-la com dois barris de pólvora que tinham desfundados no convés com seus morrões e eles acolherem-se a terra, por que não fosse o derradeiro erro pior que o primeiro, do ano passado, que se fez em tomar outra nao e deixar mais franceses em terra, pareceo bem aos capitães, porque havia perigo na tardança e de mandar recado ao capitão-mor dar-lhes segurança e prometer-lhes que eles alcançariam do capitão-mor que lho confirmasse e houvesse por bem; e com isto se entregaram e se vieram, porém ficando os Tamoios espantados de saber como se fiavam dos Portugueses; mas os Franceses, que estavam já na nao e se iam para a França com os seus, temendo que lhes não cumprissem o que prometiam, vendo chegar os nossos navios a ela lançaram-se ao mar, e a nado fugiram a terra, à vista dos nossos, sem se seguir trás deles.

O capitão-mor e todos tiveram isto por grande mercê do Senhor, por ser este grande caminho pera se desarreigarem do Rio de Janeiro os luteranos que nele ficam, que serão até trinta homens, repartidos em diversas aldeas e todos homens baxos, que vivem com os Índios selvagens, e determinou de cumprir o que seus capitães tinham prometido, ainda que teve algumas contradições de homens que mais olham seu próprio interesse que o bem comum; mas sendo a maior parte de parecer que os devia deixar ir em paz e que daquela maneira se fazia maior serviço a Deus e a Sua Alteza e era caminho para mais fàcilmente se povoar e sus-





tentar o Rio de Janeiro, lhes deu licença que se fossem, tomando-lhes a pólvora e a artilharia que era necessária para a cerca, deixando eles escrito aos seus que se fiassem de nós e se saissem dentre os selvagens e se lançassem connosco, contando-lhes o bom tratamento que dos nossos haviam recebido. Estes, desta nao, eram católicos, segundo as mostras que traziam, a saber: «Horas de Nossa Senhora», sinais, contas e cruzes. Pelo que é de crer que lhes fez o Senhor esta misericórdia.

Por que não se ficassem em terra e se viessem com os outros e aos nossos dessem grandíssima opressão favorecendo os Tamoios, determinava o capitão-mor à minha partida de lá, que foi o derradeiro de Março, a falar com os franceses, levando-lhes um seguro real de Sua Alteza e a carta de seus parentes, para poder apartá-los dentre os Tamoios, para que esses não sujeitem os Índios contra os Portugueses com pouca fôrça na costa do Brasil, se não vem socorro de Sua Alteza, pelo qual todos estão esperando.

Antes que a nau francesa se partisse, fizeram os Tamoios outra cilada de vinte e sete canoas, aos quais ela tirou muitos e bons tiros, o que também será ajuda para eles lhes darem pouco crédito e amor e fàcilmente fazerem pazes com os Portugueses, se forem desse reino favorecidos e assi ficar são o Rio. A estes sairam nove ou dez canoas e meteram esses nossos mão com tanto pulso que foi frechada a gente, de suas aldeas, que se fez em terra para os defender; e alguns dos nossos sairam após eles, e houve uma brava peleja, em que foram feridos dez ou doze dos nossos, e alguns de frechadas mui perigosas, as quais pela misericórdia de Deus fàcilmente sararam; mas dos contrários foram muitos os feridos, os quais os nossos viam levar a rasto pela praia e meter nas canoas. E assim os foram perseguindo, por mar e por terra, quási até meio caminho de suas aldeas, e tomaram-lhes uma canoa e tornaram-se com grande vitória. Glória seja ao Senhor.

Ao derradeiro dia de Março, parti do Rio de Janeiro para esta cidade, por mando da santa obediência, com um homem honrado da capitania de Ilheus, chamado João d'Andrade, o qual havia sido chamado de São Vicente pelo capitão-mor a buscar mantimentos a estas capitanias, e, por sua boa indústria e diligência, chegou ele, como acima digo, no mesmo dia e maré que a armada chegou de São Vicente, e de caminho levou cinco homens brancos, que resgatou dentre os Tamoios aquém do Cabo Frio, os quais se haviam perdido em um navio que antes de João d'Andrade fora mandado a buscar mantimentos. E, depois de estar no Rio todo este tempo e achando-se nos combates que tenho referido, o tornou o capitão-mor, por se fiar da sua diligência, a mandar a negociar mais mantimentos, porque a falta deles é que lhes faz uma maior guerra.

Já, à minha partida, tinham feito muitas roças em derredor da cerca, plantado alguns legumes e inhames, e determinavam de ir a algumas roças dos Tamoios a buscar alguma mandioca para comer e a rama dela para plantar. Tinham já feito um baluarte mui forte de taipa de pilão com muita artilharia dentro, com quatro ou cinco guaritas de madeira e taipa de mão, todas cobertas de telha, que se trouxe de São Vicente e faziam-se outras e outros baluartes. E os Índios e Mamalucos faziam já suas casas de madeira e barro, cobertas com umas palmas, feitas e cavadas como calhas e telhas, que é grande defensão contra o fogo.

Os Tamoios andavam-se ajuntando para dar grande combate na cerca; já havia dentro do Rio oitenta canoas e parece-me que se ajuntariam perto de duzentas, porque de toda a terra haviam de concorrer à ilha, e dizia-se que fariam grandes mantas de madeira para se defenderem da artilharia e balroarem a cerca; mas os nossos tinham já grande desejo de chegar aquela hora, porque desejavam e esperavam fazer grandes cousas pela honra de Deus e do seu rei, e lançar daquela terra os calvinos, e abrir alguma porta para a palavra de Deus entre os Tamoios. Todos viviam com muita paz e concórdia. Ficava com eles o P. Gonçalo d'Oliveira, que lhes dizia cada dia missa e confessava e comungava a muitos para glória do Senhor.

O maior inconveniente que ali havia, *ultra* da fome, é que estão lá muitos homens de todas as capitanias, os quais passa de ano que lá andam e desejam ir-se pera suas casas, como é rezão. Se os não deixam vir, perdem-se-lhe suas fazendas; se os deixam vir, fica a povoação desemparada e com grande perigo de serem comidos os que lá ficarem, de maneira que por todas as partes há grandes perigos e trabalhos.

E, se não fosse o capitão-mor tão amigo de Deus e tão manso e afável, que nunca descansa de noite e de dia, acudindo a uns e a outros, sendo o primeiro nos trabalhos, e terem todos grande e certa confiança que Sua Alteza proverá tanto que souber estar já feito pé no Rio de Janeiro, que tão temeroso era ainda lá nessas partes tão remotas, e que se agora se não leva ao cabo esta obra e se abre mão dela tarde ou nunca se tornará a cometer — já creo que houveram rebentado muitos e desesperado quási todos, máxime tendo novas que deram aqueles homens que sairam do cativeiro dantre os Tamoios, os quais souberam de uma nao francesa que ali estava, que estava o sobrinho de Vilhagalhon, capitão que foi da antiga fortaleza, pera vir ao Rio de Janeiro e S. Vicente com uma grossa armada. A cerca, que tem feita, não é mais que um pé a tomar posse da terra, sem se poder dilatar nem sair dela sem socorro de Sua Alteza, a quem Vossa Reverência deve alembrar e incitar que logo proveja, porque, ainda que é cousa piquena a que se tem feito, com tudo é maior. E basta-lhe chamar-se cidade de São Sebastião, para ser favorecida do Senhor, pelos merecimentos do glorioso mártir, e acrecentada de Sua Alteza, que lhe tem tanta devoção e obrigação.

Esta é a breve informação do Rio de Janeiro. Resta pedir a Vossa Reverência nos encomende e faça encomendar muito a Nosso Senhor e tenha particular memória dos que residem e ao diante residirão naquela nova povoação, oferecidos a tantos perigos, da qual se espera haver de nascer muito fruito para glória do Senhor e salvação das almas.

Desta cidade do Salvador da Baía de Todolos Sanctos, aos 9 de Julho de 1565.
Minimus Societatis Iesu

JOZEPH

Apud S. Leite, *Monumenta Brasiliae*, IV (1563-1568), Roma, «Monumenta Historica Societatis Iesu», 1960, p. 241-255





Inscrição tumular de Estácio de Sá (Convento dos Capuchinhos do Rio de Janeiro):

«AQUI JAZ ESTAÇO DE SAA, PRIMEIRO CAPITÃO E CONQUISTADOR DESTA TERRA E CIDADE, E A CAMPA MANDOU FAZER SALVADOR CORREA DE SAA, SEU PRIMO, SEGUNDO CAPITÃO E GOVERNADOR, COM SUAS ARMAS, E ESTA CAPELA ACABOU O ANO DE 1583».

Apud *Album da cidade do Rio de Janeiro comemorativo do 1.° centenário da Independência do Brasil. 1822-1922.* Edição da Prefeitura do Distrito Federal, [Rio de Janeiro, s. d.], fol. [17]

TRACTADO DA prouincia
do Brasil no qual se contem a infor-
mação das cousas que ha na ter-
ra, assi das capitanias e fazendas
dos moradores que viuem pella cos-
ta, e doutras particullaridades que
aqui se cõtam: como tambẽ da condi-
ção e bestiaes custumes dos Indios da
terra, e doutras estranhezas de bichos
q̃ ha nestas partes, offerecido a muito
Alta e serenissima Sõra Dona Cathe-
rina Rainha de Portugal Snõra nos-
sa.
Visto e approuado pellos deputados
da Sancta inquisição.

Frontispício do *Tractado da Provincia do Brasil*, existente no Museu Britânico: *Colecção Sloane 2026*. Sobre este manuscrito ver Luís de Matos, *Pero de Magalhães de Gândavo e o* Tractado da Provincia do Brasil, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, III (Lisboa 1962), p. 632-639

TRACTADO DA TERRA
do Brasil no qual se cõ
tem a informação das
cousas que ha nestas
partes feito por
Pº de magalhães.

Frontispício do *Tractado da Terra do Brasil*, existente na Biblioteca Nacional de Lisboa: *F. G. 552*. Sobre este manuscrito ver o artigo citado na legenda precedente. Reproduzem-se seguidamente em fac-símile os fols. 15r-16r





terras por falta de gente. Outros muitos
Rios ha nestas partes q̃ deixo descreuer por
serem pequenos e não se fazer tanto caso
delles, nẽ minha tenção foi outra se-
não tractar destes mais notaueis onde
se podem fazer algũas pouoações e cõse-
guir proueito das terras viçosas que por esta
costa estão desertas.

Cap. 8º da capitania do
Rio de Janeiro.

A capitania do Rio de Janeiro cidade de
Sam Sebastião está sesenta legoas do Spi-
rito Sancto em vinte e tres graos e hũ
terço, terra delRei nosso snõr. Pode ter

pouco mais oumenos Cento ecorenta Vezi-
nhos, agora se começa de pouoar no-
uamente. Esta he amais fertil e Vi-
çosa terra que ha no brasil. Temterras
mui singullares e muitas agoas pera
engenhos dassucre. Ha nella muito
infinito pao do brasil de que os mora-
dores da terra faze muito porueito.
Esta Capitania tem hu Rio mui largo
e fermoso diuide se dentro emmuitas
partes, e quantas terras estão ao longo
delle se podem aporueitar, assy pera
Roças de mantimentos como pera canas
dassucres e algodões, porque são mui
Viçosas e milhores de quantas ha por
toda esta costa. ha nesta Cidade hu





mosteiro de padres da companhia de Jesus,
os quais tambem augmentarão muito esta
terra e desejão muito vella ~~Vella~~ pouo-
ada de muitos moradores, porq são co-
mo digo as terras desta capitania mui lar-
gas e sabem quam porueitosas são pera
toda gente pobre que as for possuir. E
por tempo hão se de fazer nellas grãdes
fazendas: cos que la forem viuer com
esta esperança não se acharão enganados.-.-

Cap. 9. da Capitania de
SanVicente.-.-

A Capitania de sanVicente esta sesenta
legoas do Rio de Janeiro em Vinte equatro

## CARTA DO P.e GONÇALO DE OLIVEIRA A S. FRANCISCO DE BORJA

† Jesus, Maria. Mui Reverendo em Cristo Padre. *Pax Christi.* Tudo o que ainda agora deste Rio de Janeiro se pode escrever a Vossa Paternidade, em comparação das muitas e boas novas que doutras partes lhe irão, se pode chamar mais fruta verde e imperfeita que outra cousa. Mas como é cousa mandada pela obediência, cuido que agora a trará Nosso Senhor a tempo de perfeição, por orações de Vossa Paternidade.

Primeiramente, estamos nesta casa três padres, *scilicet*, o P.e Manuel da Nóbrega, Superior, e o P.e Luís e eu, todos ao presente, pola bondade de Deus, de saúde, ainda que o P.e Manuel da Nóbrega, como é já muito velho e quebrado dos muitos trabalhos que nestas terras tem levado, se anda são um mês logo o paga em doenças que lhe acodem, como pouco tempo há lhe acudiu tão fortemente que cuidámos que fosse a derradeira, porque depois duma rija cólica lhe deram câmaras que o puseram na hora da morte. E porém faltando todos os remédios de física nesta terra, não falta o de Deus, que nos tais tempos acode, olhando a falta que fará sua morte, onde tão poucos há.

Os exercícios, em que se ocupam, são os acostumados da Companhia com o próximo. Prega o padre, as vezes que a doença lhe dá lugar, ora na sé, ora em nossa igreja, e deste trabalho sempre se segue fruito às almas. E pera a pouca gente que há na terra, acodem arrezoadamente às confissões. Não falo na escravaria, porque essa parece que leva vantagem aos senhores nesta parte e no acudir à doutrina.

Temos uma igreja de São Lourenço, daqui uma légua, na aldeia de Martim Afonso Arariboia, de muita gente temiminó, toda cristã, na qual ainda que se não reside de contino, por falta de companheiros, é visitada por um dos padres, língua, amiúde, que lhes diz missa todos os domingos e santos, onde lhe faz suas doutrinas e práticas de Deus. E o que muito nos consola é vê-los perseverar na vida que tomaram, sem faltar a suas missas e doutrinas, como se nisso se criaram toda a vida.

Ajuda muito a isto o ser principal Martim Afonso, muito bom, que no conhecimento de Deus e mais costumes lhe não faz vantagem nenhum Branco. A este conhecem os seus por capitão e têm obediência e respeito como a pai. Poucos dias há que o casaram com uma mamaluca, filha de Branco, com muito contentamento de toda a gente assi portuguesa como temiminó. Ao dia em que o haviam de casar veio ele, com toda a sua potência, da sua aldeia, mui galante, por mar, em seis canoas grandes e bem esquipadas de gente luzida, com grande festa. E da cidade saiu o capitão com toda a gente a aguardá-lo ao porto; e daí o trouxe à sé, onde ouviu missa e recebeu o Santíssimo Sacramento da mão do vigário, que os recebeu com toda a solenidade. E depois disso o foi embarcar o capitão, com toda a cidade, mandando disparar algumas peças de artilharia. Foram alguns portugueses acompanhá-los com suas mulheres até a aldeia, onde tinha grande banquete aparelhado e se deu fim às festas.

Este ano morreram muitos inocentes nesta aldeia e muitos adultos, todos, pola bondade do Senhor, baptizados, e, os que eram já pera isso, confessados, com tão bons sinais de cristãos que era muito para louvar a Nosso Senhor. E finalmente





esta acho que é a milhor parte que nos cabe neste Rio, por ser o fruito mais certo e o trabalho bem empregado.

Ao padre que os tem a cárrego têm muita obediência e amor; não há vez nenhuma que lá vá que não recebam com muita alegria e seus *ereiupe paigoe?* E ouvindo tanger acodem com diligência a ouvir a palavra de Deus, cujo nome seja para sempre louvado.

Confessou-se toda esta aldeia, passada a Páscoa, com devoção. E assi por duas vezes que o padre provincial baptizou e casou a muitos no tempo que aqui esteve, como desta terceira vez em que se baptizaram e casaram os que então se não puderam aparelhar, se enxergou grande fervor neles e vivos desejos de sua salvação, que era cousa de assi o padre provincial, como o padre que os instruía, acharem leve todo o trabalho que então passaram, que foi mui grande. E neste visitar se passaram muitas lamas e chuvas, por caminhos molhados, descalços e bem mortos de fome, que é cousa mui saborosa nestas partes por amor de Cristo Crucificado.

Poucos dias há que se mandou um padre, daqui algumas léguas, a uma aldeia de Tamũios, onde foi recebido com grande festa e prazer de toda a gente, assi homens como mulheres, meninos e meninas, que todos o vieram a visitar com suas ofertas e seus *ereiupe xeramuim?* E falando-lhes nas cousas de Deus havia muitos que lhe vinham depois a perguntar polo que havia dito e pediam-lhe que lhes ensinasse as cousas verdadeiras, com que folgavam muito. Ensinou a doutrina os dias que lá esteve, a que se ajuntava grande soma de meninos, afora a mais gente. Um menino tamũio veio a tomar tanto amor ao padre que se determinou vir com ele, e pera isto pediu ao mesmo padre que rogasse a seu pai e mãe que o deixasse vir. Anda agora nesta casa aprendendo a doutrina, pera com ele pescarmos outros muitos que o Senhor tem predestinados pera o céu. Bautizou lá o padre duas crianças que estavam para morrer, que daí a poucos dias se foram para o céu.

Quanto ao material desta casa está ainda por acabar todo o começado; até uma casa que deixou já principiada o padre Inácio de Azevedo, pera que por entretanto se recolhessem nela os padres, está coberta de telhas e à míngua de carpinteiro e taboado não é acabada. Até agora estamos ainda recolhidos em uma casinha, que será do tamanho de dous cubículos, e nela cabemos com tudo o que temos, que sempre nos cheira a santa pobreza, por estarmos faltos de tudo, que nem farinha pera hóstias, nem vinho pera missas tínhamos, se não nos socorrera o padre provincial, quando ia da capitania do Espírito Santo, com uma esmola, por entretanto.

Quanto à terra até agora esteve em guerra, mas já agora pola bondade de Deus começam os Tamũios a pedir pazes, e a alguns as tem já dado o capitão e a outros as dilata, pera maior bem. Alguns saltos fizeram, neste tempo que estavam alevantados, em a gente da nossa parte. E porém eles sempre ficaram com a pior. Agora prazerá a Nosso Senhor que ficarão com estas pazes fixos, pera que muitos destes se salvem como esperamos.

Uma grande perda recebeu a terra este ano que foi apodrecerem quási todos os mantimentos, por causa das grandes chuvas, enchentes e enxurradas que houve, que parece que queria ser outro segundo dilúvio que queria alagar a terra. Esta perda abrangeu a Brancos e a Índios, que pôs a terra em algum aperto de fome.

E porém como é este Rio fértil não se sentiu tanto quanto se sentiria em outras partes.

Muitas cousas outras houvera que apontar, e porém a pressa deste navio, que acertou de tomar este porto acaso, não dá lugar a mais que, por remate de tudo, nos encomendarmos em as orações e santa bênção de Vossa Paternidade, cuja vida o Senhor nos conserve para amparo nosso e aumento de sua santa Companhia.

Desta casa de São Sebastião do Rio de Janeiro, a 21 de maio de 1570 anos.

Por comissão do Padre Manuel da Nóbrega. De Vossa Paternidade *filius indignissimus*

GONÇALO DE OLIVEIRA

Endereço: Ao mui Reverendo em Cristo Padre, o padre Francisco de Borja, nosso padre geral da Companhia de Jesu. Em Roma. Do Rio de Janeiro

Apud S. Leite, *Páginas de História do Brasil*, S. Paulo - Rio - Recife, 1937, p. 142-146

Serie 5.ª BRASILIANA Vol. 93
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SERAFIM LEITE

Páginas de História do Brasil

1937
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife





## NOMEAÇÃO DE FRANCISCO GONÇALVES

Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem que eu hei por bem e me praz que Francisco Gonçalves, pedreiro, morador na cidade de Lisboa, que ora mando por mestre das obras da fortificação que mando fazer na capitania do Rio de Janeiro das partes do Brasil, tenha e haja de seu mantimento ordenado com o dito cargo, enquanto o servir, oitenta mil reis em cada um ano, *scilicet*, vinte mil reis que Ana Lopes, sua mulher, há-de haver por outro meu alvará em cada um ano pera sua mantença, pagos no meu tesoureiro-mor, e os sessenta mil reis hei por bem que sejam pagos a ele Francisco Gonçalves no almoxarife ou recebedor das minhas rendas da mesma capitania do Rio de Janeiro, do dia que partir da cidade de Lisboa em diante. E portanto mando ao dito almoxarife ou recebedor, que ora é e pelo tempo for, que lhe dê e pague em cada um ano os sessenta mil reis que por este alvará há-d'haver do dia que per certidão de Cristóvão de Barros, que ora vai por capitão da mesma capitania, constar que partio da cidade de Lisboa em diante, e lhe faça deles bom pagamento aos quarteis do ano por inteiro e sem quebra algũa, posto que aí haja, por este só alvará geral sem mais outra provisão minha nem dos vedores da minha fazenda; e pelo trelado dele, que será registado no livro de sua despesa pelo escrivão de seu cargo, e conhecimento do dito Francisco Gonçalves e a certidão do capitão acima declarada e outra que apresentará cada ano de como serve de mestre das obras da dita fortaleza, mando que lhe sejam estes sessenta mil reis levados em conta cada ano que lhos assi pagar. E este alvará quero que valha, tenha força e vigor como se fosse carta feita em meu nome, por mim assinada e passada pela chancelaria, sem embargo da ordenação do 2.º livro, título XX, que diz que as cousas cujo efeito houver de durar mais de um ano passem per cartas e passando por alvarás não valham.

Simão Borralho o fez em Almeirim, a 17 de Novembro de 1571. E eu Duarte Dias o fiz escrever.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique, Doações, Livro 28.º*, fol. 308
Apud Sousa Viterbo, *Expedições científico-militares enviadas ao Brasil*. Coordenação, aditamentos e introdução de Jorge Faro, I, [Lisboa, 1962], p. 169

LA
COSMOGRAPHIE VNIVERSELLE
D'ANDRE THEVET COSMOGRAPHE DV ROY.

ILLVSTREE DE DIVERSES FIGVRES DES CHOSES PLVS REMARQVABLES VEVES PAR l'Auteur, & incogneuës de noz Anciens & Modernes.

TOME PREMIER.

A PARIS,
Chez Guillaume Chaudiere, rue S. Iaques, à lenseigne du Temps, & de l'Homme sauuage.
1575.
Auec Priuilege du Roy.

Frontispício. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 32-7-11





Historia da prouincia sācta Cruz a qui vulgarmēte chamamos Brasil feita por Pero de Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito illustre snõr Dom Lionis pereira gouernador que foy de Malaca & das mais partes do Sul na India.

Segue-se em fac-símile o fol. 13v deste opúsculo, «Impresso em Lisboa, na officina de Antonio Gonsaluez. Anno de 1576». Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 365 P.

HISTORIA DA PROVINCIA

¶ A ſeptima capitania, he a do Rio de Ianeiro: a qual conquiſtou Mende Sá, & a força darmas, offerecido a muy perigoſos combates a liurou dos Franceſes que a occupauam, ſendo Gouernador géral deſtas partes. Tem hũa pouoaçam a que chamam Sam Sebaſtiam, cidade muy nobre & pouoada de muitos vezinhos, a qual eſtá diſtante da do Spiritu Sancto ſeſéta & cinquo legoas em altura de vinte & tres graos. Eſta pouoaçam eſtá junto da barra, edificada ao longo de hum braço de mar: o qual entra ſete legoas pela terra dentro, & tem cinco de trauesſa na parte mais larga, & na boca onde he mais eſtreito auerá hum terço de legoa. No meyo deſta barra eſtá hũa lagea que tem cincoenta & ſeis braças de comprido, & vinte & ſeis de largo: na qual ſe pode fazer hũa fortaleza pera defenſam da terra ſe cõprir. Eſta he hũa das mais ſeguras & melhores barras que ha neſtas partes, pela qual podem quaes quer naos entrar & ſair a todo tempo ſem temor de nenhum perigo. E aſsi as terras que ha neſta capitania, tambem ſam as melhores & mais aparelhadas pera enriquecerem os moradores de todas quantas ha neſta prouincia: & os que la forem viuer com eſta eſperança, nam creyo que ſe acharàm enganados.

¶ A vltima capitania, he a de Sam Vicente, a qual conquiſtou Martim Afonſo de Souſa: tem quatro pouoações. Duas dellas eſtam ſituadas em hũa ilha que diuide





HISTOIRE
# D'VN VOYAGE
FAIT EN LA TERRE DV BRESIL, AVTREment dite Amerique.

*Contenant la nauigation, & choſes remarquables, veuës ſur mer par l'aucteur: Le comportement de Villegagnon, en ce païs là. Les meurs & façons de viure eſtranges des Sauuages Ameriquains: auec vn colloque de leur langage. Enſemble la deſcription de pluſieurs Animaux, Arbres, Herbes, & autres choſes ſingulieres, & du tout inconues par deça, dont on verra les ſommaires des chapitres au commencement du liure.*

Non encores mis en lumiere, pour les cauſes contenues en la preface.

*Le tout recueilli ſur les lieux par* IEAN DE LERY *natif de la Margelle, terre de ſainct Sene au Duché de Bourgongne.*

Seigneur, ie te celebreray entre les peuples, & te diray Pſeaumes entre les nations. PSEAV. CVIII.

*A LA ROCHELLE.*

*Pour Antoine Chuppin.*

M. D. LXXVIII.

Frontispício. Seguem-se em fac-símile as pags. 97-107 e 121 e 275 (não numeradas) desta obra. Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 366 P.

ures & autres choses dont nous auions à faire nous y venoyent souuẽt visiter. Or i'ay sommairemẽt descrit en ce chapitre, l'inconstãce & variation que i'ay cognuẽ en Villegagnon en matiere de Religion: le traitement qu'il nous fit sous pretexte d'icelle: ses disputes & l'occasion qu'il prit pour se destourner de l'Euangile: ses gestes & propos ordinaires en ce pays là: l'inhumanité dont il vsoit enuers ses gẽs, & comme il estoit magistralement equipé. Partant reseruant à dire quand ie seray en nostre embarquement pour le retour, tant le congé qu'il nous bailla, que la trahison dont il vsa enuers nous à nostre departement de la terre des Sauuages, afin de traiter d'autres points, ie le laisseray battre & tourmenter ses gens dans son Fort, lequel auec le bras de mer ou il est situé, ie vay descrire en premier lieu.

*Epilogue de la vie de Villeg.*

## CHAP. VII.

*Description de la riuiere de* GANABARA, *autremẽt dite* GENEVRE: *de l'Isle & Fort de Colligny qui fut basti en icelle: ensemble des autres Isles qui sont és enuirons.*

G







COMME ainsi soit que ce bras de mer & riuiere de *Ganabara* appelee Genevre par les Portugalois (parce comme on dit qu'ils la descouurirent le premier iour de Ianuier) laquelle demeure par les vingt & trois degrez au delà de l'Equinoctial, & droit sous le Tropique de Capricorne, ait esté l'vn des ports de mer en la terre du Bresil, plus frequẽté de nostre temps par les François, i'ay pensé n'estre hors de propos, d'ẽ faire vne particuliere & sommaire description. Sans doncques m'arrester à ce que d'autres en ont voulu escrire, ie di en premier lieu (ayãt demeuré & nauigué sur icelle enuirõ vn an) que en s'auançant sur les terres elle a enuirõ douze lieuẽs de long, & en quelques endroits sept ou huit de large: & quant au reste cõbien que les mõtagnes qui l'enuironnent de toutes parts, ne soyent pas si hautes que celles qui bornent le grand & spacieux lac d'eau douce de Geneue, neantmoins, ayant ainsi la terre ferme de tous costez, elle est assez semblable à iceluy quant à sa situation.

*Comparaison du Lac de Geneue aux la riuiere de Ganabara en l'Amerique.*

Au reste quand on laisse la grand mer pour y entrer, parce qu'il faut costoyer trois petites Isles inhabitables, cõtre lesquelles les Nauires, si elles ne sont bien cõduites sont en dãger d'heurter & se briser,

ſer, l'embouchеure en eſt aſſez faſcheuſe. Apres cela, il faut paſſer par vn deſtroit qui n'ayãt pas demi quart de lieue de large eſt limité du coſté gauche, en y entrãt, d'vne montagne & Roche en forme piramidale, laquelle n'eſt pas ſeulement d'eſmerueillable & exceſsiue hauteur, mais auſsi à la voir de loin on diroit qu'elle eſt artificielle: & de fait parce qu'elle eſt ronde & ſemble vne groſſe tour, entre nous François l'auions nommee le pot de beurre. Vn peu plus auant dans la riuiere il y a vn rocher, qui peut auoir cent ou ſix vingts pas de tour, que nous appelions auſsi le Ratier, ſur lequel Villegagnon à ſon arriuee s'y penſant fortifier auoit premierement poſé ſon Artillerie, mais le flus & reflus de la mer l'en chaſſa. Vne lieuë plus outre, eſt l'Iſle ou nous demeurions, laquelle ainſi que i'ay ia touché ailleurs, eſtoit inhabitable au parauant que Villegagnon fuſt arriué en ce pays là: mais au reſte n'ayant qu'enuiron demie lieue Françoiſe de circuit, & eſtant ſix fois plus longue que large, enuironnee qu'elle eſt de petits rochers à fleur d'eau, qui empeſchent que les Vaiſſeaux n'en peuuent approcher plus pres que la portee du Canon, elle eſt merueilleuſement & naturellement forte. Et de fait n'y pouuãt aborder, meſmes auec les

*Roche appelee pot de beurre.*

*Le Ratier*

*Deſcription de l'Iſle & Fort où ſe tenoit Villegag.*



petites Barques ſinon du coſté du port, lequel eſt encore à l'oppoſite de l'auenüe de la grand mer, ſi elle euſt eſté bien gardee, il n'euſt pas eſté poſsible de la forcer ni de la ſurprendre. Au ſurplus y ayant deux montagnes aux deux bouts, Villegagnon ſur chacune d'icelle fit faire vne maiſonnette: comme auſsi ſur vn rocher de cinquante ou ſoixante pieds de haut, qui eſt au milieu de l'Iſle, il auoit fait baſtir ſa maiſon. De coſté & d'autre de ce rocher, nous auions eſplané & fait quelques petites places eſquelles eſtoyent baſties, tãt la ſalle ou lon s'aſſembloit pour faire le preſche & pour mãger, qu'autres logis eſquels (comprenant tous les gens de Villegagnon) enuiron quatre vingts perſonnes que nous eſtions, reſidents en ce lieu là, logions & nous accommodiõs. Mais notez, qu'excepté la maiſon qui eſt ſur la roche, ou il y a vn peu de charpenterie, & quelques Bouleuards ſur leſquels l'Artillerie eſtoit placee, leſquels ſont reueſtus de telle quelle maſſonnerie, que ce ſont tous logis, ou pluſtoſt loges, deſquels comme les Sauuages en ont eſté les Architectes, auſsi les ont ils baſtis à leur mode, aſſauoir de bois rond, & couuerts d'herbes. Voila en peu de mots quel eſtoit l'artifice du Fort, lequel Villegagnon penſant faire choſe agreable à Gaſpard

Gaſpard de Colligny Admiral de Frãce, ſans la faueur & aſsiſtance, auſsi duquel, comme i'ay dit du commencemẽt, il n'eut iamais eu ni le moyen de faire le voyage, ni de baſtir aucune forterеſſe en la terre du Breſil, nomma Colligny en la France Antarctique. Mais en faiſant ſemblant de perpetuer le nõ de ceſt excellẽt Seigneur, duquel voirement la memoire ſera à iamais honorable entre tous gens de bien, ie laiſſe à pẽſer outre ce que Villegagnõ, contre la promeſſe qu'il luy auoit faite auant que partir de France, d'eſtablir le pur ſeruice de Dieu en ce pays là, ſe reuolta de la Religion, combien encore, en quitant ceſte place aux Portugais, qui en ſont maintenant poſſeſſeurs, il leur dõna occaſion de faire leurs trophees & du nõ de Colligni, & du nom de France Antarctique qu'on auoit impoſé à ce pays là.

Sur lequel propos ie diray que ie ne me puis auſsi aſſez eſmerueiller, de ce que Theuet à ſon retour de l'Amerique, en l'annee 1557. voulant ſemblablement complaire au Roy Henry ſecond lors regnant, non ſeuſeuent, en vne carte qu'il fit faire de ceſte riuiere de *Ganabara* & Fort de Colligni, fit pourtraire à coſté gauche d'icelle en terre ferme, vne ville qu'il nõma VILLE HENRY: mais auſsi, quoy qu'il ait eu aſſez de temps depuis

G 3







pour pẽſer que c'eſtoit vne moquerie, l'a neantmoins fait mettre derechef en ſa Coſmographie. Car quãd nous partiſmes de ceſte terre du Breſil, qui fut plus d'vn an apres Theuet, ie maintien qu'il n'y auoit aucune forme de baſtimens, moins village ni ville à l'ẽdroit ou il nous en à marqué & forgé vne, vrayement fantaſtique. Auſsi luy meſme eſtant en incertitude de ce qui deuoit preceder au nom de ceſte ville imaginaire, à la maniere de ceux qui diſputẽt s'il faut dire bõnet rouge ou rouge bõnet, l'ayãt nõmee VILLE-HENRY en ſa premiere Carte, & HENRY-VILLE en la ſeconde, donne aſſez à coniecturer que ce n'eſt qu'imagination & choſe ſuppoſee de tout ce qu'il en dit: tellement que ſãs crainte de l'equiuoque, le lecteur choiſiſſãt lequel qu'il voudra de ces deux nõs, trouuera que c'eſt touſiours tout vn, aſſauoir rien que de la peinture. Dequoy ie conclus neantmoins, que Theuet des lors, non ſeulement ſe ioua plus du nom du Roy Henry que ne fit Villegagnon de celuy de Coligni, qu'il impoſa à ſon Fort, mais auſsi que par ceſte reiteration, entant qu'en luy eſt, il prophane la memoire de ſon Prince. Et afin de preuenir tout ce qu'il pourroit repliquer la deſſus (luy nyant que le lieu qu'il pretend ſoit celuy que nous nommaſmes la Briqueterie

*Ville imaginaire és cartes & œuures de Theuet.*

auquel

auquel nos manouuriers bastirent quelques maisõnettes ie luy cõfesse bien qu'il y a vne montagne en ce pays là, laquelle les François, en souuenance de leur souuerain Seigneur, nõmerent le MontHenry, comme aussi nous en appelions vn autre Corguilerey, du surnom de Philippe de Corguilerey sieur du Põt, qui nous auoit conduits par delà : mais s'il y à autant de diference d'vne montagne à vne ville, cõme on peut dire qu'vn clochier n'est pas vne vache, il s'ensuit, ou que Theuet a eu la berlue quant il a marqué ceste VILLE HENRY ou HENRY VILLE en ses cartes, ou qu'il en a voulu faire accroire plus qu'il n'en est. Dequoy derechef, afin que nul ne pense que i'en parle autremẽt qu'il ne faut, ie me rapporte à tous ceux qui ont fait ce voyage: & mesmes aux gẽs de Villegagnon dont plusieurs sont encores en vie : assauoir s'il y auoit apparence de ville ou on a voulu situer celle que ie renuoye auec les fictions des Poëtes. Partant ainsi que i'ay dit en la preface, puis que Theuet, sans occasion, a voulu attaquer l'escarmouche, contre mes compagnõs & moy, si nommément il trouue ceste refutation en ses œuures de l'Amerique de dure digestion, d'autant qu'en me deffendãt contre ses calomnies ie luy ay ici rasé vne ville, qu'il sache que

G 4







ce ne sont pas tous les erreurs que i'y ay remarquez, lesquels, comme i'en suis biẽ records, s'il ne se contente de ce peu que i'en touche en ceste histoire, ie luy monstreray par le menu. Ie suis marri toutesfois, qu'en interrompant mon propos i'aye esté contraint de faire ceste longue digression en cest endroit: mais pour les raisons susdites, c'est à dire pour monstrer à la verité comme toutes choses ont passé ie fais iuge les lecteurs si i'ay eu tort ou non.

Pour doncques poursuyure ce qui reste à descrire, tant de nostre riuiere de *Ganabara*, que de ce qui y est situé: quatre ou cinq lieuës plus auant que le Fort sus mentiõné, il y à vne autre belle & fertile Isle, laquelle contenãt enuiron six lieuës de tour, nous appelions la grande Isle. Et parce qu'en icelle il y a plusieurs villages habitez des Sauuages nõmez *Touoüpinambaoults* alliez des François, nous y allions ordinairemẽt dans nos Barques, querir des farines, & autres choses necessaires.

*La grande Isle.*

Dauantage il y a beaucoup d'autres petites Islettes inhabitees en ce bras de mer, esquelles entre autres choses, il se trouue de grosses & fort bonnes huitres : comme aussi les Sauuages se plongeans és riuages de la mer, rapportent de grosses pierres

pierres à l'entour desquelles, il y a vne infinité d'autres petites huitres, qu'ils nomment *Leripés*, si bien attachees, voire comme collees, qu'il les en faut arracher par force. Nous faisions ordinairement bouïllir de grandes pottees de ces *Leripés*, dans aucuns desquels en les ouurans & mangeans nous trouuions de petites perles.

*Leripés huitres.*

Au reste ceste riuiere est remplie de diuerses especes de poissons, cóme en premier lieu (ainsi que ie diray plus au long ci apres) de force bons Mulets, de Requiens, Rayes, Marsouïns, & autres moyens & petits, aucuns desquels ie descriray aussi plus amplement au chapitre des poissons. Mais principalement ie ne veux pas oublier de faire ici mention des horribles & espouuãtables Balenes, lesquelles monstrãs hors de l'eau leurs grãdes nageoires, en s'esgayans dãs ceste large & profõde riuiere, s'approchoyẽt souuent si pres de nostre Isle, qu'à coups d'arquebuses nous les pouuions atteindre. Toutesfois parce qu'elles ont la peau assez dure, & mesmes le lard tant espais que ie ne croy pas que la balle peut penetrer si auant qu'elles en fussent gueres offencees, elles ne laissoyent pas de passer outre: moins mouroyent elles pour cela Il y en eut vne pendant que nous estions

*Balenes.*







par dela, laquelle à dix ou douze lieuës de nostre Fort tirant au Cap do Frie s'estant approchee trop pres du bord, & n'ayant pas assez d'eau pour retourner en pleine mer, demeura eschouee & à sec sur le riuage, Mais neantmoins nul, n'en osant approcher, auant qu'elle fut morte d'elle mesme, non seulement en se debatant, elle faisoit trembler la terre bien loin autour d'elle, mais aussi on oyoit le bruit & estonnemẽt le long du riuage de plus de deux lieuës. Dauantage combien que tant les Sauuages que ceux des nostres qui y voulurent aller, en rapportassent tant qu'il leur en pleut, si est ce qu'il en demoura plus des deux tiers qui fut perdue & empuantie sur le lieu. Mesmes la chair fresche n'en estant pas fort bõne & nous n'en mangeans que bien peu de celle qui fut apportee en nostre Isle (hors mis quelques pieces du gras, que nous faisions fondre pour nous seruir & esclairer la nuit de l'huile qui en sortoit) la laissant dehors nous n'en teniõs non plus de conte que de fumiers. Toutesfois la langue, qui est le meilleur, fut sallee dãs des barils, & enuoyee en France à Monsieur l'Admiral.

*Balene demeuree à sec.*

En fin (ainsi que i'ay touché) la terre ferme enuironnãt de toutes parts ce bras de mer, il y a encores à l'extremité & au

cul du

cul du sac, deux autres beaux fleuues d'eau douce qui y entrent, dans lesquels, auec d'autres François ayant aussi nauigué dans des Barques pres de vingt lieuës auant sur les terres, i'ay esté en beaucoup de villages parmi les Sauuages qui habitent de costé & d'autre. Voila en brief ce que i'ay remarqué en ceste riuiere de Geneure ou *Ganabara*: de la perte de laquelle ie suis tant plus marri, que si elle eust esté bien gardee non seulement c'eust esté vne bonne & belle retraite, mais aussi vne grande commodité de nauiger en ce pays là pour les François. A vingt huit ou trente lieuës plus outre tirant à la riuiere de Plate & au destroit de Magellan, il y a vn autre grand port & bras de mer appellé par les François, la riuiere des Vases, en laquelle, semblablement en voyageãs en ce pays là ils prennent port: ce qu'ils font aussi au Haure du Cap de Frie, auquel cõme i'ay dit ci deuant nous mismes premierement pied à terre en la terre du Bresil.

*Fleuues d'eau douce*

*La riuiere des Vases.*

## CHAP. VIII.

*Du naturel, force, stature, nudité, disposition & paremens du corps, tant des hommes que des*



JEAN DE LERY — HISTOIRE D'UN VOYAGE

Pag. [121] da obra de Léry

Pag. [275] da obra de Léry





Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: H. 2853 A.

A gravura da página seguinte faz parte da obra de André Thevet, *Pourtraits et vies des hommes illustres,* fol. $661^{r}$ (cf. *hic,* p. 307).

Thevet escreveu a respeito de Quoniambec: «Cest effroyable Quoniambec, duquel ie puis parler, pour l'auoir veu, ouy & assés à loisir remarqué à la riuière de Ianaire, où le Seigneur de Ville-gaignon nous auoit fait arrester, laquelle est posée sous le Tropique de Capricorne à vingt & trois degrés & demy de l'Equateur, & soixãte six degrés & demy du pol Antarctique».





De A. Theuet, Liure VIII. 661

*QVONIAMBEC.*

*Chapitre. 149.*

DESCRIÇÃO DO RIO DE JANEIRO. 1585

(...) O Rio de Janeiro é capitania de el-rei, tem governador sujeito ao da Baía. É cidade intitulada de S. Sebastião, que fundou el-rei D. Sebastião, de boa memória, que ele determinava fazer muito nobre por ser de seu nome e a primeira que havia fundado. Dista do Espírito Santo cinquenta léguas e da Baía cento e oitenta, e da Equinocial vinte e três graus e meio no Trópico Austral.

É porto de mar; a cidade, não mui bem assentada em um monte, mas de muito bom prospecto ao mar, tem uma baía mui formosa e ampla, cheia pelo meio de muitas ilhas, não tão grandes como aprazíveis, e é a mais airosa e amena baía que há em todo o Brasil; tem um circuito mais de vinte léguas e o porto é tão fundo que as naus mui grandes estão com a proa em terra em catorze braças.

Tem uma fortaleza cheia de muito boa artilharia, com outros três ou quatro fortes que a fazem muito defensável; terá cento e cinquenta vizinhos de portugueses e tem seu vigário com outro coadjutor sòmente, e aqui reside de ordinário o administrador, que é como o bispo.

É terra de grandes e altíssimos montes e penedias, e ao entrar da barra tem uma pedra mui larga ao modo de um pão de açúcar, e assim se chama, e de mais de cem braças em alto, que é cousa admirável. Destas terras descem muitos rios caudais que se vêm despenhar e correr ao mar de duas e três léguas, e por estar debaixo do Trópico tem calores e frios quási tão rijos como em Portugal. O inverno é mui aprazível e como primavera na Europa; no verão chove muito e quási cada dia; é terra rica, abastada de gados e farinhas e outros mantimentos; tem três engenhos de açúcar; achou-se agora nela noz moscada e pau d'áquila, não tão fino como o da Índia Oriental mas de mui suave olor e em tão grande quantidade que fazem os navios dele; é abundante de cedros e árvores de sândalos brancos mui finos; dão-se nela uvas, trigo e outras cousas de Portugal; de pescado é mui abundante e o clima é muito saudável.

Aqui temos colégio; está bem situado em lugar eminente, de bom prospecto ao mar; tem feito um quarto de edifício e parte do outro; os cubículos que estão feitos são dez a doze, assobradados e forrados de madeira de cedro; a igreja é pequena e velha, e as oficinas, ainda que estão bem acomodadas, são mui velhas. Sempre se faz algo no edifício, ainda que devagar por não haver tanta comodidade de cal e oficiais, e por não se pagarem cento e sessenta e seis ducados que el-rei D. Sebastião lhe deu de esmola para as obras. Tem junto ao colégio cerca muito grande com tanque e fonte de água salobra; nela tem uma vinha como em Portugal e outras árvores de laranjas, limas, limões, bananeiras e outros frutos; é mui amena e de grande recreação; defronte do colegio está uma ilhota que serve de recreação nos assuetos; vão a ela por mar e está do colégio um quarto de meia légua.

Meia légua da cidade tem duas léguas de terra em quadro das melhores da terra; nelas se fazem mantimentos e roçaria e residem os escravos e índios da casa que são mais de cem, de Guiné e índios da terra com suas mulheres e filhos, e uma igreja em que lhes ensinam a doutrina cristã; e destes a maior parte granjeiam aquela fazenda e outra que têm a sete léguas da cidade, que é muito maior e mais





fértil, de três léguas em largo e quatro para o sertão, e outros são carpinteiros, carreiros, etc.

Vivem dos nossos neste colégio de ordinário vinte e quatro: dez padres e os demais irmãos. Tem de renda dois mil e quinhentos cruzados que lhe dotou el-rei D. Sebastião para cinquenta, e os dois mil se pagam na Baía, ainda que mal e tarde, e os quinhentos na capitania do Espírito Santo; e com esta renda e com a roçaria que hei dito e com algumas cabeças de bois e vacas que têm de sua criação se sustentam muito bem e aos escravos que têm, e ajudam as residências ao colégio anexas.

As ocupações dos nossos com os próximos são: uma lição de casos de conciência que ouvem de ordinário um ou dois estudantes de fora e às vezes nenhum, mas sempre se lê aos de casa; uma classe de gramática aonde estudam dez ou doze meninos e alguns de casa, escola de ler e escrever que tem cerca de trinta meninos, filhos de Portugueses. Item: pregam e confessam e, como há poucos clérigos, os nossos confessam a maior parte dos Portugueses, e estão ali benquistos e fazem fruto. Além disso têm a seu cargo duas aldeias de índios cristãos; a primeira se diz S. Lourenço, que está uma légua da cidade defronte do colégio: vai-se a ela por mar e nela residem de contínuo três dos nossos e todos são padres; a outra é de S. Barnabé, dista da cidade sete léguas e por mar; esta visitam amiúdo e entre ambas terão quási três mil índios (...)

Apud *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J.*, Rio de Janeiro, 1933, p. 419-421

CARTAS JESUITICAS
III

CARTAS,
Informações, Fragmentos Historicos e Sermões
do
Padre Joseph de Anchieta, S. J.
(1554-1594)

1933
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

*ROTEIRO DE TODOS OS SINAIS, CONHECIMENTOS, FUNDOS, BAIXOS, ALTURAS E DERROTAS QUE HÁ NA COSTA DO BRASIL, DESD'O CABO DE SANTO AGOSTINHO ATÉ O ESTREITO DE FERNÃO DE MAGALHÃES*

Segue-se a reprodução em fac-símile deste importante manuscrito, que pela primeira vez se publica integralmente. O *Roteiro* conserva-se na Biblioteca da Ajuda (Lisboa), onde tem a cota: 51-IV-38. Não tem frontispício próprio. Compõe-se de 33 fólios, numerados 1r-33r. No fim do texto figura o mapa desdobrável, de grande formato, compreendendo territórios desde o rio Amazonas até à Terra do Fogo. O *Roteiro* é anónimo e supõe-se datar de c. 1586. Sobre este manuscrito ver Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, vol. III, Lisboa, 1960, p. 73-75, onde se dão indicações bibliográficas.







I

Roteiro de todos os sinaes conhecimẽtos fundos, baixos, Alturas, e derrotas que ha na Costa do Brasil desdo cabo de Sãto Agostinho até o estreito de Fernão de Magalhaes,

Primeiramẽte deuo Saber q̃ o Cabo de Santo Agostinho está em altura de oito graos e meo he terra baixa e tẽ muito aruoredo iunto ao mar, e parecem alguũs Campos sem aruores, E hindo demandar de mar em fora paranabuc, em tempo de nordestes que cursão na costa do mes de Outubro em diante, principio naquellas partes do verão, hirei por oito graos e olharei pera a banda do norte e tanto que vir barreiras brancas avisarmeey que me chegue pera a banda do Sul (e ysto como digo de Outubro em diante) e vendo estas barreiras brancas polla dita altura de 8. graos, e se vir hum Cabo pera a banda do Sul direi que esta lesteoeste com Capitariuemerim, e dahi a Paranabuc avera seis legoas

E se for por oyto graos e meo, verei tudo terra rasa, e chegar-me-ey á terra até dez braças de fundo, e verei hũa terra grossa ao longo do mar, que se chama Capitanga; E estando leste oeste com esta terra olharei pera o Sul. e verei o Cabo de Santo Agostinho e verei ao norte outra ponta que he a de Olinda onde está a villa de Paranabuc. e correse o cabo e a ponta nortesul, e se estiver leste Oeste com o Cabo verei (por sinal e conhecença pella terra dentro hũa Serra Selada Como hũ Camello e verei ao Sul tres mamalotes ao longo do mar/ e logo pera o Sul verei a costa de nordeste, Sudueste q̃ vai pera a banda do Sul, pera a bahia de todos os Santos./.

Do cabo de Santo Agostinho ha põta da villa dolinda ha .12. legoas pera a banda do norte. O cabo de Sãto Agosto está em 8. graos e meo. e a villa dolinda em 8. graos escaços





Terras de yngenhos e faz.das. 2

VILA DOLINDA

PORTO

Baixos do galeão

Arecife

Se foi do mes de Maco em diante
de mandar esta costa, e terra de
Poranabuco hiras por altura de
9 graos e da hi iras pera o Sul ainda que
me ache metido em terra me não faca
medo por fundo de de desaseis e desa
sete braças porque tudo he limpo e não
ha mais que os arrecifes que rebentão
em terra, e não me faça temor nauegar
nesta Costa ainda que iunto á terra por
que não ha de que se guarde somente
do que se vir) virei correndo a costa pe
ra o norte, e terei aviso que se vir algũas
bareiras ao longo do mar em demãda
do Cabo de Santo Agostinho ve lo ei cor
tado e lançase ao mar e faz hũ focinho co
mo de balea, em sima delle faz hũ mõte
redondo de aruoredo como serca

Cabo de S. Agostinho





3

E hindo iũto á terra ao norte pellas
braças que atras digo, verei hũa ylha
pequena cõ algũ aruoredo que se chama
de Santo Alexo, e desta ylha ao cabo de
Santo Agostinho ha 6. legoas e está e
sta ylha em 8 graos e $\frac{3}{4}$. E assi hirei cõ
tinuando e fazendo viage a paranabuc.
com os avisos e sinaes que no segundo
capitulo digo./.

E tornando ao Sul continuando a co
sta que vai do Cabo de Sãto Agostinhº
que ia disemos pera a bahia de todolos Sãtos
Corese a Costa nornordeste susudueste te
o Rio de Sam Francisco, e dello te a ytape
cuã (que são 3. legoas por chegar A bahia) co
rrese nordeste sudueste á quarta de norte
sul, e he toda costa limpa, á terra que esta
em altura de 9 graos tem muitas Cam
pinas á orilha do mar com algũs aruo
redos, e tem muitas barreiras vermelhas
e ali esta hũ Rio que se chama.

Tambem se pode Surgir e resguardando
me da terra por Respeito de alguãs viraçoẽs
que vẽtam do mar, outrosi em dez graos e
hũ quarto está o Rio de Sam francisco. o qu
al lança agoa muy turva ao mar tres ou qua
tro legoas (como agoa do mõte) o q̃ serve bem
pera boa Conheçença de saber que esta em
a tal paragem, he Rio que bem pode entrar
nelle qualquer navio não de m^to^ porte. e ainda
Com algũ trabalho por deser a agoa m^to^ rija
em pasando este rio, está hũ riacho que
sae do rio de São fr^co^ ao mar que se chama
guaratubi, (quer dizer agoa de gorazes que
hũ pexe vermelho e muito que ali há.) e ẽ
tão está logo huã pray^a^ d area larga e com
prida que chamão Vazabarris, he esta te
rra muy baixa com alguãs arvores tem
duas ou tres barr^as^ á banda do Suduest e
alguãs dellas são brancas, tem hum mõte
agudo mais adiante á banda do Sudueste.
dentro da terra tem huãs praias mui gran
des que sam as de Vazabarris que asima
digo. e nesta terra de onze graos ay huã





4

Serra que vai pella terra á orilha do mar
7. ou 8. legoas pella costa ao Sudueste,
toda esta Costa tem bom fundo pera Su
rgir sem algum temor de algũ baixo, e
bem me posso chegar á terra té tres ou
quatro legoas. aqui está hũ rio que se cha
ma Sirigipe, ou das Canafistolas he
rio em que bem pode (pera necesidade)
alguns navios te 50. 60. toneis, tem boa
barra, em altura de. 12. graos escasos esta
hũ rio que se chama Rio Real, onde pode
entrar naos Surgir e dar a mõte, tem alguẽs
palmares, e tem sobre a boca do Rio huã terra
muy comprida e alta que vai 6. ou 7. legoas
ao longo da Costa, e tem pera a banda do Sudu
este huã praya muy Comprida e no Cabo
desta praya estam hũs Campos muy rasos
e juntos com elles huãs arvores muy chega
dos hũs aos outros que parecem Castellos.
E assi antre a boca do ryo e a serra q̃ vay de
largo he huã terra toda baixa chea de arvo
redo ao longo da Costa: tem este Rio Real
muyto boa barra e tem de fundo 3. braças
e mea de pleamar, e descorrendo pella Costa

abaxo logo verei huãs barreiras de area brã
ca que parecem roupa que esta aenxugar
aquechamão os marcãtes lencoes darea
eno fim destes areaes verei ao mar duas
outres legoas hũs baixos com huã pedra
alta aquechamão a ytapoaã (quer dizer
pedra leuantada) e dela ha bahia de todo
los Sãtos ahi tres legoas por Costa/ E da
ytapoaã pera abahia ate huã põta que cha
mão de Sãto Antonio ahi 3· legoas que he
naboca da dita bahia. esta põta esta em al
tura de 13 graos. e da ytapoaã a esta põ
ta corre a costa aloeste, e desta põta de Sã
to Antº. que he aboca da bahia á cidade do
Saluador ha pouqo mais de huã legoa
Recolhendose aterra pera dentro faz a bahia
(que he huã das mais fremosas que ha
no mũdo he capas de muy grossicima
armada) não tem barra, porque desta
ponta de S: Antº. á outra banda do Sul
(que he huã ilha aq chamão de ytapari
ca) ha quatro legoas sem aver antre huã
e outra terra. baixo algũ Somte da põ
ta de S: Antº ao esta hũ baixo





que de baixa mar de agoas viuas ha de
fundo . 6 bracas · / junto da ylha de y
taparica bem á terra como dous tres
tiros de espingarda ha arrecifes em
que rebenta o mar, e nadão carave
lões sem perigo: entra esta bahia mto
pella terra dentro e vay ao nordeste
o norte 12. legoas, com ter muitas
ylhas dentro em sy (de muy boas fazẽ
das assi yngenhos como rossas de
canas, algodẽs, mantimẽtos. como
sam · ylha de máree, ylha das fontes,
ylha dos frades. ylha de boypeba. y
de Cururupeba: cõ alguãs mais. /
tem dentro nesta bahia á parte do
Sul outra bahia que pera ella entrão
por barra aque chamam de Paraoaçu/.

[I]a falamos da costa e suas conhecẽ
ças, agora diremos de como se de
ve buscar a terra vindo do mar.

emforá vindo de outubro pordiante hirei
buscar aterra de doze graos emeo. por que
como seia tempo deverão/que então naq̃
llas partes em este tempo começa/então
ventão nordestes lesnordestes. e por esta
rezão hindo buscar aterra por menos altu/
ra fico então abalravento e melhorado pe/
rapoder entrar e não perder tomar atera/.
E hindo Como digo buscar aterra por doze
graos emeo averei vista pera boa navega/
ção de hũs lençoes darea branca. que faz
ácosta Como estendedores de roupa, que
se enxuga ao Sol/e vendoos deixarmei
hir ate se me acabarem, do norte pera o Sul
ao longo da Costa e não averei medo de
baixos nem arrecifes porque he Costa
muito limpa. E hirei continuando a vi
age té se me acabarem os sinaes dos lẽ/
çoes darea/E não os vendo verei ao
Sul delles hũa pedra grande que pareça
nao Surta/tem alguẽs baixos (esta he a
ytapoaã que no capitolo passado disse
e della habuhia sam tres legoas a loeste





6

suduest e entrando que me esta ponta
que digo for ficando ao norte, verei que
aterra da outra banda do Sul sam mui/
tos mangues que parecem estare no -
mar e me hira fogindo a ter e esconden
dose; ysto te qui de Outubro em diante/.
E sendo de Março em diante hindo de
mar em fora hirei demadar aterra por
13.½ ou 14 graos. e Como vir a terra
e não vir os sinaes darea que attras di/
enten derei que vou bem navegado - e
Conforme ao tempo devo fazer boa vi/
ge, porque assi como vindo demandar
aterra de Outubro endiante avia pera
bem de ver os sinaes darea ao norte. assi
vindoa demandar de março em diante
ei de ver sinaes não na terra do norte
senão na terra do Sul: que são estes/
vindoa demandar como atras digo.
de março em diante por treze graos
em ou 14 verei hũ monte ao longo
do mar não estando m.to chegado a te/

rra, eestando mais á terra, pera saber
que estou bem nauegado verei hum mo
rro alto redondo com hũa aruore em
sima que me demorará ao Sudueste 4ª
deoeste chamase o morro de São paulo. e ve
lo ei be ao longo do mar / e hindo entrãdo
hirei descobrindo a terra. a terra de linha
re: que he a terra firme e virandolle as
costas e hindo pondo a proa aa norte
me hira ficado a ylha de ytaparica ales
te terra não muito alta com muita pedra que
cõtino arebenta o mar em frol. esta yta
parica he hũa ylha de 6. legoas a qual
com a terra firme que tem nas suas cos
tas faz hũa barra que chamão de Juagua
ripe a qual fica ao norte do morro de
São Paulo q̃ atras dise sinqo legoas. e des
te morro que por sinal tem a aruore á
Cidade do Saluador ha. 12. legoas co
mo bem se verá com tudo o mais q̃
digo na demostraccão adiãte da bahia.





Itapitanga
Ilha de Maree
Bahia de todolos Sãtos
Cidade de Saluador
Terras de Dõ Alvaro da Costa
Barra de Juaguaripe
Morro de São Paulo
Tinhare
Terra que vai pera os ylheos

Partindo desta bahia de todolos Santos
per baixos se corre a costa nortesul te
os baixo de abrolho; que ao mar e em fim deles
esta a ylha de Santa barbora, estes baixos estão
em. 18. graos largos, ao Sul de porto seguro
e lanção ao mar. 15. 16. legoas, e corrense no-
roeste sueste quarta de lesteoeste; E passando
a ylha de Santa barbora pello mesmo Rumo:
estando 7. 8. legoas della acharei fundo de 40.
braças, e caminho sempre pello mesmo Cami-
nho acharei 50. braças e depois acharei 60.
braças. E pello mesmo caminho donde a-
char 60. braças andando vinte legoas acha-
rei a ylha da Ascenção / he hua de 4. legoas
tem o porto ao Sueste tem 2. legoas ao mar
tres ylheos a terra delles podem Surgir.
tem hua Ribeira grande a fora outras mais
pequenas. he muy x de fresca terras m[to]
boas pera açucar, e mantimẽtos. esta esta
ylha em. 20. grao e quasi Cem legoas da
Costa / he a primeira ylha das de Marti
Vaz da banda do este / falamos ẽ suma des-
ta Costa / agora falarei de como e em que
man[ra] e tẽpo hiremos demãdar os ylheos







e porto seguro que estão na viage antes dos
baixo de abrolho que atras falei /.

Hindo de mar em fora demandar
os ylheos. os quaes estão em
15. graos escacos. sendo de Outu-
bro em diante hirei buscar a terra por 15.
graos e dous terços, e sehindo por esta al-
tura vir huas Serras muy altas que pa-
reçe q̃ se vão as nuves as quaes se chamão
dos Aymureis, e terei aviso que Como
as vir hirei ao lõgo da Costa; e não averei
medo porq̃ não baixo nẽ Cousa que me
faça mal (como ja tenho dito que esta Cos-
ta do brasil não ha mais que aquillo que se
ve) e tanto que vir os ylheos (que não ha
hi outros em toda a Costa) verei hum
mõte redondo ao longo do mar, e ao longo
deste monte pera a banda do norte de longo
delle se entra o rio / e se não poder entrar q̃
acaso for alli por não ser tẽpo pera ysso / hir-
mei ao mar dos ylheos e dar lhei resguardo.

ebem poderei surgir á terra delles que
tudo helimpo em 8. 9. braças. e da
qui pera entrar no Rio á terra deles po
derei hir. E se por vẽtura forem tẽpo
de nordestes (queh e de Outubro por
diante) hirei buscar terra por 14. g.os
e se vir hũa terra rasa direi que he Ca
mamu. que bom conhecimẽto tem
muitos mangues rasteiros e baixos jũ
to com o mar. e hirei correndo esta
terra ao Sul, e onde se me acabar a te
rra delgada acharei hũa terralta ao lõ
go do mar tem areas mesmo ao longo
do mar e tudo são areas ./.
Saberei que donde se começa esta te
rralta, está hum Rio pequeno que se
chama das Contas e não se entra ne
lle, e faz como Rocha branca, e daqui
aos Ylheos ha noue legoas ao Sul.
E donde se acabar esta terra alta me fa
ra hũa enseada grande em terra. e o
lharei pera a banda de oessudueste e ve





9

rei outra terralta, e ao pee della, e
da enseada verei Casas Brancas, q
são do engenho de lucas, e logo verei
os Ylheos como bem se verá na demos
traçam abaixo ./.

R. Saguipe
Rio da billa
Ribr.º de Joane
Rio Cooqua
Tucamaroura
Villa de S. Iorge
Ingenho de lucas giraldes
R. de Itaipe
ILHEOS.

Indo de mar em fora pera porto
seguro, se for de Março em diãte
em tempo de Suestes nam hirei
por 16. graos e ½. por causa dos baixos
dos abrolhos que sam m^to^ perigosos e botão
muito ao mar.

Terei aviso que quãdo for demandar aterra
delesteoeste terei aviso que va com oplumo na
mão sondando, ese acertar de ver terra
ebir hũ mõte alto comprido amaneira
de piqo. que sechama, mõte pascoal, eẽtão
virei pera onorte. e tanto que me elle ficar
ao Sudueste, então poderei hir buscar a
terra com tento ebom Recado.

E avisarmeei quequando vir terra sevir
hũa barr^a^ vermelha olharei pera o Sul
della e verei hũa praia muito grande
pera abanda do norte, então me ficara
porto seguro hindo ao longo da Costa ẽ
hũ alto ha vista oqual alto he hũa Rocha
branca. edabanda do norte da Rocha faz
hũ valle muito grande, E hindo lesteoeste
Com aRocha, olharei pera onorte e verei







a Rebentar hũs baixos que lanção duas
legoas aomar, edabanda do Sul destes
baixos estarei defronte davilla; epoderei surgir de. 13. braças ate as 8. eloguo
verei avilla.

E se for de outubro em diante, que he
em tempo de nordestes. por 15. graos
e. ⅔. enão vir as Serras, não deixarei de
hir ao longo da Costa. e tanto que fore
16. graos, a primr^a^ terra alta que vir, olharei bem e verei apraya darea aolõgo do
mar, ese vir hũ Rio nesta altura, não me
meterei em terra, porque tem hũs baixos alagadisos os quaes sechamão de
Santo Ant^o^, edahi pera o Sul he p^o^. seguro.
E avisarmeei que hindo pera o Sul aolõgo da Costa, evendo Rebentar os baixos
que atras digo ylosey Correndo pella bãda do mar, como for no Cabo delles/demorarmea avilla aloeste ebem poderei
hir dandolle resguardo esurgir no fundo
de. 13. te as 8. braças que atras digo.

Avisarmeey que partindo dos ditos ylheos, pera porto seguro, como sair delles farmei ao mar por amor e resguardo de huũs baixos que se chamão do Rio grãde contia de dez doze legoas. e passando o Rio poderei chegar ha terra e ver conhecimẽto della como atras digo. Assi como tambem na demostração abaixo parece.







Se for pera porto seguro hindo dobrando os baixos dos abrolhos, e tomãdo de sanove graos e meo poderei hir buscar a terra por vinte graos, e assi poderei hir seguro porque nesta costa nam ha monções, se for a caso por desanove graos e meo e vir terra rasa que me fique a oeste, estarei da banda do norte do Spũ Sãto e direi que he terra de Sobre Cricare, e sobre o Rio doce, e hirei correndo esta terra de longo até me altearem as Serras e não me fiarei na primeira que vir. somente verei huã serra grande redonda que está ao longo do mar, a que chamão Serra de mestre aluaro. e terei aviso que hindo demãdar esta serra da banda do norte della verei hum Rio que chamão dos Reis magos, e hindo pello Sul ate descobrir a boca da bahia no cabo desta serra da bãda do Sul; tem huã ponta a que chamão ponta do tubarão, e da banda do Sul da bahia tem dous mõtes altos. e pondo me no meo da bahia entrarei por ella por. 20.

graos daltura em que ella está.
E yndo entrando per esta bahia do
Spũ santo, que deixe huã bahia que es-
tá na boca da barra á banda do Sul; de
mym. e hirei abalroar com huã ylha
que está dentro, e deixala ei pella bãda
do norte de mym; e demarando esta y-
lla ao norte ou ao nordeste poderei Sur
gir que tudo he limpo. /.
E se por ventura asertar de hir em es-
ta derrota e for por. 20. graos verej
muitas Serras. e verei huã alta e Spinho-
sa que se chama, a Serra de Goaraparj.
e verei outra da banda do norte della
que se chama, a Serra do picaõ, estas
estaõ da banda do Sul. do Spũ santo.
e terei aviso que quando vir estas Se-
rras. verei tambem tres ylhas peq-
nas juntas ao Sul dellas, e verei outra
pequena redonda escalvada á terra
deste ylheo: acharei huã bahia muito.





12

grande pera poder Surgir nella / E se qui-
zer entrar / hirei ao oeste com a Serra. e en-
trando pera dentro, ficarmeá huã ylha
rasa da banda do norte que se chama do
Repouso. está muito ao longo de terra
e poder seá surgir a terra della / E destas
tres ylhas / ao Spũ santo ha doze le-
goas / e vindo ao norte. veras outro ylhe-
o o chimei ao mar delle e logo seme des-
cubrirá a boca da bahia / a qual está em.
20. graos daltura e por elles entrarei pe-
ra dentro vendo ylhas e sinaes que abai-
xo se me mostrão /.

Rossas be
lhas
Villa
do Spũ
Sato
Ilha de Duarte
de lemos
Penedo grãde
Terra q̃ vay
pera o cabo
frio.
Serra de m
aluro
I. de dom Iorge
I. escalvado

Sinaes e demostrações que ha na Costa des-
dos baixos baixos dos abrolhos ate o Ca-
bo frio.

Estes baixos dos abrolhos são mui-
tuios e de m^ta^ pedra tem tres Ca-
naes. por dous passão barcos e
carauelloẽs que são as dous mais á terra
mas yndo ao mar delles que he a leste
ás vista da Ylha de Sãta barbora / aqu-
al esta em 18. graos e meo / Nesta ylha
de Santa barbara que esta no fim dos
baixos a leste, ha muitas aves: as quaes
vão buscar de comer a o mar a leste, e a
lesueste / e ainda que eu va ao mar della
7. ou. 8. ou. 10. legoas acharei fundo sem
temor de aver cousa que tema / o fundo
he m^to^ suio e averá. 30. 40. braças / e assi
por mais fundo irei te 20. legoas da Ilh^a^
da Alcenção como ja disse atras / E yndo
assi por estes baixos farei o Caminho a
o Sudueste te que de fundo de. 25. ou. 20.







braças de area q̃ he ate 19. graos e meo
de altura; E gouernando ao Sudueste, por
respeito que a terra he muito baixa, e co-
rre mui baixo o fundo ao mar. E farei es-
te ate dar em. 30. e. 40. e 50. braças
de fundo de area preta. e logo hirei bus-
car a terra. que está em. vinte e hum g^ro^
sem temor algum, a qual terra tem huas
Serras mui altas a ourella do mar. to-
das de aruoredos. a primeira Serras des-
tas he huã montanhá alta e grosa / e co-
mo for ao Sul della. logo lhe verei huã
Silha ou cousa como esta / E no pico
mais alto ao pé delle pera a banda do
mar deste tem outros dous montes
e descorrẽdo pera baixo cõtra o Sudues-
te esta outro mõte redondo á ourella
do mar todos de aruoredos / E o prim^o^
monte destes he hũ mõte alto e grosso
que estará do dito mõte obra de 3. le-
goas / quãto á vista pouco mais ou me-
nos / e junto deste monte ao pee há outr^o^

Monte pequeno agudo / e da outra banda
ate hũa legoa ha outros dous mõtezin-
hos peq̃nos / e toda a ourella he muito
chãa e chea de aruoredos / e estes sinaes
verei quando quer que estiuer dos di-
tos mõtes ao Suduleste / E esta mon-
tanha grande que dige que ficaua mais
á banda do nordeste Se chama Serra de
Santo Thome / E dos ditos mõtes ha
banda do Sudueste estão muitas Se-
rras / e mõtes altos os quaes estão em
altura de 21 g̃os largos / E quãdo esti-
uer tãto avante como os ditos mõtes
olharei pera o Sudueste, e verei hum mõ-
te redondo como de trigo, e tem hũ
piq͏º agudo em meo e sae mais ao mar
q̃ nenhũ outro / E toda esta Costa he muy
limpa pera poder surgir porque he to-
da parcelada de area / e tem de fundo
25. 30. 40 braças / E poderme ei chegar
á terra te 5. 6. 7. 8. legoas e quando ãdar







de longo da terra andarei hũa praia
muy grande de area, e junto com o mõ-
te que sae ao mar mais que todolos ou-
tros, ay hũa Ylheta que parece poço
sem a ver.

Da banda do noroeste atras ay outras
duas Ylhetas de pedra, muy rasas
cõ o mar, E como for a lesueste ou o
esnoroeste desta ylheta mayor, E olharei
contra o nornoroeste e verei as outras du-
as peq̃nas, e se olhar cõtra oeste verei hũ
monte afastado hũ pouco do mar muy
alto a pique / e mais á banda do Sudueste
verey hũa montanha muy grosa e alta q̃
não se mete entre ella e o mar senão terra
cham chea de aruoredos / e mais adiante
pella costa alem do dito mõte que sae ao
mar, verei hũ mõte muy alto e muy agu-
do obra de 6. 7. legoas adiante, e este verei
se andar 4. ou 5. legoas da terra o qual
mõte está em altura de 21. hũ grao e aly
fenecem todas as Serras grãdes que vẽ
da banda do nordeste / e da aly começa ou-

tra terra chaã q̃ tem alguũs mõtes agu-
dos e altos / e dahy parece outra mõtanha
grande e muy alta e grosa q̃ esta em 22 g̃os
que se chama a Serra de Sãto Andre / em q̃
ay hũa restinga que entra dentro no mar
3 ou 4 legoas e he todo banco de area
e darlhei aquelle Resguardo que me pare-
cer / que logo verei na Serra de Sãto An-
dre / hum piqo muy alto como hum Cas-
tello / e este he o mylhor Conhecimento
que se tem. ay muy bom mar pera Surgir
muy limpo de areas / e assi mesmo fica
da banda do nordeste hũa montanha
muy grande / e mto grosa com hũ piqo muy
agudo e delgado todo a ourella do mar
aruoredos de palmas e de outras manei-
ras de aruoredos / E defrõte desta mõ-
tanha grosa que se chama de Santo An-
dre ay duas ylhetas que aparecem, por
q̃ estão / E em hũa ay agoa / E em outra
não / e terey aviso que me não perlõgarei
da terra ao Sul obra de 3 ou 4 legoas







que me pareça da terra obra de 12 lego-
as ao mar / E entam gouernarey ao Su-
dueste, te que veia outra mõtanha / muy
alta e muy comprida que tem mtos picos
agudos e Redondos / E pella banda
do Sudueste della no Cabo estão tres
montanhas muy altas e agudas / e jũ-
to com a montanha que esta á banda do
nordeste / acharey hũa terra muy chaã
e muy baixa ao longo do mar chea de
aruoredos e apartamẽtos que parecẽ
ylletas / e a rezão porque me ey de arre-
dar da terra de 21 grao / he por respei-
to que he muy baixo o fundo tem hũa
Restinga muy maa que vão mto ao mar /
E posto do este caminho que andara a-
charey sẽpre 15.20.25.30. braças, que
será jũto cõ a terra q̃ se diz de Sãto An-
dre aqua he a que tem tres montanhas
altas / E saberei que o meo destas duas
montanhas esta em 22 graos / E ali ha
duas ou tres ylhas ao longo da terra

as quaes estão / pera abanda do Sudues
te da montanha cheas de aruoredos e estas
tres ou quatro montanhas dabanda do Su
dueste da Serra de Sãto andre ha hũ pico
agudo e alto o qual parece Ser hum Cas
tello / e toda esta Costa destas montanhas
he tudo praya de area muy branca / E
tem em alguãs partes assi como ylhe
tas de matas / E tudo ao longo da Costa
he limpo pera Surgir e não terei receo
de me chegar á terra senão do que vir /
que pera tras ha muitos baixos Ruyns /
ao que devo dar grande Resguardo á terra
E tanto q̃ me demorar o dito piqo Re
dondo ao noroeste verei huãs ylhas
ha banda do oesudueste ao longo da Cos
ta ali posso entrar de longo dellas dabã
da do mar.

Dabanda do esudueste ha huã q̃
se diz de São João e se quizer Sur
gir antre ella e a terra tãto q̃





16

me fique a ylha ao Sul / e estarei bem che
gado a ella / E ha entrada e dabanda do
nordeste / entre ella e a outra ylha peq̃na
E não terei receo de Cousa alguã senão
do que vir / E logo me demorará outra
terra ao Sul que he a ylha do Cabo frio
que parece terra firme / Com terra do
cabo / E da banda de dẽtro do cabo frio
ha huã bahia grãde que se chama do Sal
uador aquem ou ao norte do dito Cabo /
onde podẽ entrar naos e surgir / E na
ylha do Cabo frio de dẽtro do cabo se
pode surgir em limpo / este cabo está
em 23 graos daltura / e delle ao Rio
de Janeiro ha 12 legoas por costa de
reita de leste oeste / e tem o Cabo esta fi
gura abaixo /

Aldeas

terra q̃ vai do Sp̃u santo

Aberardo Cabofrio ao Rio de Sa
Corcma (aloeſte como digo que corre
a coſta) quatro legoas / E delle as
Ylhas de Maricaha (que eſtaõ hũa
legoa em ea da Coſta) outras quatro
legoas / E dellas a entrada do Rio
de Janeiro ha outras quatro legoas,
tem eſte Rio de Janrº a entrada (en-
treas duas põtas que faz a boca hũa
lagea de pedra marmor que de largº
tem 7. palmos. e de cõprido. 10. b.
laua o mar. e cobrea de todo de
pleamar / tem ao mar tres ou qua-
tro Ylhas. e dentro muytas co-
mais claramente se vera na de-
moſtracão. ao diante / e eſta a boca
deſte Rio em altura de 23. graos
e hum terco / entrão por elle ao
norte. e ainda q̃ lhe chame Rio.
he bahia / e nelle entrão mtos Rios

Verei aviso que estando e aaltura do
Rio de Ianeiro/hindo do Cabo frio pe
ra elle, verei pella terra dentro huãs
Serras mto altas Como Orgaõs huũs
altos/outros baixos /evendo os direi
que estou sobre o rio de janeiro·/.
Da barra deste Rio ao Sursudueste esta
jũto aomar hũ mõte mto alto que aos
que o vem parece hum pão da Sucar

E semeachar á terra verei huũa
ylha mto redonda/dabãda do
Sul do Rio de Janeiro/escal
uada ealta/· Deste rio ha Angra dos
Reys há 15. legoas/ebo he nam me
meter em terra nem mechegar aella
senão ouver muita necesidade/cen
tam Com muito Resguardo /E par
tirei deste Rio de Janro/avẽdo de hir
pera São vicente) Aloesudueste, eao
Sudueste/eá quarta daloeste/e tanto
que vir huã ylha grande que secha







ma de São Sebastião/entenderei que
levo feito boa viage/ E da banda do
Sudueste della outra ylha pequena
mais alta/· q̃ sechama/dos Alcatrazes
tem baixos guardarmei delles cõ
me não chegar mto aella da banda de
leste/E daqui poderei hir aloeste
pera Sam viçente/e assi hirei á ver
bista da Sua bahia /E verei huã ylha
que sechama damulla/esta ylha pe
ra entrar em São vicẽte/deixalaei
abanda de leste/E sta abarra de São
Vicente em. 24. graos/E quãdo
estiver ajulauẽto desta barra eboca
destabahia de São Vicẽte/verei outras
ylhas muitas/E verei huã aomar
que esta 6. ou. 7. legoas/esta são
as conhecenças que ha hindo pe
ra São vicente /esta ylha quedigo es
tá noroeste sueste com aboca da
bahia de São Vicente /como se segue/

E da banda do Sudueste do porto
está hũa praya de area branca / E da
banda do nordeste he tudo pedra
ao longo do mar / E saberei que da ẽ
trada deste porto da banda do nor
deste esta hũa mata de aruoredo jũto
com o mar alta / E da banda do Su
dueste esta outra / e he larga a entra
da / e alto fundo / e hirei surgir contra
a bãda do noroeste / e acharei vaza /
E dẽtro estão duas ylhetas e ficar
me-ão da banda do boborda da nao
e surgirei em . 5 . ou . 6 . braças / E da
banda destibordo junto com hũa
mata esta hũa agoada que vem ter
a hũa praya pequena que ali esta
e daquella banda não há outra praia
senão aquella até sahir fora da bar
ra / e tudo he pedra de longo da ma
ta / e estarei tão perto da agoada que







bem poderei ouvir fallar hum homem, e
da banda do noroeste vay hũa praya
muy grande pera a parte de Oeste. E
avisar-mey que não passe da outra bãda.
Saluo se for em meo da bahia porque
he suio / E se caso fosse que estiuesse
ao Sul deste porto logo verei pera a
parte do Sudueste hũa ylha gran
de ao mar / E se nam conhecer bẽ
o porto verei que tem hũa serra
grãde sobre si e que corre leste oeste
e me ficara outra da banda do Sudu
este que se chama Serra de Santa
Elena / E este porto de Sam Vi
cente como atras digo esta em
24 . graos daltura /

Seguense os sinaes, avisos, demos
trações, alturas, derrotas e caminh
os, que ha do cabo frio ate o estrei
to de Fernão de Magalhães.

Querendo hir pera o Rio da prata e par-
tindo do Cabo frio ou do Rio de Jan[eir]o
hirei ao Suduește a ver vista day-
lha de Sãta Caterina que está em 28 graos
daltura / he hũa ylha de aruoredo baixa / a ter-
ra firme alta com alguãs aruores corre a ylha
norte sul á quarta do Suduește tem porto
da bando do Sul della, entrão a loeste e vão sur-
gir ao Suduește em hũa bahia muy segura
de todo tempo e capaz de armada / e pode
ynuernar por a terra ser pera ysso. bom
gentio / como o he quassi em toda aquella
Costa / principal os que cham os patos /
tem mantimẽtos fruitas. galinhas e mui-
ta cassa veados, porcos, pacas. cotias
tatus. coelhos / como há em toda a ter-
ra do Brasil. e chamase porto de dõ Rodrigo /
E da ylha de Santa Cat[ari]na partirei á quarta
do Sul até aver vista de tres ylhetas que
estão na boca de hũ rio / a que chamão de Mar-
tim a[fons]o de Sousa / nas Cartas / em altura de 31
graos daltura. E partindo ao Susudueste
averei vista de hũa ylha pequena que pa-
rece como cella de cavalo estara de hũ
Cabo que faz a terra firme tres legoas / E

Chamase esta ylha de Castilhos

della por costa de arcas com muitas aruo-





21

res / e pella terra dẽtro alguũs mõtes / E
desta ylha ao Suduește á quarta do Sul
14 ou 15 legoas averei vista de duas ylhas
afastadas de terra firme tres legoas / sam
baixas como a mensa / ha terra dellas sur-
gimõ em 35 braças em vaza. E tre ellas e
hũ Cabo que chamão de S[an]ta maria em
altura de 35 graos / E dellas hindo ao ca-
minho do Suduește á quarta do Sul 15
legoas sempre a vista de terra alta de mõ-
tanhas / e limpa de baixos / somẽte me guar-de
em toda esta terra do que vir / averei vis-
ta de hũa ylheta pequena lança ao Sudu-
este hũ paracel hũa legoa de terra / a que cha-
mão das Coruinas / e o cabo que alli faz a
terra firme / se chama tambem Cabo de Co-
ruinas / e alli tãbem he Cabo da terra alta /
e montes que alli fenecem e se acabão /.

Entrarey pello Rio da prata, e dentro
do Cabo de Coruinas a loeste esta hũa ba-
hia em q[ue] estavam tres naos ao socairo de
hũa baixa / E dali 60 legoas esta buenos
ayres / e pera hir a elle hirey á vista de Ilha
de flores a loeste e por antre ella e a terra / não
podẽdo mais verei o arrecife antes do m[ont]e

de Santo Ouidio junto ahum rio aquecha-
mão de João de Solis, do qual monte e rio
ha Ilha de flores, há doze legoas / E desta
mesma ylha, á ylha de Coruinas atras 21.
legoa, / E deste monte de Santo Ouidio
ao suduaeste hirei saluando o pracel q
esta antes das ylhas de São Gabriel / e co
meo caminho de Sãto Ouidio, pera as di-
tas ylhas de Sam Gabriel / que ha de hũa
outro 15. legoas, e hirei pello Sul do dito
pracel ao noroeste aquarta do oeste qua-
si ate junto das ylhas de Sam Gabriel / e
dellas abueno aires ha 8. 9. legoas a ca-
minho da loesuduaeste / este buenos ayres
he hũa Cidade de castelhanos / a primeira
do peru, hindo por esta parte / como ve-
mos do brasil / e terey auiso que depois
que partir da ylha de Coruinas he ne-
cesario que va sempre com o prumo na
mão por ser muyto baixo e perigoso./

A pōta de Santo Antonio he a que faz
a boca do Rio da prata da banda do Sul / cor-
rese com a da banda do norte que chamão
C. de coruinas nornordeste susudueste / e
está em altura de .37. graos. he terra mui
baixa / e tem muitos medãos de area
e alguãs matas muy pequenas / ao longo
do mar muitas areas Correse a costa aqui
atee quatro sinqo legoas norte sul / e junto
com o mar ha matas de aruoredo baix[o].
E ali faz a costa huã enseada pequena /
e junto com esta mata pera a parte do
Sul se faz hũ Cabo muy baixo / ao qual cha-
mão de Santa Apelonia / este Cabo tem
da bãda do Sudueste muitas areas / E
dali em diãte se Corre a costa nordeste
sudueste e ay muito bom fundo pera Sur-
gir em toda esta Costa / E ha por aqui e
todaella .9. 10. 11. braças / a tres e
a duas legoas de terra / e corrẽ aqui as
agoas muito de montantes e de jusantes
as quaes mõtantes vem do Sudueste /
Toda esta terra tem por sinal ser no Sertão.







muito baixa e ao longo do mar alguã cousa
mais alta / posto que junto ao mar são are-
aes e tem alguãs matas pequenas por
antre as areas / e costa que nella não ha
mais que o que se ve / e he toda terra bai-
xa e areaes / e chamase terra dos fumos
Adiante desta terra dos fumos obra de
doze legoas pera o Sudueste / verei mui-
tos mõtes de areas junto com o mar
entre os quaes ha alguns que parecem
mõtes de trigo / por serẽ redõdos e te-
rem mãchas de area ao longo da Costa
e he toda boa pera se poder Surgir / e bem
me poderei chegar ate ate .3. 4. legoas
he terra de muita pescaria / Corrẽ aqui m-
uito as agoas / E ao diante destes mõtes
obra de sete legoas he terra delgada e
baixa ao logo do mar / e no cabo della a-
charei outra mais alta hum pouquo / e ao
delongo da costa bem Seis legoas / e no pri-
cipio della da bãda do nordeste tem hu[m]

monte altosinho. e tẽ alguãs barretas de
areas / e verei que no acabamẽto della e da
bãda do Sudueste tem outro mõtesinho
e atras huã legoa do mõte cõtra o nordeste
verei que pera aparte do noroeste / verei
dentro do Sertão / huã lomada de huã se
rra não muyto alta / mas he mais alta te
rra que a de jũto do mar / e durara esta loma
da desta terra sinco legoas / em fronte des
ta serra posso Surgir ao mar / porque tẽ
muy bõ fundo e he limpo · tãbem aqui
Correm as marés e ha m^to^ boa pescaria.

E quando for tãto avãte como esta
Serra, hirei asima á gauea e verei cõtra
aparte do Sudueste huã terra m^to^ baixa
que durara como quatro legoas · ou sinco
e tem hũ mõte pequeno junto com o
mar. e do dito monte obra de tres le
goas pera diãte verei huãs areas brãcas
e sendo caso que seia tanto avante como
o sobredito mõte / que serei noroeste su
este co elle verei toda a terra de areas
e alguãs aruores pequenas em matas.







mas mais são areas que aruores / e defrõ
te desta terra poderei surgir sem temor
nenhũ / e esta costa se corre nordeste su
dueste e toma hũ pouco da quarta de
leste oeste / e hindo assi pella costa delõ
go acharei m^tas^ areas pella terra / e ao di
ante destas areas obra de duas ou tres
legoas acharei ser a terra de lõgo do mar
algũ tãto mais alta e sondãdo neste cami
nho acharei 15 · 20. braças / e serei tres
ou duas legoas de terra / e as vezes venta
o vẽto de sima da terra / e vem em refei
gas / e he mui nesesario ter nisto bom
viso e resguardo. E mais adiante desta
terra q̃ asima digo obra de huã legoa
se comeca huã serra muy delgada e
baixa / e vai de longo da Costa 4 · 5 · lego
as e tem alguãs areas / e está esta terra
em altura de · 30 · graos e hum quarto
e verei aqui nesta terra hũ mõte peq̃no
cheo de aruoredo / e ao diante delle pera
aparte do Sudueste verei huã lomada de
areas e antre ellas alguãs aruoredos peque
nos / e nesta parage acharei agoas más

oria lforcas/ aq̃ ha m.ta pescaria de Cacoes
e parguetes/ e corre muito as agoas /.

E pera diante desta terra ao Suduest
verei hum mõte nam muito grande todo
cheo de arvoredo digo de areas e esta junto
cõ o mar e deste mõte pera diante contra
o esuduest acharei hũa terra toda de
areas brancas que durara hũa legoa e no
fim destas areas verei hũa terra de mui-
tos arvoredos/ e são rasos com a terra
e vai assi fazendo alguũs montes peq̃nos
de longo da costa e olhando pera o sudu-
este verei hum monte groso junto com
o mar e tem alguas areas a modo de bar-
e nesta costa ha bõ fundo e limpo/ e nam
averei medo senam do que vir/ e terei aviso
que se nesta parage me acalmase o vento/
convem que mõtante devo de surgir. por nam
tornar atras/ E passando o dito mõte
pera diãte ao esudueste/ verei que a terra
he mais grossa algũ tanto/ que aq̃ atras
fica e tem alguũs mõtes peq̃nos de lõgo
da costa/ e chamase esta terra fremosa
co mõte que atras digo chamase o mõte





25

das areas/ e nesta terra fremosa esta ou-
tro mõte que esta sobre a terra do mar
e jũto a elle alguãs manchas de areas
branca/ e logo mais pera diante verei a
terra que se vai fazendo mais baixa/ e
darei em menos fundo que o que atras
digo e verei a agoa ser muy branca /.

E hindo nesta parage como der em onze
braças lançando o plumo farei meu ca-
minho ao Sul ate ser em altura de 40. gos
porque neste meo ha muito baixo e muito
maos e durarão bem de longo da costa
quinze legoas/ e botão estes baixos ao mar
5. 6. legoas da terra/ e dentro destes baix-
os ha hum Rio q̃ se chama de São Thiago/
E da banda do nordeste destes baixos ha
alguãs ylhetas de arvoredo alagados/ e ha
de longo alguãs Coroas de area/ que Rebẽtão
de baixa mar e estam estes baixos em altu-
ra de 38. graos e tres quartos ate 39.
e hũ quarto/ e como der nas onze braças
farei o Caminho do Sul que ja tenho di-
to/ e como for em altura dos 40. graos

e se me for necesario hir demãdar a terra
bem poderei hir á terra sem Receo nenhũ
e acharei que a costa vay destes baixos sem
pre ao Sudueste / ate hũa bahia q̃ se chama
de São Mathias que está em altura de 42.
graos / e hindo por este caminho. Irey por
35. 40. braças / e acharei pescando a ver m.tas
pescadas e bóas / e se for caso que va deman
dar á terra / verei ser terra alta / e ter alguãs
aruores / e está em altura de 41. graos / E se
for de longo desta Costa / ate ser em altura
de 42. graos. verei hũa terra alta de longo
do mar / e ten alguãs manchas de area bran
ca / e he cortada a pique até o mar / e vay fazẽ
do alguãs quebradas pello meo / e vay esta cos
ta assi alta até hũa boca de hũa Bahia grãde
a qual boca verei de Cima da Gavea melhor
e mais claramẽte / e tera a boca bem hũa le
goa de largo / e quasi a ẽtrada nornoroeste su
sueste / e da bãda do Sudueste tem hũa te
rra alta Cortada a pique ate a praya / e he
quasi toda de barreiras / e da bãda do norde
ste está a terra alta e faz hũas tres pontas



ROTEIRO DE TODOS OS SINAIS



de terra cõ suas enseadas / e ha pella entrada
desta bahia de fundo. 18. 20. braças / E da ban
da de bobordo ẽtrando pera dẽtro verei hũa
terra muito rasa jũto cõ o mar / e terra esta
bahia de largura de noroeste sueste bẽ 8. 9.
legoas / e he quasi redonda e faz m.tos escarceos
de agoa q̃ parecem baixos e não no são / e ha
dentro desta bahia 70. 80. braças. E não ha
agoa alguã pera beber / nẽ outra que seja / nẽ
lenha / pescão nella m.tas pescadas. não tem
nenhũ Surgidouro. saluo se for á entrada da
terra baixa / que fica cõtra bobordo. porque
alli se faz hũa enseada muy boa / e tem bom
fundo ao que parece / e por aqlla parte tẽ
algũ mato e lenha / e tãbem podera ser a vez
alguã agoa que he (como digo) o de que carecẽ
as outras partes della /.

Saydo desta bahia de São Mathias po
derey hir de lõgo da Costa sem temor algũ
de baixo nẽ banco / saluo de hũa baixa que
se diz a baixa perigosa que está cõ a põta de
São Lourẽço nordeste sudueste e 4.a de
leste oeste / e está da ponta bem 3. 4. lego
as Contra o nordeste / e a 4.a de leste / e hindo /.

assy delongo da Costa desdaboca dabahia
acharei que aterra vem todaalta aolongo
da Costa / E he Cortada apique ate omar
etem muitas barreiras brancas dearea / e
vay delõgo da Costa / huã praya toda de
area / E hindo assy delongo desta Costa q̃
Corre nordeste Sudueste / verey que pare
cem hũs montes / ehũ delle agudo / eater
ra domar baixa / epella costa alguũs arreci
fes depedra / epella banda do sudueste
verey huãs Serras altas Com alguãs man
chas brancas / edella atee omar he aterra
cham / E em sima das Serras sefazem alguãs
quebradas devalles pequenos / E ha nesta
paragem huã Ilheta pegada com aterra /
E nque ha m.tos lobos marinhos / e grandes
e ha poraqui muy bom fundo pera Surgir e
muita pescaria / estão estas Serras em al
tura de 43. graos e dous terços / e chamã
lhe as serras de Santaclara / E hindo a
ssi delongo da Costa verey verei huã põ
ta que sae ao Sul e a 4ª. do Sudueste / e
aqual ponta esta hũ mõte pequeno jũ
to com omar / e he ruyuo quãdo o Sol da







nelle / e quer parecer Ilha, e dedẽtro da
põta dabanda do nordeste tem huã ense
ada / e antes que chegue a ella, acharey hũs
arrecifes depedra que vão de longo da
Costa / e antre elles alguãs prayas peq
nas / e sendo tãto avante como aense
ada, verey pella terra dẽtro huãs Se
rras altas / E ha parte do nordeste jũto
com aenseada ha dous ou 3. mõtes to
dos escaluados sem mato algũ / e faz se
antre elles hũs vales que decem con
tra aenseada / E as serras altas q̃ asima
dise me demorarã aoeste / esta he apõ
ta que se chama de São Lourenço e
esta em altura de 44. graos / e toda esta
terra he pouoada pello Sertão de gẽte
Saluage / e andão pellos Campos co
mo alarues / e mantense e comem
das alimarias brauas / .

E da põta de São Lourẽço pera diã
te se corre acosta norte sul bem. 14.
legoas / e dali ate estar em altura de 46.

graos he o meo / E se corre a costa noz
noroeste susueste / e no acabamẽto della tẽ.
estes Sinaes he toda terra alta e corta
apique ate o mar / que he cõtra abanda
do noroeste e tem muytas barreiras brã
cas / e he o fundo alto e sujo / ha nesta par
te muitas gaivotas grãdes / e ha alguãs
balças grandes por esta costa / e sam de
huãs ervas muy largas / e andão pello mar
arrancadas / e como for tãto avante
como o meo da põta 3: ou 4 · legoas
ao mar e verei contra o Sudueste hũ
morro alto talhado apique junto ao
mar e he todo branco de area / e sendo
tãto avãte como o dito morro verei cõ
tra aparte do Sudueste huã põta de huã
terra delgada jũto ao mar e esta põta
esta no acabamẽto da terra / e chamase
a terra de Marco a qual esta terra faz
huã descaida / e della se começa a ter
ra delgada que asima digo / a qual tem
alguãs barreiras brancas de area / e fa
zem estas barreiras antre huas e outr
as







as alguũs valles pequenos / e hindo assi
acharei huã serra pequena mto baixa q
sae jũto cõ o mar / co acabamẽto de toda
esta terra de Marco esta hũ mõte redõ
do darea branca / e faz hũ valle antre elle
e a outra terra / E dali dece a terra chã
pera o mar / e ao longo do mar esta huã
praya e alguãs pedras que querem pa
recer casas e nao são e estam junto cõ
o mar /.

E quãdo for tãto avãte com a dita põta
verei cõtra aparte do Sudueste huã serra
que corre de lõgo da costa e tem alguãs
manchas de area / e he toda esta costa su
ja pera poderẽ surgir nella / e hindo assi
acharey dous montes pequenos jun
to com o mar, e tẽ huã terra junto cõ
elles mto baixa. e destes mõtes pera dian
te vay a costa pera o Sudueste / e defrõ
te destes montes no mar ha huũs bai
xos que vão desda ponta dos montes

e entrão no mar/e por espaço de duas lego
as pera dentro/e pera o mar/e Saem em
leste/e deuo darlhe resguardo em meu Ca
minho/e apartarme da terra/e chamanse
estes mõtes os mõtes dos baixos/e fase
ali a terra como hũ boqueirão./E assi des
tes mõtes pera diante. obra de dez doze
legoas/verey huãs ylhas peq̃nas/as
quaes são quatro chanellas muitos lobos
marinhos e huãs aves tão grãdes como
pavões/e não tem penas nas asas/e
andão no mar a buscar de comer/e Cri
am nestas ylhas e he muito boa Carne
e tomãse ás mãos/e são tantas que he
maravilha/e como digo asima ha muitos
lobos/e da parte do nordeste/e do nor
nordeste tem muito bom Surgidouro
e limpo. de 15. 20. braças largo da terra
firme/e na terra estão hũs montes ju
to cõ o mar q̃ parece que foram queima
dos/e querem parecer Castelos que estão
Caydos/e terei aviso que não surga ao
de vir que ha ervas que se achão no mar/
porq̃ estão todas areygadas em pedras.







E surgirei aonde a achar limpo/e tambẽ
nestas ylhas ha mexilhoẽs/e tem esta
Costa por nome dos trabalhos/e as ylhas
chamãse ylhas dos trabalhos digo dos
patos.

E passando as ditas ylhas/Comeca a cos
ta a hir ao esudueste obra de sinco e seis
legoas e hindo assi de lõgo da costa verei
terra alta e cortada a pique ate o mar, e tem
muito arecifes de pedra de lõgo da Costa/
e he toda a costa por alto sem baixos. Sonte
os que vir e hindo assi de longo da costa
verei pella terra dentro junto com o mar
hũs picos de pedra que querem parecer
castellos e sam ruivos/e jũto cõ elles da bã
da da loeste/verei huã angra a qual tenho ja di
to/e ali ha outras 3. ou 4. Ilhas pequenas/e
dentro na Angra em sima destas pedras que
pareçem castelos esta huã Cruz./E no ve
rão vem a esta angra mta gente da terra q
dece ao mar á mariscar/que ha muito marisco
e bom/e no mar muitos lobos marinhos jũ
to na angra e pello mar ate mea legoa da

toda da Angra/ e aq esta hũa baixa m.to perigo
sa q̃ não rebentaa [illegible] ha muito tempo/
e ha nella duas braças/ e esta cuberta das a
guas que asima digo/ e auisar me ei que por ne
nhũ caso deua de surgir na dita angra
porque he m.to desemparada aos tempos
e contra oeste verey hũs mõtes altos/ os
quaes me serão bom sinal pera conhecer
a dita Angra e auisar me della/ mas junto
cõ ella verey hũa praya brãca/ e por toda
esta costa verey a ver poucos matos e
aruores/ E y sendo caso q̃ seia tãto avãte
com hũa ylha que me ficara ao oroeste sueste
e por ser não muito alta vella ey da gauea por
tambem estar peguada com a terra/ e ficar
me ão ao noroeste alguãs ylhas mais ao mar/

E hindo tãto avante como esta ylha q a
sima digo estar pegada á terra/ verey hũ
pouco alem della hũa ponta baixa que
tem algũs arrecifes de pedra/ e desta pon
ta pera diante verey hũas serras altas
que vão de lõgo da costa/ deuo me de me
em mar por q̃ ha nesta costa m.tos baixos







e muy maos que estam aredados da costa
a 4 · 5 · 6 · legoas · jr mey põdo em 48 · graos
e dous terços/ e então hirey reconhecer a terra
e auerey vista de hũas serras m.to altas/ e em q̃
verey hũ mõte muito alto e redõdo/ e mais
adiante jũto cõ elle verey outros tres mon
tes · e chama se este mõte xpõ e da banda
do noroeste me ficara outras serras altas
porem nam tanto como estas/ e vay esta
costa/ desda põta que asima digo nordes
te sudueste ate o porto de Sam Juliam/ e
tambem por esta costa correm as agoas
de mares/ e tãto que eu ouver vista/
do Monte xpõ/ logo hirey demandar/
o porto de Sam Juliam/ se tiuer nesecidade
e ali me ficara o mõte a oeste/ E sendo ca
so que seia ja com a terra que esta abaixo cõ
o mar verey hũa praya de area que me
ficara da banda do norte/ e tambem verei
hũas barreiras brancas pella parte do su
dueste/ e hindo assi de longo desta terra
se for caso que vente norte bem poderey
surgir 2 · ou · 3 · legoas · da terra/ que tudo
he limpo · e acharey · 20 · 25 · 30 braças ·

E terey aviso que desque vir huas barrei-
ras brancas huas ha parte do norte/ cou-
tras ha parte do Sul/ as quaes barreiras
poderam estar do Monte XPo, obra de du-
as legoas/ e pella tera dentro contra o Su-
dueste/ digo o esudueste verey huas Se-
rras altas e nas quaes Serras pera a par-
te do Sueste verey hũa Serra pequena
que tem em sima como hũa mesa/ E
tambem ẽ baixo verey huas barreiras brã-
cas grandes que tambem me demorarão
ao esudueste/ e logo verey fronteiro des-
tas Serras/ na Costa hũa enseada que
se faz antre as barreiras q̃ ja dise asima/
e se faz norte sul/ E faz esta entrada desta
enseada em altura de 49. graos e hum
terço/ e aqui dentro entra o porto de São
Julião a qual entra m̃to pella terra dẽtro
a qual entra até as barreiras brãcas que
ficão ao esudueste/.

E saindo deste porto de Sam Julião
hirey na volta do mar 20. 30. legoas
Mandarei gouernar ao Sul e susudueste
até me por em altura de 52. graos e meo.







tendo ventos largos fauoraueis farei via-
ge até me por ẽ maltura do estreito que he
a que atras digo de 52 ½. se o vento for sues-
te. e lesueste por mee ey em 53./ E se o ven-
to for noroeste, nor noroeste, por mee ey em
52. graos/ E por qualquer destas alturas
e sendo o tempo/ qualquer dos que digo. hirei
demãdar o estreyto/ com muyta vegilancia
porque saiba quando estou cõ terra por que
da parte da terra do norte tem perigo
por hũ pracel q̃ bota ao Mar/ o cabo q̃ se cha-
ma da virgem Marya/ a que tambem cha-
mão vitorioso. porque sendo de dẽtro
delle fica a viage do estreito vitoriosa e
ganhada/ E da parte do Sul hũs bayxos
e hũa terralta a que corem as agoas com
furia do estreyto. a q̃ chamão de Jhus. os
quaes cabos de hũ ao outro ha 10. legoas
E entrarei sem medo/ quando ja entrar
como em hũa Bahia de largo dez legoas
e até chegar ao estreito/ ha dos cabos outras
dez legoas até chegar/ ao que verdadeiramẽ-
te chamão estreyto de fernãdo de Ma-
galhães o qual he tão estreyto que não.

tem mays q̃ mea legoa escaça / Da banda do
norte verey hũas montanhas quebradas
Com algũs arvoredos / e da banda do Sul
hũa terra baixa a partes / mays alagadiça
que montuosa / tem cõ muita vegia andado
50 . legoas dando resguardo á Maré q̃
no dito espaço de Caminho se me ha de
acabar áque vay do mar do Orietal / por
melhor dizer a com que eu vou / E dan-
do resguardo a hũas ylhetas que sem
boa viage me devem ficar á parte do Sul
junto / digo defronte de hũa ylha junto ao
Cabo da Revuelta / ao Socairo daqual po-
sso surgir se for nesessario esperando pella
maré que torne do mar do Sul / ali sub-
rey a mays altura farei Caminho de
loesnoroeste como 7 . 8 . legoas fazẽdo
salva a hũa ylha que me ficara a hum
Cabo da terra do Sul / hirei ao Sudueste
por muyto estreito / e depois como o pri-
mo na mão / e a proa aloeste / e aloeste a
quarta do noroeste / e aloesnoroeste / hi-
rei saindo pello estreito chegado me a ter-
ra do norte por ter mais fundo / como







o diz / por letra de hũ Cabo que esta aly
he terra baixa alagadiza / faz hũas y-
lhas a que chamam de Sam Pedro /
E sairey ao mar do Sul pello noroeste
e quarta do norte / E sayda fora Co-
mo 40 . 50 . legoas / se a viage for pera
tornar pello mesmo estreito / tornarei a
Reconhecer a terra / poque vindo de mar
em fora se não tiver os sinaes da terra
e entrada / poderei entrar por hũa enseea-
da que ao norte destas Ylhas de Sam P.º
e costa do peru esta / como o entrou hum
Castanheda / Cuidando q̃ ẽtrava pello es-
treito / E aynda que entrasse mais ao
Sul e não fosse pello propio estreito
poderia ser entrar por hũa Abra que
esta ao Sul que faz hũa ylha quasi Cor-
tada / as quaes entradas me farião m.to
perjuizo ha viage / E porque em partes
tam duvidosas / e em viage que deve ser
serta de marcarey a terra / a qual como
digo da banda do norte / e terra do peru

he baixa alagadiça de muitas ylhas / e co-
mo baixa nam avendo vegia / seria perigo
manifesto. E da banda do Sul tem hũa
terra alta ainda que não ao longo do Mar
Senão pella terra detro / e vay fogindo
a costa pera o Sul / E na põta do Sul
na entrada que deve ser boa do estreito
tem hũs baixos arenosos muito peri
grosos de que atras digo / ha saida do estrei
to me resguardaria estes e outros
mays sinaes que no demarcar da ter-
rra ha saida digo / que se avise a tornar
todos e os mays sam nesessarios por
ser grande o perigo no erro / e com
ysto ey por concluido este Roteiro
tam serto como necessario a esta na-
vegaçam / o que tudo de que temos fa-
lado em todo este proceso / figuras e de-
mostraçoes de terras costas aberta-
mentos e tudo o mays se verá nesta ul-
tima e derradeira folha e Carta / que
Contem toda a costa do brasil desdo
Rio das Amazonas ate o estreito de





33

que acabamos de falar. e em sua figura
Como tambem por parte se mostra abai-
xo.

Islas de San Pedro
tierra alagadisa
TIERRA DEL PERV.
TIERRA DEL FVEGO.
R: de san juan
Puerto de san Sebastian
CANAL DE TODOS LOS SANTOS.
tierra baixa
C. de Rebuelta
C: de Elizabet
Estrecho

## DESCRIÇÃO DO RIO DE JANEIRO. 1587

Esta capitania do Espírito Santo é rica de gado e algodões. Tem seis engenhos de açúcar e muitas madeiras de cedros e paus de bálsamo, que são árvores altíssimas: picam-se primeiro e deitam um óleo suavíssimo de que fazem rosários, e é único remédio para feridas. A vila é de Nossa Senhora da Vitória: terá mais de cento e cincoenta vizinhos, com seu vigário. Está mal situada em uma ilha cercada de grandes montes e serras, e, se não fora um rio muito formoso que lhe corre pelo pé, ainda fora mais manencolizada do que é, porque pouco mais vista terá que a do rio.

Os padres têm uma casa bem acomodada com sete cubículos e uma igreja nova e capaz. A cerca é cheia de muitas laranjeiras, limeiras doces, cidreiras, acajus e outras frutas da terra, com todo o género de hortaliça de Portugal. Vivem os nossos d'esmolas, e são muito bem providos, e o colégio do Rio os ajuda com as cousas de Portugal, como também faz às duas casas de Piratininga e S. Vicente, por serem a ele anexas e entrarem no número das cincoenta para que tem dote.

Do Espírito Santo partimos para o Rio de Janeiro, que dista ali oitenta léguas. Dois ou três dias tivemos bom tempo, e logo nos deu um temporal tão forte que foi necessário ficarmos árvore seca quási dois dias com muito perigo, por estarmos sobre uns baixos dos Guaitacazes, mui perigosos e não muito longe da costa. Ali estivemos a Deus misericórdia, e cada um se encomendava a Nossa Senhora quanto podia por vermos perto a morte. Deste perigo nos livrou Deus por sua bondade, e aos 20, véspera de S. Tomé, arribámos ao Rio. Fomos recebidos do padre Inácio Tolosa, reitor, e mais padres, e do senhor governador, que manco de um pé com os principaes da terra veio logo à praia com muita alegria, e os da fortaleza também a mostraram com salva de sua artilharia. Neste colégio tivemos o Natal com um presépio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal; e também cá Nosso Senhor dá as mesmas consolações e avantajadas. O irmão Barnabé Telo fez a lapa, e às noites nos alegrava com seu berimbau.

Trouxemos no navio uma relíquia do glorioso Sebastião, engastada em um braço de prata. Esta ficou no navio para a festejarem os moradores e estudantes como desejavam, por ser esta cidade do seu nome e ser ele o padroeiro e protector. Uma das oitavas à tarde se fez uma célebre festa. O senhor governador com os mais portugueses fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pífaros e bandeiras foram à praia. O padre visitador com o mesmo governador e os principaes da terra e alguns padres nos embarcámos numa grande barca bem embandeirada e enramada; nela se armou um altar e alcatifou a tolda com um pálio por cima; acudiram algumas vinte canoas bem esquipadas, algumas delas pintadas, outras empenadas, e os remos de várias cores. Entre elas vinha Martim Afonso, comendador de Cristo, índio antigo abaetê e moçacara, *scilicet*, grande cavaleiro e valente, que ajudou muito os Portugueses na tomada deste Rio. Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pífaros e frautas, com grande grita e festa dos Índios; e os portugueses da terra com sua arcabuzaria e também os da fortaleza dis-

pararam algumas peças de artilharia grossa e com esta festa andámos barlaventeando um pouco à vela, e a santa relíquia ia no altar dentro de uma rica charola, com grande aparato de velas acesas, música de canto d'órgão, etc.

Desembarcando viemos em procissão até à Misericórdia, que está junto da praia, com a relíquia debaixo do pálio; as varas levaram os da Câmara, cidadãos principaes, antigos e conquistadores daquela terra. Estava um teatro à porta da Misericórdia com uma tolda de uma vela, e a santa relíquia se pôs sobre um rico altar enquanto se representou um devoto diálogo do martírio do santo, com choros e várias figuras muito ricamente vestidas, e foi asseteado um moço atado a um pau; causou este espectáculo muitas lágrimas de devoção e alegria a toda a cidade, por representar ao vivo o martírio do santo, nem faltou mulher que não viesse à festa; por onde acabado o diálogo, por a nossa igreja ser pequena lhes preguei no mesmo teatro dos milagres e mercês que tinham recebido deste glorioso mártir na tomada deste Rio, a qual acabada deu o padre visitador a beijar a relíquia a todo o povo e depois continuámos com a procissão e danças até nossa igreja; era para ver uma dança de meninos índios, o mais velho seria de oito anos, todos nuzinhos, pintados de certas cores aprazíveis, com seus cascaveis nos pés e braços, pernas, cinta e cabeças com várias invenções de diademas de penas, colares e braceletes. Parece-me que, se os viram nesse reino, que andaram todo o dia atrás eles; foi a mais aprazível dança que destes meninos cá vi. Chegados à igreja foi a santa relíquia colocada no sacrário para consolação dos moradores, que assim o pediram.

Têm os padres duas aldeas de Índios, uma delas de S. Lourenço, uma légua da cidade por mar; e a outra de S. Barnabé, sete léguas também por mar; terão ambas três mil índios cristãos. Foi o padre visitador à de S. Lourenço, aonde residem os padres, e dia dos Reis lhes disse missa cantada, oficiada pelos índios em canto d'órgão com suas frautas; casou alguns em lei de graça e deu a comunhão a outros poucos. Eu baptizei dois adultos sòmente, por os mais serem todos cristãos.

Esta capitania do Rio dista da Equinocial vinte e três graus para o Sul, e da Baía cento e trinta léguas. É muito sadia, de muitos bons ares e águas. No verão tem boas calmas algumas vezes, e no inverno mui bons frios; mas em geral é temperada. O inverno se parece com a primavera de Portugal: tem uns dias formosíssimos, tão aprazíveis e salutíferos que parece estão os corpos bebendo vida. É terra mui fragosa e muito mais que a Serra da Estrela; tudo são serranias e rochedos espantosos, e tem alguns penedos tão altos que com três tiros de frecha não chega um homem ao chão e ficam todas as frechas pregadas na pedra por causa da grande altura; destas serras descem muitos rios caudaes que de quatro e sete léguas se vêem alvejar por entre matos que se vão às nuvens, e do pé de algumas destas serras até riba há uma grande jornada; são todas estas serras cheias de muitas e grandes madeiras de cedros, de que se fazem canoas tão largas de um só pau que cabe uma pipa atravessada, e de comprimento que levam dez, doze remeiros por banda, e carregam cem quintaes de qualquer cousa, e outras muito mais. Há muitos paus de sândalos brancos, águila e noz muscada e outros paus reaes muito para ver. Agora se descobriu um pau que tinge de amarelo, como o brasil vermelho; é pau de preço. É abundante de gados, porcos e outras criações; dão-se nela marmelos, figos, romeiras e também





trigo, se o semeam; a um grão respondem oitocentos e mais e cada grão dá cinquenta e sessenta espigas, das quaes umas estão maduras, outras verdes, outras nascem; também se dão rosas, cravos vermelhos, cebolas-cecém, árvores d'espinho, todo género d'hortaliça de Portugal; as canas também se dão bem, e tem três engenhos de açúcar; enfim é terra mui farta.

A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma baía que bem parece que a pintou o supremo pintor e arquitecto do mundo, Deus Nosso Senhor; e assim é cousa formosíssima e a mais aprazível que há em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Mondego e Tejo; é tão capaz que terá vinte léguas em roda, cheia pelo meio de muitas ilhas frescas de grandes arvoredos, e não impedem a vista umas às outras, que é o que lhe dá graça. Tem a barra meia légua da cidade, e no meio dela uma lágea de sessenta braças em comprido, e bem larga que a divide pelo meio, e por ambas as partes tem canal bastante para naus da Índia; nesta lágea manda el-rei fazer a fortaleza e ficará cousa inexpugnável; nem se lhe poderá esconder um barco; a cidade tem cento e cinquenta vizinhos com seu vigário e muita escravaria da terra.

Os padres têm aqui o melhor sítio da cidade. Têm grande vista com toda esta enseada defronte das janelas; têm começado o edifício novo e têm já treze cubículos de pedra e cal que não dão vantagem aos de Coimbra, antes lha levam na boa vista. São forrados de cedro, a igreja é pequena, de taipa velha. Agora se começa a nova de pedra e cal; todavia tem bons ornamentos com uma custódia de prata dourada para as Endoenças, uma cabeça das Onze Mil Virgens, o braço de S. Sebastião com outras relíquias, uma imagem da Senhora de S. Lucas. A cerca é cousa formosa; tem muito mais laranjeiras que as duas cercas d'Évora, com um tanque e fonte, mas não se bebe dela por a água ser salobra, muitos marmeleiros, romeiras, limeiras, limoeiros e outras frutas da terra. Também tem uma vinha que dá boas uvas, os melões se dão no refeitório quási meio ano e são finos, nem faltam couves mercianas bem duras, alfaces, rábãos e outros géneros d'hortaliça de Portugal em abundância. O refeitório é bem provido do necessário; a vaca na bondade e gordura se parece com a d'Entre-Douro e Minho, o pescado é vário e muito; são para ver as pescarias da sexta-feira, e quando se compra val o arrátel a quatro réis, e se é peixe sem escama a real e meio, e com um tostão se farta toda a casa, e residem nela de ordinário vinte e oito padres e irmãos, afora a gente, que é muita, e para todos há. Duvidava eu qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra se este, e não me sei determinar; quanto ao espiritual se parece na observância, bom concerto e ordem com qualquer dos bem ordenados de Portugal; e estes padres velhos são a mesma edificação e desprezo do mundo, e esta fruta colheram cá por estes matos sem prática nem conferências, e são um espelho de toda virtude, e muito temos os que de lá viemos para andar se havemos de chegar a tanta perfeição da sólida e verdadeira virtude da Companhia.

Nas oitavas do Natal ouviu o padre visitador as confissões geraes e renovaram-se os votos dia de Jesus, e aquele dia preguei em nossa igreja; houve muitas confissões e comunhões por causa da festa e jubileu. Por se irem acabando as monções dos nordestes quis o padre visitar primeiro a casa de S. Vicente e Piratininga

para na volta estar neste colégio de vagar; daqui partimos depois dos Reis para S. Vicente, que dista daqui quarenta léguas e é a derradeira capitania. Fizemos o caminho à vista da terra, e toda é cheia de ilhas mui formosas, cheias de pássaros e pescado (...)

Apud Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, S. Paulo - Recife - Porto Alegre, 1939, p. 304-310

Serie 5.ª — BRASILIANA — Vol. 168
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

FERNÃO CARDIM

TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL

Introducções e Notas de
BAPTISTA CAETANO
CAPISTRANO DE ABREU
RODOLFO GARCIA

2.ª Edição

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio — Recife — Porto Alegre
1939



Roteiro geral com largas informações de toda a costa do Brasil, e descripção de muitos de seus lugares, e em particular da Baia de Todos Santos.

FRONTISPÍCIO DO *ROTEIRO GERAL (NOTICIA DO BRASIL)*
DE GABRIEL SOARES DE SOUSA

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO: MS. DO BRASIL 50



Capitolo 50 e que se declara a entrada
Do Rio de Janeiro e as ilhas que tem de fronte.

Defronte da barra do Rio de Janeiro ao sul della quatro ou cinquo legoas estão duas ilhas baixas, e ao Noroeste dellas esta hu porto de area bem chegado a terra, onde ha abrigada do vento sul, sueste, leste, e norodeste, e como for outro vento convem fugir na volta do leste ou do norte, que serve para quem vem para o Reino, e quem ouver de ancorar aqui pode-se chegar a terra ate quatro e cinquo braças de fundo para ficar bem. E quem ouver de entrar no Rio dandolhe o vento lugar entre polla banda de leste. E sendo o vento Oeste vá polla barra doeste, pello meo do canal, que esta antre a ponta de caradeguam e a lagea, mas a barra de leste he milhor por ser mais larga e por cada huã dellas tem de fundo, oito ate doze braças, ate a ilha de viragalham, e quanto mais forem a loeste tanto menos fundo acharão, depois que passarem a ilha; e para a banda de leste acharão mais fundo em passando a ilha de Viragalham que se chama assi por ser este o nome do capitão frances, que esteve com huã fortaleza nesta ilha, que he aqui Mendoça tomou, e arazou. Defronte da barra deste Rio huã legoa ao mar della, esta huã ilha, a que chamão Maria redonda. E afastado della para a banda de leste esta outra ilheta a que chamão a ilha raza. E defronte destas ilhetas antre ellas e a ponta da lagea, estão tres ilheos em meo, e chegado a terra e a ponta da lagea, esta outra ilheta a que chamão Leribituba derredor da qual estão quatro ilhotes

Capitolo 51 e que particularmente se explica a Baya
Do Rio de Janeiro da ponta do pão dacuquar pa dentro.

He tamanha cousa o Rio de Janeiro da boqua para dentro que nos obriga a gastar o tempo em a declarar neste lugar para que se veja.

Fol. 38v da *Noticia do Brasil* de Gabriel Soares de Sousa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo: ms. do Brasil 50

Noticia do Brazil

&

Descripçaõ verdadeira da Costa da quelle Estado que he pertencente a Coroa do Reino de Portugal.

Sitio da Bahia de todos os Santos, fertilidade da quella Provincia, com relaçaõ de todas as Arvores, Animaes, Peixes, Bichos, Plantas e costumes dos Gentios

Muito Certa, e Curioza



Frontispício da *Notícia do Brasil* de G. S. Sousa. Biblioteca Nacional de Lisboa: F. G. 6903





DESCRIPÇAÕ GEOGRAPHICA

DA

# AMERICA PORTUGUEZA.



## PARTE PRIMEIRA.

*Em que se dá verdadeira noticia do seu descobrimento, situaçaõ, e demarcaçaõ.*

## CAPITULO I.

*Em que se refere, quem foi o primeiro descobridor deste Paiz: quaes foraõ os seus successores: onde está situado, e como foi descuberto.*

1. A America Portugeza está situada além da linha equinocial da parte do Sul: da qual começa a correr, junto do rio chamado das Amazonas, onde se principia o norte da linha da demarcaçaõ, e repartiçaõ, que discorre pelo certaõ até 45 gráos, com pouca differença.

2. Descobrio-se esta terra aos 25 dias do mez de Abril do anno de 1500; por Pedro Alvares Cabral, hindo por Capitaõ Mór para os Estados da India, mandado por ElRei D. Manoel, em nome do qual tomou este Inventor posse do descobrimento que fazia: e foi na parte, onde actualmente está a Capitania de Porto Seguro, e em outro tempo se chamou Terra de Santa Cruz; primeiro nome, que lhe poz o mesmo Inventor, logo que a descobrio, com o fundamento de ter nella mandado arvorar huma Cruz de excessiva grandeza: ao pé da qual em o proprio dia 3 de Maio, em que a Igreja celebra sua Invençaõ, mandou dizer Missa com a possivel ostentaçaõ, apparato, e solemnidade, que permittia o sitio, e a occaziaõ: revestindo-se de huma extraordinaria alegria, e permittindo todo o licito divertimento, em applauzo do grande jubilo que tinha.

3.

Pag. 47 da 1.ª edição incompleta da *Notícia do Brasil*, preparada por Frei José Mariano da Conceição Veloso. Foi publicada em Lisboa, sem frontispício próprio, no começo do século XIX, sob o título *Descrição geográfica da América Portuguesa*. Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 183 A.

# COLLECÇÃO

DE

## NOTICIAS PARA A HISTORIA

E GEOGRAFIA

## DAS NAÇÕES ULTRAMARINAS,

QUE VIVEM

NOS

## DOMINIOS PORTUGUEZES,

OU LHES SÃO VISINHAS:

PUBLICADA

PELA

## ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

TOMO III. PARTE I.



LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1825

*Com licença de SUA MAGESTADE.*

1.ª edição completa da *Notícia do Brasil* de Gabriel Soares de Sousa. Seguem-se em fac-símile as pags. 68-77. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 54-9-15







reiro se coalha a agua muito depressa, e sem haver marinhas, tirão os indios o sal coalhado e duro muito alvo, e ás mãoscheias debaixo da agua, e chegando-lhe sempre a maré sem ficar nunca em seco.

## CAPITULO XLIX.

*Em que se declara a terra, que ha do cabo Frio até o rio de Janeiro*

DO cabo Frio ao rio de Janeiro são dezoito legoas, que se repartem nesta maneira: do cabo Frio ao rio de Sacorema são oito legoas, e de Sacorema ás ilhas de Maricá são quatro legoas, e de Maricá ao rio de Janeiro são seis legoas, cuja costa se corre leste oeste, o qual rio está em vinte e tres gráos, e tem sobre si humas serras mui altas, que se vêem de muito longe vindo do mar em fóra, a que chamão os Orgãos, e huma d'estas serras parece do mar gavia de náo, poronde se conhece a terra bem. Este rio tem a boca de ponta á ponta perto de meia legoa, e na de lessueste tem hum pico de pedra mui alto sobre a barra, na outra ponta tem outro padrasto, mas não he tão alto, nem tão aspero, de hum ao outro se defenderá a barra valorosamente. No meio d'esta barra entre ponta e ponta criou a natureza huma lagôa de cincoenta braças de comprido, e vinte e cinco de largo, onde se póde fazer huma fortaleza, que seja huma das melhores do mundo, e que se fará com pouca despeza, com o que se defenderá este rio a todo o poder que quizer entrar por elle, porque o fundo da barra he por junto d'esta lagôa a tiro de espingarda della, e he forçado ás náos, que quizerem entrar dentro, hir á falla della, e não lhe ficará outro padrasto mais que o do pico de pedra, donde lhe podem chegar com artilharia grossa; mas he este pico tão aspero, que parece impossivel poder-se levar a cima artilharia grossa, e segurando-se este pico ficará a fortaleza inexpugnavel, e huma couza e outra se póde fortificar com pouca despeza, pela muita pedra que para isso tem ao longo do mar, bem defronte, assim para cantaria, como para alvenaria, e grande aparelho para se fazer muita cál de ostras, de que neste rio ha infinidade.

CA-

## CAPITULO L.

*Em que se declara a entrada do rio de Janeiro, e as ilhas, que tem defronte.*

DEfronte da barra do rio de Janeiro, e ao sul della quatro legoas ou cinco, estão duas ilhas baixas, e ao noroeste dellas está hum porto de area bem chegado á terra, onde ha abrigada do vento sul, sueste, leste, e noroeste, e como for outro vento, convem fugir na volta de leste, ou norte, que serve para quem vem para o reino; e quem houver de ancorar aqui, põe-se á terra quatro ou cinco braças de fundo para ficar bem, e quem houver de entrar no rio dando-lhe o vento lugar, entre pela banda de leste, e sendo vento oeste, vá pela barra do éste pelo meio do canal, que está entre a ponta de Cara de cáo, e a lagea; mas a barra de leste he melhor por ser mais larga, e por cada huma dellas tem grande fundo oito até doze braças até á ilha da Viragalham, e quanto mais forem ao loeste, tanto menos fundo acharáo, depois que passarem a ilha, e para a banda de leste acharáo mais fundo, e passando a ilha do Viragalham, que se chama assim, por ser este nome do Capitáo Francez, que esteve com huma fortaleza nesta ilha, que aqui tomou Mem de Sá e a arrazou. Defronte da barra d'este rio ao mar della está huma ilha, a que chamáo Maria redonda, e afastada della para a banda do leste está outra ilha, a que chamáo ilha Raza, e defronte d'estas ilhetas e á ponta da lagôa estáo tres ilhas no meio, e chegado a terra e á ponta da lagea está outra ilha, a que chamáo Liribituba, e ao redor da qual estáo quatro ilhetas

## CAPITULO LI.

*Em que particularmente se explica a bahia do rio de Janeiro da ponta do páo de assucar para dentro.*

HE tamanha couza o rio de Janeiro da boca para dentro, que se deve gastar o tempo em o declarar neste lugar, paraque se veja como he capaz de se fazer mais conta delle doque se faz; e comecemos do páo de assucar, que está da banda de fóra da barra, que he hum pico de pedra







dra mui alto da feição do nome, que tem, do qual á ponta da barra, que se diz de Cara de cáo ha pouco espaço, e a terra, que fica entre esta ponta, e o páo de assucar, he baixa e chá, e virando d'esta ponta para dentro da barra se chama a cidade Velha, onde se ella fundou primeiro. Aqui se faz huma enseada, em que podem surgir navios, se quizerem, porque o fundo he de vara, e tem tres, seis, até sete braças. Esta enseada se chama de Francisco Velho, por ser aqui sua vivenda, e grangearia, a qual he afeiçoada em compasso até outra ponta adiante, junto da qual entra huma ribeira, donde bebe a cidade. Da ponta de Cara de cáo á cidade póde ser meia legoa, esta ponta de Cara de cáo fica quasi em padrasto da lagea, mas náo he muito grande por ella náo ser muito alta. A cidade se chama de S. Sebastiáo, a qual edificou Mem de Sá em hum alto, em huma ponta de terra, que está defronte da ilha de Viragalham, a qual está lançada d'este alto por huma ladeira abaixo, e tem em cima no alto hum nobre mosteiro, e collegio de padres da Companhia, e ao pé della está huma estancia com artilharia para huma banda, e para a outra hum modo de fortaleza em huma ponta, que defende o porto, mas náo há barra por lá náo chegar bem a artilharia. Ao pé d'esta cidade defronte da ponta do arrecife della tem bom surgidouro, que de fundo tem cinco, a seis braças, e chegando-se mais á terra tem tres, e quatro braças, onde os navios tem abrigo para os ventos geraes do inverno, que sáo o sul, e sueste, e quem quizer hir para dentro ha-de passar por hum banco, que tem de preamar até vinte palmos de agua, e passado este banco virando para detraz da ponta da cidade acharáó bom fundo, onde os navios estáo seguros de todo o tempo, por a terra fazer aqui huma enseada, e quando os navios quizerem sahir d'este porto carregados, háo-de de borar fóra para entre a ilha, e a ponta da terra firme pela banda do norte, e háo de rodear a ilha em redondo para tornarem a surgir defronte da cidade, e surgindo defronte da ilha de Viragalham entre ella e a cidade, no qual lugar acharáó de fundo tres braças, e tres e meia, onde tem porto morto, e defronte d'este porto he o desembarcadouro da cidade, onde se diz as cazas de Manoel de Brito.

CA-

## CAPITULO LII.

### *Em que se explica a terra da Bahia do rio de Janeiro da ponta da cidade para dentro.*

NA ponta d'esta cidade e ancoradouro dos navios, que está detraz da cidade, está huma ilheta, que se diz a da Madeira, por se tirar d'ella muita, a qual serve aos navios, que aqui se recolhem de concertar as vellas; e d'esta ponta a huma legoa está outra ponta fazendo a terra, em meio huma enseada, onde está o porto, que se diz, de Martim Affonso, onde entra nesta bahia hum riacho, que se diz Yabiboracíqua. Defronte d'este porto de Martim Affonso estão espalhados seis ilheos de arvoredo, e d'esta ponta, para dentro se torna a terra a recolher á maneira de enseada, e d'alli a meia legoa faz outra ponta e antes della entra outro riacho no salgado, que se chama Unhauma, e a ponta, se chama braço pequeno. D'esta ponta que se diz braço pequeno, por diante foge a terra para traz muito, onde se faz hum esteiro, poronde entra a maré tres legoas, e fica a terra na boca d'este esteiro de ponta á ponta hum tiro de berço, donde começa a terra a fazer outra enseada, que de ponta á ponta são duas legoas, a qual terra he alta até á ponta. Defronte d'esta enseada está a ilha de Salvador Correia, que se chama Pernapico, que tem tres legoas de comprido, e huma de largo, em a qual está hum engenho de assucar, que lavra com bois, que elle fez. Atravessando esta ilha por mar á cidade são duas legoas, a qual ilha tem de redor de si oito ou nove ilhas, que dão páo Brazil. Do cabo d'esta enseada grande da ponta da terra alta se faz outra enseada apertada na boca, em a qual se mete hum rio, que nasce ao pé da serra dos Orgãos, que está cinco legoas pela terra dentro, o qual se chama Magipe, e mais adiante legoa e meia entra outro riacho nesta bahia, que se chama Suruiuy; e d'este a duas legoas entra outro nesta bahia, que se chama Macocu, que se navega pela terra dentro quatro legoas, em o qual se mete outro rio, que se chama dos Goaizacazes, que vem de muito longe. Defronte do rio de Macocu está huma ilha, que se chama Cuciata, e d'esta ilha a huma legoa está outra, que se chama Pacata, e d esta á de Salvador Correia

reia







reia he legoa e meia: e estão estas ilhas todas tres lesteoeste humas das outras, e d'esta ilha Pacata direito ao Sul estão seis ilheos, e para o sueste estão cinco. Em duas carreiras da ponta do rio Macocu para a banda do leste se recolhe a terra, e faz huma enseada até a outra ponta da terra, sahida para fóra para o mar, em que entra hum riacho, que se chama Maxcindiba, e da ponta d'este riacho á de Macocu he legoa e meia. Defronte de Maxcindiba se torna a afastar a terra para dentro, está outra ilha, cheia de arvoredo; de Maxcindiba se torna a afastar a terra para dentro fazendo outra enseada, com muitos manges no meio, em a qual se mete outro rio, que se diz Suasunhao, e haverá de ponta á ponta duas legoas. No meio bem em direito das pontas está outra ilha cheia de arvoredo, e a outra ponta d'esta enseada se diz Mutungabo. Da ponta de Mutungabo se esconde a terra para dentro bem dous terços de legoa, onde se mete hum rio, que se chama Páo doce, e faz huma volta tornando a terra a sahir para fóra bem meia legoa, onde faz outra ponta, que se chama Verumare. D'esta ponta á de Mutungabo he huma legoa, e bem em direito d'estas pontas, em meio d'esta enseada, está outra ilha de arvoredo. D'esta ponta de Mutungabo, á de Macocu são quatro legoas; daponta de Virumare a dous terços de legoa está outra ponta, aonde se começão as barreiras vermelhas, que ficão defronte da cidade, aonde bate o mar da bahia, e defronte d'esta ponta para o norte está huma ilha, que se diz de João Fernandes, diante da qual está outra mais pequena. Das barreiras vermelhas se vai afeiçoando a terra ao longo da agua como cabeça de cajado, onde se faz huma enseada, que se chama Piratininga, e a ponta da lingoa de terra d'ella vem quasi em direito de Viragalham, a qual ponta se chama de Leiriy, e o cotovelo d'esta lingoa de terra faz huma ponta defronte da de Cara de cão, que fica em padrasto sobre a lagea da barra, na qual ponta está outra lagea, que o salgado aparta da terra qualquer couza, a qual fica ao pé do pico do padrasto, que está sobre a barra. Entrão por esta barra do rio de Janeiro nãos de todo o porte, as quaes podem estar seguras neste rio, como fica dito, de maneira, que terá esta bahia do rio de Janeiro em redondo da ponta de Cara de cão andando por dentro até o mar, á outra ponta da lagea vinte legoas pouco mais ou menos

que

que se navegão em barcos, e pelo mais largo haverá de terra a terra seis legoas.

## CAPITULO LIII.

*Que trata de como o governador Mem de Sá foi ao rio de Janeiro.*

NÃO he bem, que passemos adiante sem primeiro se dar conta da muita, que os annos passados se teve com o rio de Janeiro. Como elRei D. João o III. de Portugal fosse informado como os francezes tinhão feito neste rio huma fortaleza na ilha de Viragalham, que foi o capitão que nella residia, que assim se chamava, mandou a D. Duarte da Costa, que neste tempo era governador d'este estado, que ordenasse de espiar esta fortaleza, e barra do rio, o que D. Duarte fez com muita deligencia, e avisou d'isso a S. Magestade a tempo, que tinha eleito para governador geral d'este estado a Mem de Sá, a quem encomendou particularmente, que trabalhasse por lançar esta ladroeira fóra d'este rio. Falecendo elRei neste conflito succedeo no governo a Rainha D. Catharina sua mulher, que está em gloria; sabendo da vontade de S. Magestade escreveo ao mesmo Mem de Sá, que com a brevidade possivel fosse a este rio, e lançasse os francezes delle, ao que obedecendo o governador fez partir a armada, que do reino para isso lhe fôra, de que hia por capitão mór Bartholomeu de Vasconcellos, á qual ajuntou outros navios de elRei, que na Babia havia, e dez ou doze caravelões, e feita a frota prestes mandou embarcar nella as armas e munições de guerra, e mantimentos necessarios, em a qual se embarcou a maior parte da gente nobre da Bahia, e os homens de armas, que se pudérão juntar com muitos escravos e indios fôrros. E indo o governador com esta armada correndo a costa, de todas as capitanias levou gente por sua vontade, que o quizerão acompanhar nesta empreza, e seguindo a sua viagem chegou ao rio de Janeiro com toda a armada junta, aonde vierão ajudar muitos moradores de S. Vicente, onde foi recebido da fortaleza de Viragalham, que neste tempo era hido de França, com muitas bombardadas, o que não foi bastante para Mem de Sá deixar de se chegar á fortaleza com os navios de maior porte a varejar com artilharia grossa, e com os navios pe-





pequenos. Mandou desembarcar a gente em huma ponta da ilha, aonde mandou assentar a artilharia donde batêrão a fortaleza rijamente. E como os francezes se virão apertados despejárão o castello e fortaleza huma noite; lançarão-se na terra firme com o gentio Tamoyo, que os favorecia muito; e entrada a fortaleza, mandou o governador recolher a artilharia, e munições de guerra, que nelle havia; e mandou-a desfazer, e arrazar por terra, e avisou logo do succedido a Rainha em huma náo, que neste rio tomou, e como houve monção se recolheo o governador para a Bahia visitando as capitanias todas, aonde chegou a salvamento. Mas não alcançou esta victoria tanto a seu salvo, que lhe não custasse primeiro a vida de muitos portuguezes, e indios Tupinambas, que os francezes matárão a bombardadas, e espingardadas; mas como a Rainha soube d'esta victoria, e entendendo, quanto convinha á coroa de Portugal povoar-se, e fortificar-se o rio de Janeiro, estranhou muito a Mem de Sá arrazar a fortaleza, que tomou aos francezes, e não deixar gente nella, que a guardasse e defendesse, para se povoar este rio, que elle não fez por não ter gente que bastasse para poder defender esta fortaleza; e que logo se fizesse, e fosse povoar este rio, e o fortificasse, e edificando nelle huma cidade, que se chamasse de S. Sebastião: e paraque isto podesse fazer com mais facilidade, lhe mandou huma armada de tres galeões, de que hia por capitão mór Christovão de Barros com dois navios de elRei, que andavão na costa, e outros seis caravelões, se partio o governador da Bahia com muitos moradores della, que levavão muitos escravos comsigo, e partio-se para o rio de Janeiro, onde lhe succedeo o que neste capitulo se segue.

## CAPITULO LIV.

*Que trata, como Mem de Sá foi povoar o rio de Janeiro.*

PArtindo Mem de Sá para o rio de Janeiro foi visitando as capitanias dos Ilheos, porto Seguro, e a do Espirito Santo, das quaes levou muitos moradores, que como aventureiros os forão acompanhando com seus escravos nesta jornada; e como chegou ao rio de Janeiro vio, que lhe havia de custar mais doque cuidava, como lhe aconte-

tecco, porque achou-o fortificado dos francezes na terra firme onde tinhão feito cercas mui grandes, e fortes de madeira com seus baluartes, e artilharia, que lhe deixarão humas náos, que alli forão carregar de páo, com muitas espingardas. Nestas cercas estavão recolhidos com os francezes os indios Tamoyos, que estavão já tão adestrados delles, que pelejávão muito bem com suas espingardas, para o que lhe não faltava polvora nem o necessario, por estarem de tudo bem providos das náos acima ditas. Desembarcando o governador em terra tiverão os portuguezes grandes escaramuças com os francezes, e Tamoyos; mas huns e outros se recolhêrão contra sua vontade para as suas cercas, que logo forão cercadas e postas em grande aperto, mas primeiro que fossem entradas custou a vida a Estacio de Sá sobrinho do governador, e a Gaspar Barboza, pessoa mui principal e de grande estima, e outros muitos homens e escravos, e com tudo forão as cercas entradas e muitos dos contrarios mortos, e os mais cativos; e como os Tamoyos não tiverão entre si francezes, se recolhêrão pela terra dentro, donde vinhão muitas vezes fazer seus assaltos, do que nunca sahírão bem. E como Mem de Sá vio, que tinha lançado os inimigos da porta, ordenou de fortificar este rio fazendo-lhe huma estancia ao longo d'agua para defender a barra, a qual reedificou Christovão de Barros sendo capitão d'este rio, e assentou a cidade, que murou de muros de taipa com suas cercas, em que pôz artilharia necessaria, onde edificou algumas igrejas com sua caza de misericórdia, e hospital, e hum mosteiro de padres da Companhia, que agora he collegio, onde os padres ensinão latim, para o que lhe faz S. Magestade mercê cada anno de dois mil cruzados, e acabada de fortificar, e povoar esta cidade ordenou o governador de se tornar da Bahia deixando nella por capitão a seu sobrinho Salvador Correa de Sá com muitos moradores, e officiaes de justiça, e de fazenda convenientes ao serviço d'elRei, e ao bem da terra, o qual Salvador Correa defendêo esta cidade alguns annos valorosamente fazendo guerra ao gentio, de que alcançou grandes victorias, e dos francezes, que do cabo Frio os vinhão ajudar, e favorecer, aos quaes foi tomar dentro no cabo Frio huma não, que passava de duzentos toneis com canoas, que levou do rio de Janeiro, com as quaes a abalroou, e tomou á força de armas. A esta cidade depois

K ii man-







mandou elRei D. Sebastião o governador Christovão de Barros, que a acrescentou fazendo nella em seu tempo muitos serviços a S. Magestade, que se não podem particularizar em tão pequeno espaço.

## CAPITULO LV.

*Em que se trata de como foi governador do rio de Janeiro Antonio Salema.*

INformado elRei D. Sebastião, que gloria haja, do rio de Janeiro, e de muito, para que estava disposto, ordenou de partir este estado do Brazil em duas governanças, e deu huma dellas ao Doutor Antonio Salema, que estava na capitania de Pernambuco com alçada, a qual se estendia da capitania de porto Seguro até S. Vicente. Esta repartição se fez no anno 1572, começava no limite, em que partem as duas capitanias dos Ilheos, e do porto Seguro, e d'alli tudo para o sul. E a outra do dito limite até tudo o que ha para o norte, deu a Luiz de Brito de Almeida, e era cabeça d'esta governança a cidade de S. Sebastião do rio de Janeiro, onde o governador assistio, e começou hum engenho, que S. Magestade lhe mandou fazer, para o que lhe mandou dar quatro mil contos, o qual se não acabou sendo mui necessario para os moradores fazerem suas cazas, e para a terra hir em grande crescimento. No tempo que Antonio Salema governou o rio de Janeiro, hião cada anno náos francezas resgatar com o gentio ao cabo Frio, onde ancoravão as suas náos na bahia, que atraz fica declarado, e carregavão de páo da tinta á sua vontade: e vendo Antonio Salema tamanho desaforo determinou de tirar esta ladroeira d'este lugar, e fez-se prestes para hir fazer guerra ao gentio de cabo Frio, para o que assentou quatrocentos homens brancos, e setecentos indios, com os quaes por conselho de Christovão de Barros forão ambos em pessoa ao cabo Frio, que está dezoito legoas do rio, onde acharão os Tamoyos com cercas mui fortes recolhidos nellas com alguns francezes dentro, onde huns e outros se defendêrão valorosamente ás espingardadas e flexadas; e não podendo os francezes sofrer o aperto, em que estavão, se lançárão com o governador, que lhe deu a vida, com o que os Tamoyos forão entrados e mortos infinitos, e cativas oito ou dez mil almas, e com es-

esta victoria, que os portuguezes alcançárão ficarão os Tamoyos tão atemorisados, que despejárão a ribeira do mar, e se forão para o certão, pelo que não tornarão mais náos francezas a cabo Frio a resgatar, e porque d'este sucesso fez Antonio Salema hum tratado, havemos por escusado tratar mais d'este caso neste capitulo.

## CAPITULO LVI.

*Em que se conclue com o rio de Janeiro com a tornada de Salvador Correa.*

VEndo elRei D. Sebastião, que gloria haja, o pouco de que lhe servia dividir o estado do Brazil em duas governanças, assentou de a tornar a juntar, como d'antes andava, e de mandar por capitão e governador ao rio de Janeiro sómente a Salvador Correa de Sá, e que viessem as appellações á Bahia como d'antes era; onde o dito Salvador Correa foi com provisão de dez de Setembro de 1577, e está hoje em dia, onde tem feito muitos serviços a S. Magestade, no modo como procede na governança, e defensão d'esta cidade, e no fazer da guerra ao gentio, de que tem alcançado grandes victorias, e tambem servio a S. Magestade em pelejar com tres navios francezes, que querião entrar pela barra do rio de Janeiro; e se defendeo ás bombardas, e não quiz consentir, que comunicassem com gente da terra por se dizer trazerem cartas do Senhor D. Antonio. Foi esta cidade em tanto crescimento no seu tempo, que pela engrandecer ordenou hum engenho de assucar na sua ilha, fez muito assucar, e favoreceo Christovão de Barros para mandar fazer outro, que tambem está moente e corrente, com os quaes esta cidade está muito avante, e com hum formoso collegio dos padres da Companhia, cujas obras Salvador Correa ajudou e favoreceo muito. Neste rio de Janeiro se podem fazer muitos engenhos por ter terras, e aguas para isso, em o qual se dão as vaccas muito bem, e todo o gado de Hespenha, onde se dá trigo, cevada, vinho, marmelos, romãs, figos, e todas as frutas de espinho, e he muito farto de pescado marisco, e de todos os mantimentos, que se dão na costa do Brazil, onde há muito páo Brazil e muito bom.

C A-





Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: ms. F. G. 1507

# SÉCULO XVII

## DESCRIÇÃO DO RIO DE JANEIRO. 1610

(...) Desta alagoa, olhando para o norte, se principia a barra do Rio de Janeiro, por natureza e sítio a mais forte de quantas se tem descoberto. Procede esta barra ao modo de uma ferradura, na boca tão estreita que não terá de fuga mais que um tiro de mosquete; e pera mor fortificação no meio dela arrebenta uma lagem, na qual andei de espaço, e achei ter de comprimento cento e vinte pés, de largo sessenta palmos. De uma e outra parte vão correndo serras de viva pedra e talhadas rochas, e pera mor segurança se fecha em duas fortalezas que fazem a entrada de todo impossível. Pera a banda do sul, fronteiro à lagem se levanta um penedo piramidal de estranha grandeza a quem as nuvens ficam polas raizes. Chama-se Pão de Açúcar pola semelhança. Esta barra se alarga tanto pola terra dentro que vem a fazer seis léguas de largo, e de comprido termina-se em nove e dez, impedindo-lhe ir mais avante as serras em que vai parar. Da barra, uma légua pera a banda do sul, fica a cidade do Rio de Janeiro, da invocação de S. Sebastião, porque, quando se conquistou dos Franceses e hereges e Tamoio, gentio cruel, visìvelmente se viu ao glorioso Mártir ajudar aos nossos, o qual milagre se prega todos os anos.

Está dividida a cidade em duas partes, uma delas ocupa o alto de um grande monte, no qual os primeiros conquistadores, Mem de Sá e seu sobrinho Estácio de Sá, por ser lugar mui defensável a edificaram. Aqui está a Sé, Câmara e o nosso Colégio, que não dá ventagem aos pequenos de Portugal. A afeição que os moradores têm à Companhia é extraordinária. Ao sopé deste monte se estende uma espaçosa várzea, na qual está a mor parte da cidade por respeito do mar, com que vizinha. Terá a cidade como dous mil vizinhos e é rica, e sê-lo-á cada dias mais, se as minas laborarem; e quando estas faltarem basta o comércio que tem no Peru e Angola.

A baía desta povoação é mui fermosa e aprazível, a cujas ribeiras estão as fazendas e engenhos dos moradores, que são catorze. Terá dentro em si como até quarenta ilhas, muitas delas povoadas, outras pera ornato da natureza.

Vêm nela cair do sertão muitos rios caudais. O mais famoso é o do Macucu, que dizem ser maior que o Tejo. Pelo sertão dentro está povoado obra de catorze léguas, abundante de mantimentos da terra, arroz, farinha, da qual se carregam pera Angola todos os anos, a troco de peças, quarenta mil alqueires. Nas madeiras é famoso, por se acharem, junto às suas águas, paus que têm quarenta e cinquenta palmos em roda, dos quais fazem embarcações cavadas nos troncos destas árvores, e inteiriças, de comprimento de sessenta e mais palmos, e de largura que recebem pipas atravessadas, e meneiam-se com remeiros e vela. Em uma destas viemos de S. Vicente, remada por cinquenta e mais remeiros; e são tão ligeiras que furtam a vista òs olhos com muito correr. E assim é muito pera ver cento e mais canoas esquipadas, arremedando uma batalha naval, correndo umas contra as outras, com os remeiros nus, que igualmente despedem a frecha e remam sem se enxergar falta em uma e outra ocupação; a isto se ajunta uma grita medonha que os Índios de quando em quando alevantam nesta escaramuça, que mete notável horror. Nesta forma nos receberam em algumas partes, em que temos aldeias vizinhas ao mar.

Mas, tornando à baía do Rio de Janeiro, pera a parte do norte tem a nomeada serra a que chamam dos Órgãos, por estar semeada de penedos mui agudos com tal correspondência entre si, abaixando uns e alevantando-se outros, que se assemelham a órgãos. Nesta serra, nos meses de Janeiro e Fevereiro, em que o Sol anda sobre ela, se vêem arder em vivas chamas os penedos como se fossem paus secos, e neste tempo de verão se ateia de tal sorte que dura oito e dez dias contínuos. É esta serra dos órgãos tão alta que, estando mais de vinte léguas da barra e cidade, aos que vêm de mar em fora parece estar sobre ela; está talhada com muitos rios, os quais em dias claros parecem alvos lançois que entre aquela penedia se lançam a enxugar.

Dos rios é o mais nomeado o Magé, pelos «piraìqués» que nele se dão; e pera que se entenda que cousa seja «piraìqué», há-se de advertir qual seja a forma e disposição do rio. Antes de entrar no salgado, espaço de uma légua é mui direito, largo e limpo. A largura chegará até vinte e cinco, trinta braças; de altura não mais que cinco, seis palmos. No mês de Junho vêm desovar a este rio infinitos cardumes de tainhas e corimás. Nas águas vivas de lua nova tapam a boca deste rio com varas e esteiras; depois pisam muita quantidade de timbó, que em Portugal responde ao barbasco; na vazante da maré enchem o rio de sumo destes paus com o qual se embebeda o peixe, de sorte que nenhum escapa, e toma-se tanto que com passarem as embarcações, que dele se enchem de cento e vinte, cento e quarenta, ficam serras de peixe sem se aproveitar. Este «piraìqué» se chama real, porque se não pode dar sem ordem da Câmara, pera o qual se bota pregão quinze, vinte dias antes. Disseram-me que se ajuntavam nele perto de duas mil almas. «Piraìqué», na língua da terra, quer dizer entrada de peixe (...)

Apud S. Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, VIII, Rio de Janeiro, 1949, p. 397-399

SERAFIM LEITE, S. I.

HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL

TÔMO VIII

ESCRITORES: de A a M
Suplemento Biobibliográfico - I

1949
Instituto Nacional do Livro
RIO DE JANEIRO

DIOGO DE CAMPOS MORENO
SARGENTO-MOR DO ESTADO DO BRASIL

LIVRO QUE DÁ RAZÃO DO ESTADO DO BRASIL - 1612

EDIÇÃO CRÍTICA, COM INTRODUÇÃO E NOTAS DE HELIO VIANNA

114

COMISSÃO ORGANIZADORA E EXECUTIVA DAS COMEMORAÇÕES DO TRICENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA
ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
RECIFE — 1955



HYDROGRAPHIA,
EXAME
DE PILOTOS, NO
QVAL SE CONTEM AS REGRAS
Que todo Piloto deue guardar em suas naucgações, assi no Sol, variação dagulha, como no cartear, com algũas regras da naucgação de Leste, Oeste, com mais o Aureo numero, Epactas, Marès, & altura da Estrella Pollar.

*Com os Roteiros de Portugal pera o Brasil, Rio da Prata, Guinè, Sam Thomé, Angolla, & Indias de Portugal, & Castella.*

COMPOSTO POR MANOEL DE Figueiredo, q̃ ora serue de Cosmographo Mòr por mandado de sua Magestade.

EM LISBOA.

*Com licença da Sancta Inquisição, & do Conselho do Paço.*

Impresso por Vicente Aluarez. Anno 1614.

*Taxado a reis em papel.*

Fronstispício. Seguem-se em fac-símile os fols. 14r-20r desta obra. Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 330 V.

ou tres altos, pondeuos no meo da boca da dita Baya pe ra entrardes pera dentro, aduertindo que no meo della està hũa baixa, deixalaeis da banda do Sul do nauio, & ireis ver hũa ilha q̃ está mais perà dẽtro da bãda do Nor te do nauio, & tãto que esta ilha vos demorar ao Norte, & ao Noroeste, podeis surgir, que tudo he limpo.

Se vieres a buscar esta Baya por 20. graos vereis mui-tas serras, & antrellas hũa alta, & espinhosa, a que cha-mão a *serra de Guaripâri*, & outra serra que està da banda do Norte, a que chamão de *Pero Cão*, as quais serras estão da banda do Norte do *Spiritu Sancto*: & como vires estas serras vereis tambem tres ilheos pequenos, & juntos, & ao Sul, delles hum ilheo pequeno escaluado, a terra des-te ilheo està hũa Baya muito grande, que podeis surgir nella se quiserdes, querendo entrar nesta Baya, estando Leste, Oeste com as serras podeis ir entrando por ella dentro, & deixay a *ilha do reposo* da banda do Norte, a qual estâ dentro desta Baya, he rasa, & podeis surgir a terra della, dandolhe resguardo, & das tres ilhas ao *Spi-ritu Sancto* ha doze legoas, & vindo pera o Norte ao *Spi-ritu Sancto*, vereis hum ilheo que estando ao mar delle ve reis a boca da dita Baya, a qual està em 20. graos.

*Derrota do Spiritu Sancto ao Rio de Ianeiro.*

PArtindo do *Spiritu Sancto* ao *Rio de Ianeiro*, gouernay ao Sul quarta do Sudoeste atè seres com a *ilha de San-cta Anna*, então podeis ir a demandar o *Cabo frio*. & a-uendo contraste, que somnm possa ir pera o dito cabo,

D 2 podeis







podeis surgir ao longo da dita ilha donde der milhor a-brigo: & ao Norte desta ilha està a *Baya fermosa*, que tem muito aruoredo, & he muito fresca, & fermosa.

Vindo a buscar o *Cabo frio*, estâ na põta delle hũa ilha, que bem se pode surgir da banda Daloeste della, que tu do he limpo, & vindo a demandar este cabo por sua altu ra, da banda do Norte delle està a *Baya do Saluador*, & vin do de mar em fora faz hum monte redondo, que parece o mesmo Cabo frio, & assim pera o Sul do dito cabo es-tão duas ilhas pequenas, que bem podeis ir pòr antrel-las ao cabo, & tem mais por conhecença este cabo hũa terra muito alta em que bate o mar, & dobrando este ca bo da banda do Sul, tem hũa enseada que se pode surgir nella, & na terra se representão hũs grandes penedos, a que chamão a *casa de pedra*, & ao Sul hũa legoa delles està a *ponta do cabo frio*, donde vereis hũa ilha afastada da terra mea legoa, por antrella, & a terra podeis entrar liuremẽ te, & achareis sete, oito braças.

*Derrota do Cabo frio ao Rio de Ianeiro.*

PArtindo do *Cabo frio* ao *Rio de Ianeiro*, gouernay a Loeste, dando resguardo às aguas, que chamão a enseada, & vindo de mar em fora, estando quatro legoas do *Rio de Ianeiro*, vereis hũa serra muito alta em q̃ bate o mar, & da banda do Sul, della està hum pinaculo que parece nauio com hum homem dentro, & estando ao Sudoeste do rio vereis ao Nordeste hũs pinaculos q̃ se pa-

ſe parecem com orgãos,& aſſim ſe chamão, & na entrada da barra eſtà hum penedo muito alto que parece hũ páo daçuquare,& eſtando ao mar da boca deſte rio vereis hũa ilha que eſtà duas legoas da boca da barra, & querendo ſurgir neſta ilha bem podeis,que tudo he limpo,a qual eſtà em 23.graos,& hum terço,& ſendo o vento eſcaſſo pera entrardes neſte rio ireis por antre as duas ilhas, que tudo he limpo, atè lançares hũa pedra em terra, & dentro no rio eſtà hũa baixa no meo da barra, & tanto podeis ir por hũa banda, como pella outra, & indo com marè guardayuos do bayxo, porque tira agoa a elle, & o propio faz com agoa de vaſante,& da banda do Sul,deſte rio eſtà hũa ilha redonda eſcaluada, & outra raſa ao longo do mar.

### *Derrota do rio de Ianeiro a Sam Vicente.*

DO *Rio de Ianeiro* à *Angra dos Reys*, ha doze legoas, & quem for por aqui não ſe meta muito em terra;& indo correndo a coſta he terra toda alta,& dobrada,& logo do *Rio de Ianeiro* a Loeſte,duas legoas ſe faz hum pico de hũa montanha alta,degolado porcima a que chamão a *Cauea*,& duas legoas mais adiante eſtá a barra de *Tojuqua*,he ſômente de barcos,& quatro legoas mais a Loeſte eſtâ a barra de *Garatuba*, a qual tem por conhecença pella banda Daloeſte,deſuiada outras quatro legoas hũ ſerro redondo muy alto a modo de mõte de trigo,a que chamão *Marambaya*, & por eſta dita barra de *Garatuba*,

D 3 entrão







entrão embarcações pequenas, mas por antre o monte *Marambaya*, & hũa terra verde grande,que faz hũa aberta couſa de duas legoas, entrando ao Norte ireis por cinco braças, guardayuos do que virdes atè tanto que fiqueis com *Marambaya*,Nordeſte,Sudoeſte,& ſurgireis na terra da Loeſte, que he a ilha grande, & eſtareis antre os portos *Dangra dos Reys*, & indo pello Norte da ilha grande, podeis ſayr por a Loeſte da dita ilha grande, que tudo he limpo, & tendes hũa boca de duas legoas, que tanto ha da dita ilha à *ponta de Caroſſu*, que he em terra firme da dita angra; & eſtando no meo da dita ilha grande ſurto em tres, quatro braças, olhando ao Norte tendes a ilha de *ipòja* mea legoa da terra, onde podeis ſurgir em ſeis braças, & defronte della ao Nordeſte, eſtá a pouoação noua *Dangra dos Reys*,aó Sul da ilha grande, ao mar eſtâ hum ilheo deſuiado della hum quarto de legoa, a que chamão a *ilha de Iorge Grego*, & coſteando a dita ilha por Leſte, & por Oeſte, eſtais entrado antre o dito ilheo,& a ilha grande, & ſurgi em tres braças. E ſendo tempo de monção pera ires correndo a coſta, ireis vendo ſempre a terra alta, & dobrada, & verde com muita penedia atè chegardes a hũa enſeada, a que chamão *Ubàtubá*, & ſendo tanto auante da ilha grande pera Loeſte, como oyto legoas vereis a ilha, a que chamão dos *Porquos*, pegada a terra, chegandouos bem a ella podeis entrar por oyto braças, por a boca que faz antre a terra firme, & a meſma ilha, que ſerà de hum quarto de legoa, & dentro ſurgireis em hũa enſea-

da

da grande ſegura de todos os ventos por aqui he toda a terra deſpouoada.

E querendo ſayr pella outra barra do Noroeſte o podeis fazer liuremente pellas meſmas oyto braças, & tereis logo a *ilha de Sam Sebaſtiam* quatro legoas a Loeſte, a qual ilha tem o porto, a que chamão dos *Caſtelhanos* pella banda do Sul, com ſeis braças, & não vos metais antre a ilha, & a terra firme, a onde chamão a enſeada dos *Caramunis*, porque tudo he eſparcellado, & perigoſo, mas do dito porto dos *Caſtelhanos* a Loeſte quatro legoas eſtá a ilha dos *alcatraſes* deſuiada da terra firme outras quatro legoas, do qual pello Noroeſte a tres legoas vereis hũa ilha chamada *Monte de Trigo*, deſuiada legoa & mea de terra firme, do qual *Monte de Trigo* a Loes Noroeſte ireis entrando pella primeira *Barra de Sam Vicente*, a que chamão a *Barra da Britioca*, a qual tem cinco braças, & ſurgireis dentro dos fortes fazendo conta que entrais pella ponta de Leſte, da ilha de *Sancto Amaro*; & toda a terra por aqui ſam montanhas muy altas das ſerras de *Parnapiacaba*, que ſe vem muito longe ao mar.

Aduerti, que do porto dos *Caſtelhanos*, que eſtà na ilha de *Sam Sebaſtiam* atras dita ao Sueſte legoa & mea eſtà a *ilha dos buſios*, & do dito porto tres legoas & mea ao Suſueſte, eſtà a *ilha de Victoria* todas ſam deſpouoadas, & tem lenha, & agoa.

Da barra dita da *Britioca*, correndo a coſta quatro legoas, encontrareis a ilha da *Muella*, deſuiado da terra







terra menos de hum quarto de legoa, da qual começa a dobrar hũa ponta de terra alta, que he da barra grande de Sanctos, pode ſe entrar a *Pouoação de Sanctos* ſempre por oito braças atè o *forte da Cruz*, & daqui por quatro & cinco braças atè a pouoação, & correndo a coſta legoa & mea adiante vereis hum morro alto, que parece cercado de mar, & correndo a coſta ireis dar nelle a Loes Sudoeſte, entrando por tres, & quatro braças, ireis ſurgir defronte da *Villa de Sam Vicente*, & todos os braços de mar que tendes por dentro podeis nauegar, por 4. & ſeis braças.

E indo do *Rio de Ianeiro* a *Sam Vicente*, apartado da coſta, gouernareis a Loeſſudoeſte atè veres a ilha grande, a que chamão *Sam Sebaſtiam*, & vereis da banda do Sudoeſte, della outra ilha, a que chamão dos *alcatraſes*, não vos chegueis a ella, porque tem muitos baixos; & como vos vires neſtas ilhas, gouernay a Loeſte, & logo ireis a dar na boca do *Rio de Sam Vicente*, & na boca deſte Rio vereis hũa ilha pequena, deixala eis da banda do Norte, quando fores entrando neſte Rio.

Eſtà eſte Porto de *S. Vicente* em vinte & quatro graos da banda do Sul, & indo ter a gillauento, delle vereis outras muitas ilhas, & vereis hũa que eſtà 6. legoas ao mar, & correm eſtas ilhas Noroeſte, Sueſte, com a boca do *Rio de Sam Vicente*.

## DERROTA DO RIO DE IAneiro, pera o Rio da Prata.

Indo

INdo do *Rio de Ianeiro*, pera o *Rio da Prata*, que he de Outubro atè Março, gouernay ao Sul, & tanto que estiueres quatro, ou cinco legoas de terra, gouernay ao Sussudoeste, & dahi corre a costa de *Sancta Catherina*, que he a ilha que està em 28. graos até a ilha dos *Castilhos*, que està em 34. graos & meo, a qual està na costa, & he muito pequena, & vendoa de mar em fora faz como hũa nào á vela, està da terra firme como hum terço de legoa, & perto della em terra firme, vereis hũa serra que faz como hũs picos de pedra espinhosa, os do meo saõ mayores, q̃ parecem como torres d'abobada de sinos.

Antre a ilha, & a terra firme surgem nauios, que he limpo, & abrigado dos ventos do mar, ainda que he pequena. Iunto a esta ilha da banda do Sueste estâ hũa ponta chamada de *Campimpardo*, he abrigo, dalli a mea legoa ao Sueste està outra ponta darea branca tão alta como as outras, & ao Sueste, desta ponta pouca cousa estão duas ilhas pequenas baixas chegadas hũa à outra, pella terra dentro està hũa serra sellada ao Sudoeste, junto a hum monte redondo, que està Leste, Oeste, com estas ilhas, a ponta he tambem darea branca, & a serra que atras disse, tem duas selladas, a da banda do Norte he mayor com tres montes pequenos, & a do ~~Norte~~ Sul he mais pequena, & dahi pera o Sudoeste, he terra igual escaluada sem aruoredo, & rasa, & area ao longo do mar, & adiante quatro, ou cinco legoas aparecem outros montes, & serras de quando em quando.

E vindo a demandar terra terra por altura de 33 graos

E & meo







& meo atê 34. & meo achareis hum paracel 25. legoas ao mar pouco mais, ou menos, sonday, & achareis fundo, & como achares 25. braças, estais 12. leg. de terra em altura de 34. graos, & meo, estâ este paracel pera o Sul, ê pera o Norte, è tanto serà de hũa banda, como da outra, & estando neste paracel em 10. braças, não vereis terra saluante estiueres hũa legoa, ou legoa & mea de terra, è por ser a terra muito baixa senão vè.

Vendo terra nesta dita altura he area, & montanhas de quando em quando como de camarinhaes em areal, como na costa de Portugal. Esta costa da *ilha de Sancta Catherina*, atè a *Ilha de Castilhos*: corre de Nordeste a Sudoeste 12. legoas, no paracel 25. 26. braças, & logo ao mar ha 8. & 9. braças.

Da ilha dos *Castilhos*, ou de hũa ponta branca della pera o Sul, corre a costa 12. legoas atè a terra a que chamão o Cabo de *Sancta Maria*, q̃ tambem bota ao mar hũa ponta pequena, & corre a costa, como acima digo ao Sudoeste, & a quarta do Sul, & daqui a 4 leg. furta a costa hũa quarta, & dahi por diante vay a costa a Loes Sudoeste 6. leg. tanto auante como a *ilha dos Lobos*, q̃ està 2. leg. de terra firme, a qual ilha està do *Cabo de Sancta Maria* 10. legoas em altura de 35. graos largos, esta ilha em si he pequena, & redonda toda igual, & terà em circuito como mea legoa, desta ilha corre a costa atè a ilha das *Flores* Leste Oeste.

E indo na costa da ilha dos *Lobos*, em conjunção da Lua, trabalhay por tomar a ilha do *Maldenado*, que està

tret

tres, ou quatro legoas da ilha dos *Lobos*, & querendo a to mar deixay a ilha dos Lobos ao Sueste, & gouernay ao Noroeste, ireis dar nella, chegayuos a terra antre ella, & a terra firme, na entrada està hũa baixa, que arrebenta, & ireis antre a baixa, & a terra firme, & não ajaes medo pa recendouos ser estreito, se for nauio pequeno que demande 8 palmos dagoa, tambem podeis ir antre a baixa, & a ilha, mas milhor he pella banda da terra como ficar a ilha ao Sul, surgi pegado a ella, & faruos ha abrigo dos ventos, onde estareis seguro atè ser bom tempo, & botareis o batel fora, ireis à ilha, achareis palmitos, & no meo della hũa pouca dagoa.

Sendo com a ilha de *Maldonado*, vereis pella terra dentro hũas montanhas altas, não deixeis de vos chegar à terra da banda do Norte, por amor do *Baixo do Ingres*, que he perigoso, ê ireis sempre á vista atè vos fazeres tã to auante como este *Baixo do Ingres*, que está dezaseis legoas da ilha do *Maldonado*, & fazendouos cõ elle vigiay da gauea, o qual baixo està da terra firme quatro, ou cinco legoas defronte da enseada em que està a *ilha das Flores*, & como vos fizeres auante, logo vereis o *Monte vedio*, q̃ bate o mar nelle, è desque abocares pella *ilha dos Lobos*, leuay boa vigia, & sonday muitas vezes, è não sendo pratico no *Rio da Prata* surgireis todas as noites.

E não querendo tomar a *ilha do Maldonado*, deixay a ilha dos *Lobos* a Leste, & gouernay a Loeste 16. legoas, ireis dar na *ilha das Flores*, que està 2. legoas de terra firme do Norte, tem mea legoa de comprido, & de largo hum

E 2 tiro







tiro descopera, està arrumada Nordeste, Sudoeste, & faz abrigo ao Sudoeste, tem tres mantinhos nas pontas, & no meo duas selladas da banda do Nordeste, de marè chea passa o mar de hũa banda à outra, na põta do Nordeste, Norte, Sul, com terra firme arrebenta hum baixo, que sae da ponta da ilha, quem vier de Leste, & quiser surgir antrella, & a terra firme, day resguardo à ponta q̃ logo vereis arrebentar o baixo que sae da ponta da ilha, quem vier de Leste, & quiser surgir antrella, & a terra firme, de resguardo a ponta que logo vereis arrebentar outro tanto de restinga, que he hum quarto de legoa, & como o dobrares podereis chegar quanto quiseres a terra, & podeis surgir junto a ella, q̃ he abrigado do Sul, & do Sueste, & Leste, mas do Sudoeste não abriga, tem a banda do Sudoeste hũa fonte dagoa doce: & querendouos abrigar do Sudoeste passay da outra banda podendo, & quando surgires surgi em cinco braças, ou seis, esta ilha està em hũa enseada, a que chamão o rio do *Solis*, & nesta enseada a Loes Noroeste, das ilhas das *Flores*, estão quatro, ou 5. ilheos de pedra mea legoa de terra, aos quais chamão as *Carretas*, não se surga nelles, porque Pero Martinz da ilha da Madeira se perdeo nellas.

Da ilha de *Maldonado* à ilha das *Flores* se corre a costa Leste, Oeste, & defronte della 4. legoas da ilha està hũa põta em diante, corre a costa a Loes, Sudoeste, esta ilha das *Flores* està Leste, Oeste, com *Monte Vedio*, que he caminho de dez legoas, & na ponta antes do monte hũa legoa està hũa restinga hum terço de legoa de terra, & a

baixa

baixa he roym,& della ao *Monte vedio*, que està cinco legoas da ilha das *Flores*,he mais alta a terra,& a mais della he baixa toda igual, & da banda do Sulfueste do *Monte Vedio* està hũa enseada que tem quatro, ou cinco braças de fundo, a modo de ferradura,& deste monte cinco legoas adiante corre a costa a Loeste,& a quarta do Noroeste,& dahi em diante, atè as ilhas de *Sam Grauiel*, vay a costa a Loes,Noroeste.

Vindo da ilha dos *Lobos* a demandar a ilha das *Flores* vireis a Loeste quarta do Sudoeste pera ires a pego della,& pera estares Leste,Oeste com a ilha dos *Lobos*, não vades mais arredado della que dous terços de legoa, ou hũa legoa que he o mais que podeis ir,& não percaes esta ilha de vista,ou terra firme pera que não vades dar no *Baixo de Ingres*, em que deu Ignacio Ramos com hum nauio.

Sabereis que este baixo està Norte, Sul, pouco mais, ou menos com a ilha das *Flores* quatro atè cinco legoas da terra, & se fores de noite surgi por este caminho o mais que poderes dando o tempo lugar,como estiueres a traues da ilha das *Flores* hũa legoa, ou mais, & o vento for Leste, atè Norte, gouernay pello caminho da Loeste ireis dar abaixo de *Buenos ayres* doze legoas,& vereis hũa ilha pequena rasa com terra que està pegada a terra firme a que chamão a ilha de *Fernão Vrtis*,& como a virdes fazey de conta que estais doze legoas com a pouoação, & antes menos que mais;& tambem olhareis pera terra firme,& logo vereis aruores muy bastas, mais que quan

E 3 tas vir-







tas virdes, & sendo o vento Leste atè Sul, gouernay a Loeste,& a quarta do Sudoeste,ireis dar ao baixo de *Buenos Ayres* dezasete legoas, ou vinte, & se o vento for de Noroeste,arribay,& tomareis a *ilha do Maldonado*,que atras digo, & não a podendo tomar ireis pello rio fora, atè que passe o tempo,& como passar não deixeis de embocar pollo rio dentro.

Os baixos de *Buenos Ayres* são de 17.18.legoas,vereis de quando em quando prayas darea branca a pedaços, hũa aqui,outra alli, & mais adiante pella terra vereis aruores razas,& bastas,ireis legoa & mea de terra por fundo de tres,quatro braças,& tres,& dous terços de braça, & como abaixares das tres braças,& fores em duas arredayuos pera o mar as tres braças,antes mais,que menos & logo ireis bem encaminhado,& não ajaes medo.Embocando pello rio achareis agoa doce,& estareis de *Buenos Ayres* 25. legoas,pouco mais,ou menos,& como vos parecer que tendes andado polla agoa doce 25. legoas, olhay bem onde se vos acabão as aruores, porque na despedida dellas não vereis mais aruores, & vereis hũa mesa de terra mais grossa, & na despedida das aruores logo vereis as casas da cidade,& ahi està o rio onde entrão os nauios, & como não virdes mais aruores vereis que corre a costa ao Noroeste, & como vires que corre a este rumo tereis passado *Buenos Ayres*.

E se demandardes dez, ou doze palmos dagoa não cometais a entrada,no poço surgi hũa legoa de pego,antes mais que menos, antes do poço està hum paracel pera se

RIO DA PRATA. 20

[illegible] ſe poder entrar ha miſter eſtar o rio algũ tanto cheo, ou parecendouos que eſtá o rio cheo, ou vendo ventar por parte por onde elle enche que he do Sul atè Leſte, logo com eſtes ventos enche o rio, & podereis commeter a entrada. Como quiſeres entrar no poço deſpedi as aruores que vos ficarem ao Sudueſte, ou ao Suſſudoeſte & milhor ireis pello Sudoeſte, leuay ſempre o prumo na mão, & ireis por fundo todo hum, & tanto que deres em outro que for mais alto 3. ou 4. palmos ahi he o poſſo, & não tem mais de largo que cem braças.

O poço eſtà hum tiro de moſquete da terra, & não he mais comprido que dalli à Cidade, & pera Leſte, vai eſtreitando cada vez mais, & como ſurgires podendo deſcarregar logo fazey por iſſo, porque ſe ventar Norte, ou Nordeſte, vaſa o rio até 8. palmos dagoa.

*Derrota de Buenos Ayres pera fora, pella costa do Brasil.*

SAyndo de *Buenos Ayres* pello rio fora, gouernay a Leſſueſte, até teres viſta do *Monte Vedio*, & ſendo caſo que não ajaes viſta delle atè dar nagoa ſalgada, gouernay ao Sueſte, atè vos parecer que tendes andado 7.8. legoas em que tereis paſſado os *Baixos do Ingres*, & ſe vires o *Monte vedio*, tambem gouernareis ao Suſſueſte, por caſo dos baixos do Ingres, que eſtão Noroeſte, Sueſte, com *Montevedio* & como vos parecer que tendes o baixo, eſtais como ſete legoas do *Monte Vedio*, q̃ tẽ tres leg de comprido arrumado ao Noroeſte, Sueſte, e como

vos





PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRAZILEIRA

II — HISTORIA

# DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL

PELA PRIMEIRA VEZ TIRADOS EM LIVRO

com introducção

DE

CAPISTRANO DE ABREU

e notas

DE

RODOLPHO GARCIA

AD IMMORTALITATEM

1930

OFFICINA INDUSTRIAL GRAPHICA
RUA DA MISERICORDIA, 74
RIO DE JANEIRO

Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogos das grandezas do Brasil*, redigidos em 1618

COMÉRCIO E GOVERNO DO RIO DE JANEIRO. 1618

Brandónio

Adiante da capitania do Espírito Santo, pera parte do sul, está a do Rio de Janeiro, nome que lhe foi posto por se descobrir noutro tal dia, a qual está situada em vinte e três graos. É de Sua Majestade, aonde tem uma galharda fortaleza bem abastecida de artilharia, munições e soldados e um capitão posto por ele de três em três anos; tem uma cidade, posto que pequena, bem situada, a qual é de presente de grande comércio, porque vêm a ela muitas embarcações do Rio da Prata, que trazem riqueza muita em patacas, que comutam por fazenda que ali compram; donde tornam a fazer viagem para o mesmo rio. Também neste Rio de Janeiro tomam porto as naos que navegam do reino pera Angola, aonde carregam de farinha da terra, de que abunda toda esta capitania em grande cantidade, e dali a levam pera Angola, onde se vende por subido preço. Tem alguns engenhos em que se lavram açúcares, e estes anos passados foi cabeça de governo e sede do governador, porquanto apartou Sua Majestade, governando o Brasil D. Diogo de Meneses, três capitanias, a saber: a do Espírito Santo e esta do Rio de Janeiro e a de S. Vicente, e as incorporou em um novo governo, de que fez governador D. Francisco de Sousa, a título de descobrir as minas de ouro de S. Vicente, de que vinha feito marquês, quando se conseguisse perfeito descobrimento delas. E com sua morte se atalharam estas esperanças, que não eram pequenas. Assiste mais na dita capitania, pera o tocante ao espiritual, um administrador, que tem à sua conta a administração da mesma capitania e da do Espírito Santo e de S. Vicente, isento da jurisdição do bispo, o qual sòmente por apelação pode conhecer das cousas que ante ele se tratam. Tem mosteiros de religiosos, como as demais capitanias, que as enobrecem grandemente.

Alviano

Fico já bem inteirado das cousas dessa capitania do Rio de Janeiro pelo que delas tendes referido, e assim podemos passar a tratar da de S. Vicente, que cuido que é a que lhe está mais conjunta.

Apud Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogos das grandezas do Brasil,* Ed. Dois Mundos Editora, Rio de Janeiro, [1943], p. 75-76





COLEÇÃO CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS
DIRIGIDA POR JAIME CORTESÃO
da Academia das Ciências de Lisboa

AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO

# Diálogos das Grandezas do Brasil

Segundo a edição da Academia Brasileira, corrigida e aumentada, com numerosas notas de

RODOLFO GARCIA

e introdução de

JAIME CORTESÃO

EDIÇÕES
DOIS MUNDOS EDITORA LTDA.
Travessa do Ouvidor, 23
RIO DE JANEIRO

Edição impressa em 1943

CATALOGVS
Prouinciarum
SOCIETATIS IESV,
*Domorum, Collegiorum, ac Seminariorum, Sociorumq; qui in unaquaque Prouincia sunt.*

ROMAE,
Apud Hæredem Bartholomæi Zannetti. M. DC. XXVI.

SVPERIORVM PERMISSV.

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: H. G. 11651 P.





HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO. 1627

## Capítulo oitavo — Da entrada dos Franceses no Rio de Janeiro e guerra que lhe foi fazer o governador

O Rio de Janeiro está em vinte e três graus debaixo do Trópico de Capricórnio, e impròpriamente se chama rio, porque antes é um braço de mar, que ali entra por uma boca estreita que se pode fàcilmente defender de uma parte a outra com artilharia; mas dentro faz uma baía ou enseada em que entram muitos rios e tem perto de quarenta ilhas, das quais as maiores se povoam e as menores servem de ornar o sítio, ou de portos onde se abriguem os navios.

Estas comodidades e outras muitas deste rio e baía, juntas com a fertilidade da terra, a faziam digna de ser povoada, quando se povoaram as mais do Brasil; mas, ou porque coube na doação a Pero de Goes, que se não atreveu com o gentio, como dissemos no capítulo terceiro do segundo livro, ou por não sei que descuido, ela estava por povoar até que Nicolau Villaganhon, homem nobre de França e cavaleiro do hábito de São João, informado dos Franceses que por ali vinham comerciar com o gentio tapuia, determinou de vir a povoá-la. Para o que fez uma armada em que veio com muitos soldados e, entrando no rio em o ano de 1556, lhe fortificou a entrada, solicitou os gentios e fez liga e amizade com eles, e para maior defensa começou em uma das ilhas da enseada a levantar uma fortaleza de pedra, tijolo e gesso, em cuja obra trabalhavam os índios com muita vontade, e de França lhe vinham cada dia novos socorros.

Corria já o ano de 1559, em que reinava a rainha D. Catarina por morte de el-rei D. João seu marido e por seu neto el-rei D. Sebastião não ter ainda a este tempo mais que cinco anos de idade. A qual, informada do que passava no Rio de Janeiro, escreveu ao governador Mem de Sá, encarregando-lhe muito esta empresa e mandando-lhe pera ajuda dela uma boa armada. Com a qual o governador, e com outras naus que pôde ajuntar, acompanhado dos principais portugueses da Baía, e alistados os mais soldados que pôde, assim brancos como índios da terra, em o ano do Senhor de 1560 se partiu para o Rio de Janeiro, onde, rompendo as forças que impediram a entrada, entrou na enseada e tomou uma nau francesa, da qual soube não estar aí já Villaganhon, que fora chamado a Malta, mas ter deixado um sobrinho seu por capitão na fortaleza, a quem escreveu o governador na maneira seguinte:

«El-rei de Portugal, meu senhor, sabendo que Villaganhon, vosso tio, lhe tinha usurpada esta terra, se mandou queixar a el-rei de França, o qual lhe respondeu que, se cá estava, que lhe fizesse guerra e botasse fora, porque não viera com sua comissão. E posto que já aqui o não acho, estais vós em seu lugar, a quem admoesto e requeiro da parte de Deus e do vosso rei e do meu que logo largueis a terra alheia a cujo é, e vos vades em paz sem querer experimentar os danos que sucederão da guerra».

Ao que respondeu o mancebo que não era seu julgar cuja era a terra do Rio de Janeiro, senão fazer o que o senhor de Villaganhon, seu tio, lhe havia mandado,

que era sustentar e defender aquela sua fortaleza, e que assim o havia de cumprir, ainda que lhe custasse a vida e muitas vidas, das quais lhe requeria também que não quisesse ser homicida, antes se tornasse em paz.

Gastaram-se nisto dez ou doze dias nos quais a nossa armada se pôs em ordem de guerra, e assim, ouvida esta resposta, a outra que lhe deram foi de artilharia e arcabuzes, com que começaram a bater o forte insuperável (ao parecer) às forças humanas; porém estando uns e outros metidos no furor do combate, Manuel Coutinho, homem pardo, Afonso Martins Diabo e outros valentes soldados portugueses, subindo por uma parte que parecia inacessível, entraram o castelo e ocuparam repentinamente a pólvora do inimigo.

Descorçoados os Franceses com a perda da pólvora e com o inopinado atrevimento dos Portugueses, desampararam o castelo à meia-noite com todas as máquinas de guerra que nele havia, recolheram-se às suas naus, e parte deles em elas se tornaram pera sua terra, outros ficaram com os Tamoios (que este é o nome daquele gentio), assim pera restaurar a guerra e a opinião perdida, como pera exercitar a mercancia com eles, de que tiravam muito proveito.

Alcançada tão ilustre vitória, desfez o governador o forte, por não poder deixar gente que o defendesse e povoasse a terra, por lhe haverem morta muita gente neste combate, e mandou seu sobrinho Estácio de Sá em a nau que havia tomado aos Franceses com o aviso do sucesso à rainha D. Catarina.

Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil (1500-1627)*. Revista por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. 4.ª edição, [S. Paulo], Edições Melhoramentos, [1954], p. 164-166

## Capítulo décimo — Do aperto em que os Tamoios do Rio de Janeiro puseram a capitania de São Vicente e o governador lhes mandou fazer segunda guerra

Vendo-se os Tamoios já livres da guerra do governador Mem de Sá, se tornaram a fortificar no Rio de Janeiro, donde saíam a correr a costa toda até São Vicente, salteando os Índios novos cristãos, prendendo, matando e comendo a quantos podiam alcançar.

Durou esta moléstia dois anos, sem que força alguma pudesse reprimir o atrevimento dos bárbaros insolentes, que cada dia crescia com o favor e ajuda dos Franceses, com que já se não contentavam do mal que faziam aos outros Índios, mas a todos os moradores de São Vicente ameaçavam com cruel guerra, e apresentavam uma armada de canoas pera por mar e por terra os combaterem.

Este mal tão grande quis remediar o padre Manuel da Nóbrega, primeiro provincial que havia sido da ordem da Companhia de Jesus na província do Brasil, resolvendo-se a ir tentear os ânimos dos bárbaros pera reduzi-los a condições de paz ou





dar a vida pela saúde comum. Pera isto tomou por seu companheiro o irmão Joseph de Ancheta, e um António Luís, homem secular, com os quais se embarcou em uma nau de Francisco Adorno, ilustre genovês, homem em aquela terra mui conhecido, rico e devoto da Companhia.

Os bárbaros, à notícia da nau portuguesa, cuidando que ia de guerra, acudiram a suas canoas e lhe saíram ao encontro carregadas de frechas; porém o irmão Joseph de Ancheta, com uma breve e amorosa prática que lhes fez na sua língua, os quietou e fez benévolos à sua chegada, e depois com outras muitas, e principalmente com suas devotas orações e exemplo que deu de sua vida em três meses que ficou só entre eles e dois que esteve com o padre Nóbrega, que se tornou pera São Vicente, os reduziu à desejada paz, excepto alguns que, discordes dos mais e fiados em as armas dos Franceses, continuaram a guerra contra os Portugueses.

Estes sucessos previu a rainha D. Catarina quando leu a carta do governador Mem de Sá, em que lhe dava conta da vitória que alcançara no Rio de Janeiro, e assim, ainda que lhe agradeceu e se houve por bem servida dele, todavia lhe estranhou muito o haver arrasado o forte e não deixar quem defendesse e povoasse a terra, e lhe mandou que logo o fizesse, por que não tornasse o inimigo a fazer ali assento com perigo de todo o Brasil. O mesmo lhe escreveu o Cardeal D. Henrique, que com ela governava o reino, e pera este efeito lhe mandaram pelo próprio seu sobrinho Estácio de Sá, que levou a nova, uma armada de seis caravelas com o galeão São João e uma nau da carreira da Índia, chamada Santa Maria a Nova, a quem ajuntou o governador os mais navios que pôde. E quisera ir em pessoa, mas, por o povo lho não consentir, mandou o dito seu sobrinho, em o ano de 1563.

A quem acompanhou o ouvidor-geral Brás Fragoso e Paulo Dias Adorno, comendador de S. Tiago, em uma galeota sua que remava dez remos por banda, e outros capitães, os quais chegando todos ao Rio de Janeiro acharam uma nau francesa que lhes quis fugir pelo rio acima, mas os nossos lhe foram no alcance e a primeira que lhe chegou foi a galé de Paulo Dias Adorno, em que também ia Duarte Martins Mourão e Melchior de Azeredo. Depois chegou Brás Fragoso e outros, os quais, entrando na nau, acharam muito pão, vinho e carne, e assim a levaram pera baixo onde ficava a capitânia Santa Maria a Nova e o galeão, e o capitão-mor Estácio de Sá fez capitão dela a António da Costa.

Mas, como não há gosto nesta vida que não seja aguado, indo uma madrugada três batéis nossos tomar água à ribeira da Carioca, deram com nove canoas de Índios inimigos que estavam aguardando em cilada, os quais, repartindo-se três a três a cada batel, mataram no da capitânia o contramestre, o guardião e outros dois marinheiros, e no do galeão feriram a Cristóvão d'Aguiar, o moço, com sete frechadas e outros sete homens e o levavam, mas Paulo Dias Adorno lhe acudiu à pressa na sua galé e, chegando a tiro, mandou pôr fogo a um falcão que os fez largar o batel.

Enterrados os mortos em uma ilha, chamou Estácio de Sá os capitães a conselho, e assentaram que se fosse a São Vicente buscar canoas e gentio doméstico e amigo, com que melhor se poderia fazer guerra àquele bárbaro inimigo. Saíram uma madrugada, e a nau francesa que haviam tomado diante de todas as outras, com um caravelão de Domingos Fernandes, dos Ilhéus. Acharam na barra muitas canoas

de inimigos índios e franceses misturados, que, chegando ao caravelão, o furaram com machados e o meteram no fundo, matando-lhe quatro homens e ferindo a Domingos Fernandes de seis frechadas, com que se foi a nado para a nau, à qual também chegaram e lhe fizeram um buraco; mas um índio da Índia, de Brás Fragoso, que ali ia com seu senhor, se foi abaixo da coberta e por o mesmo buraco matou um francês, com o que eles, ou com o temor da armada que vinha atrás, se foram embora e a nau também, seguindo seu caminho pera São Vicente, onde contaram ao capitão-mor e aos mais o que lhes havia sucedido.

Neste tempo estava a povoação de São Paulo, que é da capitania de São Vicente, de guerra com o gentio, que a tinha posta em grande aperto, ao que acudiu Estácio de Sá com muita gente da que consigo levava, a cuja vista o gentio lhe veio logo pedir pazes, e ele lhas concedeu e ficaram fixas.

Entretanto chegaram os capitães Jorge Ferreira e Paulo Dias com as canoas e gentio que, tanto que chegou, mandou buscar a Cananeia e, provida a armada de todo o necessário, se partiu outra vez para o Rio de Janeiro em o ano de 1565, dia de São Sebastião, a quem tomou por patrão da sua jornada. Entrou pelo rio em primeiro de Março e, ancorando em a enseada, saltaram em terra, e feitos tujupares, que são umas tendas ou choupanas de palha, pera morarem, onde agora chamam a cidade velha, ao pé de um penedo que se vai às nuvens, chamado o Pão de Açúcar, se fortificaram com baluarte e trincheiras de madeira e terra o melhor que puderam, donde saíam a fazer guerra aos bárbaros, ajudando-os Deus por espaço de dois anos que ali estiveram, de modo que em encontros quase sempre saíam vitoriosos e os feridos de mortais feridas das frechas inimigas brevemente saravam. Outros, feridos nos peitos nus com pelouros dos arcabuzes franceses, não sentiam mais o golpe que se estiveram armados de peitos de prova e aos pés lhes caíam os pelouros.

Cansados já os Tamoios de tão prolixa guerra e enfados de ruins sucessos, porque ordinàriamente em os encontros saíam escalavrados, determinaram lançar o resto de seu poder e de sua ventura em uma batalha, industriados pelos Franceses, e sem dúvida a coisa ia traçada pera conseguirem seu intento. Porém a Divina Providência se acostou à parte mais justificada.

Haviam os Tamoios ajuntado ao número ordinário de suas canoas outras novas que chegaram a cento e oitenta, fabricadas secretamente longe do posto donde estavam os navios dos Portugueses. Toda esta armada de canoas puseram em cilada, escondida em uma volta que fazia o mar. Daqui saiu um pequeno número delas, contra as quais mandou o general cinco das nove que trouxe de São Vicente, porque os índios amigos, enfadados da guerra, se haviam já ido com as quatro. Os Tamoios, não ainda bem começada a batalha, viraram as costas, que assim o haviam traçado, e meteram os nossos, que atrevidamente os iam seguindo, em a cilada, donde saíram as mais canoas inimigas e sùbitamente as cercaram por todas as partes. Mas nem por isso perderam o ânimo os Portugueses, antes resistiram valerosamente ajudados do divino favor, o qual ainda das coisas que parecem adversas sabe tirar prósperos sucessos, como aqui se viu que, acaso acendendo-se a pólvora em uma das nossas canoas, chamuscou a alguns dos inimigos que a tinham abordada. Com o que e com a chama que levantou a pólvora se alterou tanto a mulher





do general tamoio que, dando gritos e vozes espantosas, atemorizou a todos, e, sendo seu marido o primeiro que fugiu com ela, os seguiram os mais, deixando livres os nossos, os quais, tornando às suas fronteiras, deram graças a Deus por tão grande benefício, e por os haver livres de perigo tão grande pela voz e assombro de uma fraca mulher, ainda que depois declararam os mesmos inimigos que não fora por isto, senão por haverem visto um combatente estranho, de notável postura e beleza que, saltando atrevidamente nas suas canoas, os enchera de medo. Donde creram os Portugueses que era o bem-aventurado São Sebastião, a quem haviam tomado por padroeiro desta guerra.

*Idem*, p. 170-174

## Capítulo décimo segundo — De como o governador Mem de Sá tornou ao Rio de Janeiro e fundou nele a cidade de São Sebastião e do mais que lá fez até tornar à Baía

Posto que o governador Mem de Sá não estava ocioso na Baía, não deixava de estar com o pensamento nas coisas do Rio de Janeiro e assim, sacudindo-se de todas as mais, aprestou uma armada e com o bispo D. Pedro Leitão, que ia visitar as capitanias do Sul, que todas em aquele tempo eram da sua diocese e jurisdição, e com toda a mais luzida que pôde levar desta cidade se embarcou e chegou brevemente ao Rio, onde em dia de São Sebastião, 20 de Janeiro do ano de 1567, acabou de lançar os inimigos de toda a enseada e os seguiu dentro de suas terras, sujeitando-os a seu poder e arrasando dois lugares em que se haviam fortificado os Franceses, posto que em um deles, que foi na aldeia de um índio principal chamado Ibura-guaçu-mirim, que quer dizer «pau grande pequeno», lhe feriram seu sobrinho Estácio de Sá de uma mortífera frechada de que depois morreu.

Sossegadas as coisas da guerra, escolheu o governador sítio acomodado ao edifício de uma nova cidade, a qual mandou fortalecer com quatro castelos, e a barra ou entrada do Rio com dois; chamou a cidade de São Sebastião, não só por ser nome de seu rei, senão por agradecimentos dos benefícios recebidos do santo, pois a vitória passada se ganhou dia de São Sebastião e em este dia, dois anos antes, partiu Estácio de Sá de São Vicente pera o Rio de Janeiro, e começou a guerra invocando o seu favor, o qual reconheceram bem os Portugueses, assim em a batalha naval das canoas, como em outras ocasiões de perigo. Pelo que, ainda em memória da vitória das canoas, se faz todos os anos em aquela baía defronte da cidade, no dia do glorioso São Sebastião, uma escaramuça de canoas com grande grita dos índios, que as remam e se combatem, coisa muito para ver.

O sítio em que Mem de Sá fundou a cidade de São Sebastião foi o cume de um monte, donde fàcilmente se podiam defender dos inimigos; mas depois, estando a terra de paz, se estendeu pelo vale ao longo do mar, de sorte que a praia lhe serve de rua principal, e assim, sendo lá capitão-mor Afonso de Albuquerque, se achou

uma manhã defronte da porta do convento do Carmo, que ali está, uma baleia morta que de noite havia dado à costa. E as canoas, que vêm das roças ou granjas dos moradores, ali ficam, desembarcando cada um à sua porta ou perto dela com o que trazem, sem lhe custar trabalho de carretos, como custa pela ladeira acima. Nem eles próprios lá subiram em todo o ano, e menos as mulheres, se não fora estar lá a igreja matriz e a dos padres da Companhia, pela qual causa mora ainda lá alguma gente.

Fundada pois a cidade pelo governador Mem de Sá em o dito outeiro, ordenou logo que houvesse oficiais e ministros da milícia, justiça e fazenda. E porque haviam ido na armada mercadores, que entre outras mercadorias levaram algumas pipas de vinho, mandou-lhes o governador que o vendessem atavernado, e, pedindo eles que lhes pusesse a canada por um preço excessivo, tirou ele o capacete da cabeça com cólera e disse que sim, mas que aquele havia de ser o quartilho. E assim foi e é ainda hoje por onde se afilam as medidas, donde vem serem tão grandes que a maior peroleira não leva mais de cinco quartilhos.

Entre os primeiros Franceses que vieram ao Rio de Janeiro em companhia de Nicolau Villaganhon, de que tratamos em o capítulo oitavo deste livro, vinha um hereje calvinista chamado João Boulez, o qual fugiu pera a capitania de São Vicente, onde os Portugueses o receberam cuidando ser católico, e como tal o admitiam em suas conversações, por ele ser também na sua eloquente e universal na língua espanhola, latina, grega, e saber alguns princípios da hebreia, e versado em alguns lugares da Sagrada Escritura, com os quais, entendidos a seu modo, dourava as pírulas e encobria o veneno aos que o ouviam e viam morder algumas vezes na autoridade do Sumo Pontífice, no uso dos sacramentos, no valor das indulgências e em a veneração das imagens (...)

Ordenadas todas as coisas tocantes ao governo político, povoada e fortificada a terra, a encarregou o governador a Salvador Correia de Sá, seu sobrinho, pera que a governasse e ele se tornou pera a Baía.

*Ibidem*, p. 179-181

## Capítulo décimo quarto — De como os Tamoios e Franceses depois da vinda do governador foram do Cabo Frio ao Rio de Janeiro pera tomarem uma aldeia e do que lhe sucedeu

Posto que o governador-geral Mem de Sá, antes que se viesse pera a Baía, deixou limpa a do Rio de Janeiro dos inimigos tamoios, eles se acolheram ao Cabo Frio, que dista do Rio de Janeiro dezoito léguas, e ali se fizeram fortes e saíam a dar alguns assaltos aos de São Vicente, ajudados dos Franceses, à conta de eles mesmos também os ajudarem a cortar pau-brasil pera carregarem suas naus, que há muito em aquele Cabo. E a tanto chegou o seu atrevimento que, juntando a oito





naus francesas as canoas que puderam, se embarcaram uns e outros e entraram pelo Rio de Janeiro; passando à vista da cidade de São Sebastião, foram surgir em um porto de uma aldeia que distava da cidade uma légua, a qual era dos índios confederados e amigos dos Portugueses, onde estava por principal um de grande ânimo e esforço que nas guerras passadas havia feito grandes façanhas em defesa do nome cristão e dos Portugueses. Seu nome brasil foi Araribóia e no batismo se chamou Martim Afonso de Sousa, como seu padrinho o senhor de São Vicente, que o apadrinhou quando veio à sua capitania no ano de 1530.

A este vinham os Tamoios ajudados dos Franceses saltear e prender pera fazerem em sua terra um solene banquete de suas carnes, segundo eles o mandaram por um mensageiro dizer ao capitão-mor Salvador Correia de Sá, o qual, temeroso que tomada a aldeia tornassem sobre a cidade, a fortificou muito à pressa e mandou aos moradores e soldados que estivessem em armas e, não menos solícito da saúde do índio amigo, lhe mandou logo socorro de gente portuguesa, ainda que pouca, animosa e governada por Duarte Martins Mourão, seu capitão.

Avisado o valoroso índio Martim Afonso de Sousa, cercou logo a sua aldeia de trincheiras e, detendo só nela os que podiam pelejar, mandou sair toda a gente inútil e escondê-la em parte segura, e ele com grande ânimo esperou os inimigos, os quais, desembarcados em terra e a seu prometer seguros da vitória, nem uma coisa fizeram aquele dia, dilatando a batalha para o outro seguinte. Donde os nossos que vieram de socorro, ajudados da obscuridade da noite, puderam pôr em bom lugar um falconete, que em uma grande canoa haviam trazido pera aradarem com ele os inimigos. Esforçado mais o valoroso índio com este socorro e animando os seus, mandou romper as trincheiras e, apelidando o nome de Jesus e de São Sebastião, acometer o inimigo, antes que se concertasse em esquadrões. Os índios, alentados com a voz do seu capitão e animados com o exemplo dos Portugueses, cerraram com os inimigos desconcertados, os quais, ainda que por serem mais em número lhes resistiram fortemente, enfim viraram as costas, não podendo sofrer a força dos Portugueses e índios confederados.

Os nossos os seguiram e com pouco dano seu fizeram grande matança, porque as naus francesas, acostando-se demasiadamente à terra, com a vazante da maré haviam ficado em seco e o falconete, chuvendo sobre elas uma tempestade de pedras, matava e feria muitos marinheiros que nelas estavam e soldados que se embarcavam, até que, tornando a crescer a maré, se fizeram ao mar, perdidos muitos Franceses e elas maltratadas. Os bárbaros destroçados com dificuldade saltaram em as canoas e, perdidos os brios e desfeitas as forças, em companhia das naus francesas tornaram pera o Cabo Frio, e os que, carregados de armas, saíram de sua terra ameaçando que haviam d'espedaçar com seus dentes a Martim Afonso, deixaram em o campo espalhados muitos dos seus, pera que com seus bicos os despedaçassem as aves.

Os Franceses, reparadas suas naus e carregadas de pau, se tornaram nelas a sua pátria.

*Ibidem*, p. 184-185

## Capítulo décimo oitavo — De como el-rei D. Sebastião mandou Cristóvão de Barros por capitão-mor a governar o Rio de Janeiro

El-rei D. Sebastião, depois que começou a governar por si o reino, como era tão solícito de conquistas (que prouvera a Deus não fora tanto), sabendo da que se fazia no Rio de Janeiro, mandou a ele por capitão-mor e governador a Cristóvão de Barros, o qual era filho bastardo de António Cardoso de Barros, primeiro provedor-mor da fazenda del-rei no Brasil, que, tornando-se pera o reino em companhia do primeiro bispo, dando a nau à costa junto ao rio de São Francisco foi morto e comido do Gentio, como já dissemos em o capítulo terceiro deste livro. Era Cristóvão de Barros homem sagaz e prudente e bem afortunado em as guerras, e assim, depois que chegou ao Rio de Janeiro, em todas as que teve com os Tamoios ficou vitorioso e pacificou de modo o recôncavo e rios daquela baía que, tornados os ferros das lanças em foices e as espadas em machados e enxadas, tratavam os homens de fazer suas lavouras e fazendas, e ele fez também um engenho de açúcar junto a um rio chamado Magé, onde se faz uma pescaria de fataças e chama-se «piràìquê», que quer dizer «entrada de peixe», tão notável que não é bem passá-la em silêncio.

É este rio de água doce, mas entra por ele a maré uma légua pouco mais ou menos. Nas águas vivas do mês de Junho, que é ali a força do Inverno, entram por ele tantas fataças ou corimãs (como os Índios brasis lhes chamam) que pera as poderem vencer se juntam duzentas canoas de gente e, lançando muito barbasco machucado arriba donde chega a maré, quando está preia-mar, se tapa a boca ou barra do rio com uma rede dobrada. Vai o peixe a sair com a vazante, não pode com a rede, nem menos esconder-se em o fundo, porque a água o embasbaca e embebeda de maneira que, viradas de barriga, as fataças andam sobre ela meias mortas, donde com um redofoles as tiram como colher de caldeira, aos pares, até encher as canoas. Saem-se logo fora e, cortadas as cabeças, lhes escalam os corpos e salgados os põem a secar em os penedos, que ali há muitos; e das cabeças cozidas fazem azeite pera se alumiarem todo o ano. Nas águas seguintes de Julho se faz outra «piràìquê» ou pescaria da mesma maneira que a passada, mas não são já tão gordas as fataças, porque estão todas ovadas de ovas grandes e saborosas, as quais salgam, prensam e secam para comerem e levarem a vender à Baía e a outras partes.

Contei isto porque esta pescaria se faz em aquele rio de Magé, onde Cristóvão de Barros fez o seu engenho, e no seu tempo e ainda depois alguns anos se mandava lançar público pregão na cidade do dia em que se havia de fazer a pescaria, pera que fossem a ela todos os que quisessem e poucos deixavam de ir, assim pelo proveito como pela recreação.

*Ibidem*, p. 194-195





## Capítulo vigésimo terceiro — De como dividiu el-rei o governo do Brasil mandando o doutor António de Salema governar o Rio de Janeiro com o Porto Seguro e mais capitanias do Sul, e o governador Luís de Brito com a Baía e as outras do Norte e que fosse conquistar a Paraíba

Informado el-rei D. Sebastião de todo o conteúdo no capítulo precedente e receoso de se os Franceses situarem no rio da Paraíba, mandou ao governador Luís de Brito de Almeida o fosse ver e eleger sítio pera uma forte povoação, donde se pudessem defender deles e dos Potiguares. E para que melhor o pudesse fazer e sem que sentissem sua falta as capitanias do Sul, de Porto Seguro para baixo encarregou o governo delas ao doutor António de Salema, que havia estado em Pernambuco com alçada e então estava na Baía, donde se partiu em o ano do Senhor de 1575. E foi bem recebido no Rio de Janeiro, assim pelo capitão-mor Cristóvão de Barros como de todos os mais Portugueses e Índios principais, que o visitaram, sendo o primeiro e principalíssimo Martim Afonso de Sousa, Araribóia, de quem tratamos no capítulo décimo quarto deste livro. Ao qual, como o governador desse cadeira e ele, em se assentando, cavalgasse uma perna sobre a outra segundo o seu costume, mandou-lhe dizer o governador pelo intérprete que ali tinha que não era aquela boa cortesia quando falava com um governador, que representava a pessoa de el-rei. Respondeu o Índio de repente, não sem cólera e arrogância, dizendo-lhe: «Se tu souberas quão cansadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a el-rei, não estranharas dar-lhe agora este pequeno descanso; mas, já que me achas pouco cortesão, eu me vou pera minha aldeia, onde nós não curamos desses pontos e não tornarei mais à tua corte». Porém nunca deixou de se achar com os seus em todas as ocasiões que o ocupou.

Depois que o governador esteve alguns dias em terra compondo e ordenando as coisas dela e da justiça, como bom letrado que era, foi informado que no Cabo Frio estavam muitas naus francesas resgatando com o gentio e que todos os anos ali vinham carregar de pau-brasil. Pelo que determinou logo lançá-los fora e pera isto se ajuntou com Cristóvão de Barros e com quatrocentos Portugueses e setecentos gentios amigos cometeram animosamente os Franceses e, posto que os acharam já fortificados com os Tamoios e se defenderam com muito ânimo, todavia apertaram tanto com eles que tiveram por seu bem entregar-se, e os Tamoios que escaparam, com espanto do que tinham visto, se afastaram de toda aquela costa. Mas os cativos que quiseram receber a fé pôs o governador António de Salema em duas aldeias no recôncavo do Rio de Janeiro, a que chamaram uma de São Barnabé e outra de São Lourenço, e se encomendaram aos padres da Companhia, pera que como aos outros catecúmenos lhes ensinassem o ministério de nossa fé.

*Ibidem*, p. 205-206

## Capítulo nono — De uma armada de Holandeses que passou pelo Rio de Janeiro para o Estreito de Magalhães e de outra de Franceses que foi carregar de pau-brasil ao Cabo Frio, et cetera

Em este tempo, sendo capitão-mor do Rio de Janeiro Constantino de Menelau, que sucedeu a Afonso de Albuquerque, foi aportar à enseada do rio da Marambaia, que dista nove léguas abaixo do Rio de Janeiro, uma armada de seis naus holandesas, cujo general se chamava Jorge. Soube-o Martim de Sá, que tinha um engenho ali perto na Tijuca, e, entendendo como experimentado que por necessidade de água iam ali e que haviam de desembarcar, com o beneplácito do capitão-mor a quem escreveu se foi lá uma noite com doze canoas de gente, em que iriam trezentos homens portugueses e índios. Os quais, deixando-as escondidas no rio, se desembarcaram delas e, conjecturando por três batéis que viram na praia da enseada que andavam holandeses em terra, como de feito andavam uns à água, outros às frutas, bem descuidados, os cercaram e deram sobre eles tão sùbitamente que, ainda que se quiseram defender trinta e seis holandeses que eram, não puderam, antes lhes mataram vinte e dois e cativaram catorze com as lanchas, sem que das naus lhes pudessem valer, porque ficavam longe, e logo se fizeram à vela pera seguir sua viagem, que era pera o Estreito de Magalhães, e por ele ao mar do Sul e costa do Peru, onde passaram e meteram no fundo algumas naus que encontraram. As quais parece que não eram de tão boa madeira como outras que depois encontraram de Manilha, que é uma das ilhas Filipinas, com que se combateram também fortemente, mas enfim não as puderam levar porque, segundo me disse um holandês, que se achou presente e era surgião de ofício, era tal a madeira daquelas naus de Manilha que a passava o pelouro, e logo se cerrava o buraco por si mesmo sem unguentos, nem outra coisa. O que não tinham as suas holandesas, antes lhe meteram duas no fundo, e fugiu uma e tomaram as outras, cativando a gente, que ficou com vida, metendo-os a vogar nas galés com tanta fome e trabalho que tomaram antes a morte, segundo este surgião dizia.

Os outros que tomaram no Rio de Janeiro quisera Martim de Sá tomar à sua conta, pera que andassem soltos, e levou pera sua casa um chamado Francisco e o regalou.

*Ibidem*, p. 380-381



DESCRIPÇAO
DE TODO
O MARITIMO
DA TERRA
DE S. CRVZ
CHAMADO
VVLGAR
MENTE O
BRAZIL.
*Feito por Ioão Teixeira*
*Cosmographo de sua*
*Magestade.*
*Anno de 1640.*

FRONTISPÍCIO

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO



Da barra da Bertioga, vai, a Costa. voltando, pera o Norte, atè a Emçeada. de Vbatuba. em distancia de, uintafinco legoas. terra, toda Montu osa ao longo do mar. Cem pouoações nossas. nẽ Porto notauel. soo, na Ilha de São sebastião. tẽ hũ Porto da banda do Norte. aque chamão, dos Castelhanos cõ finco e seis braças de fundo; esta esti Ilha. lansada, a o Rumo do Nornoweste. perto da Costa da emçeada, dos Guaro mins tẽ finco legoas. em, cõprido. e huã legoa apartada della. ao mesmo Rumo esta huã Ilheta aque chamão, dos buzios. que tẽ, agoa e lenha, e Outra ao Norte. da de São sebastião, em distançia de tres legoas, aque chamão da Vitoria que tão bẽ tẽ, agoa e lenha

Da Emçeada de Vbatuba uẽ correndo. a Costa. de Leste ao Este. ate hũ monte aque chamão. pão de asucar junto, ao Rio de Ianeiro, nesta distancia. de terra. esti, a Ilha grande. entre, ella, e aterra. que serà distançia de hua legoa. Podẽ surgir, em, 3. e 4. e .6. braças. as entradas. pera este surgidouro. hũa, he pola banda de Leste. aque chamão, abarra garatuba. que tẽ fundo, de duas braças. e outras duas pola banda, de Oeste. por tres braças. e da banda. do sul da dita Ilha grande. junto, a ella. està huã. jlheta, aque chamão, de Iorge grego. entre, ela e a grande surgẽ em. tres braças, e na terra firme. junto, a Pratigua està a pouoação de Nossa Snrã. da, cõçeição. toda esta terra. he fertelicima. e de grande. proueito,

João Teixeira, *Descrição de todo o maritimo*, fols. 20r e 23r da obra precedente

João Teixeira, *Descrição de todo o maritimo*, fols. $26^{v}$ e $29^{r}$ (cf. *hic*, p. 430-431)

FOL. 4r DA *DESCRIÇÃO DE TODO O MARITIMO* DE JOÃO TEIXEIRA

CF. HIC, P. 430-431

FOL. 22 DA *DESCRIÇÃO DE TODO O MARITIMO* DE JOÃO TEIXEIRA

CF. HIC, P. 430-431

FOL. 25 DA *DESCRIÇÃO DE TODO O MARÍTIMO* DE JOÃO TEIXEIRA

CF. HIC, P. 430-431

FOL. 28 DA *DESCRIÇÃO DE TODO O MARITIMO* DE JOÃO TEIXEIRA

CF. HIC, P. 430-431

FOL. 31 DA *DESCRIÇÃO DE TODO O MARITIMO* DE JOÃO TEIXEIRA

CF. HIC, P. 430-431



# RELAÇAM DA ACLAMAÇÃO

QVE SE FEZ NA CAPITANIA DO Rio de Ianeiro do Eſtado do Braſil, & nas mais do Sul, ao Senhor Rey Dom Ioão o IV. por verdadeiro Rey, & Senhor do ſeu Reyno de Portugal, com a feliciſsima reſtituiçaõ, q̃ delle ſe fez a ſua Mageſtade que Deos guarde, &c.



Dilatouſe a noua da feliciſsima reſtituição, que a ſua Mageſtade o Senhor Rey Dom Ioaõ o IV. que Deos guarde, ſe fez de ſeu Reyno de Portugal, em ſe diuulgar na Cidade de Saõ Sebaſtião Capitania do Rio de Ianeiro do Eſtado do Braſil, até dez de Março deſte preſente Anno de 1641. que para ſer mais aplaudida, chegou quando era menos eſperada, ſe bem deſejada de todos os que prezandoſe de verdadeiros Portuguezes pedião ao Ceo lhe reſtituiſſe Rey legitimo: cujos clamores admitidos no ſupremo ſolio do poderoſiſsimo Senhor dos ſenhores, permitio o felice deſpacho de ſuplica tão juſta, & o ſoberano efecto de acçaõ tão deuida á Real Caſa de Bargança, de donde vſurpada ſe vio deſunida de ſeu ſer ſeſenta annos, anhelando ſempre por o tornar a adquirir atê que ſe reſtituio a ſeu verda-

5 A

Reproduz-se em fac-símile todo este opúsculo. Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 96 [9] V.

verdadeiro Senhor o Senhor Rey Dom Ioão o IV. como seu hereditario legitimo em o primeiro deDezembro de 1640. em cuja Real Casa permitirá o Ceo (se eternize)com tão felices sucessos,que sendoMonarcha dos dous Imperios, se satisfaça do que em tantos annos lhe vsurpou a Coroa de Castella. Gouernaua a Praça do Rio de Ianeiro Saluador Correa de Sáa, & Benauides,aquelle cujos progenitores Saluador Correa de Sáa seu Auó,& Martim de Sáa seu pay foraõ terror de Olanda,assombro do Brasil,pasmo do valor, & exemplo,ou dechado da lealdade,como publicão,comotestificão,como apregoão tantas emprezas, que ousadamente intentarão em seruiço daCoroa de Portugal,& felicemente fenecerão: já por mar contra os hereges,que infestauão a costa do Brasil, jà de estrangeiras naçoens que se tinhão introduzido na Capitania do Rio de Ianeiro,jâ de barbaros Indios, que irracionais no trato fazião pasto de carne humana, que habitadores daquelles desertos agregarão ao premio da santa Fê Catholica,reduziraõ ao seruiço de seuRey & ao trato humano racional, de que o seu era tão diuidido:& seu neto, & filho tão verdadeiro imitador seu,que por mar, & terra ha dado bastantes mostras de auer herdado com o sangue o valor,com o valor a prudencia, com a prudẽcia o zelo de seruir a seu Rey, o prodigo de despender sua fazenda no dito Real seruiço,& excedendose no desuelo incansauel com que fabrica nouos seruiços,que executar,& executa nouas

acçoẽs





acçoẽs que inuenta, sendo tão continuo neste exercicio,& tão habil para a execução,que não sòmẽte penetra em que sirua,mas prudente, & modesto obriga ainda aos mais incapazes a approuarem no real seruiço,o que maquina,como publicão seus efectos desde minino em mar & terra, & despois que gouerna nos que ha executado naquella Capitania. Leuou esta felice noua o Reuerendo Padre Prouincial da Companhia de IESVS, que quando â Christandade resultão tantas prosperas por ordem, & agencia desta sagrada Religião,não podia por outra via gozar o Brasil de tanto bem. Deu ao Gouernador hũa carta do Marquez de Montaluão, Visorey entonces do Estado a quem acompanhaua outra,que sua Magestade auia mandado escreuer ao dito Visorey;aquella lhe auisaua o efecto, & estimulaua a proseguilo na Capitania, & esta confirmaua a acção ordenando a executasse no Estado. Leu o Gouernador as cartas,&como de passar de semelhante estremo a estremo semelhante, & em acção,se tão desejada,não preuenida,pudesse entẽder no vulgo vario algũas neutralidades, despois q̃ se recobrou,porque o excessiuo gosto o auia algum tanto diuertido de si mesmo, & que considerou, que de mais de ser a causa taõ justa,a restituição tão legitima & o efecto tão deuido,fora permissaõ do Ceo, a q̃ humanos juizos não podem diuertir,nem penetrar,não reparando em que,aprouando a eleição, se diuorciaua de mais de dez mil cruzados de renda, & mais de sincoenta

A 2

coenta mil cruzados de fazenda de raiz, & mouel, que no Reyno do Perú, & Castella gozaua com encomẽdas, dote, & herança, & muitas promessas de merces para sua casa, & filhos, que via frustradas, mas como verdadeiro, leal, & fidelissimo Portuguez (ainda que Castelhano por sua máy Dona Maria de Benauides sobrinha do Marquez de Xaualquinto, & casado com Dona Caterina de Vgarte, y Velasco sobrinha do Viso rey de Mexico, & do Condestable de Castella) considerando, que muito mais grangeaua em ser vassallo de Rey natural, legitimo, verdadeiro herdeiro do reyno de Portugal, & que em sua Real benignidade acharia a recompensa auentejada como nos Snõrs Reys de Portugal seus antecessores auiaõ achado seus antepassados, como foi seu Auô Saluador Correa de Sáa, que chegando de conquistar o Rio de Ianeiro a esta Cidade de Lisboa: & estãdo o Snõr Rey D. Sebastiáo de gloriosa memoria nos passos de Sintra, mandãdolhe dar a boa vinda lhe mandou juntamente hũa encomenda de merce antes effectuada, que pretendida, sem reuelar o segredo, q̃ só tinha comunicado com o dito Padre Prouincial Paraninfo desta noua deu ordem a Dom Antonio Ortiz de Mendonça Sargento Môr, & Gouernador da gente de guerra daquella Praça, para que logo desse auiso aos officiaes da Camara, Prelado Ecclesiastico, Vigairo géral, Prelados das Religioens, Capitaẽs de Infantaria, fortalezas, & ordenanças, & a outros homẽs nobres, & Cidadoẽs da Rêpublica, que tinha





tinha hum negocio muito do seruiço de sua Magestade que lhe comunicar, para cujo effeito se juntassem todos no Collegio da Companhia de IESVS, sem dilaçaõ o mesmo dia, & hora que recebeo, leu, & considerou o auiso. Executou o Sargento Mór esta ordem foraõ obedecendo os chamados, & esperandoos na sala da liuraria do Collegio, foi preuenindo a cada hũ dos que entrauão de por si, & em segredo, com tanta prudencia, que agregou ao seu os votos de todos em particular, para que quando em geral os solicitasse, se naõ neutralizasse nenhum, auendo dado ordem, que nenhũa das pessoas que entrasse, tornasse a sair, porque se naõ vulgarizasse a acçaõ antes do efecto. Iuntos que estiueraõ todos, & vnidos os votos em segredo, mandou ler as cartas depois do que proseguio, dizendo. Isto (senhores) he o que contem estas cartas, isto o para que chamei a vossas merces, & isto o sobre que deuemos considerar o que se deue fazer. O efeito jà està executado (como me auisa Dom Iorge Mascarenhas Marquez de Montaluaõ nesta carta, & sua Magestade na que lhe mandou escreuer a elle) em todo o Reyno de Portugal, que imitando a Cidade de Lisboa tem aclamado, jurado, & reconhecido ao Senhor D. Ioaõ Duque que foi de Bargança por legitimo, & verdadeiro Rey, & Senhor de Portugal, acçaõ taõ deuida a sua Real Casa legitimamente herdeira do Reyno, taõ desejada de Portugal, & taõ esperada sesenta annos ha, como aplaudida do Ceo com demõstraçoẽs,

A3 de que

de que me daõ auiſo outras cartas de particulares de credito,& que ſe verificáo em que ſem mortes, nem cõtrariedades,que podiaõ originarſe della,ſe efectuou Na Bahia cabeça deſte Eſtado,ſe fez já a meſma aclamação,& juramento. Aqui nos ordenao façamos o meſmo neſta Capitania,o que eu por mi sô naõ poſſo executar ſem os pareceres de voſſas merces, q̃ em caſo ſemelhante he milhor errar com o de todos, que acertar com o meu. E aſsi voſſas merces ſenhores officiaes da Camara como cabeças da República, manifeſtem ſeu ſentimento,&ſeguindoſe a elle o do Senhor Prelado Eccleſiaſtico,& Prelados das Religioens proſigaõ os ſenhores Capitaẽs, & mais adjuntos, que do que voſſas merces decretarem,ſe farà Auto publico, q̃ conſte a todo tẽpo. Acabou o Gouernador ſua propoſta: & leuantandoſſe o Vereadormais velho em nome dos Officiaes daCamara diſſe q̃ ſe a eleiçáo auia ſido tão aprouada do Ceo,& tão aplaudida de todo o Reyno,& proſeguida na Bahia cabeça do Eſtado,elles deuião de ſeguir aos mayores, & fazer a meſma aclamação,& iuramento. Reconhecẽdo por verdadeiro Rey, & Senhor de Portugal ao Senhor Rey D. Ioão o IV. deſte nome, Duque que auia ſido de Barganca, pois de mais de eſtar já como ſe via de poſſe de todo o ſeu Reyno,lhe competia por direito como era notorio, & ſe deuiáo de dar muitas graças ao Ceo de ſe verem reſgatados do pezado jugo,&tirana ſogeiçaõ,que auião padecido tantos annos na vaſſalagem delRey eſtranho





eſtranho padecendo muitas calamidades com nouas inuençoẽs de tributos,que tinhaõ já ao Reyno quaſi na vltima reſpiraçaõ,de cujo lamẽtauel tranſito Deos noſſo Senhor auia ſido ſeruido reſtauralo por meyo taõ licito,& de que ſe podiaõ eſperar nouas reformaçoẽs com que tornaſſe a ſeu primeiro ſer. E ſeguindoſe os votos de todos igualmente foraõ do meſmo ſem que em nenhum ouueſſe neutrae,lidadde que o Gouernador mandou ſe fizeſſe Auto, que logo fez o Eſcriuão da Camara, & aſsinando elle primeiro fizerão o meſmo os mais, & acabado, aclamaraõ todos em gêral á imitaçaõ do Gouernador, que deu principio, viua elRey Dom Ioaõ o IV. de Portugal. E mãdando logo trazer o Pendaõ Real da Camara ſairaõ do Coll gio em Prociſſaõ, & vnidos foraõ à Sê Matriz,donde feito hum Altar no Cruzeiro della ſobre hum Miſſal,fez o Gouernador, & a ſeu exemplo todos os mais ſolene juramento,preito & menagem de ter,manter,reconhecer, & obedecer ao Senhor Rey Dom Ioão o IV. Duque que auia ſido de Bragança, por verdadeiro Rey, & Senhor de Portugal, repetindo mu tas vezes o viua,que o Pouo pluralizaua com notauel aplauzo ſem ſaber,porque,como, nem a quẽ ſe victoreaua tanto:dando a entender, que o Ceo cõfirmaua a eleiçaõ em que os mais ignorantes della ſe deixauão leuar do goſto que comunicauão os que o ſabião,ſem inquirirem,nem ſaberem a quem ſe dedicauão ſeus viuas, que em todas as Praças da Cidade

A 4 ſe repe-

ſe repetirão ao aruorar nellas o Pendão Real em no-
me de ſua Mageſtade o Senhor Rey Dom Ioão IV.
ſem que ouueſſe peſſoa que procuraſſe exmirſe de
repetir viuas, & deixaſſe de agregar ao tumulto que
hia augmentandoſe com a nouidade, até que na caſa
da Camara ſe fez a vltima ceremonia mais regozijada
porque já o Pouo quaſi todo ſe auia vnido a vella, &
o miudo goſtoſo com a nouidade multiplicaua ale-
gria na repetição dos viuas. Logo mandou o Gouer-
nador (para proſeguir com o aplauſo deuido, & ma-
nifeſtar o afecto proprio) lançar bando com todas as
caixas do Preſidio publicando o efeito que aquella
noite, & as duas ſeguintes todos os moradores ornaſ-
ſem ſuas janellas com luminarias, & as fortalezas, &
nauios diſparaſſem ſua artilheria em quanto (por ſer
a penultima ſemana da Quareſma, a quem ſe ſeguia
logo a Santa) ſe aparelhauão para começar nos dias da
Paſcoa da Reſurreição feſtas, que intentaua a tão feli-
ce ſuceſſo de Portugal eſtimulando, & pedindo, que
todos entraſſem nellas acrecẽtando (como quem co-
nhece os animos de todos) que teria por mal affecto
ao ſeruiço de ſua Mageſtade o dito Senhor Rey Dom
Ioão IV. toda a peſſoa que tiueſſe poſſes, & ſe exmirſ-
ſe de entrar nas feſtas, para com iſto obrigar a alguns
que entendeo apaixonados de Caſtella, a ſe diuertirẽ
de ſeu ſentimento. Vioſe aquella noite a Cidade toda
ornada de luzes, tão brilhante de inuençoẽs, tão luſ-
troſa de fogos, & tão inquieta de viuas pellas ruas, &
artelha-





artelharia nos nauios, & fortalezas, que de hũa parte
parecia que o Ceo auia trasladado as eſtrellas nas ja-
nellas, & de outra, que a abrazada Troya ſe repreſen-
taua na confuſao das vozes, & repetiçoẽs da poluora,
efectos de amor, moſtras do que nas veras quando ſe
offereça gaſtarão os leaes animos dos Portuguezes, &
Braſilenſes em ſeruiço de ſeu verdadeiro Rey, & Se-
nhor Portuguez. Ao outro dia onze de Março (pro-
ſeguindo o Gouernador com ſeu zelo, & deſejando q̃
á ſua imitação as Capitanias debaixo, S. Vicente, & S.
Paulo, & onze villas, de que conſtão, juraſſem a meſ-
ma obediencia, & ſer Autor de ſeruiço de tanta im-
portancia, pois nellas conſiſte a conſeruação, & ſuſtẽ-
to de todo o Braſil, & ainda de Portugal o augmento
aſsi por os mantimentos que produzem, como por as
minas de ouro, que conſeruão) deſpachou a ellas a
Artus de Sáa Capitão da fortaleza ſanta Margarida, q̃
fez o Gouernador na Ilha das Cobras Padraſto da Ci-
dade, com ordem as Camaras, Iuſtiças, & Officiaes
de Milicia, a que imitaſſem as cabeças de ſuas Répu-
blicas, eſcreuendo a todos com os traslados das cartas
de ſua Mageſtade, & do Viſorrey, & ainda a muitos
particulares dos nobres do Pouo, para que o eſtimu-
laſſem ao effeito: & em hũa Canoa eſquipada por ma-
ior breuidade, & por ſe adiãtar antes, q̃ a caſo chegaſſe
auizo de Caſtella, que os pudeſſe neutralizar, o fez ſair
pella barra aos doze de Março; mandando no meſmo
dia (porque no ſeruiço delRey nunca permitio dila-
 çaõ

ção, por cuja presteza he censurado) aparelhar hũa Carauela, & hum Pataxo: aquella para mandar a este Reyno a dar auiso a sua Magestade, & aquelle para o duplicar â Bahia ao Visorrey, ordenando juntamente, que as companhias de Presidio a noite que estiuessem de guarda a festejarem no corpo della, como se fez nas oito noites seguintes, querendo cada Capitão exceder ao que lhe auia precedido, & com honrada emulaçaõ cada companhia se queria auentejar, & assi todas as oito noites ouue luminarias, & muitas ruciadas de mosqueteria, & falcoẽs, que publicarão mais o regozijo.

A dezanoue de Março vespora do Patriarca S. Bento, auia festa celebrandose no seu Conuento do Rio de Ianeiro asistia o Gouernador, estando prégando às quatro horas da tarde o Padre Frey Manoel Religioso da mesma Ordem, sugeito digno de eternos louuores aluoroçou a Igreja hum Ajudante, que com hum Mestre de hũa Carauela, que auia chegado deste Reyno, entrou nella, & deu duas cartas ao Gouernador, q̃ reconhecendo por o sobrescrito serem de sua Magestade, leuantandose em pé abrio hũa, & beijando, & pô do sobre sua cabeça a Real firma, que nella vio, a manifestou ao Pouo, donde auia algum, que censuraua o auer andado o Gouernador facil na aclamaçaõ sômẽ te pella carta do Visorrey. Aqui se repetio de nouo o Viua elRey Dom Ioaõ o IV. com tanto aplauso como se fora o primeiro dia, dando materia ao Prêgador para





par a variar a do sermão em louuores de sua Magestade tão dignamente dirigidos, quanto diuinamente acomodados: & o Gouernador manifestando seu incomparauel gosto, abraçãdo ao Mestre lhe deu de aluiçaras q̃ não pagasse imposição dos vinhos q̃ leuaua na Carauela, dizendo que suposto que aquella competia â Camara, se os Officiais della não aprouassem as aluiçaras elle as pagaria de sua fazenda. E por euitar de todo as censuras, & remouer os animos ao afecto tão justamente deuido a ElRey Nosso Senhor, mandou acabado o sermão ler em publico a carta que recebeo de sua Magestade, com que se duplicarão os Viuas, se pluralizarão as graças ao Ceo, & se desterrou toda a murmuração. Com a diligencia q̃ costuma o Gouernador na execução do seruiço del Rey, logo ao outro dia em execução (segundo se presumio) do que lhe douia de ordenar sua Magestade pella outra carta aparelhou hum nauio dos que estauão no porto de tudo o que lhe era necessario, & de mais da gente do mar, calafates, & carpinteiros lhe meteo vinte soldados, & por Cabo delles ao Capitão Antonio Lopez Mialha, que o auia sido do forte S. Ioão, & aos vinte, & hum do dito mez o despachou a Buenos Aires com algũ auizo de importancia, que reseruou o Gouernador só para si, & ao Cabo a cuja ordem o remeteo, encomendando o mesmo segredo aos officiaes que aescreuerão & Escriuão q̃ derão fee do que continha, diligencia tão repentinamente obrada como se estiuera preuenida.

B 2 A noite

A noite do dia de Paſcoa vltimo de Março, dando principio ás decretadas feſtasſe vio a Cidade tão ornada de luminarias, que naõ fazendo falta o brilhante eſplendor do Planeta Monarcha, & ſubſtituidas as eſtrellas nas janellas, & ruas formauão tantos cambiantes tornaloes no vario de inuençõcs, que ſe enredou o penſamento nas luzes, & ſe confundio no numero pois o limitado do lugar parece que ſe dilataua com ellas neſta occaſiaõ Foy o principio das feſtas hũa encamizada em que paſſarão moſtra alegrãdo todas as ruas da cidade cento & dezaſeis caualeiros cõ tanta competencia luzidos, taõ luzidamente luſtroſos, & taõ luſtroſamente cuſtoſos que nem Milaõ foi auaro, nem Italia deixou de ſer prodigamente liberal, deſejãdo cada hum naõ sómente exceder ao outro, mas ainda auentejar ao mais poderoſo, & porque ſeria fazer hũa Relaçaõ dilatada & enfadoſa, ſe naõ nomeaõ em particular todos os que a illuſtraraõ, acaudilhandoa o Capitaõ Duarte Correa Vaſqueanes, que foi Gouernador daquella Praça, & Dom Antonio Ortiz de Mendoça Sargento Mòr, & Gouernador da gente de guerra della, & rematandoa o Gouernador Saluador Correa de Sàa, & Benauides veſtido de Tella branca, tam bizarro, como alegre, repetindo em todas as ruas, viua elRey Dom Ioaõ. E para mayor alegria ſe lhe agregarão dous carros ornados de ſedas, & aparatos de ramos, & flores, & tam prenhados de muſica, que em cada principio de rua parecia que o Coro do Ceo ſe

auia





auia humanado, acção do Lecenceado Iorge Fernandes da Fonſequa, & obrada com ſeus filhos vnicos neſta arte, & que mereceo o louro aſsi da inuenção, como do louro.

A ſegunda feira primeira outaua de Paſcoa fez ô Gouernador Alarde geral, & armou dous eſquadrões no campo de noſſa Senhora da Ajuda fazẽdo das cõpanhias de Preſidio hum batalhão, & das da terra outro, & hũa Companhia de frecheiros com cento, & dezoito homẽs de emboſcada, & a Caualaria em ſeu lugar, & elle a Cauallo veſtido de tella encarnada, a comecerãoſe os dous campos por ſinco vezes eſcaramuçando, & dandoſſe cargas mui luzidas compoſtamente ſargenteando o Sargento Mór Dom Antonio Ortiz de Mendonça, & o Gouernador ao meio ſem deſcançar preuenindo as ordẽs, & diſpondo acertos. E dando vltimamente ordem a que todos caleſſem mecha, aruoraſſem bandeiras, & preuenſſem picas, pondoſſe no meio dos dous batalhoẽs, & tirando o chapeo diſſe em voz alta viua ElRey D. João o IV. de Portugal, ao que reſpõderão todos vitor, tres vezes, que forão as que elle o repetio, & ſe derão tres cargas, abatendo, ou floreando as bandeiras, q̃ foi acção mais luzida, & para ver que ſe podia preuenir, com que ſe deu fim com o do dia á feſta delle, achandoſſe nos dous campos com armas mil & duzentos homẽs.

A Terça feira mãdou o Gouernador correr touros, dando premios as melhores ſortes, ou maior deſtreza

B 3 tudo

tudo a ſua cuſta, & illuſtrarão a Praça muitos Caualeiros, que na deſtreza dos cauallos, & brio, & forçados rejoés liurarão o perigo a que ſe expunhão, ſem que ſuccedeſſe, nem deſaire, nem deſgoſto.

A quarta feira ſe jugarão canas acaudilhando hũa quadrilha de quinze Caualeiros o Gouernador, & outra de iguaes o Capitão Duarte Correa Vaſqueanes.

A quinta feira eſtando preuenido hum theatro na Praça para ſe reprezentar hua comedia, choueo tanto que não deu lugar a iſſo, & por não deixar de proſeguir nas feſtas mandou o Gouernador ſe reprezẽtaſſe na ſua ſala, donde ſubirão quantos puderão caber ſem limitar a entrada a nenhũa peſſoa, & ſe começou cõ loa de muitos viuas a ElRey Noſſo Senhor, & feneceo com a meſma repetição.

A ſeſta feira foi força interpolar a feſta, porq̃ choueo taõ riguroſamente, que naõ deu lugar a nada.

Ao ſabaldo ſe correrão manilhas ſendo os opoſitores vinte caualeiros, não faltando o Gouernador, nem o Capitão Duarte Correa, que tambem em todas as feſtas luzio bizarro, & bizarreou luſtroſo.

Ao Domingo ſairão duas Companhias de gente principal maſcarados, & veſtidos ao gracioſo burleſco com notauel regozijo. E rematouſſe a feſta ( que na mais o pulenta Cidade não podia ſer mais luſtroſa ) com hum alarde que os eſtudantes a ſegũda feira ordenarão, dando moſtras de que tambẽ, quando foſſe neceſſario em ſeruiço de ſua Mageſtade ſaberião diſ-
parar





parar o arcabus, como cõſtruir os liuros. E todas eſtas noites deſdea primeira teue o Gouernador ornadas as janellas de ſua caſa com luminarias de cera, & muito fogo de Poluora na Praça.

Deſta maneira aclamou o Rio de Ianeiro ao Senhor Rey Dom Ioão o IV. por verdadeiro Rey, & Senhor do ſeu Reyno de Portugal, deſta maneira aplaudio taõ felice efeito como ſua reſtituição a elle, & deſta maneira manifeſtou os animos diſpoſtos a ſeu Real ſeruiço.

*Com todas as licenças neceſſarias*

EM LISBOA.

Por Iorge Rodrigues Anno 1641.

Acuſta de Domingos Alures liureiro

Taixão eſta Rolação em oito reis em Papel Lisboa. 8. de Nouẽbro de 1641

*Ioão Sãnches de Baena.* *Fialho.*

# ORAÇÃO APODIXICA AOS SCISMATICOS DA PATRIA.

OFFERECIDA A FRANCISCO de Lucena do Conſelho de ſua Mageſtade ſeu Secretario de Eſtado, Commendador da ordem de Chriſto. &c.

PELLO DOVTOR DIOGO GOMEZ *Carneiro Braſilienſe natural do Rio de Ianeiro.*

Nec magis vituperãdus eſt proditor Patriæ, quam communis ſalutis aut vtilitatis deſertor.
*Cic. 3. de Fin.*

*Com todas as licenças neceſſarias.*

EM LISBOA.

*Na Officina de* Lourenço de Anueres. Anno 1641.

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: L. 933 V.

FRONTISPÍCIO

BIBLIOTECA DA AJUDA: 51-IX-18



A

# RELATION

Of ten Years

# TRAVELLS

IN

*Europe, Aſia, Affrique,* and *America.*

**All by way of Letters occa-ſionally written to divers noble Perſonages, from place to place;**

And continued to this preſent year, By RICHARD FLECKNO.

WITH

Divers other Hiſtorical, Moral, and Poetical pieces of the ſame Author.

---

*Hæc olim meminiſſe juvabit,*

---

*LONDON,*

Printed for the Author, and are to be ſold by

Frontispício. Seguem-se em fac-símile as pags. 64-84 desta obra. Museu Britânico: 790.a.19

(ever endeavouring like a Kite to ſnatch away our *Carvel* and *Pattachio*, which lay like Chickens cloſe under our Wings) till at laſt, about the height of *Baia*, it left us, deſpairing to meet any of their Fleet higher up, when holding on our courſe for the *Rio*, and founding all the way, we found it a bold Coaſt, ſome 35 Fathom all the way, with neither Flats nor Rocks, ſo paſſing by *Capo Frio* (ſo call'd from the exceſſive cold there, though under the Torrid Zone, and the climate on either ſide be exceeding hot) at laſt we arrived before the mouth of St. *Sebaſtians* Haven, where under a little Iſle we caſt Anchor, having in leſſe than three moneths, deducting our ſtay in *Affrique*, made the voyage almoſt to the *Antipodes*, of 4 ſhips (as we were) and more than 4 hundred men, loſing only one man in all the voyage; and here let me caſt Anchor too, er' I proſecute my voyage.

## *Of our arrival to St.* Sebaſtians, *or the* Rio de Ianaro *in* Braſil.

Whilſt we lay h re at Anchor, our *Mariners* Angling, took certain Fiſhes about the bigneſſe of *Rocnats* or *Gurnets* which they call *Cunny Fiſhes* from their reſemblance of our *Cunnies* in face (but only they wanted Ears) with bellies all white and chequered, which ſwell'd juſt like blown bladders, when they had lain a while panting on the Hatches, theſe were







were rank poiſon, as the *Portuguez* aſſured us, the Sea being full of divers other venomous Fiſhes, which renders the water unwholſom, as I experimented my ſelf, when bathing me in it, I came out all faintiſh and ill-diſpos'd, accuſtom'd to come out of other Seas more ſtrong and vigorous. Mean time advertiſement being given from the Fort unto the Town of our arival, they (perceiving us to be frends) ſent divers Boats and *Canoes* forth to welcom us, and bring us aboard all ſorts of freſh proviſion and fruits of the Country. Their *Midſummer* being our *Mid-winter* here. Amongſt the reſt, having Pilots ſent us to conduct us in, we weighed Anchor towards Evening, and with a gentle Brize or gale from Seaward, blowing conſtantly every Night from Sea, as every Morning it does from Land. We entred the Bay betwixt two mighty Rocks ſome mile aſſunder (the one (from its form) call'd the Sugar loaf) when having paſt the Fort ſome mile or ſo, beyond the Entrance of the Bay, we diſcover'd the pleaſantſt proſpect in the world for natural Landſchap, of the *Rio* or Lake ſome twenty mile or more about, all tufted with Green Iſlands, ſome a mile about, ſome more, ſome leſſe, the Town ſituated on the left hand, ſome 2 or three mile beyond the Fort, where was ſafe harbour for many hundred ſhips. Here ariving, and going on ſhore, I found a Lodging prepar'd for me, by the Fathers of the Company, with two *Mola-*

F *to's*

to's or Mungril *Negro's* to ſerve me, with my dyet from their Kitchin, juſt againſt my Lodging, whether by order from the King, the recommendations of the Governor (who came along with us) or the charity of the good Father I know not, but certainly 'twas ſo extraordinary an accommodation, as no money could have purchaſed the like, there being no *Innes* nor *Penſions* to lodge or eat at, as with us; all who frequent thoſe parts being either Merchants, who lodge with their Correſpondents, or Seafaring men, who lodge aboard, never any man like me before making that voyage merely on Curioſity.

## *Of* Braſil *in general.*

*Braſil*, as tis confined by the *Ocean* on th one ſide, and the Rivers of *Amazones* and *de Plato* on th'other, is a vaſt Continent, and far bigger than all *Europe*, the Climat is hot and moiſt, by reaſon of the aboundance of Rain that falls there continually; yet are there no Rivers at all in the Country (but only thoſe it is ſurrounded with) from whence any watry vapours ſhould exhale. It has only ſome 4 or 5 Ports by which you may enter into the Country, all the reſt o'th' ſhore being impenetrable, by reaſon of Rocks, and inextricable woods, for many hundred miles together, the Countrie ſeeming rather reſerv'd







ſerv'd for the habitation of men hereafter, than ever to have been Inhabited heretofore; and one of theſe Ports was that we now entred.

## *Of the Town.*

The Town of St. *Sebaſtians* is ſituate in a Plain ſome mile in length, bounded at either end with riſing Hills, the inmoſt towards the Lake inhabited and incloſ'd by the Benedictins, and the outmoſt towards the Sea by the Fathers of the Company; upon which hill was formerly ſituated the Antient Town (as the Ruins of houſes, and the great Church, yet remaining, teſtifie) till for the commodity of Traffique, and portation of Merchandiſe, 'twas by degrees reduc'd unto the Plain, their buildings being but low, and ſtreets not above 3 or 4, the principal regarding the Haven. Behind the Town is a great plain ſome two mile over, part of it buſhy, part woody, and part medow ground, beyond which you find a Country ſo wholly different from ours, as there's not a Tree nor Plant, Bird, Beaſt, nor any thing you ever ſaw in *Europe* to be found, and to ſpeak ſomewhat of each one in particular.

F 2 Of

## Of the Country.

The Country is for the most part all o'r-grown with wood, which the soyl, unforc'd since the Creation of the world had produc'd without culture, amongst which are some trees of such vast bignesse, as th'ar above 7 or 8 fathom in Diameter, and 70 or 80 high, of which they make *Canoes*, or Trees hollowed into *Boats* of 2 or 300 tun. As for the *Brasile* wood, by excellency taking its denomination from thence 'tis but a shrub in comparison with the other Trees, much like our bigger sort of Hawthorn Trees. The Country is naturally hot and moist, by reason of frequent rains; whence in many places, where the moisture settles in the bottoms, you have medow grounds, some 20 or 30 mile over, (seeming abandoned by those Trees, for not being firm enough to sustain the weight of their huge vast bulks.

## Of the Fruit Trees, and Plants.

For Fruit Trees, besides wild Limons, which grow every wher in great abundance, the *Bonano* deservedly claims the first place, it being a Tree that from the root grows yearly up to the heighth of an ordinary *Plum* or *Cherry*-tree,







tree, and much about that bulk; tis all green, the body being nothing but a collection of the leaves, which spred out towards the Top, and fall like plumes of Feathers, each leaf being some 6 foot in length, and 2 in bredth, on top of which, the fruit grows some 40 together in a bunch, in husks like Beans, all yellow when they are ripe, the fruit of colour and tast much like our *Apricock*, but much more firm and more delicious. For their *Caiju*, it is a sort of Tree of the bignes of our ordinary Apple trees, the leaves like chesnut leaves, and fruit much like the bigger sort of green Figs, fastned to the Tree in lieu of stalk, by certain Chesnuts, which roasted are excellent meat, the fruit eaten whole, melts all away to juice, exceeding cooling and refreshing, excepting certain strings which hang in your teeth, so tough, you cannot swallow them. The *Guaver* is a certain Tree about the same height and bignesse, the Fruit is round and green, like to our *Nectarins*, but crushe, you finde a round red pulp within, about the bignesse of a *Bilyard* ball, eating like so many Strawberries moulded into a past. Another sort of Fruit they have call'd *Mamons*, growing like great green pears, some 20 or more in cluster on the top of the Tree, never ariving to the maturity of being eaten raw, but they make a good conserve. Limons, Oranges and Citrons they have in great excellence and abundance (which I suspect to have been transplanted thither at first)

F 2 and

and *Limas* of a mixt *Species*, betwixt the O-range and Limon, all round, with a bunch on the top, of a drier tast, & mor eager douce than either. Another Tree they have, of whose root dryed, and the moisture prest out of it (which is rank poison) they make their *farina de pan*, as they call it, which they use instead of bread, when fresh and recent, tis like the Crums of wheaten bread, and when stale, like pownded Oatmeal; by every ones Trencher they lay heaps of this, and though Bread (made of Corn, brought from *Portugal* and the *Western Islands*) be neither scarce nor dear, yet most of the Inhabitants rather eat of that. But above all, the *Ananaz* is one of the deliciousest Plants the Earth did e'r produce, it growing like an *Artichoke*, the leaves thick and sharply Indented, like those of *Semper-vive*, thistly on the top, with a rind all scaly like the pine-apple, which paring off, you find the fruit of the bignesse of an ordinary *Meloon*, of a Golden colour, and distinguisht in o *Cells*, like Oranges, which slicing and eating in wine (as 'twas affirm'd of *Manna*) every one finds that gust and tast in't, he is the most delighted with. *Meloons* they have too, both yellow and green, far better than those of *Europe* (though transplanted from thence perhaps at first) and *Botatos* in as great abundance as *Turnips* and *Carots* are with us. To conclude, another Tree it has called the *Pinto*, which though no fruit Tree, yields them more profit







profit than all the rest; growing most commonly in moist places like our Willow, the body growing *Cane*-wise, distinguisht by several knots, out of whose poory sides, the branches issue forth in round, with their several falls rendring it so many stories high; of a delightfull green, body and all, whose leaves being thick and filmy, they use to sleave and spin to what finesse they please; the grosser serving for *Hemp*, the middle sort for *Flax*, and the finer for *Silk*.

## Of their Beasts.

For their beasts they are all strangely different from ours: The *Coty* has some resemblance to our *Hare*, but bigger, without Ears, and its back parts ending more bluntly towards the *Scut*, and of a redder colour than all the rest o'th body: The *Tatoo* is, not much unlike our lesser sort of *Swine*, but 'thas a more swag belly, and longer snout. *Pigritas* they have, so called from the slownesse of their pace, so monstrous, as no Devil can be painted more horrible and ugly, all scally like the *Rhinoceros*, but more Serpent like, going so slowly, as it scarcely advances a pace a day: *Ounces*, *Tigers*, & *Leopards* they have too for wild beasts, and for tame, Sheep, Swine, Goats and Oxen (all imported) and breeding there in so great abundance, especially

F4 the

the latter sort (which they nourish both for food and service, to turn their sugar-mills) as the fathers of the Company have for their share (not far from the *Rio*) more than twenty thousand all grazing in one pasture. *Bugiis* or *Apes*, they have in great abundance, most commonly all black with white faces, their tails *in spire*, turning inward, they smell sweet, and when they have done any mischief, will so hugg you, whistling lamentably with their mouths, as you cannot but pardon them; but above all, the prettyest Animal Nature ever made is the *Saguin*, about the bignesse of a little *Squirrel*, with long shag mains, and bushy tails, of golden colour (most commonly) fac't and handed like a Black-more, with small fingers and smirking countenances; peeping or squeeking like a Cricket when it craves, so as could it be but transported (as 'tis so tender and delicate, it commonly dies on change of air) all your Island *Shocks*, and *Bollonian* dogs would be banisht Ladies Laps and Chambers, and these be their sole Minions and Favourites.

## *Of their Fowl.*

For their Fowl, they are all so beautifull in comparison with ours, as we may well say, Nature learnt her *colouris* there, when she painted them; and that for Birds, whilst those







those of *Arabia* are call'd birds of *Paradise*, *Brasil* may well be called the *Paradise* of Birds. Amongst the rest the *Arara* is a certain Bird about the bignesse of a *Goshawk*, seeming a whole Garden of *Tulips*, every Feather being of a several colour, which beheld in Sun-shine, even dazle your Eyes, they are so bright & glittering; of these I had one I taught to speak like a Parrot, but in so grosse & big a tone, as you could not abstain from laughing to hear it; an other Bird they have call'd a *Caniada*, differing from the *Arara* only in colour; its back and wings without being all *Azurine*, and breast and wings within of golden yellow: Others all jet black they have, with a stomacher of *Aurora* colour, borthered with Crimsen, others again all scarlet. In fine the ordinarest Bird they have, is the Parrot, of which they have hundred sorts; The *Parrachitos* about *May* coming thither in flocks, just like *Starrs* in other Countries, and are sold as cheap, & eaten as ordinarily as they. With the rarer sorts of all which beasts & fowl I had my Chamber furnished, during my stay in the Country, as *Sanguins* one or two, which I always carryed along with me, calling them my Pocket Lyons, out of which at meals they'd come, and on either shoulder one, take meat from my hands and mouth, of my kindnesse to which, I had an *Arara* was so jealous, as it never left importuning me with its *caresses*, now looking me in the face, and talking

talking to me, now climbing up my back, it being a good-natur'd Bird, having only this ill quality, to be alwayes pecking and tearing with its Bill what ever was next it, which makes your frugal *Portuguez*, or wholly baniſh them their houſes, or provide them Iron Perches to exerciſe their Beacks on. Many other ſorts of Animals I had, which all periſhed by Sea, my *Sanguins* by change of air, my *Arara's* drown'd, on which I made this following Epigram.

*Since thou ſo like unto the* Phœnix *wert,*
*In ſhape, in colour, and in every part,*
*That ſo unlike ſhould be your* deſtiny,
*That ſhould by* fire, *thou ſhouldſt by* water *die.*

## Of their Inſects, or leſſer ſort of Animals.

For their Inſects, a certain little *crab or creviſh* they have, no bigger than *Beetles*, earthed in banks of ſand, as *Cunnies* are in Buroughs, with one claw far bigger than the other, which makes them turn whirling about, as other *Crabs* motions are *retrogred*: another ſtrange Inſect they have the *Portuguez* call *Lobedio*, or *Praiſe God*, as for ſome admirable thing, as indeed this is; It being a certain animated ſtick, like the end of ſome ſmall twig, ſome fingers length, out of the joynts of which there







there grow out leggs by pairs, on which it crawls, like walking Treſsles, nor can you perceive any other life it has, nor any other part of living Creature; as Eyes, Mouth, &c. I finding one of them crawling on me as I walked forth into the Woods, which tyed with a Thrid, and faſtned to a bough, I kept long time in my Chamber, not perceiving any ſuſtenance it took, often peircing it, to find if it had any ſence; it alwayes crawling in the the ſame manner about, until at laſt it vaniſhed, I know not how; but that which moleſted me moſt of all, was a certain kind of animated duſt, which inſenſibly ingenders to worms in your feet as big as Magots in a cheeſe, which unleſs they be carefully extracted, leave each one the ſeeds behind of a hundred more; theſe was I grievouſly tormented with for a month together, ſo as I could not ſtir, but as I was carryed in a *Hamatta*; nor did I ever know before, how near confining pain and pleaſure was; I, at their firſt ingendring in my feet, being aſſaulted with ſo fierce an itch, as 'twas the greateſt pleaſure in the world to ſcratch it, which preſently was ſucceeded by ſo intollerable a pain, as I never remember to have felt the like.

## Of the Salvages, or Natives of Braſil.

Of the Natives or Inhabitants what ſhall I ſay

ſay, but if, as *John Baptiſta de porta* ſays, every Nation has reſemblance to ſome certain beaſt or *Animal*, certainly theſe *Braſilians* are moſt like Aſſes, dull and phlegmatick, *in ſervitutem nati*, and only fit for toil and druggery, which is the reaſon Nature perhaps provided that Country with neither Horſe nor Aſſe, nor any beaſt of carriage or burthen beſides themſelves, yet are they rather ſquat than robuſt, with broad Bodies, and little Leggs, ſmall Eyes, of ſallow, ſickly complexion, ill featured, with black and greezy hair, nor curl'd nor dangling, but flagging Ill-favouredly about their Ears, going for the moſt part all naked both Men and Women, with only ſome rag to hide their privy parts, which you would never deſire to ſee, you ar ſo diſguſted with the reſt, they being all *Chriſtians*, but ſuch, as put me in mind of that ſentence of Holy Scripture, *Homines et Jumenta ſalvabis Domine*, that the *Lord* will ſave both Man and Beaſt; for ſurely they are both, having not wit enough to commit ingenious Vices, nor Temperance enough to abſtain from brutal ones; and thus much for thoſe who live among the *Portugals*, betwixt which and the other *Savag's* I imagin there is as much difference as between wild Beaſts and tame; neither can I believe what is reported of their fierceneſſe, though all that is reported of their ferity I do, as their eating one the other, and having not ſo much as a word in their language, ſignifying nor God







*God*, nor *King*, nor *Law*, for were they ſo fierce as 'tis reported, certainly they would never have yeelded their Country up ſo tamely to the *Portugal*, nor ſuffer them to enjoy it ſo quietly as they do; But to return to my *tame Salvages*, I hired 4 of them for a journey I made by Land, to carrry my *Hamatta*, whilſt tother two ran Lacqueying by which was on this manner. Your *Hamatta* is a certain *cotton* Net about the bigneſſe of a *Blancket*, drawn together at each end, and faſtned by a ſtrong Line to a Cane as big and long as a Colſtaff, carryed on their Shoulders, where you ſit or lye in what poſture you pleaſe on a Boullter or Pillow, far more eaſily than in any *Litter* (the *Portuguez* men having a Negro carrying a *Paraſol* or *Umbrella* to ſhadow them from the Sun, whilſt the Women are ſhadowed and defended from publique ſight, by ſome rich coverture thrown over the *Hamatta*, with two Negro Maids going by their ſides, to help them up, and put on their *Chopinas* when the Net's laid down, and they riſe to go out of it to any place. In one of theſe was I carryed ſome twenty miles a day, more or leſſe, according as the way was more plain or mountainous, covenanting with my *Savages* for a ſmall matter in money, beſides my finding them dyet, which was only a little *farina de pau* (or bread made of the root of a certain Tree, as we have ſaid before) for the reſt they rather finding me, for to our *Farina*

*us* we had ordinarily no other meat but Fish of which at every plash of water where they came ( but casting in their hooks ) they took enough for twenty men, when we presently made fires upon the place, and broyl'd them, eating them afterwards with the juyce of wild Lymons, growing every where in the woods; and this, with water for our drink, was all our sustenance, and for our lodging at night, we hung up our *Hamattas* betwixt two Trees, and there slept till morning, only along the Coast, in that tract which the *Portugals* have made to travel by Land from place to place, you fail not every second day at most to find some *Rosi* or Country Farm of the *Portugues*, where for your money you are well accommodated with all sorts of pullen and fruit. One pleasure I had in passing through the woods, was to see the Trees full of *Apes* and *Parets*, ( as if they had born no other fruit ) one chasing another with such noise and chattering, you could not hear one another speak, and you should see those Apes which had young, with 2 or 3 claspt about their neck, or hanging on their back, which they went thus luggering, till they waxed big, to catch which, the Natives would shoot the old ones with their Arrows ( with which they are the best mark men in the world, considering what clouterly Bows and Arrows they shoot withall ) when the old one tumbling down, the young for want of exercizing their Legs, had







had not th' addresse to runne away.

## Of the Commodities of the Country.

From my Voyage, I will return to speak of the Riches of the Country, chiefly consisting in their Sugar, which when I have named, I have named all; not that it wants others, but that it can want no others, having that, since that country which abounds with that commodity which all others have need of, can never want any commodity which others abound withall. For the rest, it produces neither *Corn*, nor *Wine*, nor *Salt*, which I attribute not so much to the difference of the Climate, as some politique reason to keep them with that necessary dependency on *Portugal*, to vent their commodities, and prevent revolt. Now for their Sugar thus it grows, and thus 'tis made; Their Sugar canes are prun'd to the heighth of standing corn: nor need they other culture, but every second year to cut them close by the roots, as we do *Osiers*, when against the next year they never fail to spring up agen, the flaggs of which Canes are of a pleasant green, and shew a far off just like a Field of Corn, which being ripe about the month of *June*, they joint them in pieces some foot long, and carry them to the Mill, turn'd by *Oxen*, or *Water*, consisting of two round *Cylinders*, about the bignesse of *Mil-posts*, placed

ted with Iron, which turning inwards, and joyning as close together as th y can meet, so squeez the canes in passing through them, as they come out on th'other side all bruzed, and dry as *kaques*, which were all liquid before, which *Liquor* is conveyed by *Troughs* to certain *Caldrons*, wher 'tis boyl'd, still retaining its *amber* colour, till powr'd out at last into their *forms* or coolers, with a certain *Lee* 'tis rendred white; And in these *Mills* (during the season of making Sugar) they work both day and night, the work of immediatly applying the canes into the *Mill* being so perillous as if through drousinesse or heedlesnesse a fingers end be but engag'd betwixt the Posts, their whole body inevitably follows, to prevent which, the next *Negro* has alwayes a Hatchet readie to chop off his Arm, if any such Misfortune should arive.

## *Of the Starrs, and Heavens of the other Hemisphere.*

I will conclude this Treatise of *Brasil* with a word or two of the *Starrs* of the other *Hemisphere*, garnisht with many *constellations* wholly unknown to us, of which the *Cruciero* or *Crosse* is the principalst, consisting of 5 or 6 *Stars* of the first magnitude, as bright as any in our *Hemisphere*; whose brightnesse, as with a foil, is set off the more by a great black cloud that's







that's continually under it, as is the whitnesse of the *Milky Way* rendred more perspicuous, by a streak of black in the midst of it, tending towards the same *constellation*; both which, as also another great black cloud on th'other side the *Milkie way*, I observ'd at my being there, for more than six months continually: whence I concluded, 'twas the natural complexion of that sky (as ours is blew) to have much part of it black, which perhaps renders the people of that Climat far more melancholy than ours, which black clouds I much wonder none (as I know of) has observ'd besides my self, especially since there ar 2 white clouds not far from the *Cruciero* appearing always in the same posture and figure, so generally observ'd and known, as they are call'd *Nubes Magellanica*, from *Magellan*, who first discovered them. And thus much for *Brasilia* may suffice; In which, if I have been too long, you will perceive at least, I have made al hast I could away. There being nothing in the Country, besides the satisfying my curiosity, that could invite me to longer stay than whilst the Fleet was preparing, which in the beginning of *August*, the 8th month after our Arival there, was ready to depart, I being to Imbark on the Admiral *Don Rhoderigo d' Alancastro*, who nobly invited me to dyet and lodge with him in his own *Cabbin*.

C T

## XXIV.

## *To the Reverend Father* John Pererio *of the Society of* J. *in* Brasil, *Anno* 50.

*Reverend Father,*

TIll I can do't in deeds, you will pleaſe to accept of my thanks in words for al your noble favours in *Braſil*, by whoſe curteſie twas that I not only lived there, but that my life in all my voyage has been prerogued ever ſince; for *Non vivere, ſed bene valere vita eſt*, you know: and I can aſſure you I never far'd better than I did on ſhip-board with the General *Don Roderigo d Alancaſtro*, to whom you particularly recommended me, who lodg'd me in his own *Cabbin*, plac d me at his table next himſelf, and not only made me companion alive with him, but would have don't in death too, if there had been occaſion, (as we imagined, on ſight of another Fleet, which afterward proved frends) when putting a Rapier in my hand, and arming me with a *Rondache* or Shield, he bid me (if we chanc'd to fight) keep alwayes cloſe to him, that we might live or die together. So as (my dear F.) whilſt others oblige as 'twere by chance, you only have the Art to do it, by linking benefit thus to benefit, till you make ſuch a chain of it, as he muſt be moſt







moſt ungratefull ſhould not alwayes remaine your Thrall; but that which your Modeſty will not hear from me I hope ſhortly you ſhall hear from the *King* himſelf, whom I have informed ſince my Arival of the many favours I received from you in *Braſil*, chiefly for his ſake, next to *God*; nor have I limited my Gratitude only to this place, but I have written alſo to *Rome*, that I might repay your curteſies the ſooner, the more I ſhould call into contribution to the debt, of which Letter behold the Copy.

---

## Ad Eminentiſsimum Card. *Fra: Barba.* Anno 50.

### Poſt ſuum ex *Braſilia* reditum:

Eminentiſſime Domine,

EX *quo fœda illa Tempeſtas nupèr* in Anglia *exorta me quaſi Naufragum in alienas orbis terrarum oras ejeciſſet, ego, ac ſi omnis terra mihi patria fuiſſet, vel potius nulla, magnâ parte* Europæ *peragrâta, atque nonnulla* Aſiæ, Africæq, Braſiliam *tandem in* America *cogitavi, quo à nobis remotior eo propius Lumen notitiæ admoturus.*

G2 After

After which *Exordium* I proceed, and say, "that though it abound in many things; and "that a Gold mine has lately been discover'd "there in the Territory of St. *Pauls*, and a "veyn of *Emeralds* nigh *Sancto Spiritu*, yet I "esteem more than any Gold or Pretious "Stones, the planting of the Christian Faith, "( I having no where seen Learning and Piety "more flourishing than there ) chiefly by the "Industry of the Fathers of the Society, who "converting those Barbarous people daily, "whilst they exercise their Bodies in cultiva-"ting the Land, do cultivate their Souls for "Heaven.

I will conclude, by telling you how our voyage was so prosperous all the way, as for more than 3 months none of our 22 sayl ever lost sight of one another, til nigh the Western Islands; or *Tierceros* ( where I only with our *Purser* went ashore, the Generall suffering none else to stir) our Fleet was so dissipated by fowl weather, as only 7 of us entred *Lisbon* road together, the rest comming afterwards dropping one by one, excepting 2 or 3 catcht up by the *Hollanders*, and one or two lost: And this is all I can tell you of our Voyage hither: besides which, I have no more to say, but only agen & agen to Iterate my many thanks unto you, R. F. *Rector*, F. *Vasconcells*, and all the rest, with the assurances that I shall alwayes be

*Your R. &c.*

T

PROVINSIA DE SANTA CRVZ AQVE VVLGARMENTE CHAMÃO BRASIL.

DE CAPRI CORNIO.

FOLS. 7-8 (EM PARTE) DA *DESCRIÇÃO DE TODA A COSTA DA PROVINCIA DE SANTA CRUZ* DE JOÃO TEIXEIRA

CF. HIC, P. 448-449



HISTORIA
DO
CAPVCHINHO
ESCOCEZ.

*Eſcrita em Toſcano.*
POR MONSENHOR
João Bautiſta Renuchino
Principe, & Arcebiſpo
de Termo,

*Compoſta na lingoa Portugueſa.*
OFFERECE A
A SENHORA DONA
INES ANTONIA
de Tauora, &c.
*O D. DIOGO GOMES*
*Carneiro.*

---

LISBOA.
*Com todas as licenças neceſſarias.*
Na Officina de Henrique Valente
de Oliue.ra. Anno 1657.

Frontispício, Biblioteca Nacional de Lisboa: H. G. 3505 P.

Provizao

1. Eu El Rey faço saber aos q esta minha Provisão virem q tendo respeito ao que por seus Procuradores me representarão os Povos das Capitanias do Estado do Brazil pedindo-me q á exemplo do q se fez na India, e nos outros Reynos seria conveniente haver-se de criar hu Chronista q des de seu principio athe ao prezente escrevesse toda a Historia do mesmo Estado; e visto o q allegão, e a informação q mandei tomar do D.or Fr. Franc.o Brandão, Chronista mor deste Reyno, e convir ao credito, e reputação de minhas armas haver pessoa q escreva, e dê á estampa as verdadeiras noticias, e Relaçoens dos feitos q naquelle Estado obrarão meus Vassalos: e pella boa informação q tenho das partes q para esta occupação concorrem na pessoa de Diogo Gomes Carneiro: Hey por bem, e me praz de lhe fazer merce do Officio de Chronista do d.o Estado do Brazil, e p.a melhor cumprir com sua Obrigação, Mando q se lhe dem os documentos q houver de lhe serem necessarios da Torre do Tombo, e das mais partes deste Reyno, e Ultramarinas onde os tiverem, e por elle forem pedidos; e com o d.o Officio haverá de Ordenado de 200$ r.s cada anno em q.to durar a dita occupação, e se lhe pagarão pellos tres Contratadores da Bahia, Pernambuco, e Rio de Jan.ro nos effeitos das propinas q elles costumão dar nas Rematações dos seus Contratos aos Governadores, e Officiaes de minha Fazenda daquelle Estado q mandei q se lhe não dessem: os quaes 200$ r.s se repartirão igualm.te por todos tres no q couber á cada hu, e se começarão





a vencer de 8. de Mayo d'1658 em diante em q lhe fiz merce do d.o Officio. Pello q Mando ao meu Sor.mo e Cap.am General do d.o Estado do Brazil, Provedor mór de minha Fazenda delle, e aos Governadores das Capitanias de Pernambuco, e Rio de Jan.ro e a todos os mais Ministros, Officiaes, e pessoas a q pertencer q cada hu na parte q lhe tocar cumprão, e guardem esta Provisão, e a fação inteiram.te cumprir, e guardar, e dar á execução como nella se contem sem duvida, nem contradicção alg.a Ordenando q se pague ao d.o Diogo Gomes Carn.ro ou a seus procuradores o d.o Ordenado na conformid.e assima declarada, e q se lhe guardem as honras, e preeminencias q por razão do d.o Officio lhe tocarem; e esta valerá como Carta posto q seu effeito haja de durar mais de hu anno, sem embg.o da Ordenação do L.o 2. t.o 40. em contr.o: e se registará nos Livros das Camaras da Bahia, Pernambuco, Rio de Jan.ro aonde for necess.o e se passarão por quatro vias, e pagará os novos Direitos. Franc.o da Sylva a fez em Lx.a as V. d'Junho d'1661. O Secretario Marcos Rodriguez Tinoco a fez escrever. = Rayńha =

Tirada de hua Copia fielm.te extrahida da Torre do Tombo Livro 19. dos Officios e merces d'El Rey D. Aff.o 6.o a fl. 124.

N. B. Em 15 annos, que exerceo este emprego, nada deixou escritto = Vide Bibliotheca Lusitana tom. I. pag. 654. Diogo Gomes Carneiro, falleceo a 26. de Fevereiro de 1676.

Biblioteca da Ajuda: 52-XI-10 (24)

CRIAÇÃO DO OFÍCIO DE CRONISTA DO BRASIL

## Transcrição da provisão que cria o ofício de cronista

Eu el-rei faço saber aos que esta minha provisão virem que, tendo respeito ao que por seus procuradores me representaram os povos das capitanias do Estado do Brasil, pedindo-me que a exemplo do que se fez na Índia e em outros reinos seria conveniente haver-se de criar um cronista que desde seu princípio até ao presente escrevesse toda a História do mesmo Estado, e visto o que alegam e a informação que mandei tomar do Dr. Frei Francisco Brandão, cronista-mor deste reino, e convir ao crédito e reputação de minhas armas haver pessoa que escreva e dê à estampa as verdadeiras notícias e relações dos feitos que naquele Estado obraram meus vassalos, e pela boa informação que tenho das partes que para esta ocupação concorrem na pessoa de Diogo Gomes Carneiro, hei por bem e me praz de lhe fazer mercê do ofício de cronista do dito Estado do Brasil; e para melhor cumprir com sua obrigação mando que se lhe dêem os documentos que houver de lhe serem necessários da Torre do Tombo e das mais partes deste reino e ultramarinas, onde estiverem e por ele forem pedidos; e com o dito ofício haverá de ordenado 200$000 cada ano enquanto durar a dita ocupação, e se lhe pagarão pelos três contratadores da Baía, Pernambuco e Rio de Janeiro nos efeitos das propinas que eles custumam dar nas rematações dos seus contratos aos governadores e oficiais de minha fazenda daquele Estado, que mandei que se lhes não dessem; os quais 200$000 se repartirão igualmente por todos três, o que couber a cada um, e os começará a vencer de 8 de Maio de 1658 em diante, em que lhe fiz mercê do dito ofício. Pelo que mando ao meu governador e capitão general do dito Estado do Brasil, provedor-mor de minha fazenda dele e aos governadores das capitanias de Pernambuco e Rio de Janeiro e a todos os mais ministros, oficiais e pessoas a que pertencer que cada um, na parte que lhe tocar, cumpram e guardem esta provisão e a façam inteiramente cumprir e guardar e dar à execução como nela se contém, sem dúvida nem contradição alguma, ordenando que se pague ao dito Diogo Gomes Carneiro ou a seus procuradores o dito ordenado na conformidade acima declarada, e que se lhe guardem as honras e preiminências que por razão do dito ofício lhe tocarem.

E esta valerá como carta, posto que seu efeito haja de durar mais de um ano, sem embargo da Ordenação do Livro 2, título 4.º em contrário, e se registará nos Livros das Câmaras da Baía, Pernambuco, Rio de Janeiro aonde for necessário e se passem por quatro vias, e pagará os novos direitos.

Francisco da Silva a fez em Lisboa, ao 1.º de Junho de 1661. O secretário Marcos Rodrigues Tinoco a fez escrever. Raínha.

Tirada de uma cópia fielmente extraída da Torre do Tombo, Livro 19 dos Ofícios e Mercês de el-rei D. Afonso VI, a fol. 144.

N. B. Em 15 anos que exerceu este emprego nada deixou escrito. Vide *Bibliotheca Lusitana*, tom. I, pág. 654. Diogo Gomes Carneiro faleceu a 26 de Fevereiro de 1676.

FOLS. 7-8 DA *DESCRIÇÃO DE TODA A COSTA DA PROVINCIA DE SANTA CRUZ* DE JOÃO TEIXEIRA

CF. HIC, P. 448-449



AMERICA,
QVÆ EST
GEOGRAPHIÆ
BLAVIANÆ
PARS QVINTA;
LIBER VNVS.
VOLVMEN VNDECIMVM.

Mafra Lisboa



INDEFESSVS AGENDO

AMSTELÆDAMI,
Labore & Sumptibus
IOANNIS BLAEV,
MDCLXII.

Frontispício. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 42-15-11

Gravura entre as pags. 213-214 da obra precedente

DEMONSTRAÇÃO DO RIO DE JANEIRO FEITA POR JOÃO TEIXEIRA EM 1645

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO: N.º 588

CHRONICA
DA
COMPANHIA
DE
JESV
DO
ESTADO DO BRASIL.
E
DO QVE OBRARÃO SEVS FILHOS
NESTA PARTE DO NOVO MVNDO.
TOMO PRIMEIRO
DA ENTRADA DA
COMPANHIA DE JESV
NAS PARTES DO BRASIL.
&
DOS FVNDAMENTOS QVE NELLAS
Lançàrão, & continuàrão seus Religiosos em quanto alli trabalhou o Padre Manoel
da Nobrega Fundador, & primeiro Provincial desta Provincia,
com sua vida, & morte digna de memoria:
E
*ALGVÃS NOTICIAS ANTECEDENTES*
*curiosas, & necessarias das cousas daquelle Estado,*
PELLO PADRE
SIMÃO DE VASCONCELLOS
DA MESMA COMPANHIA.
Natural da Cidade do Porto, Lente que foi da sagrada Theologia,
& Provincial no dito Estado.

LISBOA.

Na Officina de Henrique Valente de Oliveira Impressor del Rey N. S.
*ANNO M.DC.LXIII.*

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 499 A

Anterrosto da obra precedente

FRONTISPÍCIO





# SERMAM
QUE PREGOU
O PADRE MESTRE
## MANOEL CARNEYRO
DA COMPANHIA DE

IHS

NO COLLEGIO DO RIO
DE JANEYRO,
Em o ſegundo Dia das Quarenta Horas,
No Anno de 1667.

---

EM EVORA

*Com as licenças requizitas.* Na Officina deſta Univerſidade
Anno de 1668.

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 2973[14] P.

De NIEUWE en ONBEKENDE
WEERELD:
OF
BESCHRYVING
VAN
AMERICA
EN
't ZUID-LAND,
Vervaetende
d'Oorsprong der Americaenen en Zuid-landers, gedenkwaerdige togten derwaerds,
Gelegendheid
Der vaste Kusten, Eilanden, Steden, Sterkten, Dorpen, Tempels, Bergen, Fonteinen, Stroomen, Huisen, de natuur van Beesten, Boomen, Planten en vreemde Gewasschen, Gods-dienst en Zeden, Wonderlijke Voorvallen, Vereeuwde en Nieuwe Oorloogen:
Verciert met Af-beeldsels na 't leven in America gemaekt, en beschreeven
Door
ARNOLDUS MONTANUS.



t'AMSTERDAM,
By JACOB MEURS Boek-verkooper en Plaet-snyder, op de Kaisars-graft, schuin over de Wester-markt, in de stad Meurs, Anno 1671. Met Privilegie.

Frontispício. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 32-11-4





AMERICA

T'AMSTERDAM
By Jacob van Meurs, Plaetsnyder en Boekverkooper op de Keizersgraft in de Stadt Meurs, 1671.

Anterrosto da obra precedente

NOVA
LUSITANIA,
HISTORIA DA
GUERRA
BRASILICA
A
PURISSIMA ALMA
E
SAVDOSA MEMORIA
DO SERENISSIMO PRINCIPE
DOM THEODOSIO
PRINCIPE DE PORTVGAL,
E
PRINCIPE DO BRASIL.
POR
FRANCISCO DE BRITO FREYRE.
DECADA PRIMEIRA.

LISBOA
NA OFFICINA DE JOAM GALRAM.
Anno 1675.



Frontispício. Seguem-se em fac-símile o anterrosto e as pags. 33-42 desta obra.
Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 33-4-4





CÆLO DEMITTITVR ALTO

NOVA LUSITANIA
HISTORIA
DA GVERRA BRASILICA
Escrita
Por Francisco de Brito Freyre

QUA NON PATET ORBIS

tratar ſuccintamẽte das materias referidas. Que para levantar grandes edificios, ſe abrem profundos alicerces: aprendendo da natureſa da palma, que lança hũa vara de rais debaixo do chão, antes que moſtre dous dedos de folha ſobre a terra.

60 Informadas já as noticias de Europa, das calidades do Braſil, moſtraremos agora, como vendoſe não menos dilatado no dominio, que opulento no Comercio, foi ſua demaſiada felicidade, o motivo principal de ſeu mayor dano, achando a occaſião da ruina, no encarecimento da fama, incitadora vehementiſſima da cubiça eſtrangeira.

*A fama da riqueſa, foi a cauſa da guerra do Braſil.*

61 Niculáo Villagailhon, Francès nobre, do Habito de S. João, em o anno de mil quinhẽtos ſincoenta & ſeis, alterou primeiro a pacifica proſperidade de que goſavão aquelles Moradores. Tomando debaixo do Tropico de Capricornio a coſta de Cabo Frio, (que não ſabemos ſe buſcára a caſo, por neceſſidade, ou de propoſito) deſembarcou algũs dos companheiros, na praya que habitão os Indios Tamoyos. Nação numeroſa, & não menos feroz, do que barbára. Em odio da guerra que traſião então com os Noſſos, abraçárão os Eſtrangeiros. E poſto que tambem fiaſſem pouco delles, antes que os declarados Contrarios, quiſerão admitir os duvidoſos Amigos, como ſocorro traſido da fortuna para ſua defença; prometendo carregarlhes muitas náos dos frutos da terra: & principalmente do precioſo Páo Braſil, que apetecião tanto os Mercadores de Europa.

*Nação dos Tamoyos.*

62 Depois que avaliando eſtas noticias pe-

E lo







lo mayor intereſſe da viagem, ſe recolheo a ſua patria Villagailhon, como homem de generoſo eſpirito, & conſideravel fazenda, liſonjeado da nova eſperança, preſupunha, a peſar do divorcio em que vive a honra, com o proveito, não creſcer menos na gloria da fama, que no augmento do cabedal. Pelo que avaro já dos imaginados theſouros, ſem declarar o que emprendia, juntando ſoldados, & navios, voltou ao Rio de Janeiro, chamado Nhiteroy dos Indios. Os Noſſos pelo deſcobrirem no primeiro dia do anno, lhe derão com propriedade o nome de Janeiro; & impropriamente o de Rio: porque talhando horriveis penedias, de ſy meſmo entra aqui o mar, reſtringindoſe a menos de tiro de peſſa, onde rompe a terra. E continuando a barra, a propria diſtancia, na meſma eſtreiteſa, eſtende com improviſa largura ſua circunferencia, a hum fermoſo ſeyo de vinte coatro legoas, em oito de diametro. Cujo diſtricto ſe vê hoje cultivado de importantes fazendas, com cento & nove engenhos de aſſucar. Ainda q̃ inferiores aos da Bahia na grandeſa, iguaes na commodidade, para o ſerviço dos barcos, & aventejados na abundancia, para o ſuſtento da gente.

*Deſcripção da Provincia, & Rio de Janeiro.*

63 Como não ſó então eſte ſitio deſpovoado, mas eſte porto quaſi incognito, era de todos os do Braſil por fundo mais capáz, & por natureſa mais forte, era tambem para os Eſtrangeiros o mais conveniente. Pelo que na boca da barra; noutros poſtos diverſos; & principalmente em hũa das piquenas Ilhas, eſpalhadas por aquella enſeada, que conſerva ainda o no-

*Aonde com gente Franceſa ſe fortifica Niculao Villagailhon, em hũa Ilha.*

me

me de Villagailhon, fundou elle algũas fortalezas, aſſiſtido dos ſocorros de França, & dos Indios da terra.

*Cuidado que nos dà, occupala de aſſento.*

64 Todas as outras gentes de Europa, erão aos Portugueſes perniciosſas plantas para a Amèrica. E vião eſtas de terreno tão fecundo, tão crecidas já em coatro annos de aſſiſtencia, que não ſó pegavão as raizes, mas eſtendião os ramos, infeſtando o mar, & a campanha, ás embarcaçoẽs, & aos Moradores.

65 O que de preſente ſe padecia, & de futuro ameaçava, obrigou á Raynha Dona Catherina, na menoridade de ſeu nèto ElRey Dõ Sebaſtião, a mandar ſocorro de Lisboa, ao Governador General do Braſil Mendo de Sá. Que ſaindo da Bahia com três galeoẽs, oito navios, & dous mil homẽs, entrou no Rio de Janeiro. Villagailhon recolhendo Franceſes, & Tamoyos, que occupavão differentes guarniçoẽs, ſe meteo em a Ilha. Era limitada a circumferencia do ſitio, mas todo de penedìa brava: onde abrìrão ao picão algũas officinas da fortaleſa, a que dava eſtreita praya, paſſo difficultoſo.

66 Os Portugueſes occupando a terra firme, diſtante hum tiro de moſquete, puſerão bataria inutil á Praça inexpunavel, que tinha o mar por foſſo, as rochas por muralhas. Vio Mẽdo de Sá, que do ſeu proprio trabalho, ſó elle recebia o dano: E para deſcudar nas guardas os Inimigos, fingindo ſe retirava de dia, tentou a entrepreza na meſma noite; aproveitando-ſe de hũa quebrada das agoas, pela parte mais fragoſa da Ilha, que em confiança de o ſer, guarnecião os Indios. Algũs occupados do ſono, acordan-









*He lançado della pelo Governador Mendo de Sà.*

do na morte, dormìrão para ſempre. Os mais tendoſe por ſeguros do aſſalto, acudìrão mal á defença, que de todo ceſſou, pegado o fogo em a caſa da pòlvora, por ſeu deſcudo, ou noſſa diligencia. Abraſados trinta, & afogando-ſe mayor numero, quando de hum elemento eſcapavão, em outro perecião. Salvouſe Villagailhon, & muitos dos Europeos, em os bateis das náos. Os Braſis a nado, entre a eſpeſſura das brenhas.

*Torna a fortificarſe Villagailhon.*

67 Por ficarem eſtes, & aquelles, mais eſpalhados, que de todo vencidos, em ſe retirando os Portugueſes, continuárão (ſocorridos de França) na meſma hoſtilidade. Do que informada a Raynha Dona Catherina, para os Eſtrangeiros ſe lançarem melhor da terra, a mandou povoar. Tornando a remeter náos groſſas; ſoldados eſcolhidos; apreſtos convenientes: & o Capitão Mòr Eſtacio de Sá, ao Governador General ſeu tio, para conſervarem ambos a união, com o parenteſco: ſem o prejuizo do que padecem as occaſioẽs militares, nos Cabos deſconformes.

*E tornão à buſcalo os Portugueſes.*

68 Agregado o poder do Braſil, ao ſocorro do Reyno, no Porto da Bahia, ſahio delle Eſtacio de Sá. E tomando o Rio de Janeiro, na entrada da barra, junto a hum monſtruoſo penedo, que por ſe levantar altiſſimo em forma piramidal, he chamado, Paõ de Aſſucar, fortificou o ſeu quartel, facil para as ſaidas dos Noſſos; difficultoſo para os aſſaltos dos Inimigos. Vieraõ unidos ao peimeiro, os Franceſes, com trés navios; os Tamoyos, com mais de cento & vinte canoas.

*Que são canoas.*

69 São canoas, as em barcaçoẽs de que só usaõ os Gentios para a guerra, & de que mais se aproveitaõ os Moradores para o serviço, pela pouca agoa que demandaõ; & pela facilidade com que navegaõ. Cada qual se forma de hum só páo comprido, & boleado; a que tirada a face de sima, arrancaõ todo o amego. Neste sitio onde as fazem de troncos admiravelmente grossos, ligeirissimas, & taõ grandes como galés piquenas, podem trazer cento & sincoenta Indios. Os quaes mostrandose soldados, & marinheiros, em quanto hũa mão tira a frecha, outra voga o remo; trazendo mais de trinta por banda. Cujas pás, servem aos Americos de reparo para as setas, como as adargas aos Africanos para as lanças.

*Rompemos a muitos dos Contrarios.*

70. Pendendo deste encontro, o conceito que cada hum havia fazer de seu contrario, para os seguintes, pelejouse valerosamente de ambas as partes, té se declarar da nossa o vencimẽto. Com que o Capitaõ Mór, largadas as trincheiras, por mar, & terra, despedio esquadras, & embarcaçoẽs, que em particular fizerão mayor a perda dos Tamoyos. Estes que á defença da patria, acrescentavaõ já a vingança da afronta, estimulados do odio, cresceraõ tanto em o poder, que excederaõ a suas mesmas forças. Armaraõ quasi duzentas canoas, algũas de ligeira artelharia, tripulando os arcos dos Indios, entre os mosquetes dos Francesos. Vinte que vogavaõ melhor, adiantáraõ das outras, que atendiaõ ao successo destas, encubertas de hũa ponta da praya, meya legoa do nosso quartel: para que tocando arma, as primeiras, saissem os Portu-





F. B. FREIRE — NOVA LUSITANIA



tuguezes (como sairaõ sempre) a buscalos no mar, & com o grosso de todas, tomandolhes a terra, ganhassem as trincheiras desguarnecidas.

*Livramos de hum perigo grande, por hũ meyo ridiculo.*

71 Assim como se presumio, se lográra o intento; porque ficárão apenas nos postos principaes, as sentinelas ordinarias. Mas quando, forçando mais os remos, & os gritos, hião as canoas juntas ferrando já a praya, saltou o fogo na polvora, que levava hũa dellas. O estrondo, & incendio, que com dano, & com terror, admirou os olhos, & ouvidos daquelles barbaros, fez mais formidavel a grande voz levantada de hũa India velha, que acompanhava tambem os Gentios; venerada de todos elles, como Idolo de abominação, no seu genero diabolico, de infernal santidade; clamando: *Que fugissem, & que fugissem logo, por lhe revelar inspiração divina, que os esperava a feitiçaria dos brancos, com morte industriosa.* Achárão estes brados taõ pronta obediencia, que se retirou subito todo o cardume das canoas; por lhe servir o pretexto da religião, de mayor disculpa para o medo. Com que os Indios supersticiosos dos agouros, & affligidos dos successos; contavão, entre muitos ridiculos: *Que até os passaros propicios a nosso favor, se conjuravão em seu dano: Porque estando emboscados noutra occasiaõ, feriraõ hum, que voou com a seta atravessada, para donde vinha já a se meter entre elles a nossa gente: & colligindo então daquelle sinal, occultaremse para aquella parte, como se fora aviso de espia certa, evitou a ruina infalivel.*

72 Mas tendo a experiencia de dous annos mostrado aos Nossos, como aquellas armas,

ainda que ſufficientes para conſervar o quartel,
não erão baſtantes para conſeguir à conquiſta:
paſſou a ella ſegunda vez, o Governador Men-
do de Sá, levando aſſim pela authoridade da
peſſoa, como pela importancia da occaſião, a to-
do o poder do Braſil. Logo que ſaltou em terra,
ſe poz em marcha. Procurava que a preſteſa, cõ
mais reſpeito de ſeu decoro, cauſaſſe mayor eſ-
panto ao Inimigo. E deſejando que o principio,
deſſe juntamente o fim, á guerra de que era Ca-
pitaõ, começou pela mais difficultoſa, para a
acabar mais brevemente.

*Embarcaſe ſegũda vez o Governador Mendo de Sá.*

73 Entre outras, havia hũa grande povoa-
ção, onde eſtava a principal fortaleſa, chamada
Uraſſumiri, que obrou Engenheiro Francês,
com architectura regular, guarnecida de arte-
lharia groſſa, & de gente eſcolhida. Contra eſta
ſe moverão os Portugueſes, de maneira que a
ordem dos ſoldados, era a mayor força dos eſ-
coadroẽs; prometendo antecipadamẽte na ale-
gria com que marchavão, o bom ſucceſſo do
que emprendião. Reconhecido pelo Governa-
dor tanto alvoroço militar, para accender mais
fogo nos animos que ardião de ſy meſmos:

*Marcha ſobre a principal força dos Inimigos.*

74 *Não vos dé cuidado* (lhes diſſe) *a diſciplina
dos Franceſes, nem a immenſidade dos Tamoyos. Já
ſabem eſtes, que os hão de tratar aquelles como Eſcra-
vos, em ſe podendo fazer Senhores. Que mais ſe lhes da-
rá logo, que os dominẽ os Luſitanos? Bem quiſerão elles
ſacudir o peſado jugo de qualquer ſervidão, mas haven-
do conſtrangidos de ſujeitarſe a algũa, admitirão a noſ-
ſa; porque impoſta já ás Nações viſinhas, lhes tiramos
diante dos olhos a liberdade; & com as magoas dos ou-
tros, aliviarão as ſuas. Aſsim venceremos facilmente a*

*Falla aos Noſſos.*

eſtes







*eſtes Inimigos; dos quaes haveis de conſeguir a victoria,
ou vos hão de beber o ſangue; ſervindo de paſto os cada-
veres eſpedaçados dos Portugueſes, à ſua bruta voraci-
dade! Os Eſtrangeiros deſconfiados de ſe perpetuar na-
turaes, aqui eſtão como hoſpedes. Buſcão o roubo, não
tratão da conquiſta. Seu temor os obriga mais a unir as
armas, que a conformar os animos. Pelo que cedendo os
Franceſes, & os Indios, á conſtancia da noſſa reſolu-
ção; & ao terror da noſſa moſquetaria; povoaremos eſta
terra, entre muitos nobres lugares, de hũa illuſtre Cida-
de, com os alicerces dos edificios, ſobre os oſſos dos Con-
trarios; para lerem os vindouros nas pedras da ſua fun-
dação os padroẽs da voſſa memoria.*

*Aſſalta a Praça.*

75 Eſtavão já á viſta da Fortaleſá. Man-
dou-a avançar o Governador á eſcala, pela me-
lhor Infantaria do noſſo campo. E atendendo
ao merecimento dos perigos paſſados, preferio
na honra dos preſentes, Eſtacio de Sá, a que deu
a vanguarda. Variava a fortuna os ſucceſſos em
o aſſalto. O ſangue, & a morte de muitos, antes
era eſtimulo, do que receyo para os mais. E con-
forme melhoravão eſtes, ou cedião aquelles, ſe
acreſcentava em hũs a eſperança, em outros o
temor. Atè que ſe terminárão as duvidas, com
grande eſtrago dos Contrarios, pouca, mas laſ-
timoſa perda dos Noſſos; que contárão entre os
mortos (alem do Capitão de mar, & guerra Gaſ-
par Barboſa) ao Capitão Mòr Eſtacio de Sá. A
quem deve o Rio de Janeiro, ſaudoſa memoria;
& Nòs, particular lembrança. Porque igualan-
do a modeſtia de que uſava entre os Compa-
nheiros, á reſolução cõ q enveſtia os Inimigos,
em ſeu piedoſo valor, ſe unirão as virtudes mi-
litares, & as Catholicas, raras vezes conformes.

*Matão o Capitão Mòr Eſtacio de Sá.*

Ven-

76 Vendo o breve tempo, em que pade-
ceo a principal força a ultima ruina, temèrão, &
deſconfiárão de maneira todas as mais, que na
ſua fraca reſiſtencia, antes ſe continuou o deſ-
pojo, que o combate. Aſſim deſenganados os
Tamoyos, da confiança que punhão na multi-
dão; & rendidos ao deſpreſo, com que o Go-
vernador Mendo de Sá lhes mãdou dizer: *Dei-
xava em ſua eleição, quererem ter os Portugueſes por
amigos, ou por contrarios*. Menos fieis, do que me-
droſos, abraçárão a paz; como já a haviaõ abra-
çado geralmente os demais Indios: por quanto
o quebrarem-na repetidas vezes, ſempre fora
em mayor dano ſeu, do que noſſo.

*E acabamos de lançar os Eſtrangeiros deſta Provincia.*

77 Expulſos os Franceſes, que occupavão
havia onze annos eſta Provincia, ſe recolhèrão
para as ſuas de Europa, os que naõ ficáraõ entre
os Gentios. Donde algũs, furando os beiços co-
mo elles, lhes recebèrão por molheres as filhas.
Cujos deſcendentes ſervìrão de lingoas, & de
juntar os ſocorros da terra, a outros, que noutras
occaſioẽs, vindo infeſtar noſſas Coſtas, vagáraõ
com mais trabalho, do que fruto, pelas Capita-
nìas, & mares de todo o Braſil, & do Maranhão
todo. Que aſſim em todo o tempo, por todo o
Mundo, ſe procurou introduzir eſta belicoſa
Nação: verificando-ſe de preſente o teſtemu-
nho antigo de Tito Livio. 1.

1. Dec. 4. Lib. 8.

78 Como a natureſa humana, extinguindo
hũas couſas, produz outras de novo; aſſim os
Noſſos, depois de aſſolarem aquellas povoa-
çoẽs, fabricáraõ muitas no Rio de Janeiro. He
celebre entre todas, a opulenta Cidade, que cha-
máraõ de S. Sebaſtião, vinculando a liſonja d'

*Fundaſe para cabeça della a Cidade de S. Sebaſtião.*

F ElRey,







ElRey, que era do meſmo nome naquelle tem-
po, á devoção do Santo. A quem os Portugue-
ſes acclamáraõ Padroeiro em eſta guerra; por-
que n'algũas occaſioẽs mais apertadas (referem
as relaçoẽs manueſcritas do Veneravel Padre
Joſé de Anchieta) que a favor dos Noſſos, ſe
vira peleijar contra os Inimigos. E creſcendo
em poucos annos, com groſſos cabedaes, nu-
meroſo povo, & ſumptuoſos edificios, ſe fez
cabeça da Capitanìa eſta Cidadeque emno bre-
ce grandemente a Nova Luſitania.

*A memoria da poſteridade, he premio da virtude.*

79 Naõ he fora do noſſo eſtylo, dar ás ac-
çoẽs generoſas, donde quer que ſe achão, em a
memoria da poſteridade, o premio da virtude.
Pelo que refirirei do Indio, cujo nome foi pri-
meiro Ararigboya, depois Martim Affonſo,
Principal de hũa Aldéa, o ſucceſſo ſeguinte. Foi
nos paſſados, pelos merecimentos de fiel, & de
valeroſo, que exercitou ſempre entre os Portu-
gueſes, taõ aborrecido dos Tamoyos, que vin-
dó coatro náos Franceſas carregar de Pao Bra-
ſil, á parajem pouco diſtante de Cabo Frio, on-
de ſe recolhèraõ; renováraõ os odios antigos,
com as armas alheyas; inſtando aos Eſtrangei-
ros: *Que em recompença da droga que lhes davão, era
toda a ſatisfação que lhes pediaõ, unirem as coatro nàos
às ſuas canoas, para vingarem daquelle ſó golpe, muitas
injurias, num Indio rebelado, de quem pela fama de ſua
treição, teriaõ ouvido o nome*. Seguindoſe á perſua-
ção a conformidade, partìraõ juntos. E como
pela confiança da victoria, não fazião caſo da
guerra, gaſtada na deſembarcação muita parte
do dia, ſe acommodáraõ ao repouſo da noite;
parecendolhes couſa indigna, quebrar o ſono, a

taõ

## NOMEAÇÃO DE FILIPE CARNEIRO DE ALCÁÇOVA

Dom Pedro, por graça de Deus Príncipe de Portugal e dos Algarves, faço saber aos que esta minha carta patente virem que tendo respeito aos serviços de Filipe Carneiro de Alcáçova, feitos na capitania do Rio de Janeiro por espaço de quatro anos, dois meses e vinte dias, desde o primeiro de Maio de seiscentos e sessenta e dous até vinte de Julho de seiscentos sessenta e seis, em praça de soldado, embarcando-se a princípio na nau São João de Hamburgo que foi ao Rio de Janeiro, assistindo nas guardas e sentinelas que lhe foram encarregadas, achando-se em uma jornada que fez com licença do governador com perigo de se afogar por se virar a lancha em que ia, e além dos referidos serviços tendo também consideração à notícia da arquitectura militar e fortificações, conhecimento da náutica e fabricar por suas próprias mãos os instrumentos e cartas de marear e ùltimamente ser nomeado por patente de Denis de Melo de Castro no posto de ajudante de engenheiro da província de Alentejo, e por esperar dele que daqui em diante me servirá com satisfação em tudo o de que o encarregar de meu serviço, conforme a confiança que faço de sua pessoa, hei por bem de lhe fazer mercê do posto de ajudante da praça do Rio de Janeiro, que vagou por promoção de João de Aguiar, com o qual posto obrará na mesma capitania tudo o que tocar aos exercícios de engenheiro e menistérios da fortificação e artilharia e vencerá sòmente o soldo de ajudante, e gozará de todas as honras, previlégios, isenções, franquezas e libardades que em razão do dito posto lhe tocarem, do qual por esta o hei por metido de posse. Pelo que mando ao governador da capitania do Rio de Janeiro conheça ao dito Filipe Carneiro de Alcáçova por ajudante da dita praça e como tal o honre e estime e deixe servir e exercitar o dito posto e haver seu soldo; e ele jurará em minha chancelaria na forma custumada que comprirá inteiramente com as obrigações do dito posto, de que se fará assento nas costas desta carta, que por firmeza de tudo lhe mandei passar por mim assinada e selada com o selo grande de minhas armas.

Dada na cidade de Lisboa, aos vinte dias do mês de Dezembro. Manoel Roiz de Amorim a fez, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e seiscentos setenta e oito.

O Secretário André Lopes de Laura a fez escrever.

PRÍNCIPE

Arquivo do Conselho Ultramarino, *Ofícios, Livro 6.º*, fol. 84v, registo 119
Apud Sousa Viterbo, *Expedições científico-militares enviadas ao Brasil*. Coordenação, aditamentos e introdução de Jorge Faro, I [Lisboa, 1962], p. 14-15

FRONTISPÍCIO

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA: ILUMINADO 156



O manuscrito iluminado 156 da Biblioteca Nacional de Lisboa foi publicado por A. Fontoura da Costa, sob o título *Prática da Arte de Navegar*, Lisboa, Agência-Geral das Colónias, 1940 (2.ª edição, Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1960), onde porém se modernizou a língua, se acrescentaram ou omitiram vários vocábulos e se fez num ou noutro passo leitura defeituosa do texto, embora este tenha sido por várias vezes correctamente emendado. Não se publicam aqui os passos respeitantes ao Rio de Janeiro (fol. 97r-102v), porque são por assim dizer a repetição do que escreveu Manuel de Figueiredo na *Hidrografia* e do que dirá o mesmo Pimentel na *Arte prática de navegar*. Comparando estes três textos, verifica-se efectivamente, por um lado, que no manuscrito 156 não figuram passos que vêm nos dois impressos, por outro lado, que nele se contêm alguns acrescentos em relação à *Hidrografia*, encontrando-se porém estes na *Arte Prática de Navegar*, enfim, que as variantes em relação à *Hidrografia* e à *Arte Prática* são de pouca importância.

Fol. 48r da *Prática da arte de navegar* de Luís Serrão Pimentel (cf. obra precedente)

## ARTE PRÀTICA DE NAVEGAR E REGIMENTO DE PILOTOS

Luís Serrão Pimentel utilizou largamente a obra do cosmógrafo-mor Manuel de Figueiredo, *Hydrographia, Exame de Pilotos* (cf. *hic*, p. 403), limitando-se com frequência a copiá-la textualmente. Não obstante, introduziu adições importantes em muitos lugares e deu nova redacção a vários passos, por exemplo:

Indo do Rio de Janeiro pera o Rio da Prata, que é de Outubro até Março, governai ao Sul, e tanto que estiveres quatro ou cinco légoas de terra, governai ao Sussudoeste e daí corre a costa de Santa Caterina, que é a ilha dos Castilhos, que está em trinta e quatro graos e meo, a qual está na costa e é muito pequena e vendo-a de mar em fora faz como ũa nao à vela; está da terra firme como um terço de légoa, e perto dela em terra firme vereis ũa serra que faz como uns picos de pedra espinhosa; os do meo são maiores, que parecem como torres d'abóbada de sinos.

Indo do Rio de Janeiro para o Rio da Prata, fareis o caminho do Sul, e tanto que estiverdes leste-oeste com a ilha de S. Caterina, que está em vinte e oito graos, fazei o caminho do Sudoeste, que assim corre a costa até a ilha de Castilhos, que está em trinta e quatro graos e um terço, indo apartado de terra de trinta para quarenta léguas, a qual ilha está na costa e é pequena; vendo-a de mar em fora se faz como ũa nao à vela; está de terra firme como um terço de légua e perto dela em terra firme vereis ũa serra, que faz como uns picos espinhosos; os do meio são maiores, que parecem como torres de sinos.

Comparando ambos os textos, verifica-se também, por um lado, que certos arcaísmos da *Hidrografia* já não aparecem na *Arte prática de navegar*, por outro lado que Pimentel corrigiu certos erros de impressão e suprimiu alguns passos da obra de Figueiredo. É por tudo isso que se reedita aqui o texto de Pimentel (*Arte prática de navegar*, p. 227-234).





ARTE PRATICA
DE
NAVEGAR
E
REGIMENTO
DE
PILOTOS

REPARTIDO EM DUAS PARTES

A PRIMEIRA PROPOSITIVA, EM QVE SE propoem alguns principios para melhor intelligencia das regras da navegaçaõ:

A SEGVNDA OPERATIVA EM QVE SE ensinaõ as mesmas regras para a pratica.

IUNTAMENTE OS ROTEIROS DAS NAVEGAÇOENS DAS Conquistas de Portugal, & Castela

POR

LVIS SERRAÕ PIMENTEL
COSMOGRAFO MOR, E ENGENHEIRO MOR que foi dos Reinos, & Senhorios de Portugal, & Tenente General da Artilheria com exercicio em qualquer das Provincias do Reino.

LISBOA.
Com as licenças necessarias, & Privilegio Real.
Na Impressaõ de Antonio Craesbeeck de Mello Impressor de S. Alteza.
Anno 1681.

Frontispício. Seguem-se em impressão as pags. 227-234 desta obra. Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 441 V.

DESCRIÇÃO DO LITORAL DO RIO DE JANEIRO

## Derrota do Espírito Santo ao Rio de Janeiro

Partindo do Espírito Santo ao Rio de Janeiro, governai ao sul quarta do sudoeste até serdes com a ilha de Sant'Ana; então podeis ir a demandar o Cabo Frio; e havendo contraste que se não possa ir para o dito Cabo, podeis surgir ao longo da dita ilha donde der melhor abrigo, e ao norte desta ilha está a Baía Fermosa, que tem muito arvoredo e é muito fresca e fermosa.

Vindo a buscar o Cabo Frio, está na ponta dele ũa ilha que se pode surgir da banda de oeste dela, que tudo é limpo, e vindo a demandar este Cabo por sua altura da banda do norte dele está a Baía do Salvador, e vindo de mar em fora faz um monte redondo, que parece o mesmo Cabo Frio; e assim para o sul do dito Cabo estão duas ilhas pequenas, que bem podeis ir por entre elas ao Cabo, mas não é bom vir-lhe por entre as ilhas e o Cabo por amor dos embates e água que leva os navios às penhas; e tem mais por conhecença este Cabo ũa terra muito alta, em que bate o mar; e dobrando este Cabo da banda do sul, tem ũa enseada que se pode surgir nela, e na terra se representam uns grandes penedos, a que chamam a Casa de Pedra, e ao sul ũa légua deles está a ponta do Cabo Frio, donde vereis ũa ilha afastada da terra meia légua; por entre ela e a terra podeis entrar livremente, e achareis sete, oito braças, o qual Cabo está em vinte e três graos e um sexmo.

## Derrota do Cabo Frio ao Rio de Janeiro

Partindo do Cabo Frio ao Rio de Janeiro, governai a oeste, dando resguardo às águas que chamam à enseada; e vindo de mar em fora, estando quatro léguas do Rio de Janeiro, vereis ũa serra muito alta em que bate o mar, e da banda do sul dela está um pináculo que parece navio com um homem dentro, e estando ao sudoeste do rio vereis ao nordeste uns pináculos que se parecem com órgãos e assim se chamam; e na entrada da barra está um penedo muito alto que parece um pão de açúcar; e estando ao mar da boca deste rio vereis ũa ilha que está duas léguas da boca da barra.

Querendo surgir nesta ilha bem podeis, que tudo é limpo, a qual está em vinte e três graos e um terço; e sendo o vento escasso para entrardes neste rio ireis por entre as duas ilhas, porque tudo é limpo, até lançardes ũa pedra em terra, e dentro no rio está ũa baxa no meio da barra, e tanto podeis ir por ũa banda como pela outra; e indo com maré guardai-vos do baxo, porque tira água a ele, e o próprio faz com água de vazante; e da banda do sul deste rio está ũa ilha redonda escalvada e outra rasa ao longo do mar.

## Derrota do Rio de Janeiro a Santos

Do Rio de Janeiro à Angra dos Reis há doze léguas, e quem for por aqui não se meta muito em terra; e indo correndo a costa é terra toda alta e dobrada, e logo





do Rio de Janeiro a oeste duas léguas se faz um pico de ũa montanha alta, degolado por cima, a que chamam a Gávea, e duas léguas mais adiante está a barra de Tojuca: é sòmente de barcos; e quatro léguas mais a oeste está a barra de Garatuba, a qual tem por conhecença pela banda de oeste, desviada outras quatro léguas, um cerro redondo mui alto a modo de monte de trigo, a que chamam Marambaia, e por esta barra de Garatuba entram embarcações pequenas; mas por entre o monte Marambaia e ũa terra verde grande, que faz ũa aberta cousa de duas léguas, entrando ao norte ireis por cinco braças; guardai-vos do que virdes até tanto que fiqueis com Marambaia nordeste-sudoeste e surgireis na terra de oeste, que é a ilha grande, e estareis entre os portos d'Angra dos Reis; e indo pelo norte da ilha grande podeis sair pelo oeste dela, que tudo é limpo, e tendes ũa boca de duas léguas, que tanto é da dita ilha à ponta de Carossu, que é em terra firme da dita Angra; e estando no meio da dita ilha grande surtos em três, quatro braças, olhando ao norte tendes a ilha de Ipoja, meia légua da terra, onde podeis surgir em seis braças, e defronte dela ao nordeste está a povoação nova d'Angra dos Reis; ao sul da ilha Grande, ao mar, está um ilheo desviado dela um quarto de légua, a que chamam a ilha de Jorge Grego, e costeando a dita ilha por leste e por oeste estais entrados entre o dito ilheo e a ilha Grande, e surgi em três braças.

E sendo tempo de monção para irdes correndo a costa, ireis vendo sempre a terra alta e dobrada e verde, com muita penedia até chegardes a ũa enseada a que chamam Ubatubá, e sendo tanto avante da ilha Grande para oeste, como oito léguas, vereis a ilha a que chamam dos Porcos, pegada a terra; chegando-vos bem a ela, podeis entrar por oito braças por a boca que faz entre a terra firme e a mesma ilha, que será de um quarto de légua, e dentro surgireis em ũa enseada grande, segura de todos os ventos; por aqui é toda a terra despovoada.

E querendo sair pela outra barra do nordeste, o podeis fazer livremente pelas mesmas oito braças e tereis logo a ilha de S. Sebastião quatro léguas a oeste, a qual ilha tem o porto a que chamam dos Castelhanos, pela banda do sul, com seis braças; e não vos metais entre a ilha e a terra firme, aonde chamam a enseada dos Garamunis, porque tudo é esparcelado e perigoso; mas do dito porto dos Castelhanos a oeste quatro léguas está a ilha dos Alcatrazes, desviada da terra firme outras quatro léguas, da qual pelo noroeste a três léguas vereis ũa ilha chamada Monte de Trigo, desviada légua e meia de terra firme, da qual a oés-noroeste se entra pela primeira barra de Santos a que chamam barra de Britioga, a qual é estreita e só para sumacas; toda a terra por aqui são montanhas mui altas em demasia das serras de Parnapiacaba, que se vêem muito longe ao mar.

Adverti que do porto dos Castelhanos, que está na ilha de S. Sebastião atrás dita, ao sueste légua e meia está a ilha dos Búzios, e do dito porto três léguas e meia ao su-sueste está a ilha de Vitória; todas são despovoadas e têm lenha e água.

Da barra dita de Britioga, correndo a costa quatro léguas, encontrareis a ilha da Muela, desviada da terra menos de um quarto de légua, da qual começa a dobrar ũa ponta de terra alta, que é da barra grande de Santos. Pode-se entrar o porto de Santos sempre por oito braças até o forte da Cruz; daqui por quatro e cinco braças até a povoação.

E indo do Rio de Janeiro a Santos apartado da costa, governareis a oés-sudoeste até verdes a ilha Grande, a que chamam S. Sebastião; vereis da banda do sudoeste dela outra ilha a que chamam dos Alcatrazes; não vos chegueis a ela, porque tem muitos baxos; e como vos virdes nestas ilhas governai a oeste, e logo ireis a dar na boca da barra grande de Santos, que está em vinte e quatro graos da banda do sul. Adverti que a barra de S. Vicente (que fica ũa légua distante da de Santos para oés-sudoeste) está areada, e sòmente batéis entram nela.

## Derrota do Rio de Janeiro para o Rio da Prata

Indo do Rio de Janeiro para o Rio da Prata, fareis o caminho do sul, e tanto que estiverdes leste-oeste com a ilha de S. Caterina, que está em vinte e oito graos, fazei o caminho do sudoeste, que assim corre a costa até à ilha de Castilhos, que está em trinta e quatro graos e um terço, indo apartado de terra trinta para quarenta léguas, a qual ilha está na costa e é pequena; vendo-a de mar em fora se faz como ũa nao à vela; está de terra firme como um terço de légua e perto dela em terra firme vereis ũa serra que faz como uns picos espinhosos; os do meio são maiores, que parecem como torres de sinos.

Entre a ilha dos Castilhos e a terra firme surgem navios em quatro, cinco braças, limpo; é abrigo dos ventos mareiros; junto a ela da banda do sueste está ũa ponta, que é abrigo, e daí a meia légua ao sueste está outra ponta de area branca tão alta como a outra, e ao sueste desta ponta pouca cousa estão duas ilhas pequenas baxas chegadas ũa à outra; pela terra dentro está ũa serra selada ao sudoeste; e se vos demorar a oeste estareis leste-oeste com Castilhos, a qual vereis fazendo claro, e a serra tem duas seladas: a da banda do monte é maior com três montes pequenos, e a do norte é mais pequena; daqui para o sudoeste é a terra igual, escalvada sem arvoredo, rasa e area ao longo do mar; e adiante cinco léguas aparecem outros montes e serras de quando em quando; e achando-vos faltos d'água na quebrada desta enseada, há ũa lagoa que tem água doce, que fareis com vigia do gentio; e querendo surgir ao abrigo de Castilhos de qualquer banda o podeis fazer, que tudo é limpo.

E vindo a demandar terra por altura de trinta e três graos e meio até trinta e quatro e meio, achareis um parcel vinte e cinco léguas ao mar, pouco mais ou menos; sondai e achareis fundo, e achando vinte e cinco braças estais doze léguas da terra em altura de trinta e quatro graos e meio; está este parcel para o sul e para o norte, que tanto será de ũa banda como da outra, e estando neste parcel em dez braças não vereis terra, salvante estiverdes légua e meia dela, que por ser mui baxa se não vê. Vendo a terra na dita altura é de area e montanhas, de quando em quando como de camarinhas em areal, como na costa de Portugal; e chegando dos Castilhos achareis onze braças fundo de area, e ao sudoeste deles achareis burgalhao, das dezassete braças para terra.

Da ilha de Castilhos ou de ũa ponta branca dela corre a costa quinze léguas até o cabo de S. Maria ao sudoeste e a quarta do sul; vereis duas pontas antes que chegueis ao cabo, que fazem entre ũa e outra enseadas de praias d'area, e na terceira ponta que virdes acaba este cabo que tem ao nordeste ũa enseada; e a





terra por cima é toda negra, e da banda do nordeste é toda negra com manzoares de arriba abaxo; e na ponta deste cabo de S. Maria está ũa ilha pequena, que é ũa lagem de pedra, a qual não podereis ver, salvo fordes mui chegados com terra; e o fundo por aqui é burgalhao, das dezassete braças para terra.

Deste cabo de Santa Maria quatro léguas furta a costa ũa quarta, e daí por diante vai a costa a oés-sudoeste cinco léguas tanto avante como a ilha de Lobos, que está duas léguas de terra firme, a qual ilha está em altura de trinta e cinco graos largos; esta ilha é pequena e redonda, toda igual, e terá em circuito como meia légua; e desta ilha corre a costa até a ilha das Flores, leste-oeste.

Indo na costa da ilha de Lobos, em conjunção de lua, trabalhai por tomares a ilha de Maldonado, que está três ou quatro léguas adiante, e, querendo-a tomar, deixareis a ilha de Lobos ao sueste, e governai ao noroeste; ireis a dar nela; chegai-vos a terra; entre a ilha e terra firme na entrada está ũa baxa que arrebenta; ireis entre ela e a terra firme, e não hajais medo parecendo-vos ser estreito; mas sendo navio pequeno, que demande oito palmos d'água, bem pode ir entre a baxa e a ilha, mas melhor é pela banda da terra; e como ficar a ilha ao sul, surgi pegado a ela, e far-vos-á abrigo dos ventos, aonde estareis seguro até ser bom tempo, e botareis o batel fora, e ireis à ilha; achareis palmitos e no meio dela ũa pouca de água.

Sendo com a ilha de Maldonado, vereis pela terra dentro ũas montanhas altas; chegai-vos à terra da banda do norte por amor do baxo do Ingrês, que é perigoso, e ireis sempre à vista até vos fazerdes tanto avante como este baxo, o qual está dezasseis léguas da ilha de Maldonado, e fazendo-vos com ele o vigiai da gávea, que está de terra firme quatro léguas defronte da enseada, em que está a ilha das Flores; e como vos fizerdes avante, logo vereis o Monte Vedio, que bate o mar nele, e desde que abocardes, pela Ilha dos Lobos, levai boa vigia; sondai muitas vezes, e não sendo prático no Rio da Prata surgi por aqui todas as noites.

E não querendo tomar a ilha de Maldonado, deixareis a ilha dos Lobos a leste, e governai a oeste dezasseis léguas; ireis a dar na ilha das Flores, que está duas léguas de terra firme; tem meia légua de comprido e de largo um tiro de mosquete; está arrumada de nordeste a sudoeste, e faz abrigo ao sudoeste; tem três moninhos nas pontas e no meio duas seladas da banda do nordeste; de maré cheia passa o mar de ũa banda a outra; na ponta do nordeste, norte sul com terra firme, arrebenta um baxo que sae da ponta da ilha; quem vier de leste e quiser surgir entre ela e a terra firme dará resguardo à ponta, que logo verá arrebentar a baxa além donde arrebenta outro tanto de restinga, que é um quarto de légua; e como o dobrardes, podereis chegar quanto quiserdes à terra e podeis surgir junto a ela, que abriga do sul e do sueste e leste, mas do sudoeste não abriga; tem à banda do sudoeste ũa fonte de água doce, e querendo-vos abrigar do Sudoeste passai da outra banda podendo, e, quando surgirdes, surgi em cinco braças ou seis; a qual ilha está em ũa enseada a que chamam Rio do Solis, e nesta enseada, a oés-noroeste da ilha das Flores, estão quatro ou cinco ilheos de pedra, meia légua de terra, aos quaes chamam as Carrotas; não surjais neles, porque Pero Martins, da Madeira, se perdeo neles.

Da ilha das Flores quatro léguas a leste está ũa ponta de terra firme, que corre a oés-sudoeste, a qual ilha está leste-oeste com Monte Vedio, caminho de dez

léguas; na ponta do Monte Vedio está ũa restinga um terço de légua da terra, a qual baxa é roim; da banda de leste de Monte Vedio está ũa enseada que tem quatro braças de fundo ao modo de ferradura, e querendo entrar nela poreis Monte Vedio que vos demore ao nor-noroeste, e entrareis ao norte, e desviai-vos do monte que tem baxos de pedra junto a si pela parte do sul, e botam ao sueste dous tiros de mosquete; e ireis metido bem para dentro, e surgi de terra um tiro de arcabuz em quatro braças, vasa solta, largando a melhor âncora para que não desgarre o navio.

Adverti que, quando vierdes da ilha dos Lobos a demandar a ilha das Flores, vireis a oeste, quarta do sudoeste para irdes apegado dela, e para estardes leste-oeste com a ilha das Flores não vades arredado da ilha dos Lobos, que é dous terços de légua ou ũa légua, que é o mais que podeis ir; e não percais esta ilha de vista, ou terra firme, para que não vades dar no baxo do Ingrês, de que atrás vos disse.

Como estiverdes através da ilha das Flores ũa légua ou mais, e o vento for leste até norte, governai a oeste duas horas, e depois ireis pela quarta do noroeste e a oés-noroeste, e por todo este caminho ireis das seis braças às cinco, quatro, três e três e meia; e tanto que achardes vinte ou dezoito palmos d'água estareis no banco que está entre Buenos Aires e Monte Vedio, no qual banco achareis area parda; e o mais fundo pelo canal tudo é vasa; o qual banco atravessa o rio de nor-noroeste a su-sueste; mas dando nele não hajais medo, que logo o passareis; e tem a travessa pouco mais de dous terços de légua, e estando o rio crecido achareis três braças no banco, estando baxo vinte e dezoito palmos; e todo este banco é de area miúda e parda e todo o fundo que achardes no canal é vasa de três braças e meia e de quatro e meia; e sendo de dia a costa que virdes da banda do norte é rasa, e acima de Monte Vedio oito léguas estão ũas barrancas, e logo acima delas mete ũa enseada de praia d'area e no meio tem um riacho, que por ele acima há muito arvoredo; e acima destas barrancas quatro léguas achareis o banco.

Anoitecendo-vos com Monte Vedio e despois houverdes dado no banco e o vento for sueste é bom irdes à vista da costa da banda do sul seis ou sete léguas abaxo de Buenos Aires, porque com este vento vai água pelo rio acima; sendo de dia vigiai, e vereis ũas matas de arvoredo redondo, alagadiças, e logo vereis outra mata de arvoredo maior, e dela para cima vereis as árvores mais ralas, e por cima desta mata vereis ũa barranca de terra rasa, e direis que estais com a Choça de Munhos. E se fordes dar mais abaxo de Buenos Aires, achareis salão e arneiro, pedra mole e alguns burguinhos, e direis que estais com o baxo de Nicocim, que está abaxo de Buenos Aires treze léguas, pelo que não vades tanto abaxo, que é roim; ide a buscar as matas ralas e ũa mata que está na ponta em ũa barranca pequena, e por cima dela vereis as árvores ralas, que se vão escondendo para a enseada para oeste, e logo vereis pela proa a Barranca de Buenos Aires.

Tanto que virdes esta barranca ireis sondando e se achardes três braças, fundo area, ireis ao noroeste a buscar o canal de três braças e meia, vasa, e por aqui ireis costeando o banco e ireis ao noroeste até defronte do povo; e demorando a barranca ao su-sudoeste como o riacho, ireis de lá a buscar o povo, e quando fordes entrando não vos aparteis da fralda do banco; ireis direito ao ria-





cho a buscar o poço, e quando entrardes neste poço e for o vento nordeste ou leste ou sueste chegai antes ao banco, que não à terra, porque da Cruz de S. Sebastião, que está na entrada do povo na barranca, defronte dela e das primeiras casas do povo para o mar, botam dous tiros de mosquete, restingas de pedra, e ũa toa ao mar tudo é pedra mole; surgireis apartado dela ao mar a leste, para que a âncora de terra fique na ribeira de pedra, o que fareis abrindo ũa rua, qualquer das três que estão no meio do povo, e daqui ficareis bem até irdes para o riacho.

Adverti que, se o vento que vos der, estando no rio, for do noroeste, arribai a tomar a ilha de Maldonado, que atrás vos disse, e não a podendo tomar ireis pelo rio fora até que passe o tempo, e, como passar, embocai pelo rio dentro, fazendo o caminho que atrás fica dito. Os baxos de Buenos Aires são de dezassete, dezoito léguas; vereis de quando em quando praias de area branca a pedaços, ũa aqui, outra ali, e mais adiante pela terra vereis árvores rasas e bastas; ireis légua e meia de terra por fundo de três, quatro braças, e três e dois terços, e como abaxardes das três braças e fordes em duas arredai-vos para o mar as três braças e mais, e logo ireis bem encaminhados.

Embocando pelo rio, quando achares àgua doce, estareis de Buenos Aires vinte e cinco léguas pouco mais ou menos, e como vos parecer que as tendes andado olhai onde se vos acabam as árvores; vereis ũa mesa de terra mais grossa, e na despedida das árvores logo vereis as casas da cidade de Buenos Aires, que aí está o rio onde entram os navios; e se demandardes dez ou doze palmos de água não cometais a entrada no poço: surgi ũa légua do pego, antes mais que menos; antes do poço está um parcel; para se poder entrar é necessário estar algum tanto cheio, ou parecendo que está cheio ou vendo ventar por parte por onde ele enche, que é do sul até leste, cometereis a entrada; levai sempre o prumo na mão; ireis por fundo todo um, e tanto que derdes em mais alto três ou quatro palmos, surgi, que aí é o poço, que terá de largo cem braças.

Adverti que das ilhas de S. Gabriel, que estão na costa da parte do norte a Buenos Aires, há sete léguas de travessia ao sudoeste, as quaes ilhas são cinco.

## Derrota de Buenos Aires para fora, pela costa do Brasil

Saindo de Buenos Aires pelo rio fora, governai a leste, até terdes vista do Monte Vedio (...)

Luís Serrão Pimentel, *Arte prática de navegar*, Lisboa, 1681, p. 227-234

DESCRIPTION
DE
L'UNIVERS,

CONTENANT

LES DIFFERENTS SYSTÊMES DU MONDE, les Cartes generales & particulieres de la Geographie Ancienne & Moderne : Les Plans & les Profils des principales Villes & des autres lieux plus considerables de la Terre ; avec les Portraits des Souverains qui y commandent, leurs Blasons, Titres & Livrées : Et les Mœurs, Religions, Gouvernemens & divers habillemens de chaque Nation.

DEDIÉE AU ROY.

Par ALLAIN MANESSON MALLET,
Maistre de Mathematiques des Pages de la petite Escurie de sa Majesté, cy-devant Ingenieur & Sergent Major d'Artillerie en Portugal.



TOME CINQUIÉME.



A PARIS,
Chez DENYS THIERRY, ruë S. Jacques, à l'Enseigne de la Ville de Paris, devant la ruë du Plâtre.

M. DC. LXXXIII.
AVEC PRIVILEGE DU ROY.

Frontispício. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 52-7-14

FOL. 96 (EM PARTE) DO *LIVRO DAS PRAÇAS DE PORTUGAL*

CF. HIC, P. 478-479



ISTORIA
DELLE GVERRE
DEL
REGNO DEL BRASILE
*ACCADVTE*
TRA LA CORONA DI PORTOGALLO,
E
LA REPVBLICA DI OLANDA
COMPOSTA, ED OFFERTA
*ALLA SAGRA REALE MAESTA' DI*
PIETRO SECONDO
RE DI PORTOGALLO &c.
*Dal P. F. Gio: Gioseppe di S. Teresa Carmelitano Scalzo.*
PARTE PRIMA.

ANNO MDCXCVIII.
IN ROMA, Nella Stamperia degl' Eredi del Corbelletti.
*CON LICENZA DE' SVPERIORI.*

Frontispício, Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 33-10-1

Gravura entre as pags. 2-3 da obra precedente





Gravura entre as pags. 24-25 da obra precedente

Gravura entre as pags. 24-25 da obra precedente





Gravura entre as pags. 66-67 da obra precedente

RIO DI GENNARO

Gravura entre as pags. 154-155 da «Parte seconda» da obra precedente

LA
ATLAS DEL MUNDO
O
EL MUNDO AGUADO.
*Enseña*
Todas las Entradas de los puertos
y de las Costas halladas y conosidas
DEL MUNDO.
*Con un*
Mostrasion y declarasion muy servisial para todas
Capp.tes Maestres y Pilotoz Zamigos del arte.
*Nuevamente dado a la luz.*

En AMSTERDAM,
Con HENRICQUE DONCQUER, Vendedor de Libroz, en el Señal del Graetboogmaquer, en la Calle primera pasanda la Puenta Nueva.

FRONTISPÍCIO





# RELATION D'UN VOYAGE

Fait en 1695. 1696. & 1697. aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brezil, Cayenne & Isles Antilles, par une Escadre des Vaisseaux du Roy, commandée par M. DE GENNES.

Faite par le Sieur FROGER Ingenieur Volontaire sur le Vaisseau le Faucon Anglois.

*Enrichie de grand nombre de Figures dessinées sur les lieux.*

Imprimée par les soins & aux frais du sieur DE FER, Geographe de Monseigneur le Dauphin.

A PARIS,
Dans l'Isle du Palais, sur le Quay de l'Horloge, à la Sphere Royale.
ET
Chez MICHEL BRUNET, dans la grande Salle du Palais, au Mercure galant.

M. DC. XCVIII.
*AVEC PRIVILEGE DU ROY.*

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 2998 P.

Mapa entre as pags. 64-65 da obra precedente





A
RELATION
OF A
VOYAGE

Made in the Years 1695, 1696, 1697. on the Coasts of *Africa*, Streights of *Magellan*, *Brasil*, *Cayenna*, and the *Antilles*, by a Squadron of *French* Men of War, under the Command of M. *de Gennes*.

By the Sieur *Froger*, Voluntier-Engineer on board the *English Falcon*.

*Illustrated with divers strange Figures, drawn to the Life.*

*LONDON*,

Printed for *M. Gillyflower* in *Westminster-Hall*; *W. Freeman*, *M. Wotton* in *Fleet-street*; *J. Walthoe* in the *Temple*; and *R. Parker* in *Cornhill*. 1698.

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: H. G. 9165 P.

# RELATION D'UN VOYAGE

Fait en 1695. 1696. & 1697.

Aux COTES D'AFRIQUE,

Détroit de

MAGELLAN, BRESIL, CAYENNE ET ISLES ANTILLES,

Par une Escadre des Vaisseaux du Roi, commandée par

M. DE GENNES.

Faite par le Sieur FROGER Ingenieur Volontaire sur le Vaisseau le Faucon Anglois

*Enrichie de grand nombre de Figures dessinées sur les lieux.*

A AMSTERDAM,

Chez les Héritiers,

D'ANTOINE SCHELTE.

M. DC. XCIX.

Frontispício. Segue-se a gravura colocada entre as pags. 72-73. Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 2980 P.

LA
GALERIE AGREABLE
DU
MONDE,
Où l'on voit en un grand nombre de
CARTES TRES-EXACTES ET DE BELLES TAILLES-DOUCES,
Les principaux
EMPIRES, ROIAUMES, REPUBLIQUES, PROVINCES, VILLES,
BOURGS ET FORTERESSES,
avec leur Situation, & ce qu'elles ont de plus remarquable;
Les ILES, CÔTES, RIVIERES, PORTS DE MER,
& autres Lieux considerables de l'ancienne & nouvelle Géographie;
Les ANTIQUITEZ, les ABBAYES, EGLISES, ACADEMIES, COLLEGES, BIBLIOTHEQUES,
PALAIS, ET AUTRES EDIFICES, TANT PUBLICS QUE PARTICULIERS,
Comme aussi
Les MAISONS DE CAMPAGNE,
Les HABILLEMENS ET MOEURS DES PEUPLES, Leur RELIGION, Les JEUX,
Les FETES, Les CEREMONIES, Les POMPES & les MAGNIFICENCES;
Item les ANIMAUX, ARBRES, PLANTES, FLEURS, quelques TEMPLES & IDOLES des PAÏENS
& autres Raretez dignes d'être vuës;
Dans les QUATRE PARTIES DE L'UNIVERS;
*DIVISÉE EN LXVI. TOMES.*
Les Estampes aiant été dessinées sur les Lieux, & gravées exactement par
Les célébres LUYKEN, MULDER, GOERÉE, BAPTIST, STOPENDAAL, & par d'autres Maîtres renommez,
Avec une courte Description qui précede chaque Empire, Roiaume &c.
& même avec le Sommaire sous chaque Planche.
*Le tout recueilli avec beaucoup de soin, de travail & de depense, pour l'utilité & pour le plaisir des Amateurs de l'Histoire & de la Géographie.*
Cette Partie comprend le TOME TROISIEME d'AMERIQUE.

Le tout mis en ordre & executé
*à LEIDE,*
Par PIERRE VANDER Aa, Marchand Libraire,
*Imprimeur de l'Université & de la Ville.*

Frontispício, Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: $\overline{\overline{32}}$-6-11

PASKAERT van BRASILIA van Pernambuco tot C. de S. Antonio. t'AMSTERDAM

FOL. 87r (EM PARTE) DE *LA ATLAS DEL MUNDO*

CF. HIC, P. 510-511

# SÉCULO XVIII

NOMEAÇÃO DE FILIPE CARNEIRO DE ALCÁÇOVA

D. Pedro, etc., faço saber aos que esta minha carta patente virem que, tendo respeito ao préstimo e suficiência de Filipe Carneiro de Alcáçova e aos serviços que me tem feito por espaço de dezassete anos em praça de soldado na capitania do Rio de Janeiro e no posto de ajudante de engenheiro na província d'Alentejo e de ajudante da praça do Rio de Janeiro e ùltimamente de capitão da capitania de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaem, procedendo sempre com satisfação, e por esperar dele que da mesma maneira se haverá daqui em diante em tudo o de que for encarregado de meu serviço, conforme a confiança que faço de sua pessoa, hei por bem fazer-lhe mercê de o nomear, como por esta o nomeio, em o posto de capitão engenheiro da capitania do Rio de Janeiro, com o qual haverá o soldo de vinte e cinco mil reis por mês, pago na forma de minhas ordens, e gozará de todas as honras, etc.

Dada em Lisboa, aos vinte e três dias do mês de Janeiro. Manoel Pinheiro da Fonseca a fez, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1700.

O secretário André Lopes de Laura a fez escrever.

REI

Arquivo do Conselho Ultramarino, *Ofícios, Livro 10.°*, fol. 367
Apud Sousa Viterbo, *Expedições científico-militares enviadas ao Brasil*. Coordenação, aditamentos e introdução de Jorge Faro, I, [Lisboa, 1962], p. 15-16

Vinheta da p. 205 da obra de Antonil (cf. *hic*, p. 525)

THEATRO
NAVAL,
HIDROGRAPHICO.
DE SEIXAS.

EN PARIS,
En la Puente de San Miguel, en Casa de PEDRO GISSEY, Impressor y Livrero, à la Enseña de la Langosta Real.
Se vende en Casa de PEDRO RIBOU, en la Zera de los Grandes Agustinos.
Y en Versailles, en Casa de PEDRO MAVILLE, en la calle de la Pompa. 1704.
*Con Aprobacion, y Privilegio.*

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: S. A. 1697 V.





EPITOME
COSMOGRAPHICO,
*En el qual se trata*
De todas las Ciudades del Mundo, Calculado por sus regiones, y Prouincias, a su Longitud y Latitud, con las cosas mas notables de ellas, siendo un Sumario de todas las Mapas, y Atlas por la orden del Alphabeto, a de mas se describen en breue los Imperios, Monarchias, Reynos, y Provincias del Mundo enparticular (principalmente de la Monarchia Espanola) Con un Rotero de sus Caminos el qual va dispuesto por la orden del Alphabeto, para que con mayor facilidad se puedan hallar las Ciudades, Villas, y lugares, que cada uno querrá saber.
Y de todas las reglas contenidas en la arte de la
GEOMETRIA.
Con sus figuras y otras curiosidades dignas de seren notorias, como tambien un tratado de las quatro formas de Esquadrones mas acostumbrados en la
ARTE MILITAR,
*A saber, Esquadron quadrado de terreno, Quadrado de gente, Prolongado, y de Gran frente, con sus figuras.*
*Recopilado y puesto en buen Estilo y Orden*
Por
GABRIEL DE SOUZA BRITO

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: H. G. 225 P. No fim: «Impressa em Amsterdam En Casa de Cornelio Hogenhuiser Año 1706»

## NOMEAÇÃO DE MANUEL DE MELO DE CASTRO

D. Pedro, etc., faço saber aos que esta minha carta patente virem que, tendo respeito a haver ordenado por decreto do presente mês e ano que na capitania do Rio de Janeiro haja mais um engenheiro e na pessoa de Manuel de Melo de Castro concorrem os requisitos necessários para exercitar esta ocupação, pela boa informação que houve de seu préstimo e me haver servido nesta corte por espaço de quatro anos, nove meses e vinte e sete dias em praça de soldado e cabo de esquadra, havendo-se embarcado na fragata Nossa Senhora das Ondas que esteve ancorada no porto desta cidade donde saiu a correr a costa, no que tudo procedeu com satisfação, e ùltimamente o haver nomeado ajudante de engenheiro da fortificação da cidade do Porto, e por esperar dele que da mesma me servirá daqui em diante em tudo o de que for encarregado do meu serviço, conforme a confiança que faço de sua pessoa, hei por bem fazer-lhe mercê de o nomear, como por esta nomeio, em o posto de capitão-engenheiro da capitania do Rio de Janeiro, com o qual haverá o soldo de vinte e cinco mil reis por mês, pago na forma de minhas reais ordens, e gozará, etc.

Dada na cidade de Lisboa, aos dezanove dias do mês de Setembro. Manuel Filipe da Silva a fez, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1707.

O secretário André Lopes de Sousa a fez escrever.

EL-REI

Arquivo do Conselho Ultramarino, *Mercês, Livro 11.º*, fol. 164v
Apud Sousa Viterbo, *Expedições científico-militares enviadas ao Brasil*. Coordenação, aditamentos e introdução de Jorge Faro, I, [Lisboa, 1962], p. 99-100





# CULTURA, E OPULENCIA DO BRASIL

POR SUAS DROGAS, E MINAS,
Com varias noticias curiosas do modo de fazer o Assucar; plantar, & beneficiar o Tabaco; tirar Ouro das Minas; & descubrir as da Prata;

*E dos grandes emolumentos, que esta Conquista da America Meridional dá ao Reyno de P O R T U G A L com estes, & outros generos, & Contratos Reaes.*

O B R A

DE ANDRE JOAÕ ANTONIL

*O F F E R E C I D A*

Aos que desejaõ ver glorificado nos Altares ao Veneravel Padre JOSEPH DE ANCHIETA Sacerdote da Companhia de J E S U, Missionario Apostolico, & novo Thaumaturgo do Brasil.



L I S B O A,
Na Officina Real D E S L A N D E S I A N A.
*Com as licenças necessarias, Anno de 1711.*

Frontispício. Seguem-se em fac-símile as pags. 96-97, 100-101, 121. Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 1719 P.

# CAPITULO X.

## *Do numero das Caixas de Assucar, que se fazem cada anno ordinariamente no Brasil.*

CONTAÕ-SE no Territorio da Bahia ao presente cento & quarenta & seis Engenhos de Assucar moentes, & correntes; além dos que se vaõ fabricando, huns no Reconcavo á beira-mar, & outros pela Terra dentro, que hoje saõ de mayor rendimento. Os de Pernambuco, posto que menores, chegaõ a duzentos & quarenta & seis: & os do Rio de Janeiro a cento & trinta & seis.

Fazem-se hum anno por outro nos Engenhos da Bahia quatorze mil & quinhẽtas Caixas de Assucar. Destas vaõ para o Reyno quatorze mil: a saber, oito mil de Branco Macho, tres mil de Mascavado Macho, mil & oitocentas de Branco Batido, mil & duzentas de Mascavado Batido: & quinhentas de varias castas se gastaõ na Terra.

As que se fazem nos Engenhos de Pernambuco hum anno por outro, saõ doze mil & trezentas. Vaõ doze mil & cem para o Reyno: a saber, sete mil de Branco Macho, duas mil & seiscentas de Mascavado Macho, mil & quatrocentas de Branco Batido, mil & cem de Mascavado Batido: & gastaõ-se na Terra duzentas de varias castas.

No Rio de Janeiro fazem-se hum anno por outro dez mil duzentas & vinte. As dez mil & cem vaõ para o Reyno: a saber, cinco mil & seiscentas de Branco Macho, duas mil & quinhentas de Mascavado Macho, mil & duzentas de Branco Batido, oitocentas de Mascavado Batido: & ficaõ na







na Terra cento & vinte de varias castas, para o gasto della.

E juntas todas estas Caixas de Assucar, que se fazem hum anno por outro no Brasil, vem a ser trinta & sete mil & vinte Caixas.

# CAPITULO XI.

## *Que custa hũa Caixa de Assucar de trinta, & cinco arrobas, posta na Alfandega de Lisboa, & já despachada: & do valor de todo o Assucar, que cada anno se faz no Brasil.*

DO Rol, que se segue, constará primeiramente com exacta distinçaõ o custo, que faz hũa Caixa de Assucar Branco Macho de trinta & cinco arrobas, desde que se levanta em qualquer Engenho da Bahia, até se pôr na Alfandega de Lisboa, & pela porta della fóra: & logo o que custa hũa de Mascavado Macho, hũa de Branco Batido, & hũa de Mascavado Batido. Em segundo lugar o Resumo do valor de todo o Assucar, que cada anno se faz nas safras da Bahia, Pernambuco, & Rio de Janeiro.

G Custos

*Caixas de Assucar, que ordinariamente se tiraõ cada anno da Bahia: & o que importa o valor dellas a 35. arrobas.*

| | |
|---|---|
| Por 8000 Caixas de Branco Macho a 84U560- | 676480U000 |
| Por 3000 Caixas de Mascav. Macho a 60U742- | 182226U000 |
| Por 1800 Caixas de Branco Batido a 69U488- | 125078U400 |
| Por 1200 Caixas de Mascav. Batido a 46U935- | 56322U000 |
| Por 500 Caixas, q se gast. na Terra, a 60U200- | 30100U000 |
| Saõ 14500 Caixas: & importaõ- | 1070206U400 |

*Caixas de Assucar, que ordinariamente se tiraõ cada anno de Pernambuco: & o que importa o valor dellas a 35. arrobas.*

| | |
|---|---|
| Por 7000 Caixas de Branco Macho a 78U420- | 548940U000 |
| Por 2600 Caixas de Mascav. Macho a 54U500- | 141700U000 |
| Por 1400 Caixas de Branco Batido a 63U200- | 88480U000 |
| Por 1100 Caixas de Mascav. Batido a 39U800- | 43780U000 |
| Por 200 Caixas, q se gast. na Terra, a 56U200- | 11240U000 |
| Saõ 12300 Caixas: & importaõ- | 834140U000 |

*Caixas de Assucar, que ordinariamente se tiraõ cada anno do Rio de Janeiro: & o que importa o valor dellas a 35. arrobas.*

| | |
|---|---|
| Por 5600 Caixas de Branco Macho a 72U340- | 405104U000 |
| Por 2500 Caixas de Mascav. Macho a 48U220- | 120550U000 |
| Por 1200 Caixas de Branco Batido a 59U640- | 71568U000 |
| Por 800 Caixas de Mascav. Batido a 34U120- | 27296U000 |
| Por 120 Caix. para o gast. da Terra a 52U320- | 6278U400 |
| Saõ 10220 Caixas: & importaõ | 630796U400 |

*Resumo*







***Resumo do que importa todo o Assucar.***

| | |
|---|---|
| O da Bahia, mil & setenta contos, duzentos & seis mil & quatrocentos reis- | 1070206U400 |
| O de Pernambuco, oitocentos & trinta & quatro cótos, cento & quarenta mil reis- | 834140U000 |
| O do Rio de Janeiro, seiscentos & trinta contos, setecentos & noventa & seis mil & quatrocentos reis- | 630796U400 |
| Somma todo dous mil quinhentos & trinta & cinco contos, cento & quarenta & dous mil & oitocentos reis. | 2535142U800 |

G3 C A.

Deſte Tabaco ſe permitte a extracçaõ de treze mil arrobas, para a navegaçao da Coſta da Mina, que ſe arrumaõ em cinco mil Rolos pequenos de tres arrobas: os quaes tambem pagaõ a ſetenta reis por cada Rolo para o ſobredito Contrato da Camera, & importa mil cruzados.

Deſtas treze mil arrobas ſe pagaõ por dizimo a El-Rey quatro vintens por arroba, & pagaõ-ſe na Caſa dos Contos: o que importa tres mil cruzados.

Vaõ para o Rio de Janeiro todos os annos, tres mil arrobas: as quaes nada pagaõ na Bahia; mas vaõ a pagar no dito Rio de Janeiro vinte & cinco mil cruzados cada anno por Contrato de El-Rey, o qual pouco mais ou menos por tanto ſe arrenda.

E tudo o que neſte Capitulo do deſpacho do Tabaco eſtá dito, importa ſeſſenta & cinco mil & duzentos Cruzados.

CA-

FOL. 96 DO *LIVRO DAS PRAÇAS DE PORTUGAL*

CF. IIIC, P. 478-479



26

# RELAÇAM
DA
# VITORIA
QUE OS PORTUGUEZES alcançàraõ no Rio de Janeyro contra os Francezes, em 19. de Setembro de 1710.

*Publicada em 21. de Fevereyro.*



LISBOA,

Na Officina de Antonio Pedrozo Galraõ,

*Com as licenças necessarias, & Privilegio Real,*

Anno de 1711.

Vende-se em casa de Manoel Diniz, Livreiro às portas de Santa Catharina, & na Rua Nova.

Segue-se em fac-símile todo o opúsculo. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 55-7-14 (26)

PARECE, que os Francezes de todo se esquecèrão do máo successo, que tiverão as suas Armas no Rio de Janeyro, quando injustamente no anno de 1556. mandados pelo Cavalleyro de Villaganhon, procurárão introduzir-se naquelle destrito, de donde forão lançados pelo valor de Mendo de Sá Governador do Brasil, com vitorias continuas, atè o anno de 1567. não lhes valendo as alianças, que estabelecèrão com os barbaros habitadores, que ainda se atrevião naquelle seculo a fazer guerra aos Portuguezes. Não he facil de crer que hũa nação, que se prèza tanto de tomar bem as medidas aos seus projectos, com cinco navios, & hũa baládra, intentasse penetrar huma barra estreyta, & bem defendida, & com pouco mais de mil homẽs, que desembarcavão quatorze leogas de huma Cidade populosa, passando montanhas inaccessiveis, quaes saõ as serras dos Orgãos; ou esperasse achar sem prevenção os defensores, ou ignorassem que a providencia de S. Magestade tinha guarnecido ao Rio de Janeyro com Regimentos pagos, governados por Officiaes valerosos, & experimentados na presente guerra, & com muytos soldados que se achárão nella, & com permissaõ de S. Magestade passárão a buscar os interesses, que promettem as Minas novamente descubertas, nas quaes se achão mais de sessenta mil homẽs, unidos já

 com







com os moradores de S. Paulo, que tambem saõ guerreyros; & em grande numero concorrião tão promptos á defensa commũa, que com a primeyra noticia marchou Antonio de Albuquerque Coelho, Sargento Mayor de Batalha dos Exercitos de Sua Magestade, & Capitão Geral das Minas, com dez mil homẽs bem armados, ficãdo o resto da gente prompta para o seguir nesta expedição, que servio só de mostrar o desejo com que Antonio de Albuquerque acredita o acerto, com que tem servido a Sua Magestade.

Havia-se preparado em Brest com grande segredo hũa Esquadra de cinco navios de guerra, & huma balandra, armada á custa d'ElRey, & dos particulares, com 1500. homẽs de desembarque de tropas escolhidas, com muytos Guardas da marinha, & Cavalheyros voluntarios debaixo da segurança que Munsieur Duclere; Cabo da empresa, tinha dado, de que com a partida da Frota do Brasil, a gente do Rio de Janeyro hia para as Minas, & seria facil ganhar aquella Praça, levando bombas, & os mais instrumentos de expugnação, lembrado do bom successo, que na guerra passada teve Munsieur de Pontis em Cartagena de Indias. Chegou esta Esquadra ás costas do Rio de Janeyro a 6. de Agosto de 1710. & foy logo advertido pelas suas vigias, de que apparecia quatorze legoas ao Norte, o Governador Francisco de Castro de Moraes, que valeroso, & vigilante repartio militarmente os postos, os quaes todos promptamente occupárão; augmentou a guarnição das fortalezas, & as da barra avistárão no dia 17. os seis navios referidos com bandeyras Inglezas; da fortaleza de Santa Cruz se lhe fez sinal com huma peça sem bala, a que respondeo a Capitania com outra para sota-vento colhendo a bandeyra; & começando a Fortaleza a tirarlhe com bala, se virão obrigados a dar fundo, pelo dano que recebiaõ,

bião, & logo buſcárão na diſtancia o melhor ſeguro; vinha entrando neſte tempo huma ſumaca da Bahia, & enganada com a bandeyra Ingleza, ſe foy meter entre os navios, que a tomárão: no dia 18. ſe fizerão á vela para a parte do Sul, & o Governador mandou guarnecer as prayas da Peſcaria, & Pedra, aviſando a Santos, & á Ilha Grãde, para que eſtiveſſem prevenidos: no dia vinte & ſete forão dar fundo á Ilha Grande, donde eſtiverão ancorados atè trinta & hum, ſaqueando algumas fazendas, que defendèrão muy poucos moradores, em quanto tiveraõ muniçoens, matando ſeis Franceзes, & ferindo muytos: a cinco de Setembro lançáraõ gente em terra, com ſeis lanchas, em huma Ilha, que chamão a da Madeyra, & com trezentos homẽs roubàrão ſem reſiſtencia hum Engenho, em que achárão poucos Eſcravos; & a ſete ſahirão da Ilha Grande dous navios com a Balandra, & Sumaca, ficando os outros tres, & hum delles chegandoſe mais á terra, canhoneou dous dias a Villa com pouco effeyto, recebendo ſó algum dano os Conventos do Carmo, & Santo Antonio. Governava a Villa o Capitão de Infantaria João Gonçalves Vieyra, & ſendo aberta, & ſem mais guarniçaõ que as Ordenanças, deſprezando as propoſtas, que lhe fizeraõ, ſem mais perda que a de hum Alferes, os obrigou a retirarſe, quando intentárão lançar gente em terra. Os dous navios, & Sumacas que ſahiraõ da Ilha Grande, ſondárão a coſta nas prayas de Sacopenopan, & da Lagoa, & na noyte de dez intentáraõ deſembarcar duas legoas da Cidade, & tendo já unida toda a gente deſtinada para eſte effeyto, forão rechaçados ſó pelas Ordenanças, & logo mandou o Governador reforçallas com dous deſtacamentos dos Regimentos pagos, dos Coroneis João de Payva Souto Mayor, & Gregorio de Caſtro de Moraes; eſtes achárão já os inimigos retirados pelo valor dos defenſores, & aſpereza do

A 3 ſitio;







ſitio; no dia ſeguinte pela manhãa ſe chegárão á barra Tojuca, quatro legoas da Cidade, & á de Guaratiba quatorze legoas diſtante, & ſendo neſta pela altura dos montes, & tempeſtuoſo dos mares tam difficil deſembarque, que eſtava ſem ſintinellas, lançáraõ toda a gente em terra neſte deſtrito. Na noite ſeguinte teve o Governador eſta noticia pelo Capitaõ de Cavallos Joſeph Ferreyra Barreto, que governava a guarniçaõ de Guaratiba atè Santa Cruz, & tinha obſervado, que naõ eraõ mais de mil & duzentos homens, que ſe encaminhavaõ para a Cidade, querendo os meſmos, a quem ſe reſiſtio huma povoaçaõ aberta; & hũa praya mal guarnecida com payzanos, penetrar hum país cortado com desfiladeyros, & ſerras altiſſimas, & atacar huma Cidade forte, & defendida por gente bem diſciplinada. Contentouſe o Governador com mandar algũs praticos do paìs, com pequenas partidas, a embaraçarlhes o caminho, & matarlhe a gente que pudeſſem nos paſſos eſtreytos, ordenando ao Tenente General Engenheyro Joſeph Vieyra, com hum corpo mais groſſo, que juntando as guarnições, que os inimigos deyxavaõ nas coſtas, lhe picaſſe a retaguarda, & embaraçaſſe a retirada, & com militar prudencia, naõ fez mayor esforço, que lhe ſeria muyto facil, pela aſpereza do ſitio, para lhe embaraçar chegarem á Cidade; porque empenhados em tão deſigual empreſa, ficariaõ caſtigados da ſua temeridade. Continuàraõ a marcha, vencendo os embaraços do caminho, atè chegarem ao Engenho dos Padres da Companhia, huma legoa da Cidade. No dia dezaſete, tendo o Governador a certeza da marcha dos inimigos, deyxou os quarteis do mar guarnecidos com alguma gente, & paſſou com o reſto ao campo de noſſa Senhora do Roſario, onde ſe formou em batalha, & defendendo aſſim a parte que os inimigos haviaõ de buſcar para atacar a Cidade, plantou a ar-

telharia

(7)

telharia nos lugares mais proprios, cobrio com huma trincheyra os mais debeis, cortando tudo o que podia servir aos inimigos para cobrirse. Na noyte de dezoito, campáraõ os Francezes no Engenho dos Padres da Companhia, & tendo o Governador hum aviso, de que por differente caminho marchava hum corpo de quarenta homens, que depois se soube ser falso, discorreo, que os Francezes esperariam este reforço, & que os seus navios ao mesmo tempo tirassem ás Fortalezas, & assim mandou atacallos com mil homens, á ordem de seu irmaõ, o Coronel Gregorio de Castro de Moraes, que por destacamento dos outros engrossou o seu Regimento atè este numero, mostrando que as suas Tropas estavaõ tam bem disciplinadas, que sem ventagem ás dos inimigos podiaõ atacallas; mas elles observando de hum alto este movimento, segundo depois confessou, votáraõ os mais em retirarse; mas Munsieur Duclere, considerando a difficuldade, se resolveo a continuar a marcha pelo mais alto dos montes, quasi impraticaveis aos mesmos moradores. O Governador que conheceo o designio dos inimigos mandou destácar trezentos homens, do Regimento do Coronel Crispim da Cunha, a occupar o caminho do Outeyro de nossa Senhora do Desterro, para entrar na Cidade por nossa Senhora da Ajuda; & como podiaõ atreverse a atacar a Fortaleza da Praya Vermelha, mandou ao Coronel Joaõ de Payva Souto Mayor com o seu Regimento, para que se marchassem para a Fortaleza, lhes disputasse o caminho, & se para a Cidade, lhe carregasse a retaguarda, não se executando esta segunda ordem, porque a naõ deu com distinçaõ o Official que a levou. O Capitaõ de Cavallos Antonio Dutra da Silva, avançado do Campo, observava a marcha entre o Desterro, & nossa Senhora da Ajuda: foy o primeyro encontro taõ valerosamente disputado por ambas as partes, que confessa Munsieur Duclere nunca vira tanto fogo; este se augmentou com

(8)

com os tiros de artelharia de bala miuda do Forte de S. Sebastiaõ imminente àquelle sitio, cujo governo encarregou o Governador a Joseph Correa de Castro, que o foy da Ilha de S. Thomè, & que procedeo com grande valor, & capacidade. Neste tempo ouve huma equivocaçaõ, que pudera ser prejudicial, porque vendo que alguma parte dos inimigos se encaminhava para o Forte, entendèraõ que elles queriaõ queymar a casa da polvora, que está nelle, & mais de sessenta soldados corrèraõ a defendella, & o Governador que do seu Campo engrossava os que pelejavaõ, em quanto naõ soube esta desordem, naõ produziraõ effeyto os seus destacamentos, por achar pequeno corpo a que agregarse.

Os inimigos que conhecèraõ que o Governador estava sossegado no seu Campo novamente guarnecido, & que no Forte, & Praya Vermelha havia taõ grandes corpos, & que a artelharia por todas as partes os offendia, intentáraõ com estranha resoluçaõ entrar na Cidade, para capitular dentro em alguma Igreja para salvar as vidas; conseguiraõ este intento, ainda que com valor lhe disputou a entrada o Tenente General Engenheyro Joseph Vieyra, que se achava com muy pouca gente por aquella parte; formáraõ se junto ao Convento de nossa Senhora do Carmo, & naõ podendo arrombarlhe as portas, jà cõ perda de muyta gente pelas ruas, & pela retaguarda, foraõ buscar a casa dos Governadores, & muyto tempo lhe defendeo a entrada com muytas mortes de ambas as partes, huma Companhia de Estudantes, mas metendo-se alguns Francezes no Palacio, & Corpo da Guarda, todos ficáraõ mortos, ou prisioneyros.

Tanto que o Governador teve a noticia da desesperaçaõ com que os inimigos entráraõ na Cidade, mandou marchar o Coronel Gregorio de Castro com o seu Regimento, & por outra parte ao Capitaõ Francisco Xavier de Castro de Moraes, filho primogenito do Coronel, a quem tambem acom-

acompanhava outro filho, & ſeu Alferes; governando eſ-
te troço o ſeu Sargento Mayor Martim Correa de Sá. Che-
gando eſtes corpos á rua direyta, onde os Eſtudantes a-
inda embaraçavão os inimigos, os atacárão tão vigoroſa-
mente, que deſemparando o Corpo da Guarda, ſe retirá-
rão por huma traveſſa para a parte da praya, & a pezar da
vigoroſa defenſa com que ſe lhe diſputou a entrada de hũ
armazem, em que ſe recolhem cayxas de aſſucar, a que cha-
maõ naquelle país Trapiche, entrárão nelle, & ganhárão
ſeis peças de artelharia, que alli eſtavão para defenſa do
rio, & lhe havião feyto primeyro grande dano; neſta oc-
caſião matárão, pelejando valeroſamente, ao Coronel Gre-
gorio de Caſtro de Moraes, com duas balas, & com outra
ferirão nos peytos, & em huma ilharga com hũa bayoneta,
a ſeu filho mais velho Franciſco Xavier de Caſtro. O Capi-
tão Joſeph de Almeyda tambem recebeo algumas feridas,
procedendo com grande valor em toda a occaſião.

Intentou o Governador pôr fogo ao armazem, mas
como eſte podia atearſe nas caſas vizinhas, & ſe havião
recolhido a elle ſeſſenta mulheres, mandou da Ilha das
Cobras, & das mais partes vizinhas, tirarlhe com artelha-
ria, tendo já conduzido algumas peças para as bocas das
ruas; mas impaciente o Capitaõ de Cavallos Antonio
Dutra da Silva, que com a Cavallaria havia acudido ao
conflicto, querendo diante de todos entrar no armazem,
foy morto laſtimoſamente. Munſieur Duclere vendo-ſe
neſte aperto quiz capitular, & o Governador lhe conce-
deo ſó as vidas, ſe no meſmo inſtante ſe rendeſſem; aſſim o
fizerão: & não tiverão a meſma fortuna os Francezes do
ultimo Troço, que havia marchado por differentes ruas,
porque quaſi todos forão mortos: os corpos de trezentos
ſe achárão, & depois apparecèrão muytos pelos matos, &
rios, ficando ſeis centos priſioneyros, & entre elles tre-
zentos







zentos feridos, de que no fim ſe verá a relação.

Morrèrão cincoenta Portuguezes, & ficáraõ feridos
oitenta; mas ſendo mais de mil os Francezes, que deſem-
barcárão, naõ eſcapou mais que hum negro fugitivo, que
lhes havia ſervido de guia, & levou a nova aos navios, que
eſtavão na Ilha Grande, do ſeu máo ſucceſſo.

No dia vinte & hum de Setembro chegáraõ á barra
os dous navios, & a Balandra, lançando inutilmente ſeis
bombas, que ſe viraõ de feſtejar a noſſa vitoria, & com per-
miſſaõ do Governador, lhe mandou Munſieur Duclere a
noticia do eſtado em que ſe achava, a qual participandoſe
aos outros navios, que eſtavaõ na Ilha Grande, ſuſpendè-
raõ os tiros, & bombas com que de hum Ilhote vizinho
procuravão offender a Villa, & voltando unidos lançárão
em terra os veſtidos dos priſioneyros, reſtituindo os vin-
te & oito Portuguezes, que haviaõ tomado na Sumaca, &
a quatorze de Setembro, ſe fizerão á vèla para a Martinica.

Eſta noticia trouxe a Lisboa em hũ patacho de aviſo o Ca-
pitaõ Franciſco Xavier de Caſtro, a quem S. Mageſtade hon-
rou dandolhe o poſto de Meſtre de Campo, que vagou por
ſeu pay Gregorio de Caſtro, como tambem ao Governador
ſeu tio fez mercè de hũa Comenda de lote de duzentos mil
reis. E aos mais Officiaes, & peſſoas que ſe diſtinguiraõ neſta
occaſiaõ, tem reſoluto fazerlhes mercès de habitos de Chri-
ſto, augmento de poſtos, & fóros de fidalgos, conforme as
ſuas qualidades, & merecimentos.

Em 14. de Fevereyro de 1711. aſſiſtirão SS. Mageſta-
des, & Altezas, ao *Te Deum* na Capella Real, & com lumi-
narias, & ſalvas ſe ſolemnizou eſte bom ſucceſſo.

*Officiaes priſioneyros, & feridos.*

O Conde de Ruis Coronel.
Munſieur de la Rigadiere Sargento Mòr.
Munſieur Duſez Capitão de Infantaria.

Munſieur

(11)

Munſieur de la Sauſâya, o meſmo.
Munſieur de la Vaud, o meſmo.
Munſieur de Contenevil, o meſmo.
Munſieur de S. Mirel, o meſmo.
Munſieur de Boisvert, o meſmo.
Munſieur de Saryay, Tenente dos Canhoneyros.
Munſieur de Coigny, Tenente de Infantaria.
Munſieur de S. Legier, Tenente de Infantaria.
O Marquez de Linars, o meſmo.
Munſieur Deceſſars, o meſmo.
Munſieur de Cluzau, o meſmo.
Milord Macnemara, Tenente Coronel.
Munſieur de Préfontaine, Tenente Coronel dos Gentis-homẽs, & guarda Marinhas.
Munſieur de Bivauſe, Guarda das Marinhas.
O Marquez de Signy, Guarda das Marinhas.
Munſieur Gelem, Alferes.
Munſieur Piger, o meſmo.

*Dos mortos, erão as peſſoas de mais conſideração, os ſeguintes Officiaes.*

O Principe da China, por nome Farima, Capitaõ de Canhoneyros.
Munſieur de Patreville, Capitaõ de Granadeiros.
Munſieur de Rombert, Capitaõ de Granadeyros.
Munſieur de Proiſy, Capitaõ de Infantaria.
Munſieur Laguatrai, Guarda Marinha.
Munſieur Belli, Tenente dos Granadeyros.
Munſieur de Varaes, Tenente de Granadeyros.
Munſieur de Miraylet, Tenente de Infantaria.
Munſieur Marin, Guarda Marinha.
Munſieur de la Meſancleſe, Guarda-Marinha.
Munſieur de Rameſay, o meſmo.

Dos





(12)

*Dos Officiaes priſioneyros, que naõ ficàraõ feridos.*

Munſieur Duclerc, General de toda eſta gente.
Munſieur de Paira, Coronel, & Comandante das Guardas-Marinhas.
Munſieur de Monclere Sargento Mòr.
Munſieur Laſſal, Ay de Camp.
Munſieur Bellami, Provedor da Armada.
Munſieur de Berruville, Tenente.
Munſieur Duxafauſe, Tenente.
Munſieur de Corſi, Alferes.
Munſieur de Chetellu, Guarda-Marinha.
Munſieur de la Culhaudier, o meſmo.
Munſieur de Xandolent, o meſmo.
Munſieur de Pon de Veylleme, o meſmo.
Munſieur de la Val momorenſes.
Munſieur de Peteſier, o meſmo.
Munſieur de Deſquerral, o meſmo.

*Gentis-homens Voluntarios.*

Munſieur Hautfais.
Munſieur Grand-Champs.
Munſieur de S. Fermim.
Munſieur Toleſt.
Munſieur de Vildone.
Munſieur de Xautauneuf.
Munſieur de Pouzade.
Munſieur de Carrion.
Munſieur de Morfort.
Munſieur Desfontaina.
Munſieur de Pradele de la Rigaudiere.

*Capellães.*

O Padre Piere Eſi de Sem Sover.
O Padre Antonio Feric.

LES CAMPAGNES
DE
DUGUAY-TROUIN

Frontispício. Seguem-se as gravuras III, XV e XVI desta obra.
Biblioteca Nacional de Lisboa: Res: 517 A.

HISTOIRE DU MONDE, Par M. CHEVREAU. TROISIEME EDITION, Revûë, corrigée & augmentée de la suite de l'Histoire des Empereurs d'Occident, jusqu'à l'Empereur Charles VI. à présent regnant, & de plusieurs autres additions considerables dans le Corps de l'Ouvrage. Par M. L'ABBE' DE VERTOT. TOME SEPTIEME. A AMSTERDAM, Chez DAVID MORTIER, Libraire. MDCCXVII.





Frontispício. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 62-5-17





ESTATUTOS MUNICIPAES DA PROVINCIA DA IMMACULADA CONCEYCAÕ DO BRASIL, TIRADOS DE VARIOS ESTATUTOS DA ORDEM, accrescentando nelles o mais util, & necessario à reforma desta nossa Santa Provincia: feytos, ordenados, & aceytos no Capitulo, q se celebrou no Convento de Sãto Antonio do Rio de Janeyro aos sete dias do mez de Abril de mil setecentos & dez, em que foy eleyto Ministro Provincial o Irmão Cõfessor, & ex-Diffinidor Fr. Seraphino de S. Rosa, filho desta Provincia: OUTRA VEZ ACEYTOS EM O SEGUNDO CAPITULO, QUE SE celebrou no mesmo Convento de Santo Antonio do Rio de Janeyro aos vinte & cinco do mez de Março, dia da Annunciação de Maria Santissima Senhora nossa, era de mil & setecentos & treze, em que foy eleyto Ministro Provincial segunda vez o Irmão Prègador, & ex-Custodio Fr. Miguel de São Francisco, filho da mesma Provincia: CONFIRMADOS, E APPROVADOS PELO REVERENDISSIMO P. Fr. ALONSO DE BIEZMA Ministro Geral de toda a Ordem; DADOS A' ESTAMPA Pelo Irmaõ Prègador Fr. ANTONIO DAS CHAGAS, PROCURADOR Geral da dita Provincia, & della filho. LISBOA OCCIDENTAL, Na Officina de JOSEPH LOPES FERREYRA, Impressor da Serenissima Rainha nossa Senhora. M. DCCXVII. Com todas as licenças necessarias.



Frontispício. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 10-7-5

*Propagation of the Gospel in the EAST:*

BEING A

# COLLECTION OF LETTERS

FROM THE

*Proteſtant* Miſſionaries,

And other worthy Perſons in the

*Eaſt-Indies*, &c.

Relating to the Miſſion; the Means of Promoting it; and the Succeſs it hath pleaſed GOD to give to the Endeavours uſed hitherto, for Propagating True Chriſtianity among the Heathen in thoſe Parts, but chiefly on the Coaſt of *Coromandel*. With a Map of the *Eaſt-Indies*.

PART III.

Publiſhed by the Direction of the *Society for Promoting Chriſtian Knowledge*.

*LONDON:*
Printed and Sold by *J. Downing*, in *Bartholomew-Cloſe* near *Weſt-Smithfield*, 1718.

Frontispício. Seguem-se em fac-símile as pags. 1-17 desta obra. Museu Britânico





(1)

# AN ACCOUNT

Of the SUCCESS of the *Proteſtant Miſſionaries*, Sent to the EAST-INDIES, For the Converſion of the HEATHEN in MALABAR, &c.

PART III.

## LETTER I.

To the Reverend Mr. *Boehm* at *London*: From the Printer who was ſent from *England* to *India*.

*He gives an Account of his Voyage to, and Arrival at St. Sebaſtian. What Trials he met with in this Voyage. Some Notice taken of the State of Religion in Braſil, and of the Negro Slaves: Likewiſe of the Siege of that Town, and of ſome other Accidents. He is taken Priſoner, and, after many Hardſhips, at laſt releaſed.*

*Reverend Sir,*

I HOPE theſe will find you in good Health, together with all my Benefactors and Friends I left at *London*. The Sight of this Letter from the Place mentioned hereafter, may perhaps

B ſeem

seem somewhat strange to you, till the following *Historical Account* of our Circumstances set things in a clearer Light.

I hope you have received my Letter (*a*) of the 15th of *May*, dated near *Porto-Santo*, in 33 Degrees of *North* Latitude. I committed it to the Care of an *English* Ship going to *Carolina*, and related therein some of the most material Occurrences, happening betwixt *England* and *Porto-Santo*, when we had steer'd our Course toward the *Equinoctial*-Line, betwixt the *Canary*-Islands and the Coast of *Africa*. The nearer we approached the Line, the more we found our selves becalmed, the Ship being near a whole Month in the same Place, and for Want of Wind, in no Condition to go either forwards or backwards. The Heat began to be exceeding great particularly in the 12th Degree *North Latitude*, and it was the 8th of *June* when we had the Sun just over our Head. The Refreshments I had taken with me were now very useful and seasonable.

The 14th of *July* we happily passed the *Equinoctial* Line, and directed our Course constantly towards the *South-West*, till the 10th of *August* we thought ourselves in Sight of *Brazil*; but it proved a Mistake, it being *Cape St. Thomas*, and soon after we came to an Anchor at the Isle of St. *Anne*, not far from that Cape: Here we continued a few Days taking in some provision of Fish and Fruit, which we stood in need of, having sailed near four Months after our Departure from *England*.

The

(a) Note: *This Letter never came to Hand.*







The 15th and 16th of *August* we sailed along the Coast toward *Cape Frio*, and the next Day we entered the River *Janeiro*, but were stop'd without the Fort of *Santa-Cruce*, the *Portuguese* being willing to inform themselves about our Business, and whether our Stay there might, perhaps, prove disadvantageous to their Trade. At this Place we were inform'd that a Fortnight before, two *English* Ships bound for the *East-Indies*, called the *Mountague* and *Litchfeld*, cast Anchor here, and afterwards made the best of their Way towards the *Cape of Good Hope*.

These two Ships were found to be very sickly, having lost near Half of their Men by a burning Distemper that raged among them; the Captain of the latter of these Ships being dead, and buried here in *Brazil*. The 18th of *August* we got into the Harbour. Here we cast Anchor, after having saluted the Fort with the Discharge of five Guns, which however the *Portuguese* did not answer. I can't but take notice by the Way, of the kind Providence of God over us, which visibly appear'd in the small Number of Men we have lost, in this long and tedious Voyage. We have had in all but three dead, and a few sick of the Scurvey; whereas other Ships miss great Numbers of Men carry'd off by malignant Distempers. I should have been able to give you a full Account of all the remarkable *Contingencies* relating to our Voyage hither: (having kept an exact *Journal* for that Purpose;) But my *Journal* has undergone the same Fate as the rest of my Papers, of which I shall speak by and by.

B 2 Hitherto

*Hitherto the Lord hath helped us*, and delivered us out of many visible Dangers, when human Wit and Reason seem'd to be put to a *Nonplus*. Under these Circumstances, a Man hath a daily Opportunity for improving himself in *Prayer*, *Patience*, *Resignation*, and particularly in a hearty *Reliance* upon the Power and Goodness of God, whose Help then generally begins, when human Support is at a Stand. As for those *Tryals* in particular, that happened within the Ship it self, I must previously acquaint you, that our Vessel was unfortunately crouded with Abundance of profane and disorderly People. The *Character* of the Generality of my Fellow-Travellers is drawn up at large, *Psal.* lxxiii. which *Psalm*, as it hath often afforded me Matter of Meditation, so it hath left the deeper impression on my Mind, after I have seen the dreadful Disaster which befel those Men who did but a little before *boast of their Sins, and did not hide them.* As for Governour *Collet*, I must needs say, that from the very first Hour of my being admitted into his Acquaintance, he hath expressed to me much Kindness, and a Readiness to favour the Design in which I am engaged.

Two Days after our Arrival here, he invited me to accompany him into the Town, which I readily did, but desired him withal, that I might not go as a bare Passenger, but as one of his Domesticks or Officers. This he comply'd with: And I found afterwards, that such a Caution was very necessary, in a Place over-run with gross Idolatry and Superstition. Besides this, you must know, that the *Inquisition* is (as in all the other *Portuguese* Territories,) so very *Flagrant* in







in *Brazil*, that one can't take sufficient Precaution amongst a People so much enslaved by the Authority of *Rome*. At our Arrival here, near a Hundred Persons were just embarking for *Portugal*, in order to be tried there at the *Holy Office*. They were suspected of favouring *Judaism*. However, I had a great Mind to disperse some Copies of St. *Matthew's* Gospel among them, which you know I had by me in the *Portuguese* Language. But how these were disposed of, you shall hear in the Sequel of my Account.

What concerns in particular the *State of Religion* in these Parts, I cannot write of it without a tender Compassion towards a People buried in Darkness and Ignorance. The Clergy are so Ignorant, that in Ten you hardly find one who has got so much *Latin* as to read *Mass*: And though I easily allow, that one may be a good and useful Man without *Latin*, yet those People being altogether destitute of any other Bible, but what we call the *Vulgar Latin*; I think in this respect the *Latin* Tongue would prove to them a necessary Help for fetching Knowledge from the divine Writings. The common People are swallowed up in Sensuality, and their Care centers in heaping up Gold and Silver. The Jesuits have a *College* here, which is a very stately Building. I have been several Times in Conversation with them: They always singled out one of their Number, who was best skilled in Latin, to be their Speaker, and the Rest of 'em heard only what we discoursed of. I generally moved something of true *Practical* Divinity, without touching upon any Controversy at all: But they, it seemed, would rather argue upon Points of Divinity in

B 3 a

a ſcholaſtick Manner: I told 'em the Circumſtances of Time and Place did not ſuffer me at preſent to enter upon Controverſies. When I deſired them to procure me *Thomas-à-Kempis* his *Chriſtian Pattern* in *Portugueſe*, (which I had a mind to buy;) they did not ſo much as know that Author: A thing which I greatly wondered at, ſince this his Treatiſe is ſo univerſally known and approved, for ought I know, by all the Nations and Denominations of Chriſtians in *Europe*. When they heard me mention *Thomas-à-Kempis*, they asked, whether I meant perhaps *Thomas Aquinas* his Works, who is one of their great School-Divines, and left many voluminous Books behind him. I found but very few *Portugueſe* Books worth my purchaſing.

The *Negro*-Slaves making up in Number near eight Thouſand Souls, are in a pitiful Condition. All the Evidence they have of their Reception into the *Chriſtian* Church, amounts to no more than the Knowledge they have of their being ſprinkled with Water, together with the *Pater-Noſter*, which they are taught to rehearſe. Beſides this, they have Images of ſome of their Saints, as for Inſtance, that of St. *Francis*, or St. *Anthony*, &c. hanging about their Neck, as a Badge of the Chriſtian Religion. But to return.

We were anchoring in *Rio de Janeiro*, when on the 24th of *Auguſt* Old Stile; Intelligence was brought to the *Portugueſe* Governour here, that a Fleet of about 15 or 16 ſail was ſeen to approach the Coaſt of *Brazil*. Some would not believe it; and others were afraid, that if the *French* ſhould once get footing in theſe Parts, they would then revenge to the Purpoſe the hard Uſage







Uſage their Countrymen met with here a Year ago: Where I muſt mention by the Way, that in that Action, which happened laſt Year, the *Portugueſe* took eight Hundred Priſoners from the *French*, together with the General that Commanded them. They maſſacred afterwards the General in cold Blood, and about Half of the Officers and Soldiers miſerably periſhed under the Cruelty of the *Portugueſe*. The Remainder of theſe Men we ſaw here in a ſtarving Condition: They expreſſed a great Satisfaction at the Arrival of an *Engliſh* Ship, in Hopes they would commiſerate their hard and deplorable Circumſtances.

And now the *Portugueſe* began to prepare for a Defence, being afraid of a Siege, which alſo fell out accordingly the firſt of *September* following. It was then the Governour of *Santa Cruce* fired ſome Guns, to give notice to the other Forts of the Approach of the Enemy. This was attended with the *French* Fleet it ſelf, conſiſting of Fifteen Sail, which in an Hours time entered the Mouth of the River, and two Hours after caſt Anchor in the beſt and ſafeſt Place of the Harbour.

The next Day Admiral *Trouin* landed *Three Thouſand Five Hundred* Men, partly in a ſmall Iſland lying on one Side of the Town, and partly on the firm Land on the other Side, to fire from theſe two Places upon the *Portugueſe* Forts, whereof there are Eight in number. What relates to our Ship in particular, we had no time to weigh Anchor; wherefore Captain *Auſtin* ordered to cut the Cables, and to remove with all Speed, out of the Reach of the Enemy's Cannon:

B 4 This

This was done accordingly, and the Ship was now four *English* Miles off of the *French* Fleet; and it was then I returned on Board with Governour *Collet*, with whom I had been in Town. The Day following, the Governour went a-Shore again, and retired farther up into the Country, to get ſome Intelligence of the Siege the *French* had laid to the Town; but I declined attending him again, being reſolved to ſtay in that Poſt which I thought Providence had aſſigned me, and there patiently to wait the Iſſue of our deplorable Circumſtances.

But now I muſt leave the *French* a little in puſhing on their Siege, and give an Account of a thing which happen'd within our own Ship, to the great Surpriſe of all honeſt Men, and which hath in particular afflicted me more ſenſibly than any other of all the Hardſhips and Adverſities I have undergone hitherto, and which are incident to ſo long and tedious a Voyage. Six of our own Men had the unaccountable Boldneſs, as to break open the Place where the *Company*'s Treaſure was kept; and having taken away what Money they found there, and carried it into the Pinnace, they conveyed it away in ſo clandeſtine a Manner, that none were aware of it, till it was gone; all the Men of the Ship being in a dead Sleep, beſides thoſe that attended the Watch. Thus my Money, and that deſigned for the *Miſſion*, underwent the ſame Fate: For as it was laid up in the ſame Place, ſo 'tis now unfortunately fall'n into the Hands of theſe Pirates. This affected me the more ſenſibly, becauſe it was done by our own Men, and eſpecially at ſuch a Time, when







when we could not yet ſee what Iſſue the Seige of St. *Sebaſtian* might have. What a Diſorder aroſe upon this in our Ship, on Account of ſo unlucky an Accident, I can't ſufficiently expreſs. Captain *Auſtin* and his Officers drew up immediately a *Proteſtation*, which amongſt the reſt I ſigned alſo. The Copy thereof you find here incloſed.

After this ſmall Digreſſion, which was too material to be paſſed by, I return now to the Siege of St. *Sebaſtian*. We expected the Beſieged would make a vigorous Defence, being provided with all Neceſſaries for that Purpoſe. There were in the Town one Thouſand Men regular Troops; two Thouſand Mariners; four Thouſand Citizens, and eight Thouſand *Negro*-Slaves; in all fifteen Thouſand Men: But notwithſtanding this numerous Garriſon, plentifully furniſhed with every thing neceſſary, the *Portugueſe* ran away after they had been cannonaded eight Days, and left the Town, full of Silver and Gold, a Prey to the Enemy. The *Portugueſe* burnt three of their own Ships, and a Fourth foundered after it was driven a-Shore, being all Men of War. Abundance of other Ships, moſt Merchant-Men, were ſunk by the *French*. The Loſs of Men on both ſides is very inconſiderable, and hardly taken Notice of. The Eleventh of *September*, the *French* took Poſſeſſion of the Town, and plundered it the Day following. They threatned to reduce the whole Town to a Heap of Rubbiſh, but the *Portugueſe* prevented that by paying a Sum of 15000 *l.*

All

All this while the *French* did not moleſt us in our Ship, and ſuffered us to be Lookers on of the Diſaſter befalling the *Portugueſe*. But we could not but ſuppoſe they would alſo make us an unwelcome Viſit, which we were obliged to receive without Oppoſition; being hemm'd in on every Side, and in no Condition to make our Eſcape. The 13th of *September*, the Gentlemen of our Ship deliberated what to do in this preſent Juncture. Governour *Collet* was now returned on Board, and ſoon after ſurrendered himſelf with his Son Priſoners of War. Captain *Auſtin* did the ſame, and ſurrendered himſelf and the Ship, of which ſoon after a *French* Captain and twenty Men took Poſſeſſion. They fell immediately to plunder the Ship, and this was done with ſo great a Fury, that nothing eſcaped their Hands but the Stores laid up in the Bottom of the Ship. I often caſt a ſorrowful Eye towards my Books, Papers, *&c.* but in a Trice all was gone, and not a Scrap of any thing left, except what I had in my Pocket, which was little enough; and it was a Mercy, in the Midſt of theſe Calamities, that they did not ſtrip us ſtark Naked, or at leaſt ſearch our Pockets, as ſome ſuppoſed they would.

The next Day we were all made Priſoners, and diſperſed among the Enemy's Ships, ſome being confined to one, and ſome to another Ship. My Lot was to be transferr'd to the Vice-Admiral's Ship, called *Le Brillant*, where I was no ſooner fixed, but I took a Survey of what things I had left of the Goods I was provided with at my Departure from *England*, the Whole of which now conſiſted in the following Pieces: One Coat, one







one Shirt, one Cravat, One Bible, and one Copy of *Arndt* his *True Chriſtianity* in *Latin*. Beſides this, I had the unwelcome News told me, that we were altogether ordered to *Martinico*, before we muſt ſo much as think of our going to *France*. Theſe and a great many other diſmal Accidents, together with the melancholy Conſideration of what I had ſuffered already, and what I was ſtill to ſuffer, ruffled me with various Doubts and Perplexities. When I endeavoured to diſpoſe my Mind to a Liking of, and Submitting to divine Providence, I found my ſelf altogether uncapable to fathom the Appointments which now ſurrounded me; the Devil, you know, never failing to improve outward Afflictions to his own Advantage, by tempting the Soul to *Unbelief*, *Miſtruſt*, and other black and ſiniſter Thoughts about the Diſpenſations of an over-ruling Providence.

One time I thought, ſhall now that Work be deſtroyed in its Infancy, which hath been attended with ſo many favourable Marks of Providence; and ſhall thoſe Goods and charitable Supplies, to which ſo many well-diſpos'd Souls in *England* have contributed, to ſupport thereby the poor Heathen converted to Chriſtianity, be left in the Hands of Men, who will employ 'em to quite other Ends and Purpoſes? Such and the like Thoughts did riſe within me, when I conſidered the Loſs of what I had about me. When I looked upon my own Perſon, I thought I might periſh perhaps under the Hardſhips that would undoubtedly befal me as yet. Whatever of *Selfiſhneſs* and *Self-ſeeking* adhered to this Work on my Side, was plainly diſcovered

ed to me in ſo violent a Conflict of Thoughts. This I was not ſo much aware of, whilſt things went on in a ſmooth Manner, without Trial or Troubles: However, in the Midſt of theſe black Reflections, toſſing my Mind up and down, I found now and then, a little Ray of Comfort in my Heart, overcaſt with the Clouds of dark and diſmal Judgments, particularly ſome Verſes in the xviii. *Pſalm* left a comfortable Impreſſion on my Mind, where the *Pſalmiſt* calls the Lord his *Stay in the Day of Calamity*, bringing him at laſt into a *large Place*. By ſuch and the like Scriptures, ſeaſonably coming into my Thoughts, I did ſomewhat recover, and began to hope, that all this Adverſity might ſerve as a real Teacher, to inculcate the more upon my Mind the great Leſſon of *Self-Reſignation* to the divine Will, a Qualification ſo highly neceſſary to thoſe that will do any good in a corrupted World.

As for my bodily Circumſtances, during my Confinement, they were pretty tolerable. The Captain of the *Brillant* ſhewed me ſome Kindneſs, and as he ſeem'd to be ſomething of a Scholar, he loved to ſpeak *Latin* with me.

After I had been a Week confined in this Ship, a Rumour was ſpread that Governour *Collet* was Capitulating with the *French* Admiral about his own Ship, in order to purſue his Voyage to *India*. No ſooner did I hear this piece of News, but I writ a Letter to Mr. *Collet*, wherein I deſired his Anſwer to the three following Queſtions: (1.) *Whether he thought there was any Hopes of Obtaining from the* French *the Printing-*







*Printing-Preſs,* (b) *with the things belonging to it?* (2) *Whether he would be pleaſed to offer a tolerable Ranſom for it, if the* French *ſhould be willing to part with it?* (3.) *What his Thoughts were about my own Perſon, and whether there was any Likelihood for him of regaining my Liberty, and of attending him to the* Eaſt-Indies? Theſe and a few other Hints I ſet down in Writing, and deſigned to ſend them to Mr. *Collet*'s Ship. But the *French* Captain, in whoſe Hands I was, was ſo Civil as to allow me a Boat to carry me on Board Mr. *Collet*'s Ship, to confer with him my ſelf upon this Subject. Governour *Collet* did no ſooner hear of my *Propoſal*, but promiſed, in moſt obliging Terms, he would do all that lay in him to get my Liberty, and to take me and my Goods on Board his Ship, if ever he ſhould be able to purchaſe one from the *French*: But ſoon after one Difficulty was ſtarted, which ſeemed to be almoſt inſuperable. Governour *Collet* declared, that after ſo many Loſſes and Diſaſters he had hitherto ſuffered, he was reſolved to go directly to *Bencoulee*, to enter upon his Government there, without touching at *Madras* at all, or at any other *Engliſh* Fort on that Coaſt. This ſeem'd to ſtifle again my reviving Hopes: However, after a little Conſideration, I came to a Reſolution in my Mind, which I imparted to Mr. *Collet*, and it was to this effect: That he would be pleaſed to take me on Board his Ship, which

(b) Note: *A Printing-Preſs with all its Utenſils, and a Font of Types, commonly called* Pica, *were ſent in this Ship to the Miſſionaries, by the Direction of* the Society for promoting Chriſtian-Knowledge.

which he was now purchasing from the *French*, and land me and the Goods, in Case I should be released, at the *Cape of Good Hope*, where I design'd to stay, till by Providence, another *English* or *Dutch* Ship should pass by, by Means whereof I might be carried to the End of my Voyage. This was agreed upon, and so I returned to my Confinement.

The *first* Day of *October* following was a Day of good Tidings to me. Before I had any such Thought, Governour *Collet* unexpectedly sent a Boat to fetch me away out of my Confinement, and to replace me on Board the *Jane*, which he had purchased in the mean Time, with all the Goods and Appurtenances, and was now almost ready to sail for the *East-Indies*. This was as joyful a Day to me, as perhaps I ever had in my Life. Thus I took my Leave from the *French Brillant*, and return'd to my old Quarters in the *Jane Friggat*. As soon as I came on Board Mr. *Collet's* Ship, he declared to me that he was resolved to carry me and my Goods Fraight-free to *Madras*, including also my Diet, which he did generously offer me on Board his Ship. The Printing-Press. Letters, Utensils, Paper, Books, *&c.* he rated at 300 *l.* Sterling, and said, he might claim this of all Reason, as due to him, because he had purchased the Ship and Cargoe at the Prime Cost, sending his Son as an Hostage to *France*, till the Sum agreed on should be paid. However, to declare the singular Regard he had to the *Honourable Society* and their worthy Design in the *East-Indies*, he would come down to half that Sum, *viz.* 150 *l.* which he hoped they would readily refund, towards making up the great Losses he had







had sustained in this Voyage. And now let every one that is but a little acquainted with the Steps of divine Providence judge, whether the Finger of God be not visibly seen in all these Transactions? For my Part, I cannot but confess, that I find my self more convinced than I am able to express, that the Lord is still with the Design, and that he will bring to a happy Conclusion, a Work, which hitherto hath met with so many fierce Obstructions from the common Enemy of Souls, that so his Glory may be raised in the Midst of our Weakness.

I desire you in particular to assure my Friends at *Gosport* and *Portsmouth*, that their Benefaction, which I gathered whilst I was among them, has had a peculiar Blessing attending it; it being the only Money I have saved of my whole Treasure: The Reason is, because I had paid this Money into Mr *Collet's* Hands before my Departure from *England*, who has given me fresh Assurances to repay me this Sum at *Madras*, notwithstanding his own great Losses and Sufferings. Thus hath this Money been kept safe from the Fury of the Enemy.

As for the Copies of St. *Matthew's* Gospel, which you know I had by me, they were all taken by the *French*, and happily dispersed among the *Portuguese* here. After my Releasement, I have been several Times in Conversation with the Priests and Monks of this Country, and found Means to put some *Latin* Pieces, as the *Enchiridion Precum*, and *Arndtius de Vero Christianismo*, into their Hands. As for the Goods, which after this Capitulation with the *French* are come to my Hands again, they are as follows: No. I. Printing-

Printing-Press. No. II. Materials belonging to the Press. No. III. Paper. No. IV. Papers and Letters. No. V. Letters. No. VI. Oyl. Part of No. VII. consisting of Books. No. IX. Books for the Reverend Mr. *Lewis*, Chaplain at Fort St. *George*. These are the Goods I have recovered: Besides this, I have in my Hands Madam *Dolben*'s Bill of Exchange of 10 *l.* Payable by Governour *Harrison* and Mr. *Edward Fleetwood*. I have also saved Mr. *Hoare's* Bill of Exchange of 25 *l.* payable by Mr. *Francis* and *John Cook*, tho' I fear (*c*) these Bills will be protested against, because the Letters of *Advice* which accompanied them, were by Captain *Austin*'s Order thrown over Board. I have also recovered some Letters writ to the Missionaries.

We hope now, by God's Blessing, to set sail in a few Days, after we have taken in some Provisions and Refreshments wherewith the *French*, according to the Tenour of our Agreement, are to supply us. We have also taken a *French* Pass for seven Months. Captain *Austin* and all other Officers are to be sent Prisoners to *France*. Instead of the old Officers, by whom Governour *Collet* was so uncivilly used, we have taken in a new Set all *English* Men, who had served in another *English* Ship lately taken by the *French*. Mr. *Collet* has been obliged to deliver to the *French* Admiral an exact List of all such Persons as are on Board our Ship, in order to have as many of his Countrymen released out of the Hands of the *English*. I desire to give my humble and obedient Service to the Gentlemen of our *Society*, and

(c) Note: *These Bills were paid.*







and excuse my not Writing to them in *English*. I hope they will bear with my present Circumstances, which do not allow me to write many Leters. I remain,

*SIR*, &c.

*St.* Sebastian, *near the River* Janeiro *in* Brazil, *the* 20*th of* October, 1711.

*Jonas Finck.*

[The foregoing Letter is Translated from the *High-Dutch.*]

---

## LETTER II.

## *To Mr.* Henry Newman.

[Translated from the *High-Dutch.*]

*The Missionaries Gratitude for the Support sent 'em from* England. *Their Readiness to correspond with* Europe. *Of the Obstructions they meet with. They have a Printing-Press and other Goods made over from* England; *And desire some Maps and Books.*

WE have greatly rejoiced at the Christian Care and Charity wherewith you are affected toward the Mission in *India*. We assure you

G

# VOYAGES
DE
## FRANÇOIS COREAL
AUX
## INDES OCCIDENTALES,

Contenant ce qu'il y a vû de plus remarquable pendant ſon ſéjour depuis 1666. juſqu'en 1697.

TRADUITS DE L'ESPAGNOL

AVEC UNE

## RELATION

*De la Guiane de Walter Raleigh & le Voyage de Narborough à la Mer du Sud par le Detroit de Magellan.*

TRADUITS DE L'ANGLOIS.

TOME PREMIER.



A AMSTERDAM,
Chez J. FREDERIC BERNARD 1722.

Frontispício. Segue-se a gravura colocada entre as pags. 180-181.

Tom. I. Pag. 180.

MER

ENTREE DE RIO JANEIRO

Gravura entre as pags. 180-181 (cf. *hic*, p. 566)

FOL. 101 DO *LIVRO DAS PRAÇAS DE PORTUGAL*

CF. IIIC, P. 478-479



# HISTORIA
DA
# AMERICA
PORTUGUEZA,
DESDE O ANNO DE MIL E QUINHENTOS
do ſeu deſcobrimento, até o de mil e ſetecentos
e vinte e quatro.

*OFFERECIDA*

A' MAGESTADE AUGUSTA
DELREY
## D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR,
*COMPOSTA*

POR SEBASTIAÕ DA ROCHA PITTA
FIDALGO DA CASA DE SUA MAGESTADE, CAVALLEIRO
Profeſſo da Ordem de Chriſto, Coronel do Regimento da Infanteria da Ordenança da Cidade da Bahia, e dos Privilegiados della, e Academico Supranumerario da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

LISBOA OCCIDENTAL;
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
Impreſſor da Academia Real.

M. DCC. XXX.

*Com todas as licenças neceſſarias.*

Frontispício. Seguem-se em impressão as pags. 118-127.
Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 507 A.

## DESCRIÇÃO DO RIO DE JANEIRO. *C.* 1720

Em altura de vinte e três graos está a província do Rio de Janeiro, assim chamada por ser no primeiro dia deste mês descuberta. É a sua cabeça a cidade de S. Sebastião, corte de todas as nossas praças do Sul; os prezados géneros que daquelas partes por mar e terra se lhe conduzem a foram fazendo rica, e hoje se acha opulenta com os descubrimentos das copiosas minas de ouro que daqueles dilatadíssimos sertões se leva àquela praça, como a feira deste precioso metal, e a buscá-lo se acham no seu porto inumeráveis embarcações de Portugal e do Brasil; e pelo comércio que desta frequência lhe resulta é o terceiro empório desta região. A cidade é de mediana grandeza, mas de muita fermosura; fundada em sítio raso, se estende tão igual com a sua ribeira que por todo um lado a lava o mar.

São soberbamente sumptuosos os edifícios que a adornam, magníficos os templos, a sé, os conventos da Companhia de Jesus, dos religiosos do Carmo, de S. Francisco e de S. Bento, este em magnificência e sítio superior aos outros. Tem mais duas freguesias, uma de Nossa Senhora da Candelária, outra de S. José, casa da Misericórdia, igrejas de Santa Cruz, de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora da Glória, do Parto e a de Nossa Senhora da Conceição, que foi hospício dos Barbónios franceses e está contíguo ao palácio dos Bispos. É sumptuoso o do governador, e nobremente edificadas as casas dos moradores. Em todo o tempo teve graves famílias que permanecem com a mesma nobreza. Tem de presídio dous terços de infanteria paga; o seu numeroso povo chega a dez mil vizinhos, e outros tantos tem no seu recôncavo.

É abundante de muitas hortaliças, legumes, plantas, frutas e flores de Portugal, que todos os dias enchem a sua praça, parecendo pomares e jardins portáteis. Os seus redores são cultivados de aprazíveis e férteis quintas, a que lá chamam jácaras. No seu recôncavo houve cento e vinte engenhos; os que permanecem de presente são cento e um, deixando de moer os outros por se lhe tirarem os escravos para as minas; e a mesma falta (pela própria causa) experimentam as mais fazendas e lavouras, que foram muitas. Os seus campos são fecundíssimos na creação dos gados maior e menor, sendo tão numerosos nos dos Itacazes (prolongados entre esta capitania e a do Espirito Santo) que da grande cópia de leite que dão se fazem perfeitos e gostosos queijos, na forma dos do Alentejo, e chegam a muitas partes do Brasil fresquíssimos.

Criam os seus mares muitos mariscos e pescados menos regalados que os das províncias, que ficam para o norte, mas na mesma quantidade. Há no seu destrito outros géneros e culturas de preço e regalo; porém correndo para as minas muita parte dos moradores e levando os seus escravos para a lavra do ouro, ficaram menos assistidas as outras fábricas, causa pela qual há menos açúcares e se experimenta alguma diminuição nos víveres. A fonte, de que bebem os vizinhos da cidade, é um copioso rio, chamado Carioca, de puras e cristalinas águas que, depois de penetrarem os corações de muitas montanhas, se despenhavam por altos riscos, uma légoa distante da cidade, onde as iam tomar com algum trabalho; mas aquele Senado com magnífica fábrica e liberal despesa trouxe para mais perto o rio; e de próximo o





laborioso cuidado do general Aires de Saldanha de Albuquerque, que neste tempo com muito acerto governa aquela província, o trouxe para junto da cidade com maior grandeza e utilidade. É fama acreditada entre os seus naturaes que esta água faz vozes suaves nos músicos e mimosos carões nas damas. Suposta a multidão de frutos daquele país, é o seu clima menos temperado e mais sensíveis as suas estações, continuos os trovões que repetidas vezes despedem coriscos.

A sua barra, em cuja entrada se levantam de uma e outra parte dous altos penhascos, é notável, porque, estreitando-se na boca ao breve espaço de meia légoa, vai ao mar formando um golfo ou baía de vinte e quatro de circunferência e oito de diâmetro, em que estão muitas ilhas de grandezas diferentes: umas cultivadas com engenhos e lavouras, outras ainda incultas e todas fermosas, sendo mais célebre a que chamam das Cobras, onde ancoram os navios e há fundo e capacidade para muitas armadas. Pela parte da terra oposta à cidade, vai acompanhando ao golfo uma disconforme muralha, composta pela natureza de ásperos rochedos, mais e menos levantados, a que chamam montes dos Órgãos, e vão formando na diferença das suas prespectivas um Próteo inconstante de figuras várias e uma bem ordenada confusão de diversos objectos, espantosos aos olhos e difíceis à conquista.

São cortados estes aprazíveis montes por dezassete alegres rios que do interior da terra, por muita distância navegáveis, vão ledamente fertilizando grandes propriedades e buscando o pacífico mar daquele golfo a tributar-lhe as águas e não a perder os nomes, porque se chamam Carai, Boassu, Goaxindiba, Macacu, Guaraí, Guapeguassu, Guapemerin, Magegassu, Magemerin, Eriri, Surui, Neumerim, Magoa, Goaguassu, Mereti, Saracui, Iraja, todos serenos e agradáveis, fazendo ricos e fecundos os terrenos que banham.

Muitas fortalezas defendem aquela praça. No princípio e ponta da barra tem o forte de S. Teodósio, que segura por aquela distância a sua praia; na mesma parte a fortaleza de S. João, em forma de um meio hexágono para a parte do mar e fechado com uma muralha seguida para a da terra; guarnece-a muita artilheria de bronze e ferro; é uma das balizas que estreitam a boca da enseada do Rio de Janeiro; segue-se-lhe pelo próprio lado, que é o da cidade, a fortaleza de Santiago, em forma redonda, com torreões, e no meio uma torre circular, onde tambem labora a artilheria; tem muitas guaritas que descobrem a barra e capacidade para muitas peças, não sendo poucas as que de presente a guarnecem.

Na parte oposta, que é a do norte, está na ponta da barra o forte chamado Nossa Senhora da Guia, que por aquele lado defende a praia da mesma barra; mais dentro a fortaleza de Santa Cruz, que é a outra baliza da boca da enseada, e fica fronteira à de S. João, senhoreando ambas o estreito passo, por onde o mar se comunica ao golfo. É edificada em forma de um semicírculo, com redentes; tem muita e grossa artilheria de bronze e ferro em duas baterias, um cabo de maior suposição e uma companhia paga. Dentro no corpo da enseada e defronte da boca da barra, na ilha de Villagailhon (assim chamada por Nicolao de Villagailhon francês), está outra fortaleza com o seu apelido por nome. Fronteira a esta fica a do Gravatá; em outra ilha do mesmo golfo, chamada ilha das Cobras, oposta à cidade, onde surgem os navios, há uma boa fortaleza; e no estreito passo da entrada da barra, sobre a grande lagem, que ali pôs a natureza, com cincoenta braças de comprimento e vinte

e cinco de largura, principiou o general Francisco de Távora outra, que se vai continuando com a mesma grandeza e regularidade.

Ao pé da fortaleza de Santiago há um lanço de grossa muralha em redentes, que se dilata por oitenta braças e fenece nas portas que vão para a cidade. Por cima desta em um alto se vê a fortaleza do glorioso Mártir S. Sebastião, eminente a todo aquele mar; tem grande circunferência, é feita em um semicírculo pela parte da cidade, e pela outra fechada com a torre da Pólvora; residem nela muitos moradores. Um forte mais em forma redonda, detrás do mosteiro do glorioso Patriarca S. Bento.

Foi a cidade fundada pelo governador geral Mendo de Sá, da segunda vez que passou a expulsar os franceses daquela enseada, como no seu governo mostraremos. A sua igreja elevada a catedral no ano de mil e seis centos e setenta e seis pelo Pontífice Inocêncio XI e o seu primeiro Bispo D. Fr. Manoel Pereira, religioso de S. Domingos, do Conselho Geral do Santo Ofício, que depois de sagrado renunciou o bispado e ficou sendo Secretário de Estado; e D. José de Barros de Alarcão, sendo o segundo na ordem da nomeação, foi o primeiro que passou ao Rio de Janeiro. A alcaidaria-mor da cidade anda nos ilustríssimos Viscondes da Asseca.

Saindo pela barra da sua enseada e correndo a costa para o norte, está uma ponta de pedra lançada ao mar, chamada Buumerim; e continuando a praia meia légoa com outra ponta, no fim dela se acha um lago que chamam Piratininga, abundantíssimo de peixe; pelo mesmo rumo mais adiante estão vários cerros e pontas que vai fazendo a terra, entre os quais fica o cerro Taipuguassu, atalaia de donde se vêem as armadas e se envia notícia delas ao Rio de Janeiro, quando há sospeita ou temor de inimigos. Seguindo a mesma costa mais ao norte, há no continente da terra distante ao mar, pouco mais de meia légoa, outro lago, que tem três de comprimento, chamado Maricá, habitado de um povo de trezentos vizinhos, com duas igrejas curadas, tão fértil de pescados vários que os vão buscar do Rio de Janeiro e dos seus destritos.

Pelo mesmo rumo, duas légoas adiante, está outro lago pequeno, cujo nome é Jacuné, que terá seiscentas braças, do qual há tradição fora uma aldea que ali se sovertera. Correndo mais ao norte três légoas, fica o lago Saquarema, com duas de extensão, e fenece além da igreja de Nossa Senhora de Nazaré, edificada sobre uma serra eminente ao mar; é habitado de muita gente, abunda de infinito peixe e tem três engenhos de açúcar. Logo se vão seguindo muitos lagos, em que se cria excessiva cópia de excelente sal, e por esta produção se chamam salinas. Ùltimamente outro chamado Iraruama; todos os referidos lagos e povos da jurisdição de Cabo Frio.

Segue-se-lhes a cidade de Cabo Frio, a que são sojeitos, a qual está em altura de vinte e três graos; intitula-se Nossa Senhora da Assunção; é de grandeza proporcionada aos seus moradores, que não passam de quinhentos vizinhos; tem igreja paroquial de boa estrutura, um fermoso convento de religiosos do Patriarca S. Francisco, e outras igrejas e capelas na cidade e seus destritos; é governada por um capitão-mor com soldo da Fazenda Real, sendo com todos os seus destritos, desde a sua fundação, sojeita à jurisdição do governo do Rio de Janeiro.





Da barra desta província, correndo para o sul até a ilha Grande, última baliza da sua demarcação, antes de a aportarem as embarcações, dez légoas de distância da cidade de S. Sebastião, principia um pontal de area que se diz Marambaia, o qual faz um canal de sessenta braças, nomeado barra da Goaratiba; com esta restinga, que tem quatorze légoas, apartada da terra três, se vai formando dentro uma marinha, onde desemboca o caudaloso rio Goandu; acabando a dita restinga, defronte de muitas ilhas, que com ela correm direitas para o su-sudoeste, em que há uma larga barra com fundo para grandes naos, e tão acomodada para as abrigar dos ventos que lhe chamam enseada de Abraão, sendo a última destas ilhas a que se nomea Grande, a qual tem uma fermosíssima barra de três légoas de comprimento, chamada do Cairussu, com uma ponta que se diz das Laranjeiras.

Foi esta província do Rio de Janeiro cabeça de todas as da repartição do Sul, e de presente é um dos três governos, em que está dividida aquela região; porque as enchentes de ouro (que, moderadas no princípio, a vieram depois com profusão imensa a inundar), atraindo inumerável cópia de gente de todo o Brasil e Portugal, com as suas fábricas e comércio a fizeram tão opulenta que para poder reger-se foi preciso partir-se; outro é o das Minas, de cujos descubrimentos e das fundações das suas vilas daremos em seu próprio lugar notícia; o último é o de S. Paulo.

O mais ilustre dos três é o do Rio de Janeiro, pela antiguidade, magnificência e trato político dos seus moradores, pela sua Casa da Moeda, que incessantemente labora, fazendo correr para todas as partes sólidas torrentes de ouro, reduzindo ao valor do cunho aquela áurea produção que nas suas ricas fontes não tem mais cunho que o peso, e finalmente pela grandeza do seu porto, aonde vão numerosas frotas todos os anos a buscar os géneros de todas aquelas praças e levar as mercadorias que por eles trocam, as quaes despachadas no Rio de Janeiro se encaminham às outras povoações do Sul. São estes três governos independentes entre si, e só sojeitos à Baía, cabeça de todo Estado. Esta província do Rio de Janeiro foi habitada de gentios da nação Tamoios, que desde o Cabo Frio senhoreavam aqueles destritos.

Apud Sebastião da Rocha Pita, *História da América Portuguesa*, Lisboa, 1730, p. 118-127

# EL ATLAS ABREVIADO,

ò

COMPENDIOSA GEOGRAPHIA

DEL

MUNDO ANTIGUO, Y NUEVO,

*Conforme à las ultimas Pazes Generales del Haya,*

ILUSTRADA

*CON QUARENTA Y DOS MAPAS.*

La Dedica al Atlante Catholico D. CARLOS Segundo el Rey Nuestro Señor, que lo es de Ambos Mundos,

*DON FRANCISCO DE AFFERDEN, DOCTOR en ambos Derechos, Preposito, y primera Dignidad del Obispado de Brujas, Protonotario, y Juez Apostolico de esta Nunciatura, Capellan de Honor de su Magestad, &c.*

TERCERA EDICION.



EN AMBERES,
Por VIUDA de HENRICO VERDUSSEN,
Mercadera de Libros. 1725.

*Con Licencia y Privilegio.*

Frontispício. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 52-7-4





Gravura entre as pags. 8-9 da obra que se segue

RECUEIL
DES VOYAGES
QUI ONT SERVI
*A L'ETABLISSEMENT*
ET AUX PROGREZ
DE LA
COMPAGNIE
DES INDES
ORIENTALES,
*FORMÉE*
*Dans les Provinces-Unies des Païs-Bas.*
TOME III.
Nouvelle Edition, revûë par l'Auteur & considerablement augmentée.
*Enrichie d'un grand nombre de Figures en Taille-douce.*

A ROUEN,
Chez JEAN-BAPTISTE MACHUEL le jeune, ruë Damiette, vis-à-vis S. Maclou.
M. DCC. XXV.
*Avec Aprobation & Privilege du Roi.*

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: H. G. 8282 P.





CARTA DO P.e DIOGO SOARES A D. JOÃO V

Senhor

Cumprindo as instruções de Vossa Majestade, que deixam ao nosso arbítrio a eleição do lugar por onde dêmos princípio às novas cartas de toda esta América, julgamos por mais conveniente e justo fosse esta capitania a que tivesse o primeiro lugar nesta factura, assim por ser a primeira que nos hospedou neste Brasil, como por ser precisa nela esta demora, não só para esperarmos os instrumentos que nos faltam, mas para vermos também se nos davam lugar as noutes, com as suas contínuas trovoadas, a fazermos algumas observações; mas como estas já desde o princípio de Maio o permitiram, julgo que por todo o Setembro entraremos às Minas Gerais e, por elas, ao Sertão.

Neste tempo temos visto, sondado e riscado todo este grande recôncavo e suas ilhas que são inumeráveis, visitado, medido e feito plantas de todas as suas fortalezas, que não ofereço agora a Vossa Majestade pelas não poder pôr na sua última perfeição; ofereço porém, pelo provincial da Companhia, a derrota da minha viagem, com a vista desta barra e de todas as mais ilhas que nela avistei e delineei, para cómodo e utilidade dos pilotos que navegam pera esta América. Dela reconhecerá Vossa Majestade o quanto lhe é preciso o acabar-se a fortaleza da Laje, como chave mestra de todo este porto; não menos necessita de uma perfeita fortificação a ilha das Cobras, único e principal padrasto de toda esta cidade e em cujo desenho e planta estou actualmente ocupado à petição deste governador, como quem anela só a empregar-se no real serviço de Vossa Majestade e seus ministros.

Tenho já junto uma grande cópia de notícias, vários roteiros e mapas dos melhores sertanistas de S. Paulo e Cuiabá, Rio Grande e da Prata, e vou procurando outras a fim de dar princípio a alguma carta, porque as estrangeiras andam erradíssimas, não só no que toca ao Sertão, mas ainda nas alturas e longitudes de toda esta costa, se não falham as nossas observações, as quais determinamos ratificar antes que deixemos este Rio, passando a Cabo Frio.

A real pessoa de Vossa Majestade guarde Deus, como todos lhe devemos desejar.

Rio de Janeiro, quatro de Julho de mil setecentos e trinta.

DIOGO SOARES

Apud S. Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil,* IX, Rio de Janeiro, 1949, Apêndice D, p. 393

CHRONICA
DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE
D.SEBASTIAÕ
DECIMOSEXTO REY DE PORTUGAL;
COMPOSTA
POR D. MANOEL DE MENÉZES,
Chroniſta mòr do Reyno, e General da Armada Reál, &c.
PRIMEIRA PARTE,
Que contém os ſucceſſos deſte Reyno, e Conquiſtas em ſua menoridade.
OFFERECIDA
A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY
D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR.

LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA FERREYRIANA.
M. DCC. XXX.
*Com todas as licenças neceſſarias.*

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: H. G. 1953 A.





ITINERARIO
GEOGRAFICO
COM A VERDADEIRA DESCRIPÇAÕ
*dos Caminhos, Eſtradas, Roſſas, Citios, Povoaçoens, Lugares, Villas, Rios, Montes, e Serras, que ha da Cidade de S. Sebaſtiaõ do*
RIO DE JANEIRO.
Atè as Minas do Ouro.
*COMPOSTO POR*
FRANCISCO TAVARES DE BRITO.

SEVILHA
Na Officina de ANTONIO DA SYLVA.
M.DCC.XXXII.
*Com todas as licenças neceſſarias.*



Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: H. G. 14905[2] P.

SERMAÕ
DO PATRIARCA
S. IGNACIO DE LOYOLA,
*OFFERECIDO*
AO ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR
D. Fr ANTONIO DE GUADALUPE,
Bispo do Rio de Janeyro do Conſelho de Sua Mageſtade.
*Prégou-o*
No real Collegio do Rio de Janeyro em 31. de Julho de 1734.
O M. R. P. M. SIMAM MARQUES
*da Companhia de JESU, Lente de Prima de Theologia no meſmo Collegio do Rio, e Examinador ſynodal da Dieceſe do Rio de Janeyro.*

LISBOA OCCIDENTAL.
Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impreſſor do Senhor Patriarca.

M. DCC. XXXV.
*Com todas as licenças neceſſarias.*

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: Res. 3566 P.





HISTORIA
SEBASTICA,
CONTEM A VIDA DO AUGUSTO PRINCIPE
O SENHOR
D. SEBASTIAÕ,
REY DE PORTUGAL,
*E OS SUCCESSOS MEMORAVEIS DO REYNO, e Conquiſtas no ſeu tempo,*
DEDICADA A ELREY N. SENHOR
D. JOAÕ V.
*AUTHOR*
Fr. MANOEL DOS SANTOS.
BENEDICTINO CISTERCIENSE, PROFESSO
no Real Moſteiro de Alcobaça, Meſtre Jubilado em Theologia, Chroniſta de Sua Mageſtade, e deſtes Reynos, e da ſua Ordem de S. Bernardo.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M. DCC. XXXV.
*Com todas as licenças neceſſarias.*
A' cuſta de Franciſco da Sylva, Livreiro da Academia Real, e dos Senados de Lisboa Occidental, e Oriental.
*Livraria d'Alcobaça.*

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: H. 1954 A.

MEMORIAS
PARA A HISTORIA DE
PORTUGAL,
QUE COMPREHENDEM O GOVERNO
DELREY
D. SEBASTIAÕ,
*UNICO EM O NOME, E DECIMO SEXTO*
*entre os Monarchas Portuguezes:*
Do anno de 1554. até o anno de 1561.
DEDICADAS A ELREY
D. JOAÕ V
NOSSO SENHOR:
APPROVADAS PELA ACADEMIA REAL
da Historia Portugueza:
*ESCRITAS POR*
DIOGO BARBOSA MACHADO,
Ulyssipponense, Abbade da Igreja de Santo Adriaõ de
Sever do Bispado do Porto, e Academico do Numero.
TOMO I.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA, Impressor da Academia Real.
M. DCC. XXXVI.
*Com todas as licenças necessarias.*

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: H. G. 2634 V.





LA
GEOGRAPHIE
MODERNE,
Naturelle, Historique & Politique,
Dans une Methode Nouvelle & Aisée;
*Par le S.r* ABRAHAM DU BOIS, *Geographe,*
*DIVISÉE EN QUATRE TOMES,*
Avec plusieurs Cartes & une Table des Matieres.
TOME QUATRIE'ME,
*Contenant l'Afrique, l'Amérique, & les Terres Inconnuës, Arctiques, & Antarctiques,*

*A LA HAYE,*
Chez JACQUES VANDEN KIEBOOM,
GERARD BLOCK,
MDCC XXXVI.

Frontispício. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 52-8-2

# PORTUGAL
## CUIDADOSO, E LASTIMADO
COM A VIDA, E PERDA
DO SENHOR REY
## DOM SEBASTIAÕ,
O DESEJADO DE SAUDOSA MEMORIA.
HISTORIA CHRONOLOGICA
DE SUAS ACÇOENS, E SUCCESSOS DESTA MONARQUIA
em ſeu tempo; ſuas jornadas a Africa, batalha, perda, circunſtancias, e conſequencias notaveis della.

DIVIDIDA EM CINCO LIVROS.

*ESCRITA, E OFFERECIDA*
AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO REY
## D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR.

PELO PADRE
## JOZÉ PEREIRA BAYAÕ,
*Presbytero do Habito de S. Pedro, natural do Lugar de Gondelim, Termo da Villa de Pena-cova, Biſpado de Coimbra.*



## LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO DE SOUSA DA SYLVA.

M.DCC.XXXVII.
*Com todas as licenças neceſſarias. A' cuſta do meſmo Impreſſor.*

Frontispício. Seguem-se em fac-símile as pags. 75-79 desta obra.









as partes, com que ſe multiplicou muito em ſeu tempo. Iſto meſmo lhe era encomendado pelo Cardeal Regente, e pelo Summo Pontifice S. Pio V. que de Roma lhe eſcreveo huma carta de louvores, e recomendaçoens ſobre eſta materia.

### CAPITULO XVI.

*Dos admiraveis ſucceſſos da Provincia de Santa Cruz.*

*Vaſconcelos Chronica da Provincia do Braſil, e outras Mem.*

NA Provincia de Santa Cruz, (q hoje impropriamente chamaõ, *Braſil*, e fora mais bem intulada: *Nova Luſitania*,) havia por eſte tempo grandes duvidas ſobre o cativeiro dos naturaes, procedido de hũa grande penuria, que alli houve nas terras da Bahia, em que muitos venderaõ ſeus filhos, ou irmãos, e outros ſuas mulheres, e huns aos outros; e ainda a ſi meſmos por livramento das vidas. Houve depois eſcrupulo ſe eſtavaõ eſtas compras feitas em boa conſciencia; e conſultando a Meza della em Lisboa, foy reſolvido: *Que o pay podia em direito vender o filho, em caſo de apertada neceſſidade; e que qualquer ſe podia vender a ſi meſmo para gozar do preço.*

Havida eſta reſoluçaõ, entráraõ em conſulta na Cidade da Bahia o Biſpo D. Pedro Leitaõ, com o Governador Mendo de Sá, o Ouvidor geral Braz Fragoſo, e o Padre Provincial da Companhia de JESU, Luiz de Gran, e aſſentáraõ, que ſe publicaſſe ao povo, declarando, que os que aſſim compráraõ, eſtavaõ bem, e os mais ficavaõ livres. Porèm conciderando os inconvenientes de que os aſſim livres, ſe tornavaõ para os gentios depois de feitos Chriſtãos, e domeſticados pelos Portuguezes, contra os quaes podiaõ vir ao depois ſervindo de guia, e lingoa aos barbaros, por onde era mais conveniente, e mayor ſerviço de Deos, viverem como cativos entre os noſſos, ſe diſſimulou, declarãdo porèm, que em rigor naõ eraõ cativos. Excepto os que foſſem tomados em guerra, que com elles a tivemos alli, muy continuada, e trabalhoſa; e muito mayor no Rio de Janeiro, onde ſe uniraõ com os Francezes contra nós.

Os bons ſucceſſos paſſados conſeguidos naquella Enſeada, foraõ na Corte de Lisboa eſtimados; mas mal aceita a reſoluçaõ de ſenaõ preſidiar. Pelo que governando já o Cardeal, mandou apparelhar no anno de 1563. dous galioens, e os remeteo ao Governador a cargo de Eſtacio de Sá, ſeu ſobrinho, com ordem que juntos com as forças daquelle Eſtado, paſſaſſe a lançar fóra della os Francezes. Chegado Eſtacio de Sà à Bahia, logo o tio executou as ordens, formando huma boa Armada, com que o mandou contra os Francezes aſſentados no Rio de Janeiro, deſde o anno de 1556. com a qual chegou Eſtacio de Sá àquella Barra, em Fevereiro de 1564. Mas foy forçado voltar à Capitania

1563

1564

K ij de

de S. Vicente, e deterſe ahi atè o principio do anno ſeguinte.

Compoſtas alli as couſas, e novas revoltas, que parece permittio Deos para melhor ſucceſſo da empreza, porque dalli levou novos ſoccorros, e mantimentos, e os Padres Gonçalo de Oliveira, e Joſeph de Anchieta cognominado *Apoſtolo do Braſil*, para Padres eſpirituaes, Conſelheiros, e lingoas, ſe fez à vela em 1565 vinte de Janeiro de 1565. dia de S. Sebaſtiaõ, que tiveraõ por bom proſtico, e o tomáraõ por Padroeiro da empreza, por ſer Santo tam famoſo, e que deu nome ao ſeu Rey.

No primeiro de Março occupáraõ a Barra do Rio de Janeiro, e entrando, ſaltou a gente em terra, e fortificou-ſe onde agora chamaõ a Villa Velha. Daqui haviaõ de ſahir a fazer guerra aos inimigos, e deſenderſe delles. Eraõ as noſſas armas de fogo, e as náos couſa eſpantoſa aos Tamoyos, que eraõ os gentios naturaes da terra; mas naõ era menos formidavel aos noſſos a multidaõ das ſuas canoas volantes, e guerreiras, que cobriaõ os mares, e infinidade delles armados, que enchiaõ as prayas, todos conjurados contra nòs a favor dos Francezes, ſeus colliados, e animados de ſuas náos de alto-bordo; ſuas armas arco tam deſtro, e forte, que cada ſetta traſpaſſava muitas vezes hum eſcudo, e algumas depois de o fazer a hum corpo, hiaõ pregarſe em outro, e ſobre tudo muy ouzados.

Aos 6. de Março, fizeraõ huma enveſtida aos noſſos, como para prova da ſua diſpoſiçaõ, e valor; mas animados pelos dous Padres, e naõ menos pelo Capitaõ môr, os derrotáraõ tomando-lhes as canoas, com morte de muitos, fugindo os mais. A 12. do meſmo fizeraõ outra, e foraõ tambem vencidos com perda de vinte canoas, e obſervou-ſe, que nos favorecia o Ceo, porque dando os pelouros dos Francezes nos peitos dos noſſos, lhes naõ faziaõ dãno, cahindo-lhes aos pès, ou voltando para traz, e as feridas, que alguns recebiaõ, ſe curavaõ com tal facilidade, que era força attribuirſe a favor Divino. Naõ o queria confeſſar aſſim o Cyrurgiaõ Ambroſio Fernandes, mas que procedia da ſua cura, e graõ pericia; porèm Deos o confirmou, porque morrendo elle em hum conflicto ſaravaõ depois como dâtes. Huns o attribuhiaõ à Virgem Maria Noſſa Senhora, e outros ao Martyr S. Sebaſtiaõ, que tinhaõ tomado por Padroeiro.

Foy-ſe continuando a guerra, e no principio de Junho alcançamos outra mayor victoria, com o favor conhecido do Santo Martyr. Vieraõ contra o noſſo Arrayal, tres poderoſas náos Francezas, e mais de 130. canoas de Tamoyos, e apreſentando batalha aos noſſos, encomendando-ſe elles ao ſeu Santo, a aceitáraõ com tal valor, que os vencèraõ, e fizeraõ retirar com morte de muitos, ſem morrer algum dos noſſos. O noſſo Capitaõ Sà, querendo aprefeiçoar a victoria, entrou na Capitania da







da ſua Armada, e cõ o chuveiro da artelharia derrotou os Frãcezes. Deſpedia varias eſquadras contra as Aldeas, e peſcas dos Tamoyos, em que ſe fizeraõ muitas tomadias.

Em 15. de Outubro alcançáraõ os noſſos outra prodigioſa victoria de 60. canoas inimigas, ſó com 14. e depois de larga peleja as fizeraõ retirar com perda de muitas. No meſmo tempo fez o Capitaõ môr algumas enveſtidas às Aldeas com o meſmo ſucceſſo.

Por todo eſte anno, e o ſeguin-1566 te de 1566. ſe proſeguio a guerra, com ſucceſſos favoraveis aos noſſos, de que deſeſperados os Tamoyos aconſelhados dos Francezes, empenháraõ-ſe em conſeguir algum a ſeu favor; para o que em Julho deſte anno, armáraõ 180. canoas, governadas por muy deſtros Capitães ſeus, e Francezes, com intento de fazer huma ſortida contra os noſſos: e partindo em ſegredo atè couſa de huma legoa do Arrayal Portuguez, alli ſe detiveraõ encubertos com huma ponta de terra, deſpedindo algumas poucas como a offerecer batalha aos noſſos, para que ſahindo-lhes ſe foſſem retirando atè os hirem meter na fillada. Tinha ſahido do noſſo Arrayal huma canoa, em que hia Franciſco Velho, mordomo do Santo Martyr, a buſcar madeira para ſe lhe fundar huma Capella, e foy dar com as canoas inimigas.

Sahio em ſoccorro o Capitaõ, com mais quatro, puzeraõ-ſe as cõtrarias em retirada manhoſa, e as foraõ meter na fillada, alli ſe viraõ em grande perigo, e certamente ſeriaõ deſtroçadas, ſegundo o grande numero, que lhe vinha cahindo em cima, ſe lhe naõ valera o meſmo Santo, que elles invocáraõ no conflicto; permittindo, que pegaſſe o fogo na polvora da canoa ao diſparar de huma roqueira, cujo incendio, como couſa deſacuſtumada, meteo terror nos inimigos, e os fez fugir por mais, que os Francezes quizeraõ ter maõ nelles. Ficáraõ os noſſos deſaſſombrados, attribuindo o cazo a favor de S. Sebaſtiaõ, e muito mais quando depois viraõ, que os Tamoyos preguntavaõ: *Quem era aquelle Soldado tam gentil-homem, que andava armado no tempo do conflicto, e ſaltava intrepido em ſuas canoas, e lhe meteo tal terror, que foy a mayor cauſa de fugirem?* Deſembarcando os noſſos em terra, foraõ à Igreja, e fizeraõ acçaõ de graças por tam evidente favor. E daqui ficou introduzida a feſta das canoas, que alli ſe celebra todos os annos em dia de S. Sebaſtiaõ.

Em Novembro deſte meſmo anno, partio da Bahia o Governador Mendo de Sà, a fundar a Cidade do Rio de Janeiro, por ordem delRey, expulſando os inimigos, cuja reſiſtencia o tinha já muito enfadado, pela dilataçaõ da guerra: foy em ſua companhia o Biſpo D. Pedro Leitaõ, o Padre Ignacio de Azevedo, Viſitador da Companhia de JESU; que depois foy martyrizado no mar, como adiante veremos no Capitulo

K iij 9. do

9. do livro ſegundo; o Padre Provincial Luiz da Gran, o grande Anchieta, e outros, levando hum bom ſoccorro de embarcaçoens, e Soldados valeroſos, e chegou àquella Barra em 18. de Janeiro do anno de 1567. e tomado por bom prognoſtico, quiz logo em dia de S. Sebaſtiaõ, que ſe fizeſſe huma enveſtida contra o inimigo, que eſtava fortificado em duas Aldeas de mayor cõta, fortificadas de gente, foços, cavas, e artelharia, que pareciaõ inexpugnaveis, confiando no Santo, que tanto ás claras os favorecia. Saltáraõ em terra, depois de varios pareceres, lançou o Biſpo ſua bençaõ Paſtoral, encomendáraõ os Religioſos o negocio a Deos com voto feito ao Patraõ, por concordancia de todos.

1567

Ao romper da manhãa do dito dia, diſpoſtos dous batalhoens da flor da Infantaria da Armada, e do Arrayal a cargo do Capitaõ môr Eſtacio de Sà, feita primeiro hũa breve falla em nome do Santo, accommetteràõ igualmente a ferro, e fogo, a fortificaçaõ principal, que era a de Uraçumiri, mais difficultoſa por ſitio, e preſidio mayor de Tamoyos, e Soldados Francezes, e depois de varios ſucceſſos, foy entrada, e vencida com laſtimoſo eſtrago dos Tamoyos, que morreraõ todos, e dos Francezes dous; e cinco tomados às mãos, foraõ pendurados em hum páo, para terrivel eſpectaculo dos mais. Cuſtou aos noſſos dèz, ou doze mortos, ſendo o de mais conta o Capitaõ Gaſpar Barboſa, homem de muito esforço, e virtude; porèm o que mais ſe ſentio foy ſahir muy mal ferido, o Capitaõ môr Eſtacio de Sá, de q̃ morreo pouco depois.

Concluido eſte combate, acometèraõ a ſegunda Aldea, chamada Paranápucuy, que eſtava ſituada na Ilha do Gato, para o que foy neceſſario conduzir a artelharia, è baterlhe as cercas, que eraõ dobradas, e fortiſſimas: mas em breve tempo foraõ poſtas por terra, e mortos quantidade de barbaros. Fortificáraõ-ſe alguns em huma caſa; mas obrigados de hum apertado cerco, ſe vieraõ a entregar ſó a partido de vida; mas naõ da liberdade. Morreo da noſſa parte hum Portuguez, e alguns Indios. A' viſta deſtas victorias deſmayáraõ os Tamoyos, perdendo a confiança, que tinhaõ nos Francezes, fugiraõ huns pelo Certaõ dentro, e os mais pediraõ pazes, que lhes foraõ concedidas. Fizeraõ os Portuguezes acçaõ de graças a Deos, e ao Martyr S. Sebaſtiaõ: tomáraõ poſſe da terra, e abrazáraõ as forças contrarias, principiáraõ outras de novo mais perduraveis, e tambem lançáraõ os fundamentos à Cidade, que dedicáraõ a S. Sebaſtiaõ, em memoria de tantos beneficios delle recebidos, e tambem por reſpeito delRey, que era Sebaſtiaõ. Foy ſubſtituido em lugar do Capitaõ môr defunto, Salvador Correa de Sá, ſeu ſobrinho, e do Governador geral, do qual vem os Viſcõdes d'Aſſeca.





Fundou-ſe a Cidade de S. Sebaſtiaõ do Rio de Janeiro, em hum lugar diſtante do Arrayal huma legoa, e ſe fortificou com forças, e a barra com duas de huma, e outra parte, fechando-ſe a porta totalmente aos inimigos. No coraçaõ da Cidade, deu o Governador Mẽdo de Sá, ſitio para ſe fundar hum Collegio aos Padres da Companhia de JESU, e lhe applicou dote de renda neceſſaria para ſuſtento de cincoenta Religioſos em nome delRey, que aſſim o ordenava o Cardeal Regente, cuja mercè aceitou o Veneravel Padre Azevedo, Viſitador entaõ, e depois Martyr, cuja eſcritura do dote ſe paſſou em Lisboa firmada já pela maõ delRey em 6. de Fevereiro do anno ſeguinte de 1568. e diz aſſim.

*Por quanto nos conſta do fruto, e proveito, que a Republica Chriſtãa recebe no Collegio da Bahia, e que os Padres da Companhia de JESU, trabalhaõ com a Divina graça, naõ ſó por afugentar as trevas da infidelidade com a luz Euangelica; mas tambem de promover os Chriſtãos com doutrina, e exemplo. E porque conciderãdo nòs o Inſtituto deſta Religiaõ, e ſeu modo de viver; eſperamos, que eſtes frutos da Divina gloria, e Republica Chriſtãa, creſcerãõ cada dia mais, augmentando-ſe o numero dos ditos Religioſos, e edificando-ſe mais Collegios, como ſabemos, que tinha intençaõ fazer ElRey meu avò, e Senhor, que Deos haja. Havemos por bem, que ſe faça outro Collegio na Capitanîa de S. Vicente, para cincoenta Religioſos da dita Companhia, e nas outras viſinhas a ella, para que aonde os Religioſos do Collegio da Bahia naõ pòdem abranger, ſe occupem em enſinar a doutrina Chriſtãa aos fieis, e em converter os infieis à noſſa Santa Fè, para que ajudãdo-ſe aſſim huns aos outros, eſpalhem o ſom da prègaçaõ Euangelica, por todos os termos da noſſa juriſdiçaõ no Braſil. E a cada hum dos ditos Religioſos ſe darà tanto de minhas rendas, para ſeu mantimento, e veſtido, quanto ſe dà a cada hum dos que vivem no Collegio da Bahia, &c.*

Naõ faça duvida nomearſe ſó a Capitanîa de Saõ Vicente; porque ainda entaõ era mais conhecida, e aquellas terras do Rio de Janeiro tocavaõ ao ſeu diſtricto.

Acabada eſta glorioſa expediçaõ, e principiados os edeficios da nova Cidade, partio o Governador Mendo de Sá, para a Bahia, deixando a ſeu ſobrinho Salvador Correa de Sá, por Capitaõ Governador do Rio de Janeiro, e fez avizo a Lisboa a ElRey do que havia obrado, onde foy recebida eſta nova com grande goſto, e alegria de todos, è como tal muito feſtejada.

## CAPITULO XVII.

*De outros ſucceſſos de guerra notaveis*

ENtre os Indios, noſſos confederados, que nos ajudàraõ neſta guerra, foy hum chamado no Bau-

IL MONDO
ANTICO, MODERNO
E NOVISSIMO,
*OVVERO*
Trattato dell'Antica, e Moderna
GEOGRAFIA
Con tutte le Novità occorse circa la Mutazione de' Dominj stabiliti nelle PACI di UTRECHT, BADA, PASSAROWITZ, VIENNA, ec.

*Opera utile tanto a' Principianti, quanto a tutti i Dilettanti dello Studio Geografico, in questa terza Edizione riveduta, corretta, riformata, accresciuta più di un terzo delle altre precedenti, e nuovamente data in luce*

DA ANTONIO CHIUSOLE
NOBILE DEL SACRO ROMANO IMPERIO.
TOMO TERZO.



IN VENEZIA, M.DCCXXXIX.
Appresso Gio: Battista Recurti.
*CON LICENZA DE' SUPERIORI, E PRIVILEGIO.*

Frontispício, Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 32-4-10





EXAME
DE
ARTILHEIROS
QUE
COMPREHENDE ARITHMETICA, GEOMETRIA, E Artilharia, com quatro appendices: O primeiro de algumas preguntas uteis; o segundo do methodo de contar as ballas, e bombas nas pilhas; o terceiro das batarias; e o quarto dos fógos artificiaes.

OBRA DE GRANDE UTILIDADE, PARA SE ENSINAREM os novos Soldados Artilheiros, por preguntas, e respostas.



DEDICADO
AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR
GOMES FREIRE
DE ANDRADE,
DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE,
Sargento mór de batalhas de seus Exercitos, Governador, e Capitaõ General do Rio de Janeiro, e Minas Geraes.
POR
JOZE' FERNANDES
PINTO ALPOYM,
CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO, E SARGENTO mór Engenheiro, e do novo Batalhaõ da Artilharia: Lente da mesma, por Sua Magestade que Deos guarde, na Academia do Rio de Janeiro.

✠

LISBOA:
Na nova Officina de JOZE' ANTONIO PLATES,
Anno de M. DCC. XLIV.
*Com todas as licenças necessarias.*

Frontispício, Biblioteca Nacional de Lisboa: S. A. 20028 P.

INTRODUCTION
A
L'HISTOIRE
GENERALE ET POLITIQUE
DE L'UNIVERS,
Où l'on voit l'Origine, les Révolutions, l'État présent, & les Intérêts des Souverains;
Commencée
Par MR. LE BARON DE PUFENDORFF,
Complétée, & continuée jusqu'à 1745.
Par MR. BRUZEN DE LA MARTINIERE,
Prémier Géographe de Sa Majesté Catholique, Sécrétaire du Roi des deux Siciles, & du Conseil de Sa Majesté.
TOME HUITIEME.



A AMSTERDAM,
Chez ZACHARIE CHATELAIN.
M. DCC. XLV.

Frontispício. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: 63-4-8





PUFFENDORF
INTRODUCTION
A
L'HISTOIRE

Anterrosto da obra precedente

RELACAÕ
DA ENTRADA QUE FEZ
O EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR
D. F. ANTONIO
DO DESTERRO MALHEYRO
Bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste presente Anno de 1747. havendo sido seis Annos Bispo do Reyno de Angola, donde por nomiação de Sua Magestade, e Bulla Pontificia, foy promovido para esta Diocesi.
COMPOSTA PELO DOUTOR.
LUIZ ANTONIO ROSADO
DA CUNHA
Juiz de Fóra, e Provedor dos defuntos, e auzentes, Capellas, e Residuos do Rio de Janeiro.

RIO DE JANEIRO
Na Segunda Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONCECA.
Anno de M. DCC. XLVII.
Com licenças do Senhor Bispo.

Apud R. Borba de Moraes, *Bibliographia Brasiliana*, I, Amsterdam
Rio de Janeiro, [1958], p. 201





EXAME
DE
BOMBEIROS,
QUE COMPREHENDE DEZ TRATADOS; O PRIMEIRO DA GEOMETRIA, O SEGUNDO de huma nova Trigonometria, o terceiro da Longemetria, o quarto da Altimetria, o quinto dos Morteiros, o sexto dos Pedreiros, o setimo dos Obuz, o oitavo dos Petardos, o nono das Baterias dos Morteiros, com dous Appendix: o primeiro do methodo mais facil, que se póde inventar, para saber o numero de bàlas, e bombas nas Pilhas: o segundo, como dado hum numero de bàlas, ou bombas, se lhe pódem achar os lados das pilhas, que se quizerem formar, ou sejaõ triangulares, ou quadrangulares, o dècimo da Pyrobolia, ou fògos artificiaes da guerra, com dous Appendix: o primeiro dos fògos extraordinarios, o segundo dos Fogarèos, e Candieiros de muralha.
OBRA NOVA, E AINDA NAM ESCRITA DE AUTHOR Portuguez, utilissima para se ensinarem os novos Soldados Bombeiros, por preguntas, e respostas.
DEDICADO
AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR
GOMES FREIRE
DE ANDRADA
Do Concelho de Sua Magestade, Sargento Mór de Batalha de seus Exercitos, Governador, e Capitaõ General do Rio de Janeiro, e Minas Geraes.
POR
JOZE FERNANDES
PINTO ALPOYM,
CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO, TENENTE DE MESTRE DE CAMPO GENERAL, com exercicio de ENGENHEIRO, e de Sargento Mayor no Batalhaõ da Artelharia, de que he Mestre de Campo André Ribeiro Coutinho, Lente da mesma, por Sua Magestade, que Deos guarde, na Academia do Rio de Janeiro.

EN MADRID,
En la Officina de FRANCISCO MARTINEZ ABAD.
Año de M. DCC. XXXXVIII.
Com todas as licencias necessarias.

Frontispício. Biblioteca Nacional de Lisboa: S. A. 20277 P.

Frontispício. Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: $\overline{\overline{52}}$-7-1

FOL. 209 DA OBRA PRECEDENTE